

**O RIO DE JANEIRO
DE MEU TEMPO**

Luiz Edmundo

O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO

*Ilustrações originaes de Marques Junior, Henrique
Cavalleiro, Armando Pacheco, Raul, Calisto, Gil, J. Carlos, Rocha,
Daniel, Julião Machado, Lobão e outros.*

*Photographiãs de Marc Ferrez, Luiz Bueno, W. Crown
e Augusto Malta.*



Desenho de RAUL

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1938

OK
981.53
E242
V.1

n.º mat. 200517
cod. de acesso = 364716-70

No *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro
e no *Estado de S. Paulo*, em artigos de
collaboração, foi publicada a maior parte
desta obra durante os annos de 1936 e 1937.

As meu querido
Celedonio Mariano,
apelo e gloria de
meu povo, em
seu nome.

~~Edmundo
Luis~~

71, rua S. José.

Rio
1938

Este livro é apenas o depoimento de um homem que evoca os ultimos dias do seculo que passou e os primeiros do que está passando, mas, sem o menor intuito de estabelecer, naquillo que depõe, juizos formaes ou decisivos. Simples LIVRO DE MEMORIAS, nelle se encontrará, somente, aquillo que o seu autor viu, soube ou guardou como lembrança. Nada mais.

De tal forma explicam-se, de um lado, as omissões — que são inumeras, e, de outro lado, as versões, infelizmente, variando, sempre, de accordo com a bocca ou a penna do contador.

OLHANDO PARA ATRAZ

Até que as caravellas dos descobridores desvendassem ao mundo boquiaberto estas terras deslumbrantes da America, o Brasil, dentro da natureza, como dentro de um sonho, palpitava e floria. E a Guanabara era o espelho fiel de todos os seus encantos e esplendores. Uma bahia ampla, tranquilla e funda, mettida na moldura de montanhas abruptas; altibaixos, taludes, cristas, declives, picos; espectaculosas massas, recortando bizarras perspectivas, escalonando planos gigantescos. E frondes. E troncos. E ramarias. E folhagens. Um thesouro de tons numa sequencia luminosa e amiga: o verde gaio aqui, adiante, o verde gris; o olivaceo acolá e mais o glaucico além e ainda o verducho, o esmeraldino e o verde-negro, toda a gamma do verde tropical em meio ao pardo fosco da escarpa mettida entre os moitaes, na sombra violeta, ou em meio ao prateado da pedra núa e humida, faiscando ao sol. E agora, a mancha variegada dos rebentos frescos e multicores. Folhas. Flores — cárdeas, jalnes, pur-

pureas, azulinas e, longe, muito ao longe, fundindo-se no céu azul-cobalto, a serra dentada, empallidecendo á distancia, penedia vaga que esfuma e morre, perdendo-se em linhas tenues, sem contornos, como uma renda, como um farrapo de nuvem, na linha fugidia do horizonte.

Dando vida maior a esse drama geologico, derramado e confuso, descendo da montanha alta e magnífica, em riscos caprichosos, por entre a cabelleira do arvoredado, varando a natureza desgrenhada, os rios, os riachos e os ribeiros de prata liquida, encachoeirados ou tranquillos, espumando, correndo, gemendo, cantando, para morrer na fita alva da praia, uma praia de vidrilhos e de aljofres, onde o tamoyo encalha a piroga de prôa baixa, olhando o revolutar festivo e alacre das garças brancas e dos gaiotões pintados.

O homem da região é um gigante de sete pés de altura, sorridente, plastico e de ar sereno. Os musculos são de ferro. Dextro, no movimento, é veloz, bravo, expedito. E' elle que, na doçura da paz, ou no ardor da peleja, contra o inimigo da taba, vive em actividade constante, ora galgando a penedia, ora rompendo a selva espessa, homem do qual se dirá, mais tarde, que é indolente e tardo — só porque não se submete ao captivo e á tyrania do colonizador...

A mulher é formosa. E morena. E' da cor do Brasil.

Moram todos em choças feitas de páo, cobertas de palmas ou folhagens, dormem em redes suspensas, ouvindo, longe, o uivo cavo da onça, quando a noite é de luar. Possuem do amor, a mais natural e livre das noções. Amam como lhes ensinou a natureza a amar. E têm, por isso, muitos filhos. Como são bellas as crianças tamoyas! A raça é linda. E brava. E boa. E amiga. Por toda a margem da risonha Guanabara, os indios, filhos da terra, multiplicam-se. Creem somente em um Deus, que é o pai do raio e do trovão, em genios que andam perdidos na floresta. A' noite, quando a aza do vento roça na matta, dizem que é o Currupira ou Urutáu. E se apavoram. Não os assusta, entanto, um outro homem, como elles. Na hora da peleja lutam, matam, mas como mataram os defensores de Christo, nas Cruzadas, outr'ora, defendendo uma idéa. Assim defendem, elles, a paz da familia e da taba. Caçam, pescam, comendo os fructos bons que ha na terra. São hospitaleiros. São francos. São amigos. Amam, sobremaneira, a musica. Alguns cantam. Ha os que dansam e que, em bailados singulares, arremedam as attitudes dos animaes, numa choreographia de saltos, como a dos egypcios, outr'ora. Bailados em sarandula. Em circulos bulhentos e festivos, as mãos dadas, entoam cantilenas que mais parecem rumores musicaes da natureza, olhando o azul do céu.

Para caçar, para pescar, usam do arco e da flexa. Instrumentos feitos de páo, de osso e de pedra, servem-lhes para a derrubada dos galhos e dos troncos na floresta. Obtêm o ôco das canôas feitas de caules inteiriços, com o fogo, que conhecem. São vaidosos. Engalanam-se de plumas. Pintam-se de urucùm. Alguns furam os lábios, as orelhas, por onde enfiam enfeites de plumas ou páo. Nos tornozelos, ao redor da cintura ou do pescoço, amarram penas multicores. Usam, ainda, como enfeites, buzios, contas de madeira, dentes de animaes e ossos trabalhados. Os cocares de plumas de arara ou de tucano, que põem na cabeça, são vistosos, magníficos.

Esses, os donos da terra, os índios, nossos avós, que duravam até os noventa annos, que envelheciam sorrindo, sem cabellos brancos, a bemdizer aquelle que um dia os deitou sobre a crosta do mundo, felizes, satisfeitos, cheios da alegria consciente de viver.

A vida facil, a saude do corpo, o espirito enlevado ante as graças sem fim da natureza, supprem, na terra dadivosa e amiga, a civilização, a cultura e o progresso dos homens que, procurando melhorar o mundo, acabam por transformal-o n'um cipoal de penas e afflicções.

De quando em quando, barra a dentro, mette a prôa uma bojuda não de velame festivo e branco, aberto ao sol, o trazeiro alto, recurvado, de onde homens de equipagem

debruçam-se resmungando asperos e vivazes idiomas. Seja ella, entanto, franceza, lusa ou hespanhola, não demora.

Foi Nicoláo Durand de Villegaignon o primeiro que, enamorado do scenario magnifico, aqui desceu para fixar-se.

Ha quem conteste houvesse elle, então, fundado em terra firme, para as bandas do morro do Leripe, um nucleo populoso, o que teria sido, na terra americana, com o nome de Henriville, a capital da França Antarctica.

O franciscano Thevet, chronista emerito que aqui, com a comitiva aventureira, tambem baixou, nol-a descreve, entanto, com clareza e detalhe. E, Jean de Lery, que o refuta em alguns pontos, fala que conheceu a famosa olaria, alfa da nossa industria, citada pelo franciscano, dizendo-nos, até, que com o material sahido dessa mesma officina, ergueram-se varias casas (quelques maisonettes) onde elle proprio, Jean de Lery, viveu por alguns mezes, em companhia de francezes desligados da gente do fortim, esperando que ás aguas da formosa Guanabara um navio chegasse, capaz de conduzil-os á França, de onde tinham vindo.

Ora, essas habitações edificadas á maneira européa, embora sem apparencia de grandes edificios, em meio á confusão das cabanas erguidas pelos indios, haviam de constituir um povoado. Que elle existiu não póde mais haver

a menor duvida. Não foi cidade, certo, como Thevet dizia, porem, de qualquer maneira, foi o villarejo que antecipou o villarejo portuguez, depois, erguido aqui por Mem de Sá.

E muito util teria sido ao intruso francez aquella base de operações, onde elle havia de se abastecer, não só buscando viveres e agua, como, até, o braço humano capaz de o ajudar na defesa do baluarte erguido em Serygipe, sentinella eriçada de canhões, de arcabuzes e lanças, em meio ao golfo, desvelada e attenta, a farejar a barra.

Os portuguezes daquelle tempo é que bem poderiam, se quizessem, dar-nos, em miúças, a constituição do discutido povoado. Mas não deram. Não lhes convinha, certo, o revelar de taes detalhes que, por vagos, emfim, não se perderam na confusão cahotica da Historia. Os relatos francezes de pé ficaram. E ahi estão, intactes e vivos, provando, á saciedade, que antes da fundação levada a effeito pelos portuguezes, uma outra já existia, precaria embora, vinda dos tempos de Villegaignon.

A nossa pobre historia é toda ella, assim, feita á feição do colonizador, que outro intuito não tinha senão o de exaltar-se aos olhos do colono e em tudo querer mostrar-se, sempre, o melhor e o primeiro. Essa é a Historia que, aqui, sempre se fez, sob medida, para nós, vaga, falha, confusa ou desinteressante. Os chronistas do tempo eram homens del Rey, que apenas

registravam o que queriam ou então aquillo que só deviam registrar, cavilosos escribas em tudo iguaes aos referidos pelo escriptor portuguez José Caldas, quando nos fala das miserias da India, por esses chronistas de encommenda transformadas em uma epopéa de heroismo e de glorias.

Na chronica do passado brasileiro, o culto rigoroso da verdade não se encontra. Grandeza e feitos descriptos, só os do rei e de seus soldados. Os valores brasílios, nossos, esses, não existem, ou quando existem, é para serem denegridos, mentidos, aviltados, como acontece com Calabar, de quem se diz, até, que foi trahidor.

Historia que respeite o ponto de vista nosso, (que não póde nem deve ser luso), despida de fantasias, de confusões ou de mentiras, a Historia brasileira do Brasil, como Manoel Bomfim queria, essa, agora, somente, é que começa a ser, aos poucos, trabalhada..

Submettido o francez invasor, surge São Sebastião do Rio de Janeiro.

Cresceu o povoado sobre paues infectos. A principio, taba selvagem, onde o gentio sobrepujava o branco, depois aldeola africana, com o preto dominando o luso e os nascidos na terra. Assim cresceu. Mas não mudou. Com a chegada do primeiro vice-rei, Conde da Cunha, em 1763, ainda estava no que era.

"No quadro maravilhoso da natureza, a cidade é um fristissimo contraste. Uma nodoa

brutal na paisagem radiosa. A casa é feia. A rua é suja. O conjunto exaspera. Tudo conspira contra o povoado infeliz. Tudo. O clima, um clima abraçador e ardente, as montanhas que o cercam e o encantonam e o suffocam, o chão humido e verde, paul onde elle se assenta, o desasseio gerado pelo proprio homem, que sorri das lições do barbaro tamoyo...

Em 1808, com a Côrte doirada de D. Maria, a Intendencia Geral da Policia mandando varrer praças e ruas, derrubar casas, na ansia justa de transformar a urbs num domicilio real, Luccok acha-a a mais immunda associação humana vivendo sob a curva dos céos... Fica-se, depois disso, a pensar no que seria, então, o Rio de Janeiro de annos atraz; mesmo o do governo do ultimo Vice-Rei, o Sr. Conde dos Arcos, sem côrte e fidalgos de espavento, virgem da casaca bem cortada do Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, das maneiras excentricas do Conde de Anadia, e, sobretudo, da resolutissima vassoura do Sr. Paulo Fernandes Vianna, Intendente da Policia!

A lymphá da Carioca, portadora das mais tremendas infecções, corre a descoberto. Os animaes mortos enchem, entulham a famosa valla ligando Santo Antonio á Prainha. Cada rua é uma arteria humida e pôdre, seccando ao sol.

A medicina, cujas relações ainda são as mais cerimoniosas com a hygiene, perseguida, vexada pela ignorancia dos homens, entra no

Brasil, timidamente, com um olho no Bispo, outro no Vice-Rei. Sobre os males que nos affligem ha theorias edificantes no paiz, a do Morgado de Matheus, por exemplo, explicando as causas de certa peste: Eu attribuo esta intemperança aos continuos relampagos que continuamente se vêem scintillar por todos os mezes em que cá costuma ser o inverno, durando estes meteoros até chegarem a formar sobre o hemispherio deste logar uma terrivel trevoada.

O Senado da Camara, em 1798, ainda põe em duvida se as immundices que se conservam dentro da cidade, são ou não causas de doenças, tanto que desse assumpto faz uma série de quesitos que manda a uma commissão de summidades medicas. Essas summidades, ao responder, pintam-nos, sem o menor rebuço, a miseria que isto era, por aqui, por tão tristes e tão distanciados tempos.

Comtudo são, as providencias, minimas. A cidade, na alvorada do seculo XIX é o que tinha sido 200 annos atrás: uma estrumeira. Os proprios indios aqui não se sentem bem. Bom será, entretanto, não acceitarmos, para explicar as razões de tão grande desconforto e desmazelo, a affirmação brutal de Frei Vicente do Salvador, quando diz que os que viviam na terra, os colonizadores, a usavam como usufructuarios, só para a desfructarem e a deixar destruida. Não era bem assim. Portugal, por essa época, soffria o mesmo mal que nós soffriamos, com a politica despairada dos seus reis ignorantes e ambi-

ciosos. Esta é que é a verdade. Soffria tanto quanto nós, e com menos razões, que, afinal, não era uma colonia. Sabe-se, por acaso, o que foi a Lisboa do seculo XVIII e começo do XIX? Que respondam Costingan, Bekford, Murphy, Twis, Kinsey, o Duque de Chatelet, o autor do Sketches of portuguese life, manners and customs, isso para não citar outros viajantes estrangeiros que, de perto, a sentiram. Lisbôa, na verdade, era qualquer coisa muito pouco melhor que o Rio. Muito pouco. E era a capital de um reino glorioso!

Pobre, beato e sujo Rio de Janeiro do tempo dos vice-reis! De que te servia o quadro da Natureza amiga e portentosa, a côr do céu, a luz do sol, a belleza do monte e da folhagem, se a obra do homem offendia a obra linda de Deus? Offendia e humilhava."

Tudo isso já escrevemos um dia. Sempre é bom, comtudo, recordar...

Emfim, de alguns vice-reis sempre poderemos dizer que fizeram por nós alguma coisa. Pouca coisa, entanto. Luiz de Vasconcellos creou o Passeio Publico; o Conde de Rezende estabeleceu a illuminação a azeite chamado de peixe; o Sr. D. Fernando Portugal mandou apagar o incendio da nossa Casa dos Contos, sendo que o Sr. Conde dos Arcos, o ultimo vice-rei mandando na cidade, para alojar o Principe Regente, transformou a Cadeia Velha em complemento da residencia real ordenando que se limpasse o largo proximo, vestibulo da

capital sombria da colonia e por onde D. João, a mamã e um lote espesso de princezas e principes baixaram, após dura e morosa travessia.

O Regente D. João, principe um tanto patluco, mas bem intencionado, teve uma idéa feliz, quando aqui nos chegou, fugindo ás hostes de Junot, tal a de nomear para Intendente Geral da Cidade, um brasileiro. E carioca: Paulo Fernandes Vianna. Rico, activo, intelligente, amando a cidade em que nasceu, fez por ella o que pôde. Fez emquanto o deixaram. E, o que é melhor, sem verba. Que o dinheiro do Thesouro da terra era pouco para a garantia dos fidalgos que desejavam viver e que não trouxeram um vintem de Lisbôa, chusma de emigrados de toda especie e mais cerca de quinze mil pessoas, nuvem de gafanhotos pousada nesta plaga verdoenga da America. Andava o Intendente, para poder fazer as suas obras, esvasiando o seu bolsinho particular, e ainda o de seus amigos, de conhecidos e até de extranhos. Tanto amava elle, o Rio de Janeiro, onde nascera. Corria as lojas de commercio, as chacaras de residencia, debaixo da sua cabelleira de rabicho, dentro da sua casaca de briche côr de pinhão, o seu bofe de renda da Inglaterra, sempre muito tafado, surgindo da vestia de ramagens, pedindo aqui, pedindo ali, pedindo acolá...

Quando sentia que lhe minguava a dialectica, tomava de sua tabaqueira de laca e ao que ia pedir avançava-a com um sorriso, mostrando gentileza, doçura, intimidade...

— *Uma pitadinha, por favor.*

— *Oh, Senhor Intendente, dizia, sempre, o outro, quanta honra!*

Uma pitada dessas, muitas vezes, rendia cinco, dez, vinte e até cincoenta moedas de ouro...

Com isso activara, elle, as obras da capital do paiz. Mandou fazer quarteis. Bellos quarteis. Forneceu ao povo uma agua que elle não tinha, abriu estradas, lançou pontes por sobre os rios, e, até, num desvelo esthetico, mandou destruir as hediondas rotulas coloniaes que desaformoseavam a capital. Melhorou, assim, um pouco, a velha. Melhorou. Um dia, entanto, revela-se o segredo daquelle orçamento singular de receita.

— *Pois obras de tanto vulto faz o brasileiro com o ouro de particulares? Ha quem resmungue. Ora essa!*

Os homens da Côrte de D. João arregalam os olhos. E põem-se a pensar na grande mina descoberta e ainda tão mal aproveitada... E' quando surge, então, uma idéa para nós duplamente infeliz, primeiro porque desvia o numerario com que se está transformando a velha capital da colonia, segundo, porque se applica o mesmo em coisas sem o menor resultado. A idéa é esta: destinar-se o dinheiro do Intendente para estipendiar o serviço de immigrants que se deveria mandar buscar ao Reino. Venceu a idéa infeliz. A cada immigrante da-se: passagem de Portugal a esta parte da America,

terra para cultura agricola, casa, utensilios de lavoura, animaes, carros de transporte. Nem faltava ao mesmo capella e padre. Tudo de graça. E como isso parecesse pouco — durante dois annos — repita-se bem — dois annos — a cada immigrante dava-se uma pensão, para que pudesse, com tempo, esperar pela safra da terra que plantasse. A idéa foi posta em vigor.

O que se fez, porém, foi uma importação, em massa, de lojistas, de mercadores do varejo, porque toda essa gente vinda para trabalhar na gleba, logo que sentia terminada a pensão dos dois annos, deixava em abandono o campo, ingressando a cidade, á cata de balcões. A eterna fascinação que os tempos não mudaram!

Assim tínhamos por inutilizadas as verbas e as melhores idéas do Intendente. Completamente inutilizadas. A verdade do que se affirma podem todos constatar lendo o relatório firmado por Paulo Fernandes Vianna e que foi impresso na Revista do Instituto Historico, vol. LV, pag. 373. Lá está tudo muito claramente explicado pelo próprio Intendente, tudo, inclusive a maneira original com que elle obtinha as verbas, as suas tão cubiçadas verbas.

Se mais não fez Fernandes Vianna foi porque não o deixaram fazer.

Pedro I cuidou pouco da capital do seu Imperio. A politica, as truanices do Chalaça, o seu amor pelos cavallos e pela Marquiza de Santos tiraram-lhe o prazer pelos melhoramentos da terra.

Em 1831, quando abdica, deixa o Rio como recebera nos tempos que delle ainda cuidava o brasileiro Paulo Fernandes Vianna.

Em 1834 apparecem por aqui dois inglezes: Charles Grace e Glegg que vêm trazendo a idéa do gaz para illuminação, desde os primeiros annos do seculo conhecido na Europa. Melhoramento notavel. Riem-se, todos, porém, dos homens e da idéa que se julga insensata. Um desembargador de barbas passa-piolho e redingote de panno de briche, convidado para informar sobre a pretensão, declara logo que os pretendentes são uns impostores, uma vez que não pôde haver luz de lampeão sem haver torcida... O homem trazia, ainda, os candieiros do tempo do Sr. Conde de Rezende, na cabeça.

Os inglezes fogem do Brasil, apavorados. A mentalidade do paiz ainda tinha que ficar, e por muito tempo, no lampeão de azeite. Ficou. Em 1840, lê a gente um decreto mandando dar á cidade mais cem lampeões, como castigo da sua estupidez. A cidade aclarou-se com isso mais um pouco, é facto, mas os cerebros, por dentro, continuavam como dantes, escuros e impermeaveis. Só em 1854, é que o brasileiro Mauá consegue ver inaugurada a illuminação a gaz, com grande espanto dos que liam pela cartilha do desembargador da torcida. Charles Ribaud, dois annos depois, em 1856, quando aqui chega, cheio da maior sympathia pelos nossos homens e pelas nossas cousas, constata que a cidade trapenta se esforça, apenas, por arrancar-se do

atrato e da immundice em que se encontra e que elle reconhece como sendo obra dos antigos dominadores, embora declarando o brasileiro, cheio da maior ansiedade pelo progresso existente nas grandes cidades europeas e prevendo, para dentro de pouco tempo, transformações que, de tão grandes, espantarão a toda gente. O bonde surge em 1868, a Republica em 89, e, finalmente, Passos, o genio reformador da cidade e dos nossos costumes, em 1903.

* * *

Na madrugada do seculo o Rio de Janeiro ainda é um triste e miseravel agrupamento de telhados mais ou menos pombalinos, feio, sujo, torto, dissorando os vicios e os preconceitos da velha cidade de Mem de Sá. E' verdade que ainda existe a paizagem, que é linda, scenario cheio de magnificencia e grandeza, mas, quando o homem deixa o pittoresco do mar, a doçura da montanha, o encantamento da floresta e ingressa a capital merencoria, revive, fatalmente, a era de atrato em que jazemos por muito mais de tres seculos e da qual, com mais de 70 annos de emancipação politica, não conseguimos, ainda, completamente libertar-nos.

Penetramos o seculo das luzes e ainda estamos em plena morrinha colonial. Ainda somos o que eramos quando aqui albergavamos o máo genio do Sr. Luiz Vahia, o "onça", a arrogancia do Sr. Marquez de Lavradio, o "gra-

vala", e a palermice coroada do Sr. D. João VI, o "frouxo". E assim continuamos a ser até o advento de Rodrigues Alves, até a obra magnífica de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, quando se transforma a cidade pocilga em Eden maravilhoso, fonte suave de belleza e de saude, centro para onde logo affluem estrangeiros que, até então, medrosamente nos visitavam, apavorados, todos com a febre amarella: americanos, inglezes, italianos, allemães, que aqui chegam trazendo-nos, além de um esforço pessoal apreciavel, capitaes, estímulo, e o que é melhor ainda, a visão civilizadora de patrias adeantadas e progressistas.

E' rica a cidade. Sobre isso não ha duvida, riquissima. Os seus nababos, porém, andam de tamancos, cruzando a viela sordida, moram em desmoronantes baiucas sem a menor sombra de hygiene e conforto, eternamente desconfiados e maldizentes do progresso. Quando morrem, quasi sempre commendadores, delles se diz, entanto, que foram os pioneiros do nosso adiantamento e a quem devemos nós aquillo que hoje somos... Não temos uma só rua digna para mostrar ao estrangeiro, um edificio publico notavel, um grande hotel, um bom theatro. Possuimos a pedra do Pão de Assucar, que nasceu com o mundo, a enseada de Botafogo, que nasceu com o Pão de Assucar, as polainas do Sr. Guerra Duval, e umas oito ou dez casas de alugar casacas, á rua da Carioca. Desconhecemos, quasi por completo, habitos de elegancia e de

chic. Passos, ao fallar sobre essa mesma metropole, escreve, em 1903: Velhas usanças que, em muitos casos lhe negam, não só os fóros de uma capital como o de simples "habitat" de um povo civilizado. Sabia o que dizia.

O turista, que vem á America do Sul, muitas vezes, aqui, nem baixa á terra barbara, do navio em que viaja, contentando-se com vel-a ae longe, no quadro magistral da natureza, que não se pôde estragar, porque, além de feia e desinteressante, a cidade é um perigo, foco das mais tremendas molestias infecciosas: a febre amarella, a peste bubonica, a variola. A tuberculose mata como em nenhuma outra parte, sendo que as molestias do aparelho digestivo, graças á ausencia de fiscalização no varejo de generos alimenticios, fazem tantas victimas quantas faz a tuberculose. Os obituarios alongam-se sinistramente pelas columnas dos jornaes, cruzam, pelas ruas, feretros e homens cobertos de luto, sendo que prosperam particularmente os fabricantes de caixões mortuarios, os logistas de grinaldas e coróas, os medicos, os pharmaceuticos e os padres.

Rodrigues Alves, que era um enamorado das bellezas naturaes da cidade, ao subir á cadeira da presidencia, no anno de 1902, resolve tomar medidas serias, providencias capazes, senão de transformar, a urbs, por completo, pelo menos de melhora-la bastante.

O problema tornara-se muito serio, porque não era só de saude e de belleza que carecia a

capital da Republica, porém dos mais elementares serviços, capazes de apresental-a como metropole moderna. O trafego já ameaçava entupir a parte central da mesma, dedalo de ruelas e beccos sujos e mal calçados, fendas onde mal penetrava a luz do sol e pelas quaes o bondesinho de Carris Urbanos, estreitissimo, puxado por um só burro, desatava a correr e a pular como um cabrito, os passageiros sobrando pelos estribos e plataformas, entre carroças de todo genero, carrinhos de mão, tilburys e o poviléu vozeirudo e trapento.

Tudo finha que ser transformado ou, quando não, enormemente melhorado.

Para essa reforma em grande vulto, entanto, o eminente paulista, conhecedor profundo da capacidade dos homens do Brasil, não quiz saber de estrangeiros. Os elementos de que então carecia haviam de apparecer na propria terra. Appareceram, como se verá.

Cuidou, em primeiro lugar, da saude do povo.

Das epidemias, a que mais rijo nos castigava, era a da febre amarella, mal desapiedado e bravo, que vivia de preferencia a ceifar a vida de pobres estrangeiros, que aqui desembarcavam em busca de fortuna ou de trabalho. Levas inteiras de immigrants desappareciam, em bloco, tragadas pela peste, apenas punham o pé nas lages do Cães Pharoux. Havia tregoa, por vezes. Havia. Quando, porém, o vendaval de

morte desencadeava, impossivel tornava-se sustal-o ou reprimil-o.

Desde que aqui chegara o mal, vindo de São Thomé, no anno de 1686, que o combatiamos sem cessar, porém, sem resultado. Em 1850 a epidemia dança macabramente e extingue vidas, num surto surprehendente e sem igual. Terriveis são, ainda, os surtos de 1863, de 1888, de 1895, 1901 e 1902.

Os maiores hygienistas do paiz, mobilizados, fraquejam na luta que se trava contra o morbus terrivel: Paula Candido, Torres Homem, Domingos Freire...

Para cuidar do saneamento da cidade, logo no primeiro tempo de seu governo, mandou Rodrigues Alves convidar a Petropolis, onde residia, o Dr. Salles Guerra, profissional de nome. Profundo conhecedor de cousas de hygiene publica, o scientista, não só estava a par das experiencias feitas pela Missão Walter Red e James Carol, um anno ou dois, antes, em Havana, como dos successos obtidos pelo Dr. Lutz, em São Paulo, embora em campo acanhadissimo, no combate ao typho americano. Salles, além de acompanhar com o mais vivo interesse o desenvolvimento pratico das theorias pregadas por Finlay sobre a transmissão da molestia pelo mosquito, tinha, na sua intimidade, um joven medico, que a ellas se dedicava com particular afan e enthusiasmo. Esse medico era o Dr. Oswaldo Cruz.

Assim posto, quando recebeu, pessoalmente, o convite que lhe fazia o governo, através de seu ministro do Interior, para dirigir os serviços da Repartição Geral de Saude Publica, a este logo declarou:

— Não acceito o logar, mas dou homem por mim. E homem competentissimo, embora moço; alguém que se dispõe a resolver, de prompto, o magno problema da febre amarella, que até hoje tanto tem preocupado a administração do paiz.

— Chama-se esse homem? fez o ministro Seabra, que era quem fôra convidar Salles Guerra.

— Oswaldo Cruz, respondeu-lhe Salles.

Seabra não o conhecia. Rodrigues Alves, fadado depois, tão pouco. A recommendação de Salles Guerra, porém, era preciosissima.

Oswaldo Cruz foi, immediatamente, nomeado, começando a agir, com presteza e energia. A agir e a soffrer, porque elle, como Pereira Passos, até o desacato em praça publica soffreu pelo bem que fazia á terra e á sua gente. Certa vez, — quem nos fala é Nicoláo Ciancio, pela epoca reporter do jornal A Notícia, testemunha ocular do inominavel facto,—o carro que conduzia o grande brasileiro é cercado, na rua de Santa Anna, por um grupo de loucos sevandijas, aos gritos de mata! mata! mata! O cocheiro da traquitanda fustiga, chicoteia os animaes e, embora a custo, rompe a massa da patulêa, que deseja detel-o e aggreddil-o. Os animaes se ensanguntam, feridos pelos do grupo, e, a

pedradas, rompem-se os couros da capota do vehiculo alcançando o director de Saude.

A Palacio! teria dito ao conductor da carruagem o joven Oswaldo Cruz, cheio de indignação e desespero, quiçá um tanto descoroçoado, sentindo a labareda do motim lamentavel que uma estrangeirada vil açulava e accendia na cidade.

Ora, por uma singular coincidencia, na manhã desse mesmo dia, Rodrigues Alves tinha recebido, em Palacio, a missão Marchoux e Salinbene, e, havendo, da mesma, indagado sobre o que pensava, não só com relação ás theorias defendidas por Cruz, como sobre os methodos scientificos por ele aqui empregados para extinguir o mal, ouviu de Marchoux, secundado por Salinbene, o seguinte:

— "Se V. Ex. der a esse homem que ora dirige os destinos da Saude Publica do Brasil, apoio firme, esse homem vencerá, para o bem de seu povo e gloria de seu governo".

Assim posto, quando Oswaldo Cruz chegou a Palacio, ensangueentado e cheio de barro, para obter do presidente a sua demissão, não a obteve.

— O que estou disposto a lhe dar, d'ora avante, ter-lhe-ia dito Rodrigues Alves, é um apoio ainda maior, ainda mais decidido. Continue como está, trabalhando. E Oswaldo Cruz continuou.

Virtualmente, desde o anno de 1905, o Rio de Janeiro já se achava saneado. Só em 1908,

porém, foi oficialmente declarada a completa extinção da febre amarella entre nós.

Encontrando o homem capaz de dar saude á cidade, tornava-se necessario encontrar o que lhe desse ordem, dignidade e belleza.

O novo presidente tinha, para isso, um nome, ha muito, gravado na memoria, o de alguem que, por varias vezes, quer como tecnico competente, quer como administrador avisado, optimas provas já tinha dado de si, pessoa cheia de energia e probidade, e, o que é melhor, afastada completamente da politica, sem compromissos de ordem partidaria, independente e rica. Essa pessoa era o engenheiro Francisco Pereira Passos.

Alguem, emtanto, disse a Rodrigues Alves:

— Não accellará o cargo, excellencia, o homem vive a recusar, por systema, todos os postos que lhe são offercidos pelo governo da Republica. Foi quando Seabra, que era ministro do Interior, dispoz-se a procural-o, em sua residencia, nas Laranjeiras.

A cidade deve a Seabra este enorme serviço.

Ao chegar á morada do engenheiro, não o encontra, mas, sua esposa o recebe. Conversam, dizendo-lhe ao que vae o ministro de Rodrigues Alves.

Informa-lhe ella, então, um tanto embaraçada:

— Acho difficil. Não creio que Passos accete tão honroso convite. E é pena, porque elle já teve, quando consultor tecnico do Mi-

nisterio da Agricultura e Obras Publicas, um plano, e notavel, para reformar o Rio.

— Talvez ceda ao seu apello, observa o ministro Seabra.

Madame Passos sorri.

— Ouvir-me! Meu marido só attende a propria consciencia. Não obstante, como mulher, dou-lhe um conselho. E' seguil-o. Passos é um extremadissimo patriota. Ama loucamente o Brasil. Quando lhe falar, explore-lhe o filão, fira-lhe a corda do patriotismo que, por ahi, talvez se possa conseguir alguma coisa.

Seabra, que era loquaz e era brilhante, quando falou ao engenheiro, empregou com maestria o conselho. Passos começou, a principio, recusando com energia. Seabra, porém, insistiu, fez-lhe vêr, pezaroso, o que isto era, por aqui, a necessidade de dar-se ao Brasil uma capital digna da sua grandeza, da sua situação em destaque na America. Punha ardores na fala, tinha arroubos de eloquencia. Um Seabra dos mais felizes dias, discursando, enleando, convencendo. Passos, sempre debatendo-se, mas, já um tanto vencido, fez-lhe vêr, então, as serias e irremoviveis difficuldades que se opporiam a qualquer realização efficaz que se pensasse. E, explicando melhor:

— De um lado as conveniencias do commercio estrangeiro; de outro lado o interesse dos senhores politicos...

Foi quando o ministro lhe falou em poderes discricionarios, numa administração que não se submettesse ás conveniencias estreitas da politica, nem a vontades alienigenas, tudo com o apoio franco do presidente da Republica.

Dias depois, a 29 de dezembro de 1902, davam-se, ao que occupasse o cargo de prefeito do Districto Federal, por um decreto que teve o numero 939, do mesmo dia e do mesmo mez, amplos poderes para governar esta cidade.

Na manhã seguinte Passos concordou em ser nomeado Prefeito. Nomearam-no então.

Pelo confronto das duas datas sente-se que elle só accitou, realmente, o posto, consentindo que se lavrasse a respectiva nomeação, depois de ter visto publicado o decreto que lhe garantia uma administração efficaz, liberta do trambolho politico e com a garantia de leis federaes, reguladoras de uma acção immediata, a qual deveria ser traçada de accordo com as necessidades de occasião. E logo que assume o cargo começa, sem demora, a transformar em uma cidade moderna e digna a velha cidade portugueza. E' a luta do homem audaz contra a rotina.

Passos vence a rotina. Declara guerra aos bacalhoeiros da rua do Mercado, aos tamanqueiros do becco do Fisco, aos mestres de obras que constroem no estylo compoteira e outros autores do atrazo nacional; entra pelas casas que se fazem, ainda, como as do tempo do Sr. Marquez de Lavradio, sem luz, sem ar,

dedalo de corredores e de alcovas; crêa posturas alargando as suas divisões, manda rasgar janellas nos aposentos de dormir, enche a morada de luz, de ar, de vida e de saude! Do fundo dos armazens manda arrancar toneladas de liço, derrubar construcções archaicas; nas lojas, manda substituir os assoalhos pôdres, ninhos de lacraias, de centopeias e de ratos; crêa o serviço de assistencia publica, obra notavel e muito pouco lembrada, primeiro serviço que tivemos; extingue a cainçalha que vivia infestando as ruas da cidade; acaba com a gritaria colonial dos pregões, mette os mendigos em asylos, acaba com os ambulantes que vendiam visceras de rezes apodrecendo, ao sol, cercados pelo vôo continuo do mosqueiro, alarga ruas, crêa praças, arboriza-as, calça-as, embelleza-as, termina com a immundicie dos kiosques e diminue a infamia dos cortiços.

Tanta anciedade de progresso offende o homem conservador. O pobrezinho soffre. Alargar-se a rua de Uruguayana? Mas, isso é offender a tradição! Retirar-se as grades dos jardins publicos? Que horror! Prohibir que cruzem pelas ruas centraes o vendedor de frissuras e mocotós, o homem do peru' da roda bôa e o da vacca leiteira? Mas isso é attentar contra o direito do "pobre commerciante a quem o paiz deve o seu enorme progresso"! E' trabalhar contra os destinos da cidade! Assim falam as gazetas que não são nossas. E essas gazetas, mobilizadas, todas ellas, investem contra

o reformador. Malham-no. Até o homem do "burro-sem-rabo", meio homem, meio cavallo, quando sabe que o prefeito deseja extinguir-lhe a profissão, manda publicar, nos a-pedidos dessa mesma imprensa, a sua verrina contra Passos. Dessa campanha nasce, para alguns, uma convicção tremenda tal a de que o grande realizador é, na verdade, inimigo do progresso do paiz e, além disso, o destruidor systematico das mais bellas e mais queridas tradições legadas pelos nossos inesqueciveis avós...

Isso tambem dizem as gazetas. Por signal que o povo não as leva a serio.

Era assim, com effeito, que, pelos albores deste seculo, a mentalidade colonial e retrograda dos senhores da cidade — digo senhores, não digo moradores, entenda-se bem — tratava os que faziam o progresso e a grandeza do Brasil!

Desencadeava-se contra Passos, tal qual como succedeu a Oswaldo Cruz, um odio surdo. Desse odio ainda existem remanescentes. Na Prefeitura, o grande administrador vivia a receber cartas anonymas, algumas até com ameaças de morte. Uma das causas reaes dessa odiosidade militante explica-se, tambem, por factos como este: certos mandarins do commercio, do allo e honrado commercio desta praça, como então se dizia, bem como os não menos honrados do varejo, muitos delles instruidos na escola da esperteza e da pilhagem, diga-se logo isso com a maior franqueza, escola que foi a mais provecta das instituições creadas

no tempo da colonia, homens treinados na espreiteza do kilo de 800 grammas, no metro de 80 centimetros, na sonegação do imposto e no suborno ao fiscal, na hora de pagar á Prefeitura as decimas do imposto de seus predios, só pagavam aquillo que queriam, uma vez que o habito era burlar, fantasiar, nas declarações ao fisco, o valor dos mesmos. Passos conhecia a maroteira, mas, não podia levar toda essa gente á cadeia, primeiro, porque não havia nella logar capaz de contel-a toda, depois, porque os marotos eram apadrinhados pelas gazetas mais conspicuas, que elles, atrás da cortina, dirigiam, pela alta administração do paiz, pela politica e até pela diplomacia.

Que fez, então, Passos, para castigar-lhe a má fé, pondo-lhe um dique a essa manobra traiçoeira?

Na hora de desapropriar o immovel, afin de alargar as ruas, mandava calcular o valor do mesmo pelas declarações anteriormente fornecidas pelos proprietarios; principio, aliás, que fôra antes tornado lei, diga-se de passagem, a renda do predio servindo, assim, para estabelecer o seu valor real na hora de reduzil-o a pó.

Pode-se imaginar ahi, como ficaram todos esses espertalhões pegados com a bocca na botija!

Passos sabia, perfeitamente, quando foi á curul da Prefeitura, a especie de gente com que teria de luctar para conseguir fazer alguma cousa em beneficio da cidade. Conhecia, não

só os rotineiros audazes, como o processo de certos políticos do Brasil, mescla de sentimentalismo e de negocio, mais negocio, aliás, que sentimentalismo, agindo sempre contra o interesse do paiz. A todos declarou, elle, guerra e os venceu. E vencer os homens do commercio que era quasi todo estrangeiro, forte e prepotente, não era cousa facil.

Alguem se lembrará que um delles, citado para abandonar o predio inscripto na relação dos que haviam de desaparecer, recusou aceitar leis postas em vigor para um bem commum, chegando ao ponto de não querer saber de accordo, indemnizações e recompensas, que as autoridades, sentimentalmente, offereciam? Sentado em uma cadeira, na parte interna de sua propriedade a ser demolida, esse audacioso individuo declarou, acintosamente, que estava disposto a não arredar pé de onde se encontrava, em signal de protesto pelo que tinha como prepotencia e abuso do poder. . . Armara-se de um enorme guarda-chuva e trazia dependurado, no braço, um samburá com comestiveis. Sentado estava, sentado ficou.

Para vencer audaciosos dessa marca, que não eram dois, nem tres, foi que o governo tinha dado, a Pereira Passos, poderes dictatoriaes. E', assim, que o grande prefeito, pensando mais no bem do povo que no interesse pessoal do arrogante teimoso, mandou destelhar-lhe, sem mais complacencia, a casa. Chovia. E aquelle

que, resolutamente, erguera contra o Estado a voz, desafiando a Lei, ante a molesta intromissão dos céos, leve que abrir o vasto guarda-chuva e abrigar-se, na mais ridícula das posições, resmungando, enquanto, fóra, a multidão curiosa e divertida, ria, gozando a insania do testudo e o extranho desenrolar do engraçadíssimo entremez.

Conciliador e amigo, um emissario de Passos ao typo de novo se dirige, pedindo para fechar a umbella e abandonar a casa. Ainda uma vez o obstinado respondeu que casa e umbella a elle pertenciam e que nem a ultima cerrava nem da primeira sahia, podendo o Estado agir como quizesse. Foi quando o prefeito ordenou, sem mais demora, que fizessem descer, do predio destelhado, a primeira parede. Disse e esperou. Em pouco a picareta demolidora começou a agir. Para responder á nova ordem, o teimoso, augmentando o grotesco ao quadro que vivia, em sua cadeira encolheu-se todo, levantou a gola do casaco, fechou os olhos, pondo pela venta irracional e irada um lenço de Alcobaça, não sem acautelar, sob a cadeira em que se achava, o samburá de comesainas, cheio de lascas de bacalháo, vinhaça e pão dormido.

Quando, porém, julgava, por nimia estupidéz, ou então, por candura, que com o seu protesto a plebe impressionaria, erguendo-a a seu favor, de tal sorte sabotando o espirito de

realizações proveitosas de que se armavam os homens do governo, justo na hora de sentir, pela cabeça, a primeira nuvem de estilhaços e de poeira, ouviu a alegrada patuléa, fóra, que gritava, rindo, satisfeita:

— O' punga, sahe do entulho !

Tinha estourado a vaia. E de tal sorte gritou o poviléu jocundo e insistiu a gritar, que elle acabou por sahir, todo coberto de pó, como um capacho, mordendo-se de raiva, a arrancar os cabellos, sem cadeira, sem guarda-chuva e sem o cesto de comesainas onde metterá lascas de bacalháo, vinhaça e pão dormido...

Quando, mais tarde, escrevermos a historia das luctas formidaveis que aqui travamos para alcançar um pouco de progresso, quando se recordar o heroismo que mostramos para abater, em peleja que durou annos, os pioneiros da rotina e do espirito colonial, que, além de nada fazerem, tudo entravavam, aqui, atrasadões ciosos, todos, por continuar fazendo desta pobre terra uma eterna e passiva feitoria, esse homem ha de ficar como um symbolo...

Passos, que havia herdado de sua avó, que era india, o espirito de tenacidade e de acção, não se detinha com minucias. E proseguia... Nem com os grossões da politicagem se inquietava. No dia em que um delles foi ao seu gabinete pedir protecção para certo velhaco, colhido pela lei das desapropriações, fazendo valer o seu alto posto na politica federal, o seu presti-

ção e a sua voz profunda e grossa, querendo impor uma vontade que, além de contrariar os interesses do Districto, contrariava o programma salutar de seu grande prefeito, Passos foi ao presidente Rodrigues Alves e disse: — Se V. Ex. fizer questão de servir a esse homem, V. Ex. não tenha incommodos por minha causa, porque desde já me considero desligado da Prefeitura. Rodrigues Alves, que era estadista integro e que punha o bem de sua terra acima dos interesses grosseiros da politicagem sem escrupulo, deu mão forte a Passos. E continuou-se a fazer o que elle queria que se fizesse, para o bem da cidade e de seu povo.

Já de uma vez o grande prefeito, quando concertava, como director, pela segunda vez, a Estrada de Ferro D. Pedro II, assim havia agido. O ministro, ao qual elle servia, desejava fazer nomear para sua Estrada um engenheiro, amigo de mandões da politica. O homem, porém, ao que parece, não era lá muito forte em questão de engenharia.

— Não posso nomear esse homem — fala ao ministro, Passos — porque elle não tem competencia para occupar o logar que V. Ex. lhe quer dar. Affirmo-lhe isso como tecnico. Conheço pessoalmente o seu recommendado. E' até meu amigo.

O ministro franziu a testa, mostrando aborrecimento, não sem deixar entrever que man-

teria, de qualquer forma, a indicação de seu candidato. Chegou mesmo a dizer a Passos: — o senhor entende de engenharia, mas parece que não entende muito de politica...

— Entendo, Sr. Ministro, — respondeu-lhe o director da Estrada — e é por entender que estou disposto a concordar com V. Ex. Seu candidato será nomeado. Despediu-se, e, momentos depois, mandava o seu pedido de demissão, allegando que, disposto como se achava, a servir antes o paiz que os politicos, sentia-se incompatibilizado com a administração que collocou os interesses dos politicos acima dos interesses do paiz. Nesse dia o Estado perdeu um grande administrador, mas, em compensação, os politicos não se sentiram ultrajados com aquelle homem que pensava que podia fazer engenharia sem comprehender as injuncções e os caprichos da Politica.

Era um homem assim. Tinha uma alma retilinea. Prefeito, em seu gabinete, um dia, tomando pelos hombros um grande paredro da Republica, que lhe vinha pedir uma irregularidade qualquer, leva-o até á porta, dizendo:

— Quando eu deixar o posto, V. Ex. talvez faça o que me pede, mas, falando ao meu substituto, que a coragem dos homens é infinita. Até lá, porém, espero que V. Ex. mude de idéa ou tome juizo.

Tinha dignidade, character, energia, altivez, independencia. E ainda lhe sobravam outras qualidades. Era probó. Era intelligente, era

activo e era culto. Foi dos maiores engenheiros de seu tempo. Que digam os technicos que ainda hoje se extasiam diante da famosa Estrada de Ferro Paraná, via ferrea feita sob as suas vislãs, e que, quando em projecto, foi tida por uma rematada loucura, obra estupenda, que passa hoje pela maior das glorias da engenharia brasileira. Quem creou a primeira estrada de cremalheira feita no Brasil, a de Petropolis, e no genero, a segunda que se fez no mundo? Passos. Quem construiu, no Brasil, a primeira estrada de ferro para servir ao turismo? Passos. Fez a das Paineiras. Enthusiasmando-se com os magníficos resultados obtidos, o imperador mandou-o chamar. Quiz fazel-o barão. Barão do Corcovado. O ainda joven engenheiro não acceitou a honra. E disse a um amigo, alegremente, troçando da idéa consoladora e amavel:

— Nem que elle me fizesse Marquez de Itatiaya, que é montanha ainda mais alta!

E' verdade que acceitou varias condecorações estrangeiras, mas nunca a ellas alludia, nem as usava. Acceitou-as, afinal, por méra cortezia, porque não lhe ficava bem recusar. Nunca as pediu, entanto.

Não era homem de vaidades. Nem de banaes ambições. Não se lhe conhecia, a bem dizer, outra ambição que não fosse a de bem servir ao seu paiz. Era um enamorado do Brasil. Não lhe tocassem no Brasil. Por elle vivia, soffria e trabalhava. Definindo o seu amor e o seu

carinho por tudo que com elle se relacionasse, lá está ainda, como prova, na fachada de sua casa, nas Laranjeiras, numa incrustação magestosa, grande e linda, a imagem da Patria na figura de um indio, cerne da nacionalidade.

Aos que lhe visitavam a casa, mostrava sempre, com veneração e respeito, o vulto amado do aborigene, não sem dizer, por vezes, muito orgulhoso do sangue que trazia nas veias:

— Minha avó era india!

Era filha de indios, na verdade, a esposa de Antonio Pereira Passos, seu pae, brasileiro como elle.

No cumprimento de seu dever não conhecia sentimentalismo. Certa vez fazem-lhe grande manifestação, ao inaugurar-se um tunel em Copacabana. Dias antes ao desse acontecimento havia baixado severas ordens no sentido de ser cumprida a postura municipal que prohibia o uso de foguetes e balões dentro da cidade, tradição chinesa, barbara e perigosa, banida do mundo civilizado ha muitos annos e que aqui se mantinha como um desacato ao progresso e á vida do proximo.

Chega Passos ao logar onde deve ser manifestado. E, emquanto o orador official concerta a garganta para disparar o seu jacto oratorio — zás, uma rajada de foguetes.

Passos franze logo o sobrolho:

— Quem mandou soltar esses foguetes? ..

— *Fomos nós, excellencia, diz-lhe o homem do discurso, muito risonho, muito amavel, nós, da commissão organizadora desta manifestação.*

— *Pois estão os senhores todos multados! Multou-os. E quando elles interpuzeram recurso, pedindo relevação da multa imposta, não os attendeu. Manteve a multa.*

Dentro de sua autoridade, por vezes, tinha cousas de fazer sorrir.

Vae certo homein do commercio ao seu gabinete, um desses typos mais ou menos commendadores, mais ou menos analphabetos, com um vasto bigodão em rosca de padaria, sobre-casaca e cartola.

O homem está disposto a confundir o grande administrador. Traz na mão um papel e no bigodão empomadado, a "Hongroise" do estylo. No labio, sorriso alvar.

— *Sr. prefeito, diz elle, V. Ex. quer que eu pinte a fachada da minha casa, como se vê desta intimação. (E mostra-lhe o papel.) Eu, porém, não a posso mandar pintar. Nem eu nem V. Ex.*

— *Porque? Indaga-lhe Passos.*

— *Porque uma fachada daquellas não se pinta. E, abrindo as fauces, num sorriso de parvo, atirou a phrase que elle pensava que seria como um pedregulho na cabeça do prefeito: — Não se pôde porque a fachada do meu predio é toda de azulejos!*

— *De azulejos, aquella fachada côr de chocolate? Pois então, mande-a lavar, seu porco!*

O commerciante, com o imprevisto da resposta, de susto, quasi que engole o bigode, aquelle enormissimo bigode torcido em rosca de padaria...

Passos transformou a cidade barbara em uma metropole digna da civilização occidental. Qual o homem do começo do seculo que, recordando os beneficios que então se espalhavam sobre esta querida terra, não se lembra da phrase que andou pela bocca do povo, pelas ruas, pelas casas, pelos cafés, nas saudações que se trocavam, no estribilho das canções e que dizia assim: "O Rio civiliza-se"?

Civilizou-se o Rio. Civilizou-se, perdendo quasi por completo o mofo, a morrinha e até aquella impressão de miseria e de atrazo, vinda do tempo dos vice-reis e dos governadores, dolorosa impressão que tanto nos envergonhava e confundia.

Numa terra em que até o vinho Adriano Ramos Pinto tem um monumento, o que está na praça da Gloria, Passos não possui sequer uma estatua. E' uma injustiça. Porque, se o bom Adriano fez a delicia de uma geração de bebedores, Passos fez a grandeza de uma terra inteira. Essa estatua, porém, terá que vir. Questão de tempo.

Compara-se muito, entre nós, a obra do nosso maior prefeito com a de Haussmann, o aformoseador de Paris. Hausmann, porém, embellezou, apenas, a capital da França, e, isso, num ambiente propicio á civilização e onde não

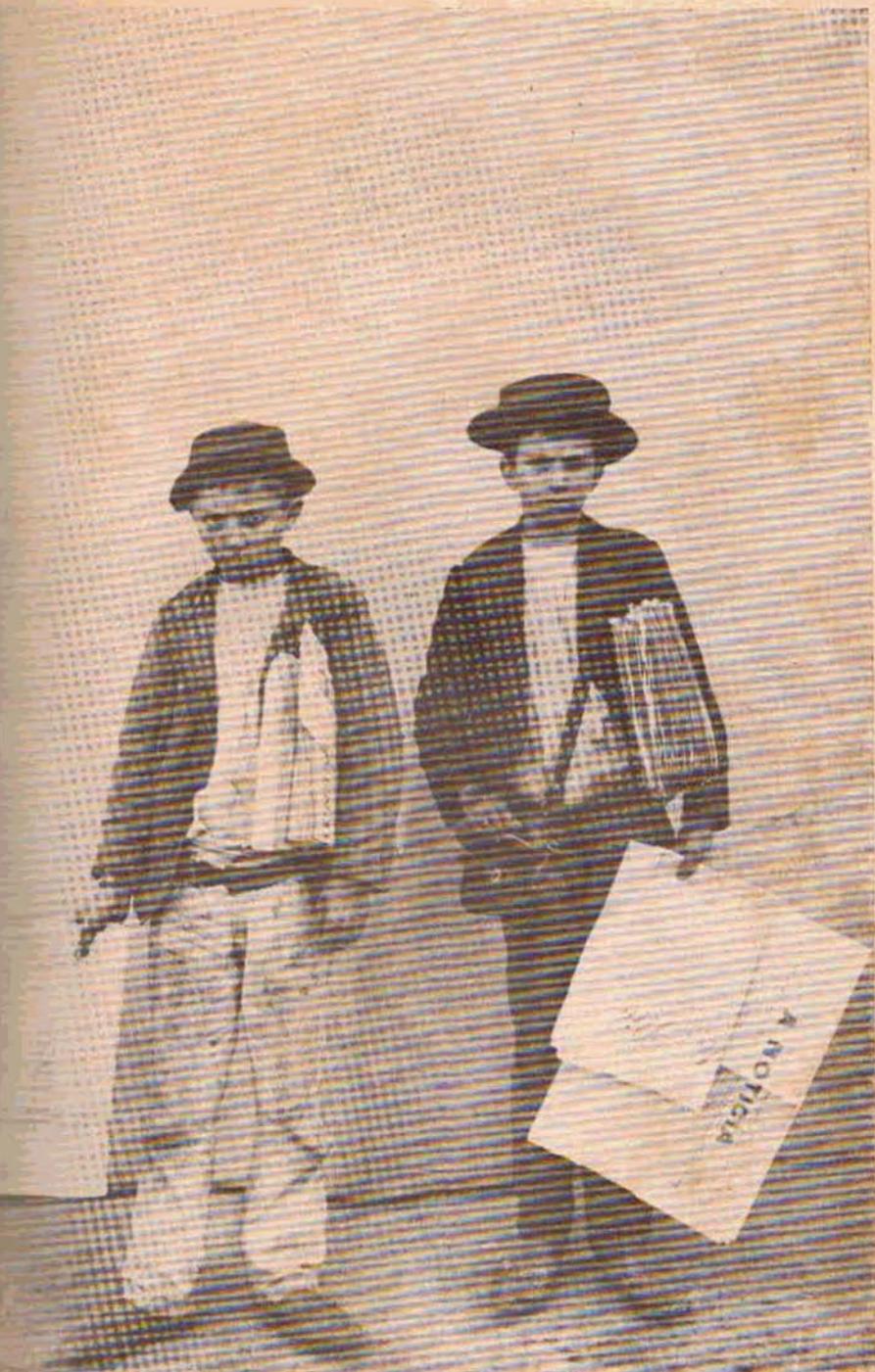
existiam, como aqui, declarados inimigos do progresso. Passos fez coisa de vulto ainda maior, porque, além de remodelar materialmente a cidade, transformou-a até em seus usos e costumes, vendo projectar-se, depois, no resto do paiz, como reflexo natural e proficuo, os beneficios que creara.

Obra formidavel ! Obra de Titan ! Obra já definida num pensamento que está, de resto, na consciencia de todos nós: — Pereira Passos fez pelo Rio de Janeiro, em tres annos, mais que todos os nossos colonizadores durante quasi quatro seculos!

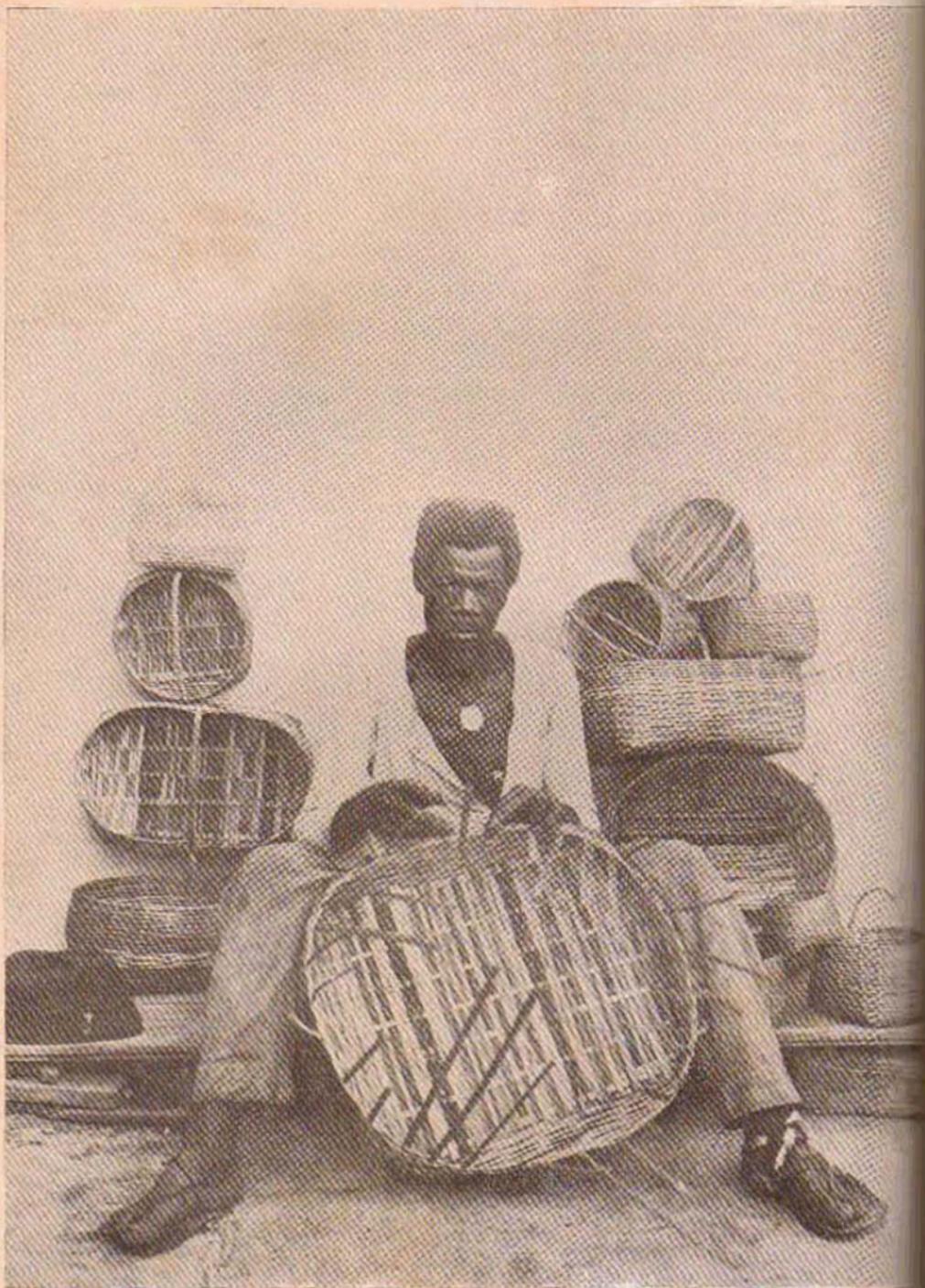


O prefeito Pereira Passos. (Caricatura da época.)

EST. 1858



Vendedores de jornses



Preto cesteiro

I

Aspecto geral da cidade e de sua gente.

— Sua população. — Rio de Janeiro de ruas estreitas e immundas. — A ausencia de arborisação nos logradouros publicos. — O calçamento. — O transito. — Vehiculos de praça. — Bondes de tracção animal. — Vendedores ambulantes. — Pregões da cidade. — O homem da vacca leiteira.

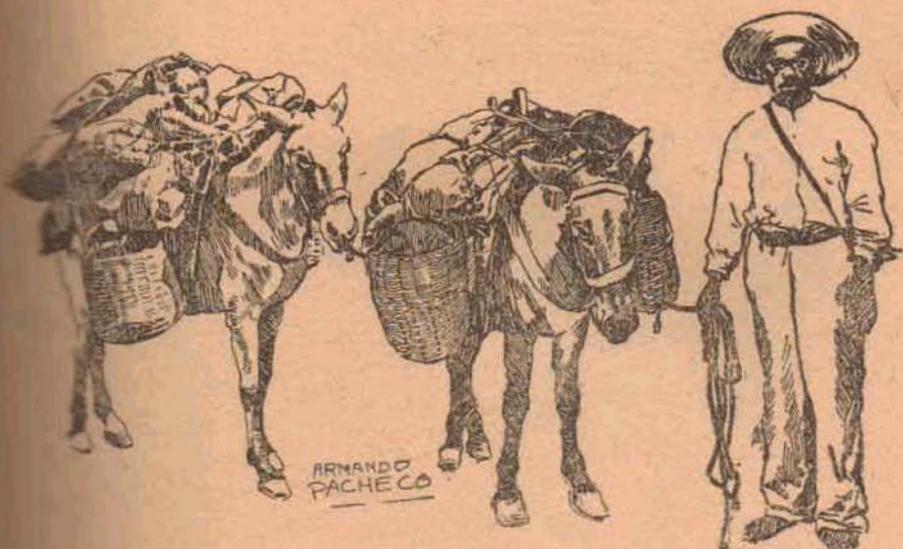
Se o aspecto geral da cidade ainda guarda o cunho desolador dos velhos tempos do rei, dos vice-reis e dos governadores, a multidão, comtudo, é já bem outra.

A massa de homens de côr, com os annos, desapareceu numa proporção notavel, dando-se, comnosco, em proporções embora differentes, o mesmo que se deu em Portugal, no seculo XVIII, quando a população negra, que chegou a ser de mais de 10% da existente no paiz, começou a diluir-se, ao ponto de desaparecer por completo. Entre nós essa população ascende a uns 20 ou 30 %. Não obstante, é bem menor que a de uns vinte annos atraz e isso apezar do surto da abolição e do consequente abandono das terras de cultura por innumerous pretos, que tomaram o caminho das cidades. O Rio de Janeiro do começo do seculo, com menos de 600 mil habitantes, já não lembra mais, em 1901, a «Cafraria lusitana» dos primeiros decennios da centuria anterior. Quando muito lembrará certas cidades do septentrião africano, as da orla do

Mediterraneo: Tanger, Alexandria ou Oran, com a sua população descalça e mal vestida, as suas tôscas lojas de commercio, de toldosinho esgarçado á frente e o homem de feição arabe, roliço e porco, ao fundo, vendendo a mercadoria; com os seus burricos pejados de hortaliça ou fruta, cruzando o logradouro publico, e levados pela rédea do nativo, amarellão e triste, tudo isso numa evocação perfeita daquelles centros que a Civilização esqueceu e que o civilizado só visita, de quando em quando, de Baedeker no bolso e um chapéo de sol branco aberto, ou debaixo do braço, para arrancar-lhe do grotesco a diversão que o espirito *blasé* das correrias do Progresso, muitas vezes, reclama.

Nós, porém, vivemos satisfeitos, acreditando que habitamos a mais branca, a mais linda e a mais adeantada das metropoles do mundo, conformados, até, com o espectro da Febre Amarella; sem industria, mandando buscar calçado na Inglaterra, casemiras na França e até palitos em Portugal; com um commercio todo de estrangeiros, com uma agricultura que não cuida do plantio do que possa fazer concorrência a "nações amigas" e uma literatura que, salvo algumas excepções, vive a copiar os versos do sr. François Coppeé ou ainda a prosa intestinal do sr. Camillo Castello Branco. Em meio a isso tudo, porém, para alegrar a alma indigena, uma procissãozinha ao Corpo de Deus ou, então, um carnaval de arromba, obrigado a bisnaga, confetti, cerveja e serpentina — na rua os tres famosos clubs carnavalescos: *Democraticos, Tenentes e Fenianos...*

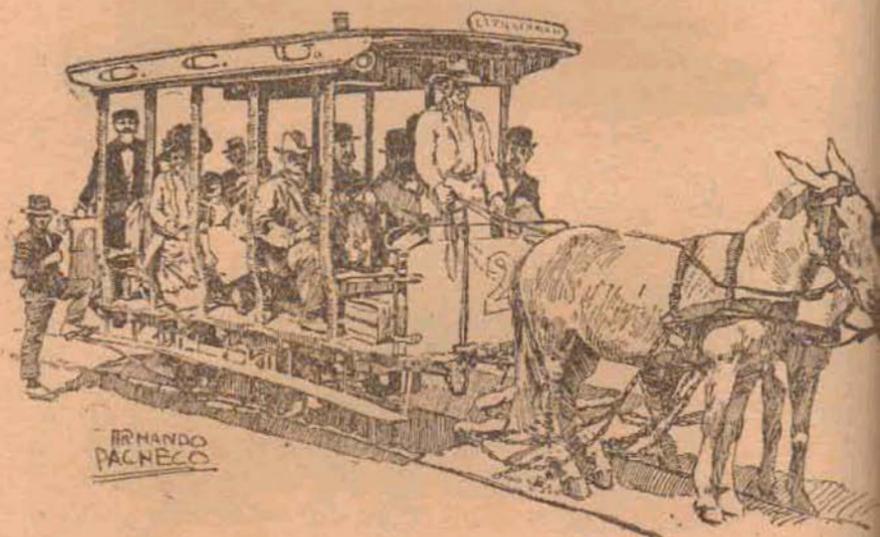
Rio de Janeiro de ruas estreitas, de viellas imundas, quasi sem arvores para fazer a sombra das calçadas! Na parte central, supprindo a fronde consoladora do arvoredado, toldos de lona e uma floresta sem fim de taboetas. Feito em parallelepipedos alinhados,



Vendedor do carvão

o calçamento das ruas principaes queima quando da curva azul do céu o sol dardeja forte. Por elle anda mal o homem de pés descalços. Os passeios são de lages solidas e altas, mas quasi todos fendidos ou desbeijados pelo assalto continuo da roda do vehiculo, descontro-

lada e bruta, forrada em aros de metal. Estreito, esse passeio é um pouco em rampa. Afóra o luxo do paralelepípedo, no centro, o que há na rua de menor importância, sobretudo na do bairro, em materia de pavimentação, é o que o linguajar pittoresco do tempo chama calçamento *pé-de-moleque*: por sobre a terra



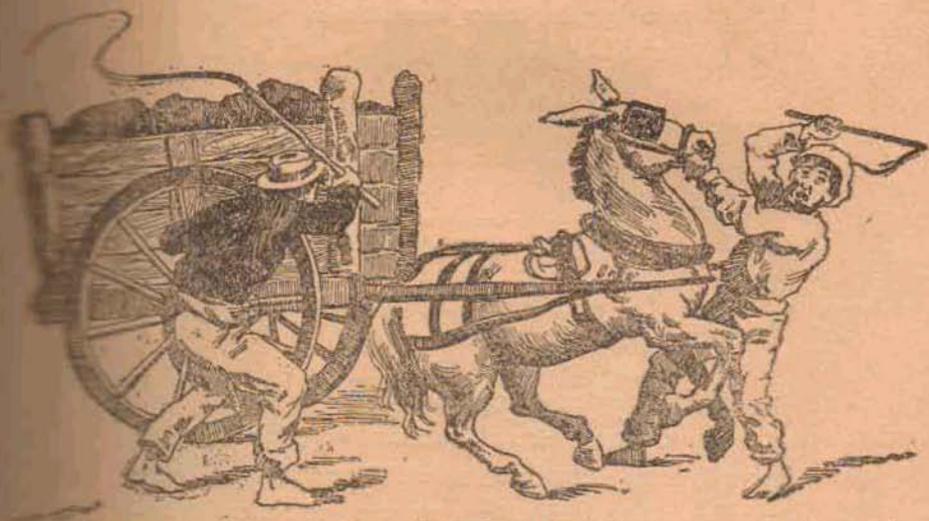
Bonde

dura umas pedras pequenas, arredondadas, postas em relevo, mostrando, em torno, como que a dizer a saúde e a abundancia do solo, florações de capim, de tiririca ou grama.

Pé-de-moleque é guloseima da época, doce feito de amendoins dourados, postos em campo jalne de rapadura, evocação grotesca, não na côr, mas no exótico feitio, desse aspero relevo de calçadas.

Ruas, porém, ha onde nem desses economicos e singelos empedramentos se descobrem.

Por causa das chuvas e do transito continuo de vehiculos, cujo peso não é controlado pela Prefeitura, certos caminhos, verdadeiros labirintos de covas e buracos, são palcos de scenas como esta: uma carroça cheia, em demasia, tendo, de esguelha, uma roda afundada até quasi ao eixo em uma profunda depressão da terra, um burro afflicto e suarento, puxando-a, mas em vão, e um carroceiro desbocado, a desfiar um rosario



Carroça de um burro sô

de injurias, a brandir um chicote ou um páo no lombo da cavaladura que empacou. Não póde o esforço do animal arrancar da depressão a roda, como a intelligencia do homem não póde comprehender toda a inu-

tilidade desse esforço, de tal sorte que se fica a pensar que a carroça é puxada por dois burros.

Morei numa rua, a dos Junquinhos, em Santa Thereza, que tinha, quasi de metro a metro, cavidades apenas comparaveis, na profundidade, á paciencia de seus incautos moradores, que viviam a queixar-se do desmazelo municipal, isso ha muitos annos. Para lá foi morar Arthur Azevedo que, com a simples publicação de uns gaiatos versinhos, conseguiu do presidente do Conselho Municipal realizar o sonho de todos nós. Vale a pena lembrar esses versosinhos:

O tú
 Que és presidente
 De Conselho Mú-
 Nicipal,
 Se é que tens mu-
 Lher e filhos,
 Mandá tapar os bu-
 Racos da rua dos Junquinhos.

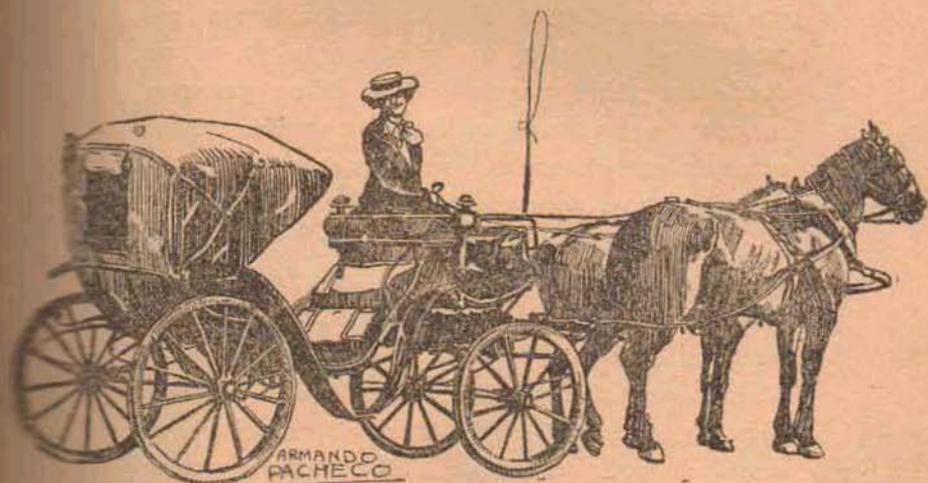


Cavallarianos da Policia

Cidade de distancias enormes e de rarissimas caruagens. O muito rico possui um *coupé* de passeio, lustroso como um chromo ou então uma victoria, uma *caleche* ou um *landau*, com os seus cocheiros, todos magnificamente vestindo sobrecasacas fechadas, de côr *beije* ou marron, botas e longuissimos chicotes.

Os carros de praça são pobres, contados a dedo e custam verdadeiras fortunas por hora ou por corrida. Ha o *tilbury*, especie de *cabriole*t, de um só logar, pu-

xado por um magrissimo cavallo de mediocre estampa, arrepiado e sujote. Traz sempre uma capota immunda de poeira, completamente descida. Ha umas caleches estofadas e incommodas, com assentos de couro sovado, a mostrar, em seus innumerados rasgões, as crinas ou as palhas dos apodrecidos recheios. Cocheiros vestidos á vontade, quasi sempre trazendo chapéus de palha ou feltro, postos de banda, os *paletots* abertos, a camisa rôta ou mal lavada, não raro, a desertar das calças, sentados no alto de boléas oscillantes, fumando, gritando, estalando, furiosamente, os chicotes. Todos esses vehiculos mostram rigorosamente a capota des-



Caleche

cida, pois grande preconceito, pelo tempo, ainda, é viajar-se em carruagem aberta. Quasi um crime que a familia semi-colonial não perdôa...

— Debochado ! Diz-se que até de carro aberto anda!

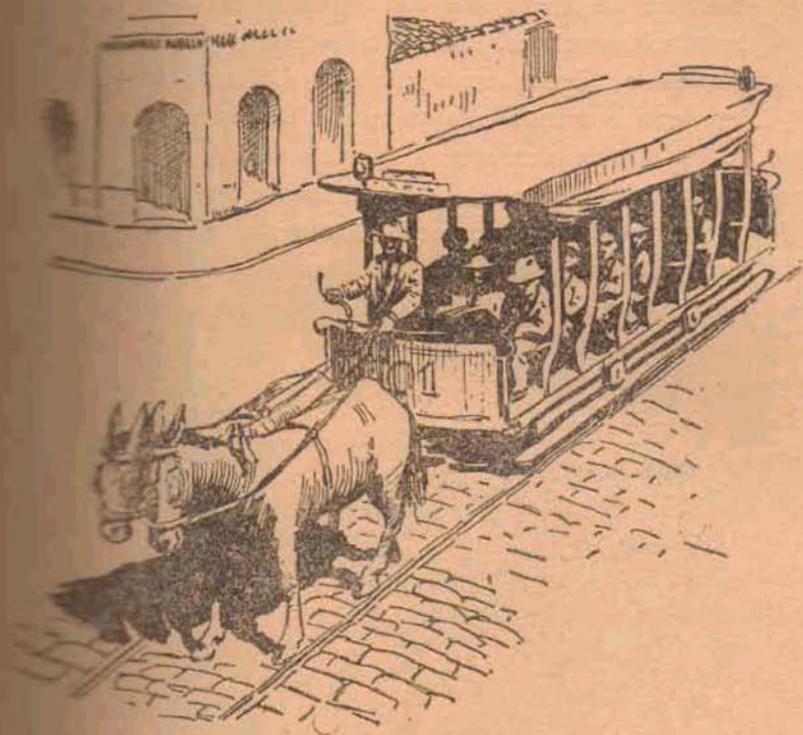
Para o dia do casamento ha o luxo do *coupé* com dois cavallos platinos, enormes e patudos, carregados de correntes prateadas, mostrando laçarotes brancos cahindo dos antolhos. Cocheiro de sobrecasaca azul marinho, cartola de reflexos, enfeitada de flôres de laranjeira, em intenção á pureza da noiva. O presidente da Republica, em dias de grande cerimonia, viaja em uma carruagem á Daumont, com o sota vestindo á jockey.

Pela ausencia de uma boa inspecção geral de transito, por vezes, numa esquina de certo movimento, engasgam-se dois ou tres vehiculos. E para que um se decida a arredar primeiro, afim de deixar passar o outro, torna-se necessario appellar para a policia, muitas vezes distante, enquanto os cocheiros se esmurram, esgotando todo um vocabulario de desaforos e de injurias.

O bonde electrico, que é novo na terra, tem-se como uma estupenda conquista, um melhoramento capaz de collocar o Rio ao lado de Londres, de Paris ou de Nova-York e de Berlim. Os jornaes publicam:— *Porque os nossos excellentes bondes . . . Ou — os nossos electricos, que, sem o menor favor, são os melhores do mundo . . . Tudo aqui, quando não é peor, é sempre, o melhor do universo . . .*

Os bondes, em geral, puxados a burro ainda encham, ainda atravancam as ruas sujas e estreitas da cidade, velhos e ronceiros vehiculos chocalhando

ferragens, incommodos e sujos. Os cocheiros do tempo não envergam uniformes. Sem o menor distintivo, andam como bem querem ou como bem lhes parece, à vontade. Por vezes guiam os carros trajando sovados



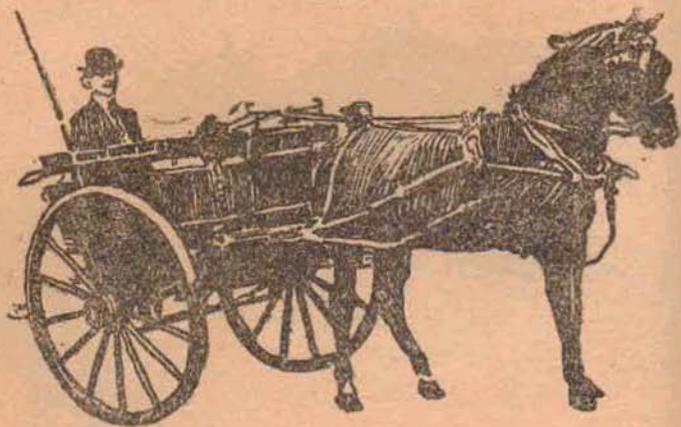
Bonde

fraques que compram aos acelos da rua da Carioca, exibindo cartolas ou chapéus de palha pintados a verniz preto, catitamente postos ao centro de cabelleiras re-

voltas e enormissimas. As plataformas vivem sempre apinhadas de soldados de policia, de bombeiros, de navaes ou de estafetas do Telegrapho ou Correio, falando alto, discutindo cousas intimas, gargalhando, soltando baforadas de cigarro ou cachimbo, sem contar ditos da mais baixa natureza. Já existe o *pingente*. O *pingente* é tradicional. Nasceu com o primeiro estribo de bonde. Por vezes o cocheiro grita, voltando a cabeça para traz;

— Olhem o andaime á direita!

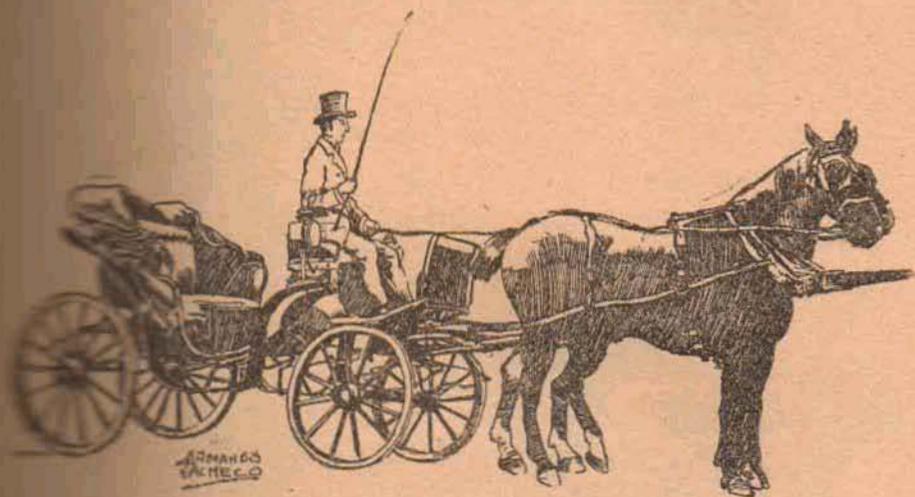
O aviso é feito ao *pingente*. Andaime, pelo tempo, chega a ser tudo que se ache a poucos centimetros do estribo do bonde. Andaime é o bailéo da casa em construcção, com o seu madeiramento aggressivo, como é,



"Charrete"

ainda, a carroça que descarrega mercadorias, e, até, o cavallo do soldado de policia de ronda, que descança proximo á linha, somnolento e distrahido. De uma feita (a historia é velha) estava conhecido

escriptor, do qual se dizia que tinha o appendice nasal dos maiores do Brazil, bem junto á linha da passagem do vehiculo, quando, por chalaça, o cocheiro solta este grito, numa allusão ferina:



Victoria

— Olhem o *andaime* á esquerda!

Reclama-se para esse pobre cocheiro, no começo do seculo, não a voz de barytono ou tenor, porém forte voz, porque o homem vive a gritar a cada passo, em seu officio. Ao berro de um passageiro, por exemplo, que lhe falla da calçada, após um *psiu*:

— Passa pelo Mangue ?

Berra elle, por sua vez:

— Passa, dobra Machado Coelho!

— Então pare...

Quando chega aos pontos de secção ou terminaes manda o regulamento que elle grite:

— Ponto das passagens de cem réis!

Ou então:

— Ponto final!



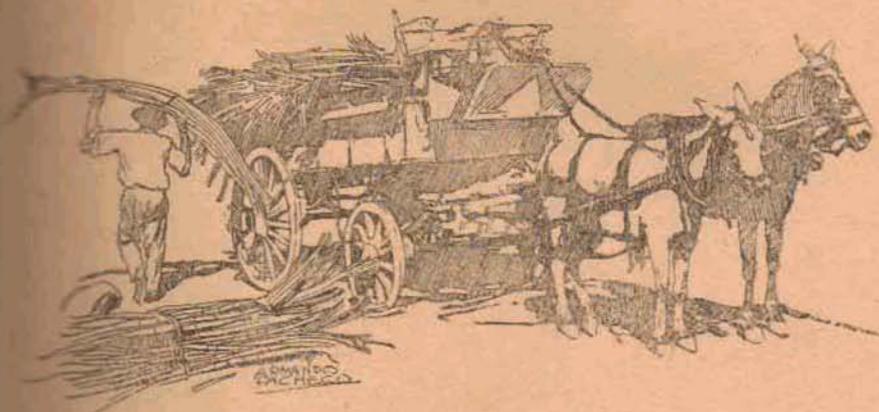
Vendedor de perús

No tempo desse bondinho puxado a burro, o infeliz, que não tem as cordas vocaes para repouso, por qualquer ladeirinha que suba, grita ainda:

— O bonde não pára na subida!...

Se são os vehiculos de praça um tanto raros, grande é a mania da equitação. Ha muita gente, muita, a passear a cavallo: os homens de calças apertadas e de chapéo de côco, mostrando gravatas brancas a *plastron*, as mulheres vestindo á *amazona*, com as suas saias muito pannejadas, uma gaze longuissima a voar dos chapéos.

Na rua de pouco transito, com as senhoras ainda saindo pouco e os homens, por causa dellas, sahindo



Carroça de dois burros

muito menos do que hoje, cruzam vendedores ambulantes, soltando os mais hystericos pregões!

E' o portuguez vendedor de perús:

— Olha ôôô prú uuu da roda vô ôôô a!

O vendedor de abacaxi:

— Olha ô ô ô avacaxi ôôô!...

O italiano do peixe:

— *Pixe camaró... Ulha a sardénha!*

A turca ou turco vendedores de phosphoros:

— *Fófo barato, fófo, fófo!*

Berra o vendedor de vassouras:

— *Vae vasouôôôôôra espanadoeire !*



Arthur Azevedo

E o comprador de metaes:

— *Chuuuumbo, féerro, cama velha, metal velho
para vender!...*

O homem das garrafas vazias, com o seu cesto á cabeça, grita assim:

— *Gueraalfas bazias pi a bundaire!!*

E a negra da cangica:

— *Cangiquinha... Yayá, bem quente!*

A porta dos theatros quedam os vendedores de empada, pastellaria feita com banha de porco e cujo recheio é um mingão detestavel, em nada comparavel ás que se vendem pelas confeitarias. Gritam elles, os vendedores, agitando na mão uma pobre lanterna de papel, illuminada á vela de sebo:

— *As empedinhas spiciaes cum quêmerão e as empanadas! Stam queimando! Não tendo o quêmerão nam pagam nada!*

Não tem nem sombra de camarão, mas os frequentes pagam da mesma maneira.

Quando a repartição de hygiene manda matar os ratos que aqui festivamente recebem a bubonica importada da Europa, pondo em cheque a obra do director da Repartição de Hygiene Publica, Oswaldo Cruz, andam homens pelas ruas a comprar os roedores mortos, de tal sorte obrigando o filho da terra a caçal-os. Diz-se que só na zona dos bacalhoadores da rua do Mercado e na de certos trapiches da Saúde, se conseguiu um numero de ratos maior que o de toda a população do Districto! Gritam os mercatores desses malignos roedores:

— *Rato, Rato, Rato...*

Faz-se do grito uma canção popular que os próprios compradores cantam, depois, no seu commercio e que as revistas de anno repetem. Os ratos, porém, são exterminados por completo, e com elles as pulgas, como já se havia feito com o piolho e o percevejo, de horrenda tradição colonial.



Carruagem presidencial

Aos poucos vai se limpando a cidade.

O "Malho", em 1903, publica um soneto que começa assim:

Bravo! Limpa-se o Rio de Janeiro!
Os homens limpos! A cidade limpa!
Vai ser S. Sebastião a mais supimpa
Capital — porque não? do mundo inteiro!



Kiosque

Sem a preocupação do mundo inteiro é que não se passa.

Particularmente interessante e pittoresco é o preto vendedor de sorvete, com a lata de sua mercadoria envolta em pannos, sempre muito brancos e muito asseados, apregoando em verso:

“Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de tostão
Quem não tem seu tostãozinho
Não toma sorvete, não!
Sorvete, Yayá!”

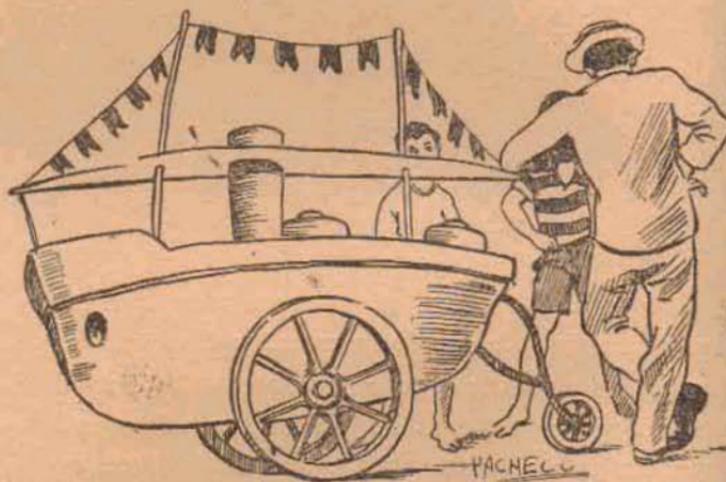
Ha o funileiro, que bate num prato de cobre com um badalozinho de chumbo, mas, não grita; o mascate vendedor de pannos e armarinho, sopesando caixas de folha enormes, que contem verdadeiros armazens de mercadorias e vibrando uma especie de matraca, que nada mais é que a medida de um metro, dobrado em dois pedaços que se ligam por duas dobradiças, os doceiros de caixa, chamarizes de crianças, esses, tocando uma gaita de bocca; ha o baleiro, ha a bahiana do cuscús, da pamonha, do amendoim e da cocada, a bahiana que se installa num vão de porta, com o seu lindo chale africano, a sua trunfa, os seus collares e as suas anaguas postas em gomma, á espera da frequentia, fumando um cachimbo de nó de imbuia.

Não esquecer que, no verão, o sorvete tambem se vende em carroças, que teem, incompreensivelmente, a forma de navios. Por vezes as praças coalham-se de



Sorveteiro

Gamas e Cabraes, vendendo gelados em casquinha a tostão e a dois vintens. O caldo de canna é, por sua vez, posto á venda em carretas-realejos, o homem da manivela moendo, ao mesmo tempo, a canna e a musica. Por um copazio paga-se cem réis.



Navio-sorvete

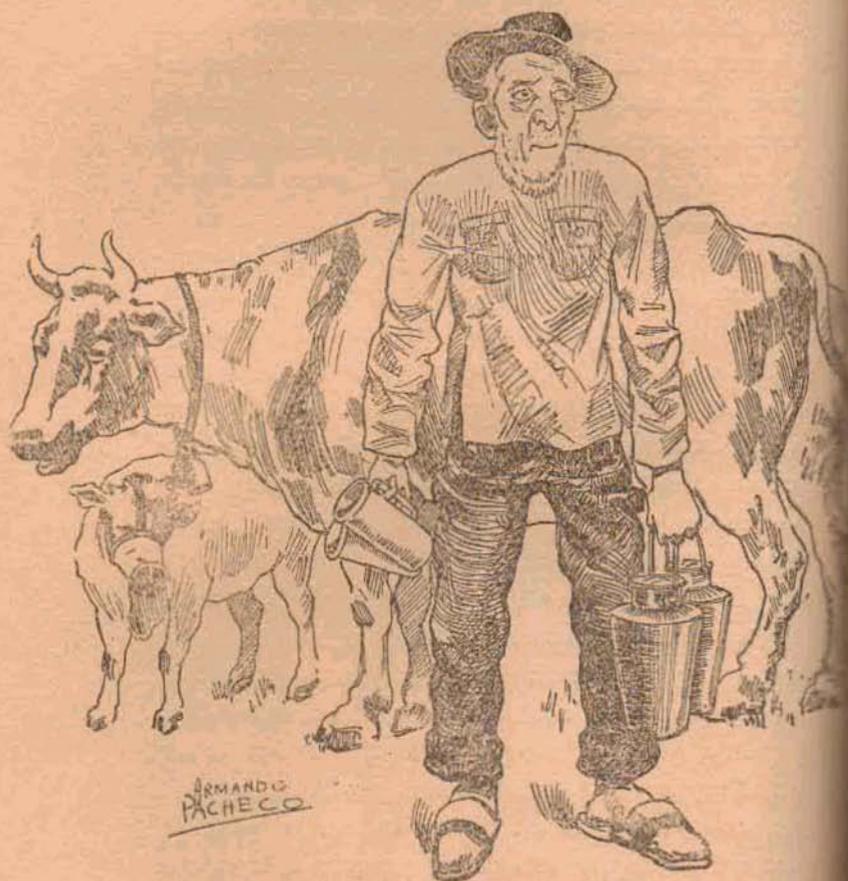
O mais vergonhoso de todos esses ambulantes do começo do seculo, porém, é o leiteiro, com a esqueletica vacca, que hoje, felizmente, esconde a sua tuberculose no fundo dos estabulos que recuaram para bairros distantes.

O vendedor de leite, que usa barba passa-piolho e tamancas, é dos primeiros ambulantes a surgir na rua mal desperta, puxando por uma cordinha curta o ruminante de seu commercio, magro e pachorrento, duas ou tres chocalhantes campainhas dependuradas ao

pescoço bambo e pellancudo. E logo o homem da ajudancia no serviço, atraz, ordenhador astuto da alimaria, magico avisado, capaz de transformar, á vista do freguez, sem que esse perceba, a agua que está dentro de multiplas vasilhas, em leite, e do melhor! Vem, depois, o bezerro, de focinheira de couro, esfaimado e tristonho, preso á cauda da sua pacata genitora. Quem pensar que elle, entanto, no quadro, serve apenas de elemento decorativo, engana-se, porque, quando a mão do ordenhador já não mais ordenha o leite recalcitrante, empacado na glandula mamaria da leiteira, lá vem o bezerrote para o trabalho da sucção, que é tanto mais violento quanto maior é a ansia do triste em libar o alimento que tanto lhe recusam. Com tres ou quatro arrancadas vasa a teta, mas logo a focinheira do couro lhe chegam de novo, para que possam, ahi, entrar em funcção: a mão callosa do vendedor, a vasilha da agua e a vasilha do leite...

Se a febre amarella, por uma enternecedora intuição patriotica, poupa o nativo, ceifando o leiteiro, que não é do paiz, de preferencia, esse, por sua vez, desforra-se ceifando com o leite malsão que, criminosamente, vende, a vida das nossas pobres criancinhas. Nunca as affecções gastro-intestinaes, na verdade, graças á fraude do criminoso e traiçoeiro ambulante, mataram tanto! Para compensar a perda desses innocentes, que vão augmentar o adubo das roseiras, para os cemiterios, ha, enfim, o lucro do homem da vacca que, quando não morre levado pela peste, traduz-se em cadernetas

da Caixa Economica, ou em louras esterlinas postas a ferrolho ao fundo de fortes arcas de ferro ou pão.



O leiteiro e a sua vacca

Os medicos da Hygiene Publica sabem do que se passa; o governo, tambem. As providencias não sur-

gem, entretanto. E' que ao lado do leiteiro, contra a vida das nossas pobres creancinhas, estão duas forças temíveis, uma imprensa estrangeira que vive a defender o que ella chama "a liberdade do commercio num paiz que ainda precisa de immigração" e a corja da politica, que ainda vive dessa mesma imprensa e que, para não desgostal-a, impede a acção dos defensores da saude do Povo, na ansia de melhor defender os interesses dos que lhes garantem a pepineira e o voto.



Oswaldo Cruz

II

A rua do Ouvidor pela alvorada do seculo. — Elegancias da grande arteria. — Como se transformava a rua á medida que corria para os lados do mar. — Typos elegantes. — As senhoras. Como vestiam. Como andavam. — O "bolina". — Luiz Murat e Napoleão Bonaparte. — Historia de certo "landau" do Paço. — Typos populares. — O "vinte nove"

A arteria principal da cidade, a mais elegante, a mais limpa, a de aspecto menos colonial, ainda é a rua do Ouvidor. Já não lembra, em 1901, aquelle caminho de terra, estreito e curto, todo bordado de bananeiras e cercas de páo, da época em que se chamava rua Homem da Costa, ahi pelo anno de 1659, nem tão pouco a ruela achamboada que foi o pouso e a toca do juiz ouvidor, Francisco Berquó da Silveira, o que lhe deu o nome, embora não lhe desse brilho, isso pela governança do sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, 4º vice-rei do Brasil, no Rio de Janeiro.

Pelo "Indicador do Districto", de Noronha Santos, sabe-se que, ao começar o seculo em que vivemos, ella, a rua, possui 313 predios e que a numeração, terminando em 158, do lado par, acaba em o numero 155, do

lado impar. Sabe-se mais, sabe-se que, entre esses immoveis, um ainda se encontra, de andar terreo, o de numero 112, envergonhado e triste da sua vetusta e pobre architectura, pesado de telhas de canal, como que posto de joelhos entre immoveis de dois, de tres ou mais andares.

A rua, que a Municipalidade de então chama Moreira Cezar e o povo, como sempre, rua do Ouvidor, é apenas um pobre corredor entre tantos corredores da cidade, embora menos rustico que os outros, embora mais festivo, e, sobretudo, muito mais frequentado.

A parte de maior animação e maior vida é a que se fixa entre os quarteirões que se estendem do Largo de S. Francisco, que então se chama praça coronel Tamarindo, até a rua dos Ourives. Ahí estão as lojas de mais requintado luxo e apparatus, de melhor clientela e consideração. Todo um bazar de modas. São rasgões claros em montras de cristal, resplandecendo, fazendo ao sol, arcos de entrada em boa cantaria, de madeira de lei envernizada ou marmore, conjunto dizendo certa distincção, capricho, destoando na linha geral do casario irregular e de vulgar architectura. Nellas vêem-se caixeiros e patrões dentro de uniformes de linho branco, muito limpos, muito bem barbeados, affectando maneiras, mostrando sorrisos e falando em francez. . .

Nesse trecho, com pouco mais de cem metros de extensão, é que palpita a vida elegante da cidade, transito obrigatorio dos que chegam dos arrabaldes á parte central da *urbs*, a compras ou a passeio.

Sem a intenção de reconstituir rigorosamente todo esse trecho, que é o coração da *urbs*, comtudo, tentemos destacar as casas de commercio que nelle são de mais projecção e popularidade.

Vindo do Largo de S. Francisco (lado impar) ha o *Café Java*, a *Casa Sloper*, a primitiva, muito modesta; a seguir, um pequeno *restaurant*, loja de diversões do Paschoal Secreto, com uma celebre lanterna magica, a principio, e, depois, um pequeno cinema. Porta do *Hotel Ravel*. Taboleta do callista Brito. *Casa Nascimento* (musicas). Segue-se uma loja de perfumaria e a charutaria do muito conhecido Guimarães Pepé, fazendo canto com a rua Uruguayana.

Atravessemos-a, guardando sempre o mesmo lado, que é o direito de quem se encaminha para a rua Primeiro de Março. Começa a outra face do quarteirão pela *Sapataria Costa*. Vem, depois, a *Casa Nascimento* (fazendas), a chapelaria Americana, o *Restaurant Petropolis*, a loja de bilhete de loterias de Domingos Conde, a *Casa Merino*, a do Staffa, com seus cartões postaes e o seu jogo do bicho, no edificio onde se installou, no primeiro andar, a redacção do jornal *O Tempo*; o *Circulo de Imprensa*, e, a ultima loja do bloco, a *Camisaria Americana*, tendo no sobrado a *Casa Valle*, alfaiataria. Temos chegado á Rua Gonçalves Dias.

Proseguindo em direcção ao mar a primeira loja que vemos, sempre á nossa direita, é a de Madame Coulon (roupas brancas). A seguir, depois da casa onde funcionou a livraria de Madame



O tribuno
Lopes Trovão



Portella

Fauchon, *A Notícia*, no edificio onde ficava o celebre café de Londres (depois leiteria Palmyra); a casa Lopes (perfumaria), a *Casa Dol* (artigos para creanças), a Casa Edison, dos irmãos Figner, a casa da viuva Fellipone (aguas de Vichy e musicas), joalheiro Collucci, *Bastidor de Bordar*, de Madame Roche, e o chapeleiro Watson, famoso chapeleiro, a seguir.

Vejamos, agora, a rua no lado opposto, vindo, de novo, das bandas de S. Francisco: *Charutaria do Madrugá*, incrustada no edificio da *Notre Dame de Paris*, *Casa Gomes* (luvas), comprada, depois, por Cavanellas. A seguir, ha uma loja de artigos para homens, mostrando *vitrines* com gravatas, camisas, meias; depois, Madame Rosensvald (florista), o Alfaiate Raunier e uma leiteria da *Companhia Lactinios*, bem no canto de Uruguayana, que é uma ruasinha pobre, suja e muito estreita.

Agora, de Uruguayana até Gonçalves Dias: *Casa Barbosa* (roupas brancas), redacção da *A Tribuna*, *A Inana*, novidade espectacular, numero de feira, uma mulher que, graças a um jogo de espelhos, dá a impressão, ao espectador, de que se equilibra no espaço sem encontrar nelle o menor ponto de apoio, e as portas que foram da *Gazeta da Tarde*. Depois, vem a *Casa Leonardos*, a confeitaria Cailteau, o Paschoal e o *Café do Rio*, este ultimo já no canto de Gonçalves Dias. Guardando sempre a esquerda, atravessando a rua, vamos encontrar a Casa do Everdosa (armazem de bebidas), a *Casa David* (papeis pintados), o *Braço*

de Ouro, a Casa Carmo (luvas), no sobrado, o Solão Naval, o Castellões, casa Madame Guimarães, Casa Douvizi (chapeleira), Jacyntho Lopes (chapéus para homens), Casa Fio de Ouro, Casa Simonetti, Casa Paraquedas (guarda-chuvas e sombrinhas), Casa de modas de Madame Dreyfus, Palais Royal e a Ourivesaria Luiz de Rezende. Esse, o trecho do qual se pode dizer que fórma o coração da cidade. Quando se avança, entanto, um pouco mais para deante e vae-se além da linha que defronta a joalheria do Farani, no angulo da rua com a dos Ourives, além da casa *Tour Eiffel*, armazem de novidades do barbaceno Portella, figura popularissima, sempre á porta do seu magazin, e dos immoveis onde se installam a *Gazeta*, *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*, já se começa a sentir grande differença. A vitrine não mostra mais a graça, o apuro e o bom gosto das primeiras que deixamos atraz; os homens das lojas, por sua vez, não parecem os mesmos.

A caixeirada já se agita em mangas de camisa. Menor é o movimento, a animação, o ruido. E, se descemos mais um pouco, atravessando a rua 1.^a de Março, em caminho do mar, Santo Deus! Em vez de vitrines ou de lojas, mesmo de apparencia regular, o que se vê é o armazem mal arranjado e sujo, com as resteadas de cebola dependuradas pelos tectos, mantas de carne secca enodoando



Dr. Paulo de Frontin

portaes, o toucinho de fumeiro, á mostra o bacalháo da Noruega, o polvo secco em falripas, crucificado em ganchos, e, em meio a todo esse mostruario de comestiveis, a classica, a eterna, a infallivel ruma de tamancos!

Desagradavel e immundo esse trecho onde abunda o homem de indumentaria réles, sobranceiras carregadas, a berrar, no meio da rua, como num campo, em plena praia ou num deserto:

— O "estupoire", mande-me dahi o Antonio, que "el" tem que "lebar" o raio do cesto das compras á Saude!

E o Antonio responde, tambem, aos berros. O vendelhão retruca. Entra no dialogo o homem do *burro sem rabo*, especie de Centauro da viação urbana, que chega banhado em suor a maldizer o sol, atrellado aos varaes do seu carrinho. Isso quando em meio a esse linguajar aspero, onde a obscenidade de permeio resvala, não irrompe o brado do italiano do peixe, de cesto ao hombro, vendendo a tainha, o badejo, o peixe gallo e o bagre, ou o assobio do moleque que vende puxa-puxa e bate com o páosinho em uma caixa de folha, ou, ainda, o grito tronitroante do carroceiro apressado, mandando o transeunte trepar para a calçada, porque elle quer passar com a carroça:

— Olhe, ahi, este caminho, ó sua besta!

Ha de se concordar que a elegancia da rua do Ouvidor, nesse trecho, é um tanto precaria. E cheira em demasia ao pouco amavel tempo da colonia. Os palavrões á parte.

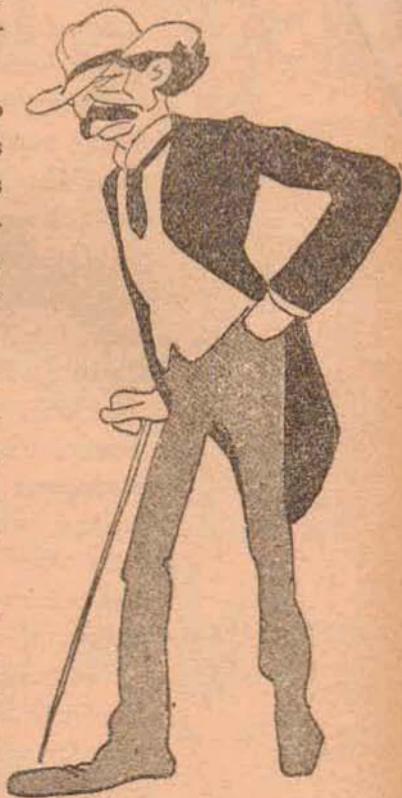
Immundo quarteirão!

Ao tradicionalista, porém, o trecho sujo e bulhento interessa, porque é o Rio de ha cem annos atraz, Rio dos tempos do Senado da Camara, dos irmãos da opa pedindo para a cêra de Nossa Senhora dos Mercadores e do primeiro semaphorico do Castello, annunciando as nãos chegadinhas de Lisboa.

Foram os francezes do tempo do Sr. Pedro I, saiba-se, com as suas lojas de novidades, as suas costureiras, os seus cabelleiros e umas installações completamente novas para nós, feitas á moda de Paris, que crearam a elegancia de certas casas de commercio da rua do Ouvidor.

Quando elles aqui chegaram, o varejo local, atrazado e mofino, num protesto passivo, creou-lhes embaraços de toda ordem, moveu-lhes uma guerra tremenda; guerra de inveja, de ciume e de má vontade.

O povo, no entanto, comparando mercadores de cá aos mercadores de lá, sempre a estes ultimos ia dando a sua preferencia. E não foi por outra cousa que no commercio da cidade a fortuna começou a sorrir para os vindos de França. Merecida fortuna.



Pinheiro Machado



Dr. Simoens da Silva

Nós vamos encontrar, assim, no começo deste seculo, innumeradas casas francezas ainda dominando, limpando, orientando e prestigiando o commercio da rua do Ouvidor.

São francezas ou de nomes francezes, entre outras casas, no começo do seculo, as de Madame Dupeyrat (colletes), Madame Estouieigt (alta costura), Madame Coulon (camisaria), Madame Douvizi (chapéos de senhora), Madame Rozenvald (florista), Lacurte (alfaiate), Madame Dreyfus (modas), Cailteau (confeiteiro), Garnier (livreiro)...

As casas chamam-se *Notre Dame de Paris*, *Tour Eiffel*, *Carnaval de Venise*, *Palais Royal*, *L'Opera*...

Por esse risonho corredor, que um autor francez, por amabilidade ou ironia, chegou a comparar á rue Vivienne, de Paris, passam os elegantes do tempo. Passa o Sr. Ataulpho de Paiva, apenas maduro, apenas quarentão, hirto, engommado e risonho, uma dedada de pó de arroz na ponta do nariz. . . Veste fraque cinza, fitado de preto, obra e gloria do alfaiate Almeida Rabello, Phidias da tesoura, artista maravilhoso que bem pode assignar as roupas que corta, como um pintor assigna um quadro ou um escultor uma estatua.

Ha na cidade mais tres grandes artistas no genero: ha o Valle, o Brandão e o Raunier. Este ultimo é o cortador de velhos conselheiros de Estado, de republicanos historicos (que melhoraram de sorte com a mudança do regimen) e dos commendadores, todos de Christo, mas dos da categoria dos que sabem ler e es-

crever, embora mal. Passa o Dr. Simoens, de barbicha em ponta, um cravo vermelho esparramado á *boutonnière*, mostrando um collete *fraise ecrasée* e polainas côr de perola; deslisa o sr. Heredia de Sá, que em materia de colletes derrota o Dr. Simoens, com um famoso *gilet-chinois*, que mandou buscar em Paris, todo de seda da China com desenhos feitos a nankin e uma abotoadura de xarão. Passa João do Rio, ainda não bafejado pela gloria, mas já gorduchote, num *veston* côr de flor de alecrim, muito bem passado a ferro, mamando um vasto charuto de 22 centímetros, o indefectivel rolo de revistas e de jornaes debaixo do braço. Passa Humberto Gotuzzo, joven sabio, com a sua cabecinha loira de anjo Raphael e as mais lindas gravatas da estação. Quando cruza sosinho, faz escandalo, e toda gente pergunta, logo, pelo Ataulpho, se morreu, se está doente, se está casando alguem no Meyer. . . Olhem agora, um elegante de verdade, que vae passando, o sr. Guerra Duval, secretario de legação e poeta. E' um Petronius magnifico, de hombros algodoados, como os seus versos, muito grande, muito teso, muito convencido, um monoculo de fita larga no olho esquerdo, fitando os outros, de revés com um olho espartado de ganso; o Philippe Barradas, um que *morra*



Heredia de Sá

em *Parris*, vem *passarr* todos os *annes*, dois mezes no Brasil, para não esquecer o idioma da terra, aquelle que gritando, um dia, para o Raul Braga, um bebado, mas de muito talento: — não me pegues na *rroupa*, este lhe respondeu:

— Mas, que queres, Philippe, se tu não tens mais nada por onde se pegue? . . .

Todos esses leões de alfaiataria, que usam case-miras da Inglaterra, espessas, duras, quentissimas, para um clima como o nosso, colletes de afogar, col-larinhos altissimos e, não raro, gravatas de manta, de gorgurão ou setim (presas durante um tempo com vastos camafeus de quasi duas polegadas de diametro) fazem ponto na "grande arteria" das 4 ás 6, derrubando ás senhoras que passam cartolas, côcos ou palhas, pisando solas de borseguins batidas na sapataria do Cadete, ou na do Incroyable, mostrando camisas mandadas cortar na *Casa Coulon* ou compradas feitas na *Casa Dol*.

Falando alto, gesticulando, atirando olhares e sorrisos espalhafatosos para todos os lados, andam elles, os peraltas do seculo que nasce, solennemente, como mordomos de procissão, de cá para lá, de lá para cá, verdadeiros donos da rua, quando não atravancam as esquinas por onde as senhoras passam espremidas, quasi filtradas, pedindo licença, vermelhas pelo calor da tarde, arrastando, a reboque, os filhos, que ranzinzam, os carões afflictos surgindo de amplos chapéos de celluloides branco, duas fitinhas para traz, um



Compradores de garratas viejas



Vendedor de pão doce

elastico negro de dois dedos de largura a prendel-os por debaixo do queixo.

As senhoras vindas do Largo da Carioca tomam a rua Gonçalves Dias, entre alas de cavalheiros que recheiam as esquinas, em bandos, arrimados aos portaes das casas de negocio, todos em tocaia, o bigode de ponta fina e erecta á força de pomada Hongroise ou em chuveiro vertical, á Kaiser, domado graças a uma celebre redinha que se chama *prussiana*. Trazem, em geral, esses cavalheiros, os cabellos um pouco fartos no cangote, especie de meia cabelleira, em sobras de respas atrevidas sobre as golas do casaco, respas que fogem de chapéos postos um pouco de banda e um tanto entecados para a frente. Fumam cigarros de *bout doré* e usam perfumes no lenço e no cabello, trazendo no bolso *papier poudre* para diminuir o suor do rosto, afogueado pelo calor.

As senhoras vestem saias compridas, amplas, cheias de sub-saias, sungadas á mão; mostram cinturinhas de maribondo, os trazeiros em tufo, resaltados por colletes de barbatana de ferro, que descem quasi um palmo abaixo do umbigo. Todas de cabellos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quaes equilibra-se



Dr. Ataulpho de Paiva

um chapéo que, para não fugir com o vento, fica preso a um grampo de metal em fôrma de gladio curto, com um cabosinho enfeitado de madreperola ou pedras de fantasia. Usam, como fazendas, o surah, o faille, o chamalote, o tafettá, e o merinó; calçam botinas de cano alto, de abotoar ou presas a cordão, o infallível leque de seda ou gaze na mão, sempre muito bem enluvada.

Não ha pintura de olhos, de labios, nem de rosto. As mulheres cariocas são figuras de marfim ou cera, visões maceradas evadidas de um cemiterio. Quando passam em bandos lembram uma procissão de cadaveres. Diz-se pelas igrejas que é peccado pintar o rosto, que Nossa Senhora não se pintava. . .

Usam, apenas, as nossas patricias, como vaidade, um tom rosado, mas muito leve, nas unhas. E joias. Se uma apparece de labio rubro ou de tez colorida, já se sabe, é estrangeira. Brasileira não póde ser. Isto é, pinta-se a actriz quando entra em scena e a frequentadora de casas de *rendez-vous*, quando sae para o ganha pão.

E' a epoca. A sociedade condemna a pintura do rosto, sem se lembrar que a *urbs*, cheia de ranço e de usanças coloniaes, não devia repudiar o que foi consagrado e bemvisto pelos antigos tempos, quando as nossas avós traziam as faces mais pintadas do que muita porta de tinturaria, e que, apesar de Nossa Senhora não usar carmim ou bistre, até os padres se pintavam.

Com pintura ou sem ella, a mulher, quando em passeio, na cidade, por mais austera que seja, por mais



Humberto Gottuso

sisuda e precavida, soffre o acuo do madraço plantado á esquina, *pouca-roupa* ou janota, sempre de fundo sensual, sob a fôrma impertinente de galanteios postos em *clichés* muito batidos, muito conhecidos, apenas de tempo em tempo mudados pela moda:

- Tanta moça bonita e minha mãe sem nora!
- Rainha, não mate a gente! . . .
- Meu Deus, quando?
- Faço do meu coração pedras desta calçada . . .

Tudo isso são phrases consagradas pela época, as famosas gracinhas de rua e que já eram dos velhos tempos em que as mulheres saíam no bioco das mantilhas.

Algumas repontam furiosas, sobretudo quando são de bairros pouco condescendentes, como os da Gambôa ou do Sacco do Alferes:

- Não se enxerga, "seu prompto?"
- Engraçado!
- Quer dois tostões pela gracinha?
- Ora vá lamber sabão!

Isso tudo também é *cliché*. E *cliché* do tempo. *Cliché* com *cliché* se paga. . .

Esses cavalheiros escaldadiços, quando abandonam as esquinas, para tomar o bonde, passam a se chamar *bolinas*. *Bolinas* porque?

A expressão é nautica. *Bolina* é o cabo que ala para avante do barlavento de uma



Dra. Myrthes de Campos

vela afim de que o vento nella bata melhor. O navio que marcha á bolina, adorna... No *bonde* o *bolina* que escolhe, sempre, uma mulher bonita para sentar-se ao lado, tambem aia para avante do barlavento". E, á espera da aragem favoravel, põe-se, logo, á feição da mesma. Adornado. Refinadissimo velhaco! Esse cavalleiro, digno de figurar num compendio de psychiatria, tem sempre uma perna de anatomia especial, como que feita de borracha, desdobravel e contractil, como tentaculos de um polvo, agil, em sua satanica manobra. A principio esse pernil cautchutico, no joelho da galante visinha bate, cotuca, esfrega... Depoisenlaça, vincula e enrosca-se. E se a dona da perna não protesta, o *bolina* a mantem, assim, prisioneira, feliz ou amargurada, até ao termo da viagem. O tempo não conhece, ainda, therapeutica efficaz para curar esse grande enfermo mental, as boas cargas de páo nem sempre agindo como medicina salvadora.

De tal sorte, na época, a bolinagem é generalisada, que um *bolina* (contam) posto fóra do bonde, certa vez, por ser descoberto enroscado á perna de um padre, (que elle cuidou ser a perna de uma mulher) gritou, do meio da rua, aos *collegas* indifferentes á sua sorte, bem como ao escandalo a que assistiam sem protestar:

— Infelizmente é isso mesmo! Nunca se viu nesta terra classe mais desunida!

De historias de bolina vive a cidade cheia.

Póde-se contar, ainda, a proposito, um caso interessante, no qual se envolve a figura, por muitos lados conspicua e respeitavel, do sr. Teixeira Mendes, summo pontifice da igreja positivista do Brazil, homem de uma candidez, diga-se sem receio de errar — tão grande como a do proprio Christo, reputação illibada,



Alvarenga Fonseca

dos mais puros e mais completos sacerdotes do seu tempo.

Mendes vae tomar, para ir a Botafogo, um bonde. Homem sem falsos preconceitos sociaes, trepa sobre

o primeiro vehiculo que lhe passa pela frente e que é um carro de 2ª classe, dos chamados *caraduras*. Vae cheio, o vehiculo. Ha, porém, um logar vago ao lado de uma preta, quasi nonagenaria, e que pita o seu cachimbo de barro, tranquilla e a cochilar. Junto á velhota o "Papa-Verde" abanca. Sentado, toma de um volume qualquer e põe-se a ler. O bonde caminha aos trancos, oscillando sobre os trilhos. A perna purissima do sacerdote roça, entretanto, sem querer, de quando em quando, a perna da velhinha, que franze o sobrolho, aborrecida. De novo um solavanco, de novo a perna do distrahido orthodoxo sobre o pernil da negra. E a negra, como uma giboia cotucada espevitadamente, a desenrosca-se, um olho de vibora, afogueado e mão no semblante do homem distrahido, que continúa a ler o seu livro, muito abstrato e alheio ao que se passa...

Subito, a um quarto ou a um quinto solovanco, ella, que não mais se contem, toma do guarda-chuva que a acompanha, e o atira como uma arma de defesa, separando, brutalmente, a sua perna da perna do sacerdote.

Este, surprezo, encara-a, sem comprehender a razão do terrivel manejo. E' quando ella, tirando o cachimbo da bocca, após uma violenta cusparada, grita, bem alto, para que o bonde inteiro a ouça gritar:

— A gente vê nesta terra cada velho sem vergonha! . . .



Teixeira Mendes

O Rio do começo do século, além do *bolina*, um outro typo possui digno do exame e da atenção de um psiquiatra. É o que o carioca conhece sob a denominação pittoresca de *tira-camisas*, desdobramento do platonico *bolina*.

O *tira-camisas* é quasi sempre um cavalheiro taciturno, pallido, de pasta cahida sobre a testa, de ar de *gentleman*, e com dois olhos que são como duas mãos atrevidas, quando agem.

Tímido, porém, manobra cauteloso, á distancia.

Tira-camisas está á esquina da rua, de mão no bolso e olho de carneiro morto, quando chega, por exemplo, uma creatura moça, bonita e bem feita, entre a multidão que formiga. Deante de uma *vitrine*, descuidosa, ella pára, subito. *Tira-camisas*, que já a viu de longe, começa, então, a agir. Prestem atenção. Um tanto nervoso, sempre de mão no bolso, e olho de fim de tocha, esse louco moral, com o cerebro, põe-se a despir a *po-bresinha*, como se fosse com as proprias mãos. É assim que á honesta e despreoccupada rapariga, mentalmente começa a lhe tirar o chapéo, as luvas, as botinas. . . É o exordio. Tudo isso em plena rua. Depois de alguns instantes, após um bom suspiro do imo peito, mais atrevido, arrebatá-lhe a saia, as sub-saias, o collete, a camisa. Está o homem como quer, tendo deante dos olhos a Calipigia, nua, nuasinha em pello! Dahi a collocá-la em poses plasticas absurdas não vae muito. O homem é desaforado. E mais desaforado ainda é o olho que lhe vae ficando cada vez mais bruxuleante,

cada vez mais tremulo e esgazeado. Um olho a requerer cacetadas...

Bom será, comtudo, não confundir esse typo singular com o do *encarador*, que pôde passar, apenas, por um homem curioso, olhando, talvez, um pouco de mais, porém numa indagação visual que, sendo impertinente, nem sempre offende ou escandalisa. O *encarador* não tem o olho desaforado do outro, mas, d'elle se vale sempre, onde exista mulher.

Uma senhora de certa linha sentindo-o, em geral, baixa os olhos e segue. Outras, no entretanto, ha que se mostram irritadas. E ao desaforo de olhar respondem com palavras:

— Eu não sou quem o senhor pensa, saiba!

De uma que perguntou a um desses biltres:

— Nunca viu?

Sabe-se que elle respondeu:

— A Senhora nunca me mostrou!

Por vezes o marido dessas senhoras vem atraz e protesta:

— O cavalheiro deseja alguma cousa desta senhora?



Vendedor de balões de borracha

É do protocollo do *encarador* uma resposta como esta:

— Peço mil desculpas, mas sua esposa é a imagem viva de uma parenta minha. . .

Maridos ha que não acceitam respostas e que vão logo cahindo sobre o petulante, aggressivos e violentos, a murros e sopapos.

Nessas contendas, entre homens, ha, quasi sempre, um que, emquanto não chega ao instante da pancadaria, reponta sempre:

— O senhor sabe com quem está falando?

A phrase é dita de tal maneira que não deixa de dar ao typo que a pronuncia um ar, assim, de campeão de box ou de lucta romana.

O Luiz Murat, que era mettido a brigador, rolista, numa troca de palavras com alguem, na rua, ouviu a phrase fatal: — Sabe com quem está falando? Murat não vacillou, suspendeu a bengala e respondeu ao desconhecido: — Sei, é o Napoleão á paisana, mas vai apanhar da mesma maneira! E desancou-o, a vontade.

Vezes, porém, esses homens não se batem, medem-se, apenas, ameaçadores como leões de tapete, a dentadura á mostra e retiram-se com dignidade e altivez, aos arrecuos, os que são maridos, cheios de pigarros varonis, guardando as rectaguardas conjugaes, a mão crispada em bengalões de cana da India montados em biqueira de ferro.

Pela estreitinha rua do Ouvidor não transitam vehiculos, a não ser, pelos dias das folganças de Momo, os carros dos prestitos carnavalescos. E epoca houve em que nem elles transitavam.

De uma feita o regulamento estabelecido parecia definitivo: nada de rodas na rua do Ouvidor!

Era isso por um tempo em que a famosa Suzanna de Castera attingia o apogeu de seu prestigio entre nós, tida e havida como se fosse a favorita de principes; ella que era apenas a mais audaciosa das 'cocottes!



A velha Susanna de Castera

Acontece que, um dia, certo *landau*, vindo dos lados da rua do Theatro, quer entrar pela parte da rua do Ouvidor que olha para as bandas do S. Francisco.

— Não pôde passar, diz o guarda de serviço, pondo-se á frente da carruagem.

Della salta, porém, importante cavalheiro, muito bem enluvado, e que, cheio de autoridade, vae, logo, summariamente, dizendo ao guarda:

— O carro passa, porque é do Paço.

O guarda meneia a cabeça. Recebeu ordens. Não pode transigir. O vehiculo, de qualquer fórma, não pasará. E convincente, ao homem cheio de importancia

e de luvas, como que a dizer a coisa mais sensata deste mundo:

— Nem que o carro fosse da Suzanna! Não passava.



O velho Fred, vendedor de borboletas

E o carro não passou. São quatro^h horas da tarde. O movimento da rua do Ouvidor não póde ser maior. E' um zum-zum que agrada, apenas interrompido pelo pregão dos vendedores de jornaes vespertinos:

— *A Tribuna! A Noticia!*

São as folhas mais lidas á tarde.

Entre os matutinos, os de maior fama, até o apprecimento do *Correio da Manhã*, ha o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, o *Paiz* e o *Jornal do Brazil*.

Passa o homem vendedor de *borboleta*, brinquedo da época, em folha de Flandres, popularissimo entre a guryxada, barbaceno e de oculos, com voz aflautada vendendo a sua mercadoria:

— Mamãe compra "um p'ra eu".

Passam outras figuras importantes, indefectíveis na rua movimentada e alegre: o Dr. Frontin, e o seu guarda-chuva de cabo de volta, o general Pimheiro Machado, o Coelho Lisboa, o commendador Chaves de Faria, o engenheiro Bezzi, o Alvarenga Fonseca, Lopes Trovão, a Dra. Myrthes de Campos...

Em meio ao bru-ha-ha festivo da multidão, que formiga, ouve-se, proximo á casa Paschoal, um pandego que grita a um pobre homem que vae passando:

— O' *Vinte e Nove!*

Vinte Nove é um typo popular da época, de lingua suja e gestos estabanados, que vive, quasi sempre, cruzando a rua do Ouvidor. Além d'elle existem: o Seixas, com a cara do Deodoro, sempre descalço, em mangas de camisa e de quem se diz que levou uma esteira, certo dia, á porta de Quintino Bocayuva, dizendo que ia receber uma conta; o *capitão Marmelada*, o *Mamãe*, abobalhado, immundo, com um charuto enorme e sem lume, ao canto da bocca, o *Tamandaré*, e o famoso *Intelligente*, sempre integralmente bebado



Chaves de Faria

— um que vive a dizer que foi commandante de bombeiros, em Penafiel. A este perguntaram um dia:

— Por que te chamam o *Intelligente*, afinal?

E elle, mostrando que o era, pedindo dois tostões, para a cachaça:

— Porque sou muito burro!

Repete-se, porém, o grito do farçola:

— O' *Vinte e Nove!*

Desta vez, porém, *Vinte e Nove* colhe o appello e volta-se, buscando descobrir na massa que o circumda o atrevidação autor da chufa. Tem a face congesta, o olho feroz, o cabello em desordem. Sente-se a bocca do homem que vae rebentar em calão.



O "Vinte e nove"

As senhoras, que conhecem, por tradição, a bocca immunda do homem, debandam todas. Mas, quando se espera pelo despauterio que escandalizará a frequencia elegante da rua, sente-se que *Vinte e Nove*, mordendo a lingua desafortada e suja, pára um momento, sofrendo a represalia terrivel, como que a engulir as palavras que elle costuma arrancar ao seu torpe vocabulario, verdadeiros



O "Mamãe"

calhãos que vae buscar ao fundo da alma soffredora, afim de apedrejar aquelles que o provocam.

Por que motivo, emtanto, o homem assim se domina, confundido?

E' que *Vinte e Nove*, conhecedor das duras consequencias das suas desenfreadas reacções, traduzidas,



Coelho Lisboa

geralmente, em semanas a fio passadas a pão e agua nos xadrezes das delegacias districtaes, afóra os berros do delegado e as farpas agudas das gazetas, acaba de lobrigar, como um espeque, junto á esquina mais proxima, de mão tranquilla no chanfalho garantidor da ordem publica, o anspeçada de serviço na zona. . .

Vinte e Nove, que foi soldado como elle, *Vinte e Nove* que, antes de merecer os apupos, as chufas da patuléa, trazia sobre o corpo um uniforme, que, por signal, se

enchera de medalhas ganhas com brilho e honra nas campanhas crueis do Paraguay, *Vinte e Nove* que conhece o respeito devido á autoridade e á lei, deante do vulto sereno do homem que veste farda, embora um tanto humilhado, embora um tanto confuso, perfila-se, ergue a cabeça grisalha, onde re-

pousa uma velha e desbotada barretina e bate, conciliador, a continencia de estylo:

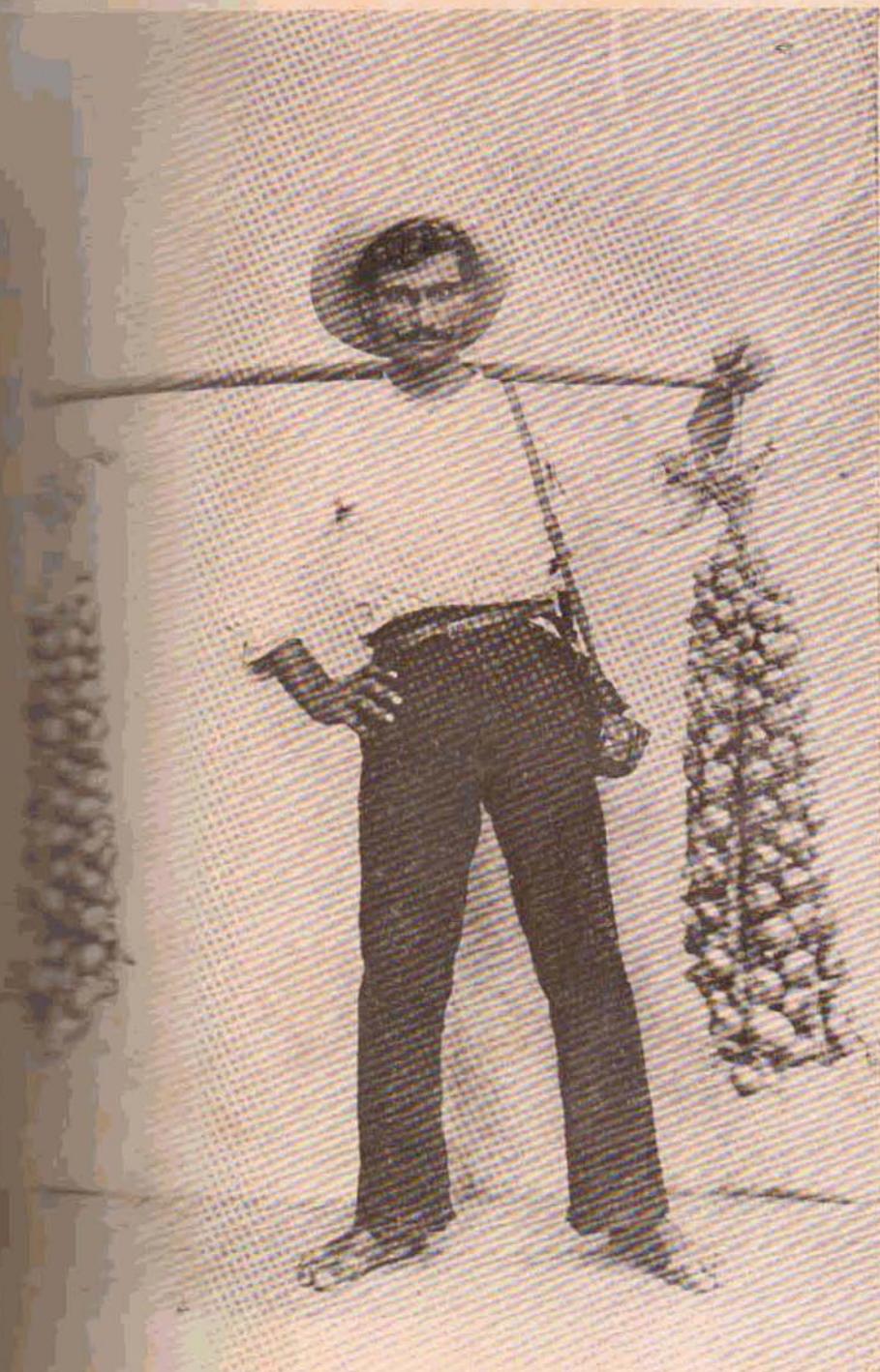
— Commandante, dá licença?..

O guarda, commovido, sorri do gesto e do imprevisto, enquanto que o pobre farrapo humano, de alma refeita ou conformada, mergulha na multidão onde se apaga, como uma sombra, como um pária, como um cão...



O Seixas

(Desenho de Raul)



Ceboleiro



Vendedor de hortaliças

III

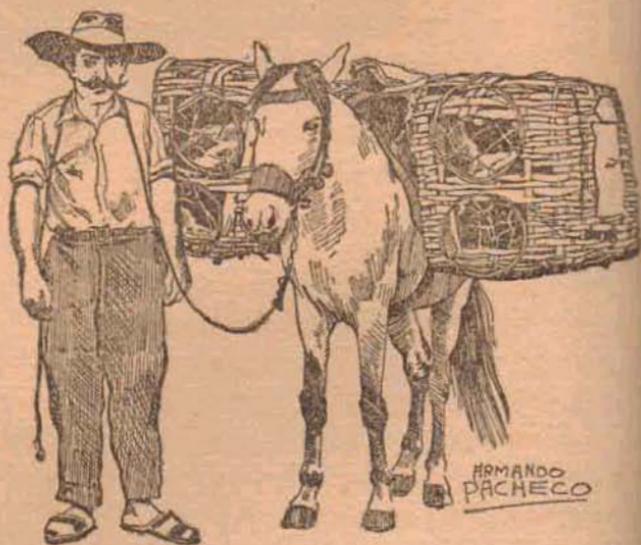
Caes Pharoux e Praça Quinze de Novembro. — O salão de visitas da cidade. — Catraeiros e catraias. — As barcas Ferry. — A Praia do Peixe. — Vehiculos de praça. — Os "burros sem rabo". — O Instituto Historico. — Primeiros automoveis. — O Kiosque. — Os immigrants. — Como chegavam.

Quando Mr. Pharoux chegou ao Rio de Janeiro, em 1816, era ainda bem moço. Vinha de França, trazendo do tropel das lutas napoleonicas, bem vivo, no coração amargurado, com recordação do grande Corso, todo o desmoronar daquelle sonho, que foi gloria em Wagan, em Iena e em Lutzen, para, depois, esvair-se pelas campinas ásperas da Belgica, em um bocado de sangue e um bocado de fumo.

Não se sabe, exactamente, porém, das razões que o trouxeram á terra joanina, rincão triste e sujo, cheirando a rapé, a almiscar e a bodum. Desgostos ha, porém, que, muitas vezes, podem levar um homem até ao suicidio. . .

Muito a esse Mr. Pharoux devemos. Muito. Devemos-lhe, por exemplo, a idéa da criação do pri-

meiro hotel, com certo aspecto de grandeza e decôro, installado entre nós, o erguido no predio que ainda hoje existe no angulo da rua Clapp com a Praça Quinze, e que, em 1901, mostrava, em letras colossaes, sobre a fachada, este letreiro: *Casa de Saude do Dr. Catta Preta*. Era um immovel de proporções avantaçadas e olhando para o mar.



Vendedor de aves

Appareceu quando ainda sorria pelas nossas ruas, de olho desconsolado e de beiçola pallida, o Sr. D. João, que os "toma larguras" precediam, seguidos do famoso creado do vaso. . . Appareceu como uma maravilha, capaz de honrar qualquer patria estrangeira, o hotel-sinho do francez.

Note-se como devemos aos francezes que aqui nos chegavam, embora em numero muito diminuto, beneficios que outros nunca pensaram em nos trazer. Beneficios e exemplos. Que elles não crearam, em materia de melhoramentos da cidade, como talvez se acredite, apenas a formosura, a elegancia e a distincção da rua do Ouvidor, arrancada ao esterquilinio colonial. Ha por toda a *urbs* traços da passagem desses estrangeiros intelligentes e amigos, recordações amaveis para nós.

O hotel Pharoux era, realmente, na sua época, coisa muito de ver e apreciar. Que installações! Que accio! E os moveis de estylo, vindos de França, todos forrados de tapeçaria ou seda? E os espelhos florentinos, amplos, com as molduras largas e douradas? E o gosto das flores postas em grandes jarrões de porcellana, sobre toalhas alvissimas? Era tão grande o prestigio desse palacio de fadas que até as negras que vendiam pamonha, pipoca e gergelim, quando passavam, caminho da Praia do Peixe, junto ao casarão lusido, commovidas, calavam os seus pregões. . .

Creou fama o francez.

Contam os chronistas do tempo que, um bello dia, o Sr. D. João VI quiz conhecê-lo de perto. E o recebeu em palacio. Não dizem, entretanto, se para lhe pedir novas receitas culinarias, uma vez que, até cá, já viera o renome desse *poulet Marengo*, que um cosinheiro do corso heroico achou de crear, nas

planícies do Piemonte, de tal sorte provando que a gloria de França, pelo tempo, chegava até ás caçarolas.

Logrou Mr. Pharoux, entre nós, notavel sympathia e larga popularidade. Rico e cansado, muito tempo, depois, vendeu o seu hotel. E foi morrer em França, isso pelo anno de 1868. O Rio delle se lembra, emtanto, sempre, e com a maior saudade. Não fosse elle, como foi, creador de beneficios em terra de gente grata.

Quem, hoje, quizer falar do que outr'ora se chamou Largo do Paço, terá, fatalmente, de evocar a imagem singular desse amavel francez, que ali viveu durante tantos annos, o seu albergue e o seu Caes. Não ha fugir.

Estamos no velho logradouro, ainda de ar colonial, tal qual como se vê, em suave evocação, numa gravura de Debret, sitio que se chamou Varzea de Nossa Senhora do O', logar do Ferreiro da Polé, Praça do Carmo, Terreiro Largo do Paço, e, finalmente, Praça Quinze de Novembro.

Na moldura de um casario reles e achamboado, mostra o largo um enorme chão feio e mondongueiro, sordido tapete de detritos, onde ha sobras de melancia e de banana, cascas de abacaxi e de laranja, papeis velhos, molambos, solo irregular, mal cuidado, pelo qual cruza e pára um andrajoso poviléo: negros e negras descalços, sujos e vadios, de envolta com soldados, catraeiros, carregadores, guardas-fiscaes, marinheiros, mendigos e vagabundos de toda especie.

MEMÓRIAS DO RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO



Kiosquo

E é o salão de visitas da cidade, lugar por onde trepa, vindo da Guanabara azul, o *touriste* que, apenas transpõe a barra, queda-se boquiaberto ante o scenario sem outro igual em toda a natureza! Salão de visitas,



Barcos

ponto de referencia, amostra e idéa perfeita de quatro seculos de civilização e de sujeira!

Não raro, essa gente que chega, mal põe o pé em terra, vae logo pondo, tambem, o lenço no nariz. Por cautela.

Lá está, na linha do cães, a balaustrada que olha o mar, velha e desmoronante, com os seus pilares

partidos, quasi em ruinas. Sobre ella os ociosos se debruçam, olhando, n'agua, botes e canôas a dansar, embarcações que fazem o transito dos que chegam e dos que partem, porque os navios ainda não veem ao cáes, tal qual como no tempo do Sr. marquez do Lavradio, que Deus haja. . . No emtanto, todas essas prôas irrequietas formam um conjuncto festivo e curioso, um chão alegre e colorido a palpitar, cascos azues, cascos verdes, cascos vermelhos, cascos côr de cinza. São brancos os toldos, muito bem espichados, a resguardar interiores catitas, cobertos de tapetes, de almofadas e pannos de *crochet*. De ler os nomes espantosos dessas embarcações: *Leão dos Mares!* *Vasco da Gama!* *Não se fia!* *Cá vou eu!* *Adamastor!* *Estrella do mar.* *Nossa Senhora dos Afflictos!* Ficam, em geral, os catraeiros, junto á linha da escada, em terra, buscando o frete e a gritar:

— Quer um bote, freguez!

— Vae ao das *Messengeries?* ou ao do *allamão* d'Hamburgo?

Na hora do ajuste, pedem o que querem e se lhes paga, porque, tabella, não existe. Ganham, por isso, verdadeiras fortunas! O Brasil ainda é, para essa gente, o paraizo onde floresce a arvore das patacas. Tabellas para catraeiros? Se a Capitania do Porto ainda é delles! Delles, o Conselho Municipal! Delles até os jornaes!.. .

A' esquerda de quem sobe do mar fica a estação das Barcas. Barcas Ferry. O melhoramento foi introduzido em 1862, por Th. Rainey, aproveitando a idéa de Clyton Von Toyl. Sempre é bom registrar o nome amavel dos que aqui vinham trazer um pouco de progresso. Eram elles tão poucos!

Fazem, as barcas, o serviço para Nictheroy e ilhas da Guanabara, serviço regular e util. A ultima embarcação que deixa o Cães Pharoux, para Nictheroy, á noite, parte do cães ás 12.30.

Para o que perde a ultima conducção maritima, ha, felizmente, proximo, em frente á igreja do Carmo, junto á rua Direita, o *Hotel de France*, com quartos a tres, quatro, cinco e seis mil réis.

E' pittoresco o hotel, com a sua varanda olhando o mar de esquelha, a sua louça de friso azul e caixeiros falando em francez. No *restaurant* os almoços, principalmente, são muito concorridos por gente do commercio e que lhe fica ao pé. Em baixo do hotel, lojetas, das que mercam tudo, minusculas casas de vender, como as de Alexandria ou do Cairo, deante das quaes e, em plena calçada, homens, discutindo preços, experimentam suspensorios, chapéos de palha; creanças bulhentas escolhem gaitinhas de soprar, e senhoras vão em busca de pentes, fitas, rendas e mil sortes de bugangas.

Pouco adiante está o arco do Telles, herança gloriosa, guéla escancarada e triste, a cuja sombra dormem, em decubito dorsal, negros de bocca aberta,



Barão Homem de Mello

cães; recesso onde o transeunte, ás vezes, allivia-se de intimas aperturas. . .

Vem, logo depois, a *Praia do Peixe*, ruidosa, tagarella, denunciando-se, de longe, pela enorme algazarra que levanta e pelo máo odor que exhala. É um mercado digno da cidade colonial. Na doca, pequena e rasa, em confusão cahotica, velas novas ou rotas, de varias côres ou feitios, mastros de toda altura, cordoalhas em novellos, flammulas e bandeiras. E gritos de barqueiros: Pega! Larga! Atira! Amarra!

Sobre os bancos de páo, junto ás lojetas pobres, typos acalorados, curvos em arco de bodoque, mordem talhadas rubras de melancia. Ha os que mercam suinos, outros que compram legumes, frutas, gallinaccos hervas, peixes. . .

Após uma boa noitada o *chic* é comer nesse antro, pelo romper da manhã, ostras acompanhadas de vinho branco. Ao lusco-fusco das quatro horas começam a chegar carruagens vindas das bandas de Botafogo, Jardim Botânico e Cattete, moradores e frequentadores das famosas *pensions d'artistes*, onde se installa o alto meretricio. São raparigas moças e bem vestidas, cantando em falsete, cavalheiros de casaca, rindo ás gargalhadas, a falar alto, ou a berrar, integralmente bebados. O mercado desperta cedo. Antes das seis horas já é uma Babel ruidosa, onde um mundo se agita e vozeia e se expande. São negras bahianas, com as suas trunfas multicores e os seus saiões de chita amplos e rodados, vendendo figas de guiné, col-

lares, angú, vatapá, muqueca, gralhando metallicos e retumbantes dialectos africanos, como se estivessem nas feiras de Quelimane ou de Dandum. Os carregadores, quasi todos negros, erguendo, no ar, os balaios vasio, estão gritando:

— "Oie" o carregadó!

Grita-se da porta de uma barraca de fructas:

— Mamão e genipapo! Uma especialidade!

E, mais adeante:

— Pimenta da Costa, urucum, azeite de dendê...

Lê-se, aqui, num cartaz:

Prús e capães du melhore...

Os homens da banca de peixe postejam a mercadoria, soltando o pregão:

— O bom roballo! O bom badejo!

A cavalla, o vermelho e o paraty!

Por vezes, entre essas nojentas espeluncas, surgem *restaurants*, mais ou menos garridos, e com pretensões a casas de certa ordem. São as famosas casas de vender petisqueiras, servindo á maneira lusa: caldos verdes nadando em grossa banha de porco, as caldeiradas de raia, cheirando a alho, o bacalháo assado na braza e a tripa á moda do Porto.



Negra Bahiana

De ver alguns freguezes, quando saem, alliviando-se á antiga portugueza, fartos, de panças em arco, felizes, dois infalliveis palitos: um

á bocca e outro, de sobresalente, mettido, sempre, atraz da orelha.

Para o filho da terra ha a casa que vende o angú ("tá quentinho"!), o vatapá, a muquéca, o carurú. A negra bahiana que o serve é aceiadissima, na sua indumentaria de chita e linho bordado e rendas, as trunfas muito bem postas, collares, a chinellinha de tapete, curta, na ponta do pé. Ainda ha tascas, baiucas onde, por quatro tostões, pode-se fartar um homem simples, e onde não raro se annunciam quitutes feitos á maneira do paiz, os mais exóticos quitutes. Uma havia que se tinha na conta de ser sem rival na sopa de tartarugas. Ainda me recordo da vez primeira que por ali passei e vi, á porta, um desses pobres animaes, de barriga para o ar, tendo sobre elle, collado, um cartaz que dizia assim:

AMANHÃ SOPA DE

A tartaruga, em baixo, a completar o annuncio. . .

Era eu menino. Tinha oito ou nove annos. E lembro-me que, dias depois (de tal fôrma me havia impressionado o cartaz), em casa de meu avô, vespêras de seu anniversario, sabendo que se ia matar um porco, munido de colla e de papel, collei ás costas do suino um escripto que dizia assim:



Preta mina

AMANHÃ SARRABULHO DE...

As ruelas do brutesco mercado são verdadeiros colchões de asquerosos detritos. Só mesmo um nariz matriculado num curso de altos fedores, cheio de muito boa vontade e indulgencia, supportará, por mais de dois minutos, as exalações putridas desse immundo covil.

A Praça Quinze fulgura ao sol. Na parte do mar estão os carroceiros, com as suas carroças. Quando o sol rescalda o logradouro, onde as arvores rareiam, o homem desatrella as alimarias e deita os vehiculos, que são quasi todos de duas rodas, pondo os varaes no chão, armando, assim, amaveis e propicios biombos, defesa, escudo contra o rigor da canicula. Que as sombras são pouquissimas, no largo, e disputadas pela vadiagem trapenta que gosta de jogar a *vermelhinha*, menos jogo que tramoia, vergonhosa moamba com que o velhaco explora a ingenuidade do transeunte. Por vezes a policia prende os jogadores, pelo menos os que não têm tempo para fugir.

Ha alarido, tumulto, pela praça. Os que escapam á sanha da autoridade fogem, debandam, na carreira que os salva a gritar:

— Cae n'agua! Lá vem *meganha!*

Meganha sempre foi o guarda de policia. Annos antes chamavam-no *morcego*, *mata cachorro*.



Vieira Fazenda

Se ha quem fuja gritando, ha, tambem, sempre, quem, gritando, chegue, pelo Largo e proteste contra a acção policial, em berros fortes:

— Não póde!

Não póde! Esse brado incontido, sincero e muitissimo do tempo, não falta nunca onde existem, de uma parte, a autoridade, a idéa do poder constituído e da outra parte, o povo, na hora de se expandir, reagindo contra qualquer mostras de violencia, vexame ou oppressão.

E' justa, por acaso, a autoridade ou exorbita? Isso não vem ao caso. Berra-se sempre. Berra-se forte. Berra-se sem cessar.:

— Não póde!

Até parece que, no subconsciente do que protesta, trabalham os gritos sopitados dos tempos da colonia, quando era crime, e dos peiores, erguer, mesmo de manso, a voz contra a injustiça del Rey, ou a autoridade real. Não póde! Allivio do imo peito, desafoghar de corações!

Apenas (muito guarda, afinal, o subconsciente) se o homem que representa o arbitrio do poder, que nos corrige, a autoridade, enfim, que tem seguro, pelo gasganete, o homem que delinquitu, num assomo de mandó ou prepotencia, como a indagar, e, em resposta ao que grita — Não póde! pergunta, por sua vez: — Que é que não póde? logo a gentalha estáca, e os que a compõem calam-se, submissos,



Soldado de Policia

quando um não se sae com esta, acobardado, solícito, explicando:

— Não póde é largar o homem. . .

Não esquecer, entre as carroças, também de varaes ao ar, como signal de repouso, o que o publico pittorescamente conhece sob a designação de *burro sem rabo*. E' um pequeno vehiculo, lembrando os do oriente, que aqui serve, no emtanto, apenas para transporte de mercadorias. O homem faz de bucephalo. Mette-se no varal e puxa. Apenas, não escouceia nem relincha. Serve, por vezes, ainda, para revelar vocações decididas.

Contam os negociantes do logar a engraçadissima historia de certo Agostinho de Oliveira ou da Fonseca, creatura com quasi dois metros de altura, que, de tant o levar a serio a profissão, acabou por dar em um guarda da Prefeitura tamanho couce que o aleijou de uma perna. Preso o homem, na delegacia, para onde o conduzem, encontra alguem, o delegado, que naturalmente lhe pergunta:

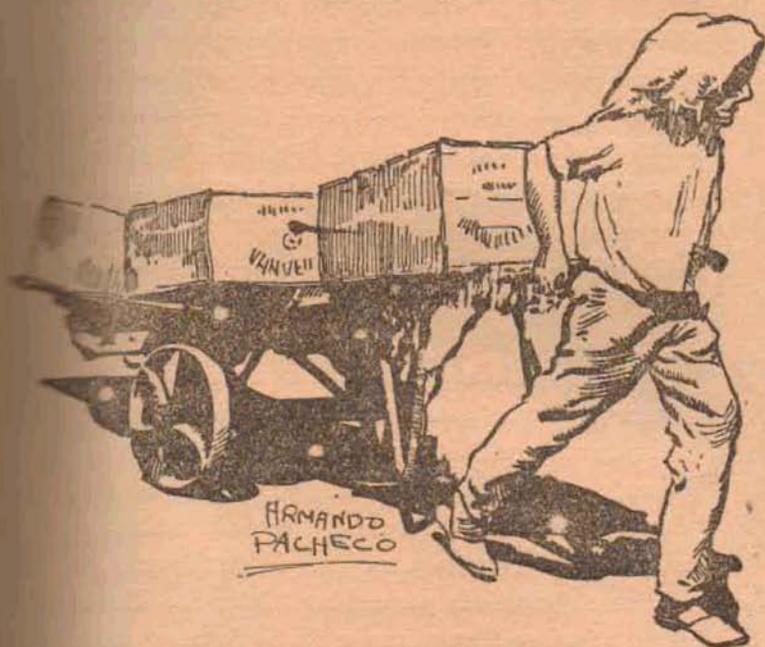
— Por que o fizeste, Agostinho?

E o Agostinho, zás, outro couce na mesa do delegado, e de tal sorte, que a mesma vôa pelos ares. Subjugam-no, então. E o amarram. Põe-se Agostinho, ahi, a relinchar como um cavallo. Manda-se buscar um medico — o homem enlouquecera. E morre acreditando-se alimária, n'um delirio de saltos e patadas.



Escrañois Doria

Os jornaes nunca publicam em suas columnas editoriaes essa expressão mais que popular — *burro sem rabo*, ao que parece como justa homenagem aos que não devem ser confundidos com aquelles, aos



Carrinho de mão

quaes se pode chamar — *burros com rabo*. Delicadezas enternecedoras de uma imprensa que não é lá muito prodiga em rasgos dessa natureza.

Certa vez sahiu num jornal a indesejavel expressão. Escapou. Lamentavel equivoco que valeu a demissão dos responsaveis e explicações por parte

do Director, aos seus amáveis annunciantes. (Não confundir annunciante com leitor). Sobre o caso decorreram alguns mezes. Um bello dia, ás officinas dessa mesma folha, onde, por acaso, aquelle Director se encontrava, na prateleira dos "paciets" prumptos para entrar na machina, viu-se uma noticia com este titulo pomposamente espartanado em letras garrufas — BURRO SEM RABO! Puz-se o homem da direcção a arrancar, de indignado, os cabellos. Esbravejou. Deo logo por demittido o reporter que traçou a noticia, o redactor que a rubricou e até o revisor que a revisão lhe fizera. E mandou compôr, immediatamente, novo titulo — "Carrinho de mão" que acabou, afinal, por substituir o outro.

Ora, quando a gazeta foi aos olhos do publico, grande successo fez a tal noticia, rindo-se, della, o leitor como da mais desopilante das pilherias. Em sua essencia contava elle o seguinte: Sendo da rua de Gloria e entrando na de Lapa, certo vendedor ambulante, ao conduzir um burro carregado de hortaliças, havia sido este arrojado por um bonde electrico. Do desastre asyloci-se illeso o homem, ficando a cavalgadura, entanto, com o rabo decepado sob as rodas do vehiculo.

O titulo primitivo estava certo. Tratava-se, com effeito, de um burro sem rabo e não de um carrinho de mão.

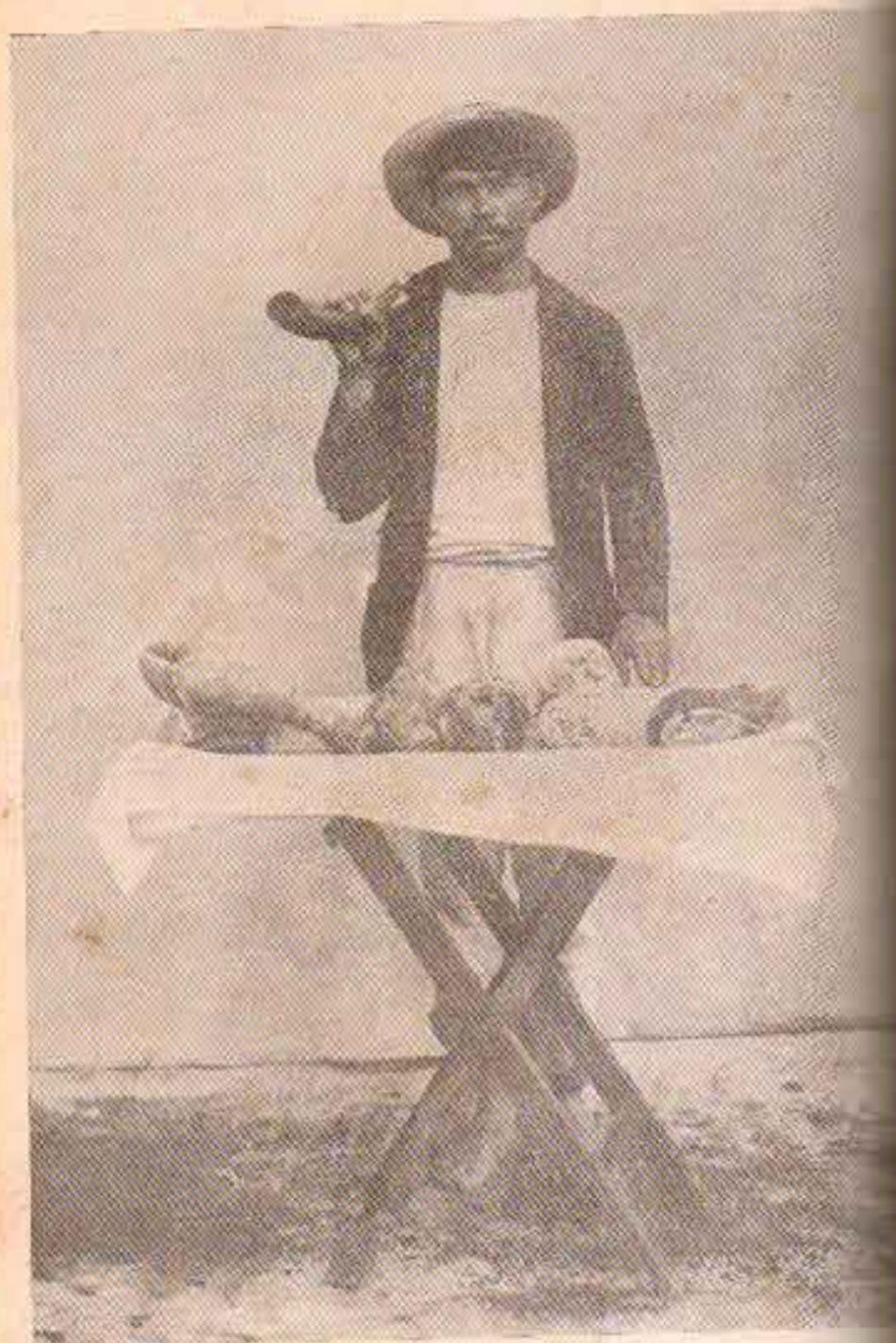
O aqocado director muito soffreu com o occorrido, uma vez que os chamudos burros sem rabo quasi tomam a noticia por malicia.



Estabraldo Pereira



Yacovlev de 1880



Friedrich 56. moosel

No linha da rua Primeiro de Março, até chegar á altura do casarão dos vice-reis, está o Instituto Histórico, em cuja calçada as turcas espalham caixetas de pão, vendendo miudezas, espelhinhos, tesouras, botões, canivetes e miudezas. Bom será lembrar que o Sr. Max Fleury, que já vem do século passado fazendo parte da sua directoria, ainda não foi eleito secretario perpetuo. E, apenas -- segundo Secretario, mas já muito bemquisto e muito prestigiado.

Quando as turcas, vencedoras de bugieangas, a principio, vinham pousar á porta do Instituto, elle chamava um continuo e mandava-lhes aturar baldes d'agua, dizendo que ia lavar a porta. As mulheres, furiosas, protestavam. Por vezes o povo reunia-se, ensaiando o classico *não pôde*. Vinha o mandante da esquina e o Sr. Max, muito amavel, explicava:

-- Longe de mim qualquer idéa de repressão ou violencia. Desde que eu possa mandar lavar, de quando em quando, a nossa porta, como exige a dignidade da casa, as turcas podem ficar.

A agua de Fleury, porém, que era lítria, descollava as sombras dos espelhos que ellas vendiam, pondo ferrugem nas tesouras e dedaes arrumados nas moedas de seus improvisados baldesinhos. Melhor era mudar. E foi o que acabaram fazendo. Agora, por essa angusta porta por onde S. M. o Im-



Alfredo Costa

perador, o Sr. D. Pedro II muitas vezes entrou, afim de presidir às sessões magnas do maior Instituto que no genero existe, no paiz, cruzam o Sr. Vieira Fazenda, mestre dos mestres em assumptos cariocás, já velho, na sua sobrecasaca de sarja grossa, a barbaros dobruns, a massagada dos joelhos debaixo do braço; o Sr. Conde de Affonso Celso, de quem se diz que é um nacionalista vermelho, o Sr. Rodrigo Octavio, Barões Homem de Mello e Ramiz Galvão, o Conselheiro Olegario, presidente do cenaculo e os Srs João Luiz Alves, Manoel Archanjo, Souza Pitanga, Fernandes Barros, Raffard, Rocha Pombo, Esmerignole Doria, Alfonso Taunay, Felisberto Freire, Araripe Junior e Noronha Santos.

No panto do Largo que fica paralelo à fachada principal da Casa dos Telegraphos, bem rente à parte arborizada que emoldura a elevação onde avulta o monumento a Osorio, ha povo junto. Ha chufas. Risos e risus! E esse clamor augmenta, forte, sempre que se ouve, após uns *pafs, pafs, pafs*, certo ruido que lembra o da caçamba a chocar pedrinhas. Ruido singular. O caso faz bulha e faz escandalo. Dos lados da rua Clapp, das bandas de Primeiro de Março, Mercado e Arco do Telles, ha quem queira saber do que se trata. Aquelle ruido, aquelle vulto, aquella gente...



A típoa dos phosphoros

Conta, afinal, de pouca monta, um veículo de rodas altas, finas, sem varões, de tracção propria, sustentando uma caixa, que não se sube bem se é de ferro ou de pào, e sobre a qual assenta a imagem de um moinho com as azas longas e moveiças, automovel improvisado, *reclame da Casa Moinho de Ouro*, que aproveita a novidade, que já é do seculo passado, para poder annunciar os seus productos.

A pobre machina, automovel, que agita a curiosidade da patuléa e que é, talvez, a mais viva e principal das cousas novas do tempo, soffre, de quando em quando, o seu deliquio. Desmaia naturaes de um debil, e, então, bem pouco conheciào machinista.

Já o *chauffeur*, conductor do vehiculo, sem chapéo, sem casaco e, quiçá, sem gravata, importante e afohado, trata de manter a estatica do engenho, afim de o pôr em marcha. Quando elle, que corrige a roda da engrenagem, crê que acertou, e a roda dá, sacisfeito, procura a direcção para mover o carro, recomeça o fragor habitual de estampidos e escouros, no país, no país e aquelle chocalhar que lembra os machucos em lata, insistente e ridiculo, que a patuléa faz sorrir e ussobiar. Que a roda que arrebeita, o apupo, a sur-



Max Fleischer

- Não pega!
- Põe no lixo!
- Só atrellando um burro!

Passam senhoras de idade que vão à igreja do Carmo, "pince-nez" de cordão, sapatos de duraque, furiosas com o andar do progresso, acoarçadas com tanto escarócio, benzendo-se, falando no nome de Christo, de Maria e desejando a todos esses *pedreiros livres, que não sabem mais que tróntar*, as chaminas do purgatório e as mercês de Satan.

O primeiro automóvel que appareceu no Rio não foi, entanto, esse, mas o que trouxe José do Patrocínio, da Europa, muito antes. Os carros que pertenceram a Guerra Duval e ao capitão Cardia, vieram na mesma época, porém o de Patrocínio desembarcou primeiro. O informe é de Mestre Noronha Santos, no seu livro *Os meios de transportes*.

Bilac quiz aprender com Patrocínio, que era quem guiava a nova machina, a arte de governar. Não concluiu o delicado curso. Dizia elle, porém, com muito espirito, que podia gabar-se de ser o precursor dos desastres de automóvel, no Brasil, uma vez que o primeiro desastre occorrido, entre nós, fôra por elle provocado, quando, na Tijuca, certa dia, em meio a uma lição difficil, levou o engenho que guiava contra o tronco de uma arvore, partindo-o, deixando Patrocínio desolado.

Um dos primeiros *chauffeurs* desta cidade foi o Sr. J. Huber, sendo que a primeira *garage* appareceu



Barão de Camaragão

ter sido a da Rua da Relação, pertencente a certo A. de Vasconcellos. Só em 1906, porém, teve início o registro de termos de exames de conductores de automoveis, tempo em que começam, então, a apparecer mais garagens (14, em 1908, 80 em 1912). A nota ainda é de Noronha Santos.

Entre as coisas que mais enfeiam, mancham e desagradam neste asqueroso logradouro publico está o *kiosque*.

Em qualquer parte do mundo o *kiosque* é uma ligeira construção de estrutura graciosa e gentil. Ornamento. Toque de graça e côr no quadro da paisagem. Ergue-os a tradição em estylo oriental, com talhados da China ou do Japão. Evoca, com as suas pinturas de luca, pagodes do Pei-ho, campos de cerejeira e de bambús, o *Fudy-Yama*, kimonos, *missumés*, geishas e mandarins.

Entre nós o *kiosque* é uma improvisação achambada e vulgar de madeiras e zinco, espelunca feccal, empestuando à distancia e em cujo bôjo vil um homem se engasga, vendendo ao pé rapado — vinhos, bebidas, café, sardinha frita, coqueas de pão dormido, lombo, lascas de porco, queijo e bacalhão.

Dos tempos coloniaes, como se vê, ainda conservamos a idéa do commercio estreito e pobre, em que o dono é caixeiro, ao mesmo tempo, e a loja não tem mais que algumas pollegadas de largura. Avareza. Miséria. Assim era a loja de outrora, lembrando as dimensões de um oratorio, a tendinha à moura: uma



Noronha Santos

porta, um tabique, duas ou tres prateleiras... Velha e desagradavel tradição, infame tradição de mesquinhez, de miseria e de desasseio, repulsiva lembrança que regeneradores da cidade, na ansia de destruir, ainda hoje, a belleza da *urbs* reformada, enquanto esquecem o plano Agache, os exemplos de Passos, de Prado e de Frontin, na falta do estreitissimo *kiosque*, reevocam-na, consentindo que se mutue e se transforme a loja brasileira em loja-feira, onde em cada portinha exigua um negocio se affixe: o de meias, aqui, o de fructas, ali, o de cigarros, acolá...

Em todo o Rio de Janeiro do começo do seculo o *kiosque* affrontoso, ennodoando a paizagem e logradouro publico, tem raizes no sólo. Forças não ha que o impeçam de existir.

No largo onde paramos, existem varios. Cada qual mais sordido. Os que aparentemente se salvam vendem bilhetes de loteria, cartões pornographicos e jogo do bicho. Ignobeis todos. Fallemos, porém, dos outros, dos peiores.

Estão os freguezes do antro em derredor, recostados, á vontade, os braços na platibanda de madeira, que suggere um balcão; os chapéos derrubados sobre os olhos, fumando e cuspinhando o sólo. Cada *kiosque* mostra, em torno, um tapete de terra humida, um circulo de lama. Tudo aquillo é saliva. Antes do trago, o pé *rapado* cóspe. Depois, vira nas guelas o copazio e suspira um ah! que diz satisfação, gozo e conforto. Nova cusparada. E da grossa, da boa... Para um



Alfonso Taunay

calice de cachaça ha, sempre, dois ou tres de sa-liva. A obscenidade vem depois.

De ver essa gentalha maltrapilha, suja, cheirando mal, pedindo:

— Dois de canna !

E o kiosqueiro, azafamado:

— Dois não se faz, só tres! *Si quisére.*

Ha disputas entre o homem do negocio e a clientela:

— P'lo bacalháo são dois tostões, com o *provenge!*

— Ponha na conta, então, o outro tostão, seu burro !

Contra o monstro do *kiosque* e a sua freguezia reclamam as familias, reclamam os homens de ne-gocio, reclamam até as gazetas, por vezes, embora timidamente... Dizem todos: E' uma vergonha! A cidade ainda é um povoado africano ! Precisamos acabar com essa miseria ! Mas ninguem tem coragem de com elles acabar. Os homens de estado encolhem-se. Os prefeitos desconversam. Os fiscaes 'engordam...

— Vá um pobre de Christo bulir em tal gente !

Na verdade é um perigo.

Os kiosqueiros são unidos e fortes, mandam um pouco na terra, e, na hora em que os apoquentam muito, abrem as gavetas ou as bolsas... E é como se fosse um tiro !

Com Pereira Passos, com o sopro civilizador que tombou sobre a cidade no começo do seculo XX, o *kiosque* era mais que uma provocação. Era um insulto.

Estava o grande Prefeito a pensar no meio mais amavel e capaz de libertar-nos do monstro quando, um bello dia, o povo, desesperado e viril, fez o que se esperava que fizesse: surgiu na praça publica, armado de latas de kerosene e de caixas de phosphoros. E summariamente os queimou.

Ha vezes em que me orgulho de ter nascido carioca,

Por vezes todo esse lagradouro feio e immundo enche-se de homens que desembarcam, vindos das bandas do mar, sopesando canastras, bahús, saccos, trouxas, pacotes, taramelando em voz alta, aos brados, em exclamações ruidosas, largando por onde passam um cheiro activo e amorrinhado que fica entre o do suor humano e o do alho cosido. São immigrants que chegam. Pobre e sympathica gente que, pelas escadinhas do Pharoux, vomitam as lanchas, botes e saveiros. Trazem, todos, um ar medroso e parvo, os carões seccos e tismados pelo sol, mettidos na moldura ampla e circular de enormes chapelões de Braga. Descem, como animaes, de escantilhão, aos trotes, as pantalonas colladas ás gambias muito finas, os pés em sapaterras de couro crú, immensas, amarellas, carregadas de ferros e que vão raspando, sonoramente, as anfractuosidades das calçadas. Por vezes, porém, os homens de ar asselvajado e triste entreolham-se e sorriem-se, cheios de enlevo, contentes e felizes. Batem com os pés no chão, para se convencerem. Olham o céu, com enternecimento, sentindo o azul,

gozando a luz, beijando o ar! E' o Brazil. Terra da promessa, Eden do bem estar e da fartura.

— Ai, o rico Brazil! *Cá istá el! Cá istá el!*

Do bando enorme alguns sobram, ao fim de certo tempo. Caprichos da *amarella* que faz a ronda sinistra da cidade. Os outros. . . Contar, nos cemiterios, por cruces, os que tombam para sempre.

No Campo não ha peste. Sabem todos disso. Se sabem! mas, a cidade os fascina. Preferem ficar. E morrer, sonhando as riquezas dos que voltam com as algibeiras peçadas de libras, obesos e commendadores. O balcão, promissor, os embriaga, os seduz. Que importa, por isso, a peste da cidade immunda que apodrece ao sol?

São cartas, para lá, e sempre escriptas por mãos estranhas, porque elles, os pobresinhos, não as sabem escrever. *Somos nós, aqui, que a maldita "amarella" de preferencia escolhe, deixando os da terra. Porque? Outra: O Mano Manoel apanhou-a e de tal sorte que lá se foi, coitado. Morreu como um passarinho! E ainda mais outra: Do nosso conselho vieram 30, só restam dois — eu e o Augustinho. O resto foi-se. . .*

* Ah! o lusiada coitado,

Que vem de tão longe coberto de pó. . . *

Que importa, afinal, ao aventureiro ousado o espantallo da morte? Morreu? Pois, acabou-se. Enterra-se. Vive? E' a prosperidade, a riqueza! O lucro

immediato, certo. A terra é farta e dadivosa. Quem nella persevera, vence, enriquece.

Ha senhores de fazendas, de sitios e de chacaras distantes que vão a bordo offerecer a essa gente trabalho, garantia de um viver tranquillo, ao abrigo da peste, dinheiro. E' a lavoura prospera, entre arvoredos copados e arroios cantantes. Ar sadio.

— Campo? Dão-lhes as costas. Era o que faltava!

Do campo veem elles e de campo estão fartos, o campo que só lhes dá suor, fome e afflicção.

— Não queremos.

— E a peste?

— Que importa a peste! Não queremos!

Não querem. Não são mais lavradores. Não querem mais a funcção prosaica de cavoucar a terra. Não dá gloria e fortuna o enxó ou o arado. Pois não foi, sempre, assim? E os tempos da India? E o Gama? E a pimenta? E a canella? A lembrança risonha do mercantismo heroico dos descobridores de outr'ora os embriaga e fascina. Campo! As historias de risonhas, de prosperas empresas onde elle nunca entrou, já as ouviram, elles, antes de pôr os pés no vapor.

Manoel Luiz, por exemplo, que a *amarella* poupou com tres annos de Brazil, quanto conseguiu juntar como lucro da sua vendôca em Catumby? Pra mais de dez contos fortes! E sabe-se o que isso é, na provincia distante, na pobreza do povoado, onde o Sr. abbade cobra dois vintens por uma missa? O socego a fartura. Lautas bacalhoadas com entulhos supimpas.

de alhos, couves e cebolas, o verdasco bebido em jarros, aos olhos da vizinhança, de bocca aberta, cheia de cobiça e de pasmo! Pensar-se na consideração! Ser-se chamado assim: *o brasileiro do largo dos Trolhas*. ! E com uma reputação assim: *Dizem que até dá esmolas de dez tostões!* Campo? Era o que faltava! No campo a fortuna anda de gatinhas.

Os navios chegam sempre. Lê-se na pagina de um jornal: Pelo Congo desceram, hontem, 935 imigrantes, sendo: do Porto, 600, de Lisboa, 200, da Madeira, 135. E, n'outra pagina, a seguir, o obituario implacavel: Manoel José de Oliveira, 24 annos, portuguez, José Manoel de Oliveira, 18 annos, portuguez, José de Oliveira Guimarães. . .

Veem todos para as mercearias, para as padarias, para as quitandas. Matam-se de privações, de economias, juntando, guardando, empilhando as libritas. Nem aos bancos para as guardar elles mandam, uns, porque não sabem da existencia dos mesmos, outros, por falta de confiança em homens que dão, em troco de ouro que entregam, um pedacinho de papel cheio de numeros e rabiscos. . . Pois sim! O seguro é a canastra de corcunda com fechadura de ferro, com campainha de aviso e sobre a qual elles dormem, muita vez, de borco, para maior commodidade e segurança.

No Largo enorme, a massa de imigrantes, espalha-se, palpita. Contam-se duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos. . . Desses, quantos serão

os poupados pela peste fatídica? Nem um quinto, talvez!

O espirito forte e aventureiro do luso, porém, não consulta obituarios. O que elle faz é o jogo do desesperado. A Fortuna ou a Morte.



O *immigrante*

IV

Largo da Carioca. — Descrição do largo.
— A venda do Antonio Portuguez.
— O velho Bandeira, vendedor de
jornaes. — Os monarchistas da con-
feitaria Meneres. — Recordações do
velho chafariz. — Os baleiros. — Jo-
gadores de "tres marias" — Outros
typos do largo. — Hediondos kios-
ques. — O café Paris, «rendez-vous»
de elegantes, depois da meia noite.

Em 1678, por uma época em que protestar, nesta terra, era um tanto perigoso, certo appello partiu para a Metropole, pedindo fosse sustado, aqui, o habito vandalico de se derrubar, por systema, o esplendido arvoredado da cidade.

Pela carta regia datada de 6 de Dezembro do mesmo anno, El-Rey Nosso Senher manteve o vandalismo. E a derrubada proseguiu.

No entretanto, a *urbs* reclamava sombra e reclamava adorno. Ruas e praças viviam desoladamente despidas de troncos e de folhagens. As pobres construcções é que soffriam com isso o castigo inclemente do sol, um sol violento, que estalava, gretando, esquadrias e portadas, venezianas e postigos.

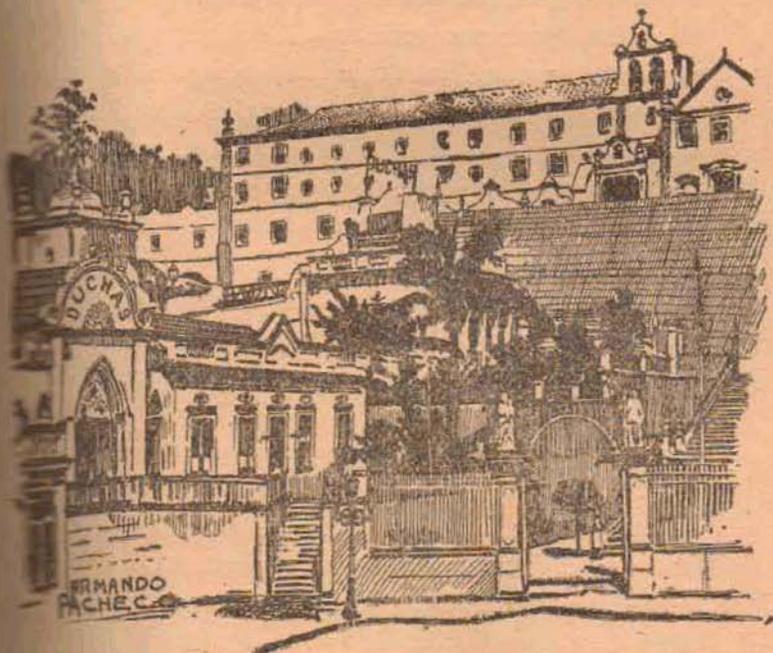
Para substituir a fronde consoladora e amiga, no começo do seculo, ha o toldo de lona, pelas portas das lojas, um toldo de cahir, simples e feio, vezes em franjalhos, em tiras e quasi sempre cheio de poeira ou de nódoas.

O Largo da Carioca não mostra, ao nosso olhar, uma só árvore! E' um triste chão calçado á parallelepipedos, escuro, irregular e mal varrido, sulcado pelos trilhos de ferro por onde cruzam os bondes da Jardim Botânico. Desgosta á vista. Enfada. Quando passam carroças ou carretas, estremezem as casas em torno e o ruido das rodas de aros de metal, por sobre a dura pedra, ensurdece. Se o vento sopra, a poeira levanta.

As edificações são feias, irregulares, gêbas, sem gosto architectonico. Um casario reles. Ora a sedição construção de baixo tecto e telha de canal, ora o sobradinho, de sotam, mostrando janellões de sobrançelhas e as infalliveis compoteiras de louça, na altura do telhado, "compondo o estylo". Estylo *goiabada*... Umaz vezes a casa é terrea, predio de um só pavimento, mostrando platibanda, com ou sem compoteira. Outras vezes, em construcções do genero, puxados, ao fundo, ou então, á frente, quasi ao chegar á linha da, fachadas, uns chalezinhos suissos, de campo ou praias naturalizados brasileiros por mestres de obras do Porto, como os da Casa Meneres. E' um *panaché* notavel, deante do qual, por vezes, estrangeiros param disfarçando sorrisos que nos humilham e que nos fazem mal.

Domina o Largo da Carioca, á direita de quem vem das bandas da rua Uruguayana, o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, um casarão velho, acalçado e triste, mostrando janellas sempre abertas e por onde, não raro, espiam convalescentes em camisolas de dormir, o cabelo em desor-

dem e faces brancacentas. A nota é melancólica. E impressionante. Vezes, apesar dos ruídos que provoca o movimento da praça, ouvem-se os berros ou lamentações dos que sofrem lá dentro, dos que se acabam e vão parar, depois, de pés juntos, no pequenino necroterio que fica quasi junto ao chafariz, com a sua cupola muito branca e deante do qual, sinistramente, param os coches funebres, entram e saem



Portão da Ordem

grinaldas, corôas, ramos de flores e gente que soluça ou que chora, toda vestida de luto.

Nesse lugubre e fatidico recanto é que se encontra o famoso "Chopp dos Mortos" ou *Bar do Necroterio*

brasserie mantida por um allemão nedio e rubicundo. Ha nelle um caixeiro, Adolf Mendelson, *garçon* de sala, que é popularissimo. Alto, glabro, a cabeça em fôrma digitada, rôxa de tanto sangue, sequencia natural, no feitio bizarro, de um pescoço grossissimo e vermelho, o homem acaba em cylindro. A esse o Emilio de Menezes chamou, um dia, com muita propriçdade e muito espirito, *cara de dedo com panaricio*.

Quem penetra o interior do *bar* encontra um ambiente modesto, porém, aceiadissimo. Ao fundo, sob o retrato de Bismark, numa peanha de madeira, obra de talha artistica, um formidavel canecão de louça antiga, um desses *grosse seidel* dos bavaros, de aza da mesma massa e tampo de metal. Ao centro uma mesa redonda, de marmore, e, sobre ella, revistas e jornaes, cartas de jogar, taboleiros para o jogo das damas e xadrez. Foi no *Bar do Necroterio* que Glutner, um allemão do commercio, nosso amigo, desembrolhou, certo dia, para mostrar ao Bastos Tigre, um jogo russo, de xadrez, não sei bem se usual na Laponia ou no Caucaso, complicado e enorme, sobretudo se considerarmos o numero de suas peças — uns seis cavallos uns oito bispos, peões e torres em duplicata...

— Mas, oh, Glutner, diz-lhe Tigre, com essas dimensões isso afinal é mais do que jogo de xadrez, é jogo de casa de correcção...

O *bar* é frequentadissimo, á noite. Frequentam-no Emilio de Menezes, que começa a engordar, perdendo a elegancia dos velhos tempos do Ensilhamento,

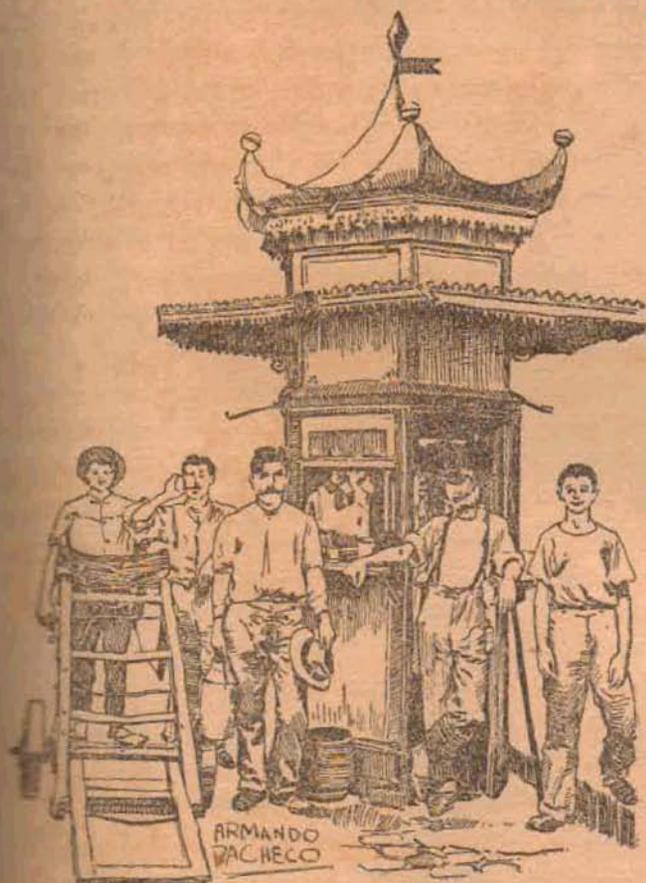


Vassoureiro



Vendedora de miudezas

o Pedro Rabello, o Plácido, o Hollanda e outros do grupo de Bilac, inclusive o proprio Bilac, e mais os



Kiosque

membros da colônia allemã, que ainda não morreram de febre amarella.

Bem junto ao *bar* fica o portão da Ordem, por onde escapa, sempre, um eterno cheiro de iodoformio ou phenol e surgem enfermeiros de avental branco e barretinas da mesma côr, conduzindo macas para doentes que chegam de carruagem.

O Deposito da Companhia Jardim Botânico, a dos bondes, vem depois desse portão. Deposito, escriptorios e agencia, em cuja porta um sujeito, de *bonet*, dá saída aos carros, apitando. Continuando a linha terrea do edificio, á esquina do largo com a rua da Carioca, estreitissima, sem uma unica arvore, o *Café Fortunato*, no mesmo ponto onde hoje, inesteticamente, se esconde, atraz de tabiques alugados a engraxates, doceiros, charuteiros, etc., um café que não sabemos se ainda é o que se chamou *Café da Ordem*. Fortunato é hespanhol. Seu botequim é modesto, com cadeiras Thonet, muito em voga pelo tempo, pintadas a verniz japonez, descascando nos pés e nos encostos.

Depois da rua da Carioca, estreita, torta, feia, encardida e sem arvores, bem defronte ao café já descripto, fazendo angulo com a rua Uruguayana, está a *capella* do Antonio Portuguez — *Venda Santo Antonio*, erigida sob a invocação do thaumaturgo de Lisboa, santo que se exhibe no interior do estabelecimento, atraz do balcão das bebidas, dentro de um oratorio de jacarandá, sempre enfeitadissimo de flores de papel e muito bem illuminado.

Quando, após as cusparadas do estylo, espouca os palavrões irreverentes dos devotos de Baccho,

Antonio Portuguez reclama atenção e respeito, mostrando o santo no oratorio, em cuja base elle pregou um cartaz largo com esta legenda sagrada para ser lida pela freguezia:

HOJE NÃO SE FIA, AMANHÃ SIM

Em junho, pela época de festejar o dia do Milagre, a capella antonina se empaveza de bandeiras, de galhardetes e folhagens. E, quando anoitece, veem homens para o centro do Largo soltar foguetes, largar balões. Como nos tempos coloniaes.

Atravessando a rua Uruguayana que tomba, ahi, sobre a praça, encontra-se um armarinho, desses que ainda hoje existem em certos suburbios da cidade, ou pela rua Larga, com enormes pilhas de fazendas á porta, mal dando passagem á freguesia e um diluvio de seroufas, cobertores, calças, camisas de meia e fitas em metros, rendas, ou bordados, numa confusão caustica, a desabar do tecto, dos apparatus de illumination a gaz, das prateleiras... Mais adeante, larga porta com um corredor que lembra uma galeria e onde se amontoam vendedores de bilhetes de loteria, de jogos, cadeiras de engraxate, balcões de vender bicho, ponto movimentado e ruidoso, onde cada um busca o que lhe traz dinheiro.

- Graxa !
- Cavallo com 44, é o ultimo !
- O *Tagarella* a 100 reis !
- São os *gasparinhos* da sorte !

Anda-se mais um pouco e cae-se na rua Gonçalves Dias, das mais elegantes das ruas pelo tempo, mostrando em cada esquina (os que a viram que informem) uma venda, authenticos armazens de seccos e molhados, aliás com mais molhados do que seccos, a ostentar reles balcões de madeira e soalhos enegrecidos pela falta de asseio, cuspinhados pelos bebados que ahi fazem ponto. Os caixeiros cruzam em mangas de camisas, sem collarinho e sem gravata, os respectivos donos, na mesma indumentaria, mostrando, apenas, peitilhos aporcelanados pela gomma, e, nas abotos-duras, rosetas de ouro com pedras preciosas, o indefectivel medalhão com brilhantes dependurado em cadeias de ouro, grossissimas, dedos como os das mulheres, carregados de anneis. Quando se fazem commendadores é que vestem, então, paletot, em cuja lapella mettem o signal da commenda. Alguns, nesta altura, fazem mais, tomam professores que lhes ensinam a ler e escrever. A rua Gonçalves Dias e a da Assembléa sempre se encontraram neste ponto. Se atravessarmos a embocadura desta ultima, afim de contornar o largo, encontraremos outra casa de fazendas, com os seus tunneis de mercadorias, no genero da primeira que já vimos, e, bem em frente á mesma, occupando parte da calçada, uma das figuras mais po-

pulares, não só do Largo, como da cidade, o velho Bandeira, preto, vendedor de jornaes, alto, gordo, sympathico, com a sua perna deformada por uma elephan-



O velho Bandeira

... E' quem dá vida e alegria a esse angulo da praça.
Fala alto, discute, ri, gargalha escandalosamente,

mostrando sempre uma maravilhosa e clara dentadura.

Tambem vende, o preto, folhetos de cordel: *A Historia da princeza Magalona*, o *João de Calais*, *A Vida de S. Francisco de Assis*, o *Testamento do gallo*, bem como as "ultimas vontades" de todos os animaes e ainda aquella literatura que o Quaresma então espalha, pelas portas de engraxates e que se vende a cavallo, num barbante, ao lado do *Livro de S. Cypriano e do Diccionario das flôres, das fructas ou linguagem dos namorados*.

Disse-me, um dia, Bandeira:

— *Seu dotô*, trabalho neste Largo o anno inteiro, *qué chova qué faça sor*. Mais *porê*m um dia ha que eu não trabalho *nem nada* — dia da Festa do Espirito Santo de Maracanã. *Seu nego*, ahi, como trabalho, em este: *levantá de menhã*, tomá seu banho, *se vesti e tocá para ingreja*.

Pensou um instante e numa attitude de quem faz uma prece:

— *Santo bão!* *Santo de qualidade*. *Fazedô* de milagres *como quê!*

E orgulhoso da sua devoção:

— Olhe, elle ainda ha de *sar* esta perna. Vosmecê, *seu dotô*, ainda ha de me *vê* neste Largo tomando trazeira de bonde, *que nem moleque*...



Angelo Agostini

E ria, ria, ria, divertido.

Espirito Santo de Maracanã parece que não gostava do preto. Sem razão. Espirito Santo de Maracanã deixou que a elephantiasis o matasse...

O edificio do Café onde se installam o Restaurant e a Charutaria Paris, é a mais accetivel das construções da praça. E' um immovel moderno e amplo com tres pavimentos, dez janellas, e nada menos de seis enormes compoteiras no telhado. Sem as famosas compoteiras é que uma casa não passa, pelo tempo.

Junto ao Café, o edificio da Confeitaria Rocha & Menéres. Mais seis compoteiras de louça no telhado e seis estatuetas que o Fortunato do Café, em frente, diz que representam as quatro estações do anno: a Primavera, o Verão, o Outomno, o Inverno, a Industria e a Estrada de Ferro...

A confeitaria mantem na loja um cenaculo monarchista. Nelle pontificam, entre outros, o velho conselheiro Ferreira Vianna, sympathico luminar da monarchia. Quando desce de sua chacara da Gavea, ahí passa horas inteiras, bebericando, conversando, fazendo satyras ao seu amigo Frei do Amor Divino Costa... Este frade, de quem se affirma ser muito menos do Divino que do Amor, é um sujeito de espirito, amando particularmente o convívio profano das cousas deste



O Menéres

mundo, *causeur* admirável e homem de tanta franqueza que, a quem quizer ouvir, diz sempre que prefere ao claustro de Santo Antonio o «claustro» do Menéres, porque, além da marca do cognac, as companhias são sempre melhores. Vem do convento proximo, dentro de seu habito de monge, negro, de boa alpaca, um vasto feltro côr de cinza na cabeça, posto um pouco de banda, deixando ver, assim, á mostra, um segmento vermelho do solidéo. No forro das mangas largas e pesadas, livros, revistas, jornaes, papeis, fumo e caixas de phophoros. Ferreira Vianna não o dispensa em sua intimidade. São os dois muito amigos, andam sempre juntos, o frade muito na chacara do Conselheiro, o Conselheiro muito na cella do frade, o que não impede de viverem a trocar mordacidades e motejos. No Convento, certa vez, caminham ambos na parte posterior do casarão, junto a um caminho coberto de tiriricas e outras hervas, quando lhe salta, zombeteiro, Ferreira Vianna, de repente:

— Vê-se, oh, Frei João, que, por aqui, ha muito que não passam mulas ou frades...

— Vê-se, oh, Frei João, que, por aqui, ha muito que não passam mulas ou frades...

Frei João, quando não replica logo, toma nota da laracha para vingar-se depois.

De quatro a seis, a confeitaria do Largo regorgita. Chegam homens de



Frei João

grande peso no partido, como o sr. Visconde de Santa Cruz, o Conselheiro José Bento de Araujo, Accacio Aguiar, o deputado Americo Marcondes, Constancio Alves, Ernesto Senna e Antonio Leitão, do *Jornal do Commercio*, um que tanta caspa traz sempre ás costas do paletot e sobre os hombros, que o Emilio acabou por chamal-o, com muita graça, *leitão com farofia...*

Infalível, tambem, na roda, é o Generino dos Santos, sempre de lyra engatilhada par sagrar os herões da patria, as datas commemorativas da Republica e os nomes do positivismo. Por vezes surgem o Thomaz Dindler, pintor allemão, o Costa Ferraz, *embalsamador dos embalsamados*, como, por vingança, chama-o, um dia, o Conselheiro Vianna, alludindo ao embalsamamento do consolidador da Republica e Angelo Agostini, o grande artista da *Revista Illustrada* e do *D. Quixote*, temperamento jovial, figura das mais populares e queridas da cidade. Para agradecer aos



Andraó Figueira

monarchistas, vive recordando aquelle "bom tempo", que é o estribilho infallivel na bocca de todo homem de certa idade, a cofiar a sua barbela de coronel de roça. Para elle, bom tempo é o da monarchia, tempo das botinas Miliet, que custavam 4\$200, e das meias solas postas pelo Casemiro, ali, á travessa do Theatro e que custavam 1\$600, com direito a uma biqueira de ferro. Eunapio Deiró, é outro que nunca falta á hora do cavaco. Pouco assiduos, mas, de qualquer forma, apparecendo, uma vez ou outra, poderemos citar, ainda, Carlos de Laet, José Caetano, Rodrigues Horta, e Capistrano de Abreu que, quando se installa na chacara de Ferreira Vianna, no alto da Gavea, vem sempre acolytado pelo Paulo, neto do Conselheiro, filho do grande advogado Pires Brandão, esse mesmo Paulo que escreveu, depois, *Vultos do meu caminho*.

De todas as figuras que por ahi passam, diariamente, a mais pitoresca, porém, é a do Conselheiro Andrade Figueira, dos primeiros a chegar para a amavel cavaqueira de velhotes, mettido numa eterna sobrecasaca da época de Sua Magestade o Imperador, só para que não se pense que elle consente em usar qualquer cousa da Republica. Sobrecasaca, calças brancas, botinas pretas, de elastico, cartola e guarda-chuva debaixo do braço. Chega sempre nervoso, cheio de alarmantes noticias e catharro, assoando-se com estrondo num vasto lenço de Alcobaça, todo em desenhos de caramujos amarellos.

De uma feita Bilac, que passava pelo Largo, disse, com muito espirito, ouvindo o tonitroar do nariz figueirino:

— Lá está o Andrade Figueira a convocar, com o seu clarim de guerra, as hostes monarchicas da Confeitaria do Menéres...

Essas hostes, um dia, foram convocadas para um movimento de grande acção revolucionaria. Organizou-se uma lista de conspiradores. Quando, porém, pedem ao Conselheiro Ferreira Vianna que ponha nella, o seu nome, este, puxando pela manga do casaco o emissario da lista, murmura-lhe ao ouvido:

— Nem pense nisso, homem! Pois você está doído, eu metter-me nisso?

— Ora essa, então porque, Sr. Conselheiro? E o Conselheiro, muito serio:

— E quem pedirá, depois, um *habeas-corpus* para vocês, no dia immediato ao da revolução?

Bocca de praga. A revolução não chega a rebentar. Preso Andrade Figueira, quem ao Supremo vae requerer o necessario *habeas-corpus*? Ferreira Vianna

Até chegar-se a esse movimento, porém, lançado á revelia de um povo, por principio, sceptico e displacente em questões de politica outras conspiraçõezinhas nasceram na confeitaria Menéres, embora se esvaissem



Ferreira Vianna

entre bombas de chocolate, estouros de gazosa, capilé e as alegres gargalhadas do caricaturista Agostini, que se não fosse homem de respeitar os seus amigos, assumpto teria de sobra para fixar com o seu lapis de mestre scenas de farças estravagantes.

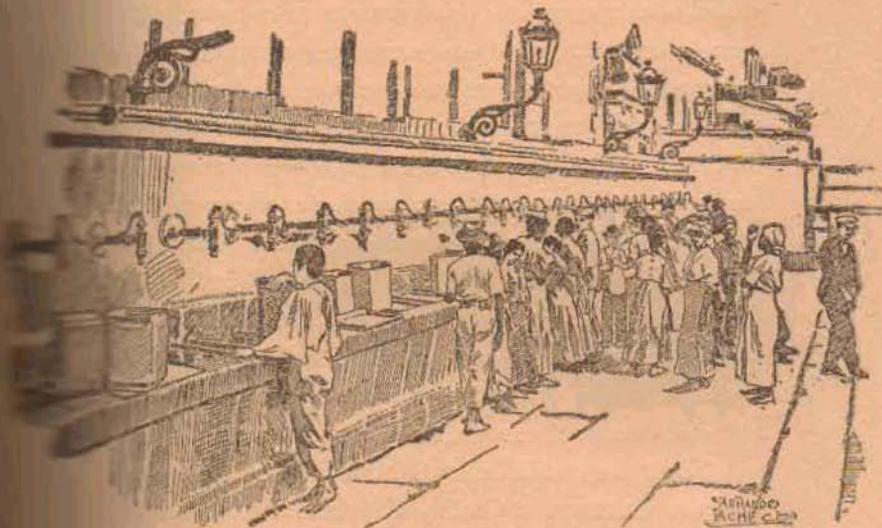
Rocha e Menéres formam uma entidade commercial tão respeitavel na praça como nas rodas da restauração.

Rocha é pequeno, secco, a bigodeira enorme, muito preta e mal dependurada a um labio tristonho e frio. Menéres, um gigante que usa um bigodinho curto e loiro. Rocha "Calado", como lhe chamam muitos, é o philosopho da casa. Vê. Ouve. Mas, não falla. Por vezes sorri velhacamente. Menéres, ao contrario, é palrador. Discute. Mette o bedelho em tudo. Como adepto da monarchia, é absolutista e quer para o Brasil um Rei como o Sr. D. Miguel de Bragança, ou então como o Sr. D. Pedro, o Cru. Quando o deixam fallar, põe as mãos para as costas e declara, peremptoriamente, que o Brasil acabou em novembro de 89, com elle acabando as bôas cousas que existiam entre nós.

— Todas não, o' Menéres, diz-lhe, certa vez, o Agostini. Tu exageras, filho, porque ainda temos a febre amarella.

Depois da Confeitaria do Menéres vem a casa de ferragens do Leitão. A seguir, a charutaria Portugal e o Café Victoria, fazendo angulo com a rua de São José.

Além da rua de São José está a Estação do Corpo de Bombeiros e a Leiteria Itatiaya, como casas de uma certa importancia. Começo da Rua Treze de Maio. Atravessando-a, encontra-se, então, para o



Chafariz da Carioca

lado aquem da Imprensa Nacional, o chafariz, massa singela e augusta, a lembrar o feitio de um templo, com 29 bicas de bronze, sempre muito polidas, e fiscantes ao sol. É para ahi que um populacho, esmolambado e sujo, desce do morro de Santo Antonio, então povoadissima favella e vem de outro morro, o do Castello pela famosa Chacara da Floresta, dando *rendez-vous*, escandalosamente.

São negras descalças dentro de saias vistosas e rodadas, com um vasilhame de lata á cabeça, ca-



Portadora de agua

chimbo de barro ao canto da bocca, o infallivel raminho de arruda atrás da orelha; são negros de gaforinha enorme, a surgir de *tres pancadas*, feltros desabados, enormes, calças abombachadas, mamando restos de charuto e a cuspinhar, de instante a instante; são *maneis* de tez morena, em tamanca, torcendo vas-tissimos bigodes, sentimentaes e piegas, a namorar as pretas; são molecotes semi-nus, remelentos, muito sujos, dos que pela praça andam a pedir *um vintem para comprar um pão ou uma esmolinha para meu pae que está paralytico, numa cama e não pôde mais trabalhar*.

Tal qual como no tempo da colonia. Nem falta, ao quadro, a nota sympathica do reinol, reproductor e amigo, farejando o pigmento carregado, atrás do amor da Venus de ebano, clarificando a raça...

Só não ha quadrilheiros. Nem o relho que estalava na hora da tamina. Gralha-se á vontade, discute-se, berra-se. Por vezes, ha taponas, brigas, lutas, conflicts. E' quando chega o *meganha*, de espada á cinta, bonet no alto da cabeça a coroar-lhe a triumph, gritando com autoridade e importancia.

— *Antonces, como é ? Vomo vê isso !*

O quadro offende, de qualquer fórma, o scenario da praça. Não raro, aos sabbados, senhoras elegantissimas, homens de sobrecasaca e de cartola, fazem mescla, com essa gentalha alvoroçada e suja. Contar, ainda, augmentando o labéu do vasto logradouro, com os immundos kiosques (nove ao todo!) que

vendem café caneca, cachaça e brôas de milho, reunindo ranchos espetaculosos de bebados e vagabundos em torno. Estão tres collocados proximos ao *Bar Ne-croterio*, quatro em face á Leiteria Itatiaya, e mais dois bem proximos á rua de São José.

E dizer que é, essa, uma parte do coração do Rio de Janeiro, na aurora do seculo XX!

Quando chegam os bondes que fazem a volta pelo largo, cheios de passageiros, de cortinas de oleado verde, desenroladas para as bandas do sol, vê-se, como uma nuvem de gafanhotos, a revoada trefega e assanhada dos moleques vendedores de biscoitos e de balas.

— Balas ! Quer balas ? Hortelã, chocolate, baunilha e côco !

— Biscoitos, Sinhá.

— São seis por um tostão !

— Baleeee...ro! Queimada e ovo !

Notavel agilidade, a desses molecotes de 12 a 16 annos, gymnastas consumados, equilibristas perfeitos, herdeiros da ligeireza acrobatica do capoeira colonial, precursores, na destreza e no desembaraço, do jogador de foot-ball de agora, o homem agil que espanta o tardo europeu nas pugnas do campeonato e o supera. Saltam como se fossem bolas de borracha, pulando de um para outro carro, até quando elles estão em acelerado movi-



Café de kiosque

mento, sem deixar cair a bandeja dos rebuçados que vendem, equilibrada na palma da mão, erguida toda para o ar.



Baleiro

Quando servem o freguez, trepados pelos estribos, balas ou biscoitos, soltam as mãos do balaustre, e, assim, contam a mercadoria, fazem o troco, o vehiculo sacolejando, vezes torcendo por curvas fortes, sem cair, sem vacillar...

— Baaala, freguez... Baleeeiro !

Bom será não esquecer, entre os frequentadores dos estribos de bondes, o *pingente*, o eterno *pingente*.



Funilheiro



Vendedor de Guardachuvas

e os vendedores de jornaes, sympathicos italianos, meninos loiros e corados, que apregoam:

— A *Gaazeta* ! O *Paidze* ! o *Djornali do Gumarçio*... O *Prazile* ! A *Tchidate do Rio* e a *Notízia daa tarde* !

Fazem liga, esses italianos turbulentos, alegres e gritões, com o molecorio das balas e biscoitos, mas, na hora da encrenca, dividem-se em dois bandos, duas raças unidas e diferentes que se degladiam, e se invectivam, aos gritos de:

— *O' gabrito* !

— *O' macarrone* !

Depois, feitas as pazes, vão jogar para os lados do portão da *Ordem as tres Marias*, um jogo de pedrinhas, ou a *murra*, que se joga em italiano:

— *Due*...

— *Cinque*...

— *Quatro*...

A' espera da freguezia, plantam-se junto aos kiosques, onde taramelam ou bebericam copinhos da *branca*, ou, então, pelas esquinas, os carregadores de chapa, sem paletot, em mangas de camisa, descalços, atiraças sobre os hombros as faixas de panno de serviço. Fazem mudanças, sem ajuda de vehiculos. Pela manhã varrem escriptorios e, por uma época em que as casas não são ainda habitualmente enceradas, lavam assoalhos e soleiras de portas, com estardalhaço, atirando baldes de agua e vassouradas, a cantar fados alfacinhas. São todos elles portuguezes, Gente simples.

Gente bôa. Gente trabalhadora. É com esta qualidade altamente sympathica — muita amiga de seu paiz. De vel-os quando chega a *Mala da Europa*, em torno ao ledor que lhes soletra as noticias da terra, todos muito attentos e curiosos.

A politica não interessa a essa gente. Tambem não interessa a literatura. Boas novas são as que relatam os grandes crimes, as que descrevem grandes desgraças. Para ouvil-as duplicam-se os ouvidos.

Quando são longas o ledor resume-as, pondo o jornal debaixo do braço e enrolando, tranquillamente, o seu cigarro:

— Diz que em Lisboa vão abrir, agora, uma rua tão grande como outra não haverá pela Europa. O Rei caiu doente duma perna, mas já sarou. O principe D. Luiz é que foi a banhos, para a Figueira da Foz. O ministro do Reino declarou que os negocios do paiz nunca andaram tão bem como agora. Ha saldos por todos os lados. Vae-se mandar fazer dois enormes encouraçadôs, na Inglaterra.

Os homens, em torno, ouvem attentos e commovidos, o pensamento na patria distante, os olhos, não raro, marejados de lagrimas.

Não sei de quadro mais digno de respeito. Nem mais sympathico.

No fim o homem que leu e que falou recebe umas moedas e vae ganhar a vida a outra parte. Quando ha carta para escrever e enviar para a terra, tambem escreve. Cobra cem réis por pagina, mas não dá papel, nem envelope. Lê, outro-sim a correspondencia

recebida, sabe o nome de todos os navios a chegar do Reino e os dos que daqui partem para lá. Informa sobre o preço das passagens de terceira classe e está sempre ao par das oscillações do cambio. Esse typo popular ainda deve existir. Apenas não mais se mostra, hoje, como outr'ora.

Depois da meia noite o Largo maltratado e feio dignifica-se. Nelle ha bulha, ha alegria, movimento e até esplendor. A gentalha que desce dos morros para apanha dagua no chafariz, ha muito que desapareceu. O carregador de chapa, tambem. O baleiro, por sua vez, foi entregar á patrôa a fêria magra do dia, santa feria que formou, por ahi, muito doutor...

A *jeunesse dorée* da terra dá *rendez-vous* no restaurante "Paris". A hora é de encontro e ceia. O restaurante é o mais chic da cidade. Mais chic e melhor frequentado. Quando os theatros fecham, o movimento da Praça referve. São actrizes que chegam, em *coupés* particulares, e descem atravessando a sala do Café que vae dar ao restaurante, num halo de importancia e de perfume; são as grandes *cocottes* que moram pela Richard ou pela Valery, acompanhadas de velhos abrilhantados, de polainas brancas e monoculo; são *gigolots*



Carregador

dos chamados *de luxo*, a coçar, nas algibeiras magras, o que lhes dá, apenas, para pagar um copo de cerveja, um prato de comida e, talvez, um charuto; são directores de jornaes, banqueiros, senadores e deputados, *brasseurs d'affaires*, que vão trincar um *poulet Marengo*, obrigado a Chambertain, olhando a Marie Granger comer *huitres au Tokay* ou o sr. João do Rio a fumar charutos da Bahia com capa de Havana e a dizer, num francez de Madagascar, a dois sujeitos de casaca:

— *Mais, comme la boîte est pleine, mon cher!*

Isso tudo é chic, isso tudo é elegante, isso tudo é bom tom. Consola, agrada e delicia.

A sala do *restaurant* é vasta, toda cercada de espelhos, as mesas cobertas por toalhas de linho tocando o chão, os guardanapos em tufo, como enormes sorvetes, mettidos dentro de copos de boca posta para cima. No tempo, é grande moda...

— *Garçon*, grita-se, aqui.

E acolá:

— Sagasta, e essa carta de vinhos?

Sagasta é o prestigio do refeitório. Vale por um *maitre d'hotel*. Todos querem ser servidos pelo Sagasta.

Fallas. Saltar de rolhas — pam! pum! e a gargalhada sonora das *cocottes* transbordando como o champagne em taças de crystal.

Subito, o Lulú de Almeida que surge, dentro de um *smoking* de bom corte, solemne, um chapéo de papel armado em bico, á cabeça, erguendo na mão

nervosa um formoso *bouquet* de cravos brancos. Todos olham o Lulú. Todos querem saber para quem é o *bouquet*. Lulú d'Almeida, elegantissimo, quiçá, o passo um pouco vacillante, lança os olhos em torno áquella vasta e selecta assistencia como que a procurar alguém. Lulú procura mesa. Acha-a. Toma-a. Num gesto, senta-se. Em um jarro de crystal, bem junto ao prato, em face, planta o *bouquet* enorme. Chama o *garçon*, e, entregando-lhe o chapéo de papel armado em bico, seriíssimo, diz-lhe, num tom solemne, alto, fazendo rir a toda a gente:

— *Vestiaire, s'il vous plait!*...



João do Rio

V

A Praça Tiradentes, á noite. — Frequentadores do jardim e a estatua de D. Pedro. — O accendendor de lampeões. — Commercio do tempo. — Casas de vender iscas. — Á hora dos bebados. — O guarda nocturno da zona. — O homem da carroça de lixo e o seu burro sabio.

A praça Tiradentes, em 1901, se não é mais aquelle logradouro melancolico que a gente pôde ver na estampa de Debret, ainda conserva certos aspectos dos velhos tempos coloniaes. O quadro do casario, em torno, por exemplo, um casario desornado e feio, com seus telhados rugosos e encardidos pela acção do tempo, alguns delles, até, armados em sotéa e onde, não raro, se chega a ver a corda com a roupa que branqueja ao sol, esse quadro molesto ainda não mudou. Ao centro, o jardim, um jardim, á Luiz de Vasconcellos e Souza, bosque selvagem e hirsuto, sem grandes perspectivas, todo elle um espesso tapavistas de folhagem, com ruasinhas de macadame mal varridas, e por onde passeiam, depois de oito horas da noite,

moços de ares feminis, que falam em falsete, mordem lencinhos de cambraia, e põem olhos acarneirados na figura varonil e guapa do senhor Pedro I, em estatua. De S. M. dizer-lhes, do alto de seu cavallo, como a outros já disse, figuradamente, em uma certa revista do anno:

— Meninos, olhem que eu sou de bronze...

A estatua, como monumento, é o melhor, senão o unico que a cidade possui, digno de ver-se e admirar-se.

Quando surgiu a Republica, um grupo exaltado de patriotas quiz destruil-a, aos gritos de: — Abaixo o recolonizador!

Insania. Irreflexão. Porque afinal, se o symbolo não é amavel, a linha de arte é bella. Tão bella que acabou despertando, afinal, no cerebro de toda aquella alvoroçada gente, o bom senso, a razão. E sobre o pedestal magnifico lá ficaram para sempre (e que fiquem!) bellos e inoffensivos, d. Pedro, o donairoso, e o seu lindo cavallo.

Na parte que vae do Theatro que hoje se chama João Caetano, ao Moulin Rouge, está uma fila de tilburys, com os seus cavalicoques de pequena estampa magros, arrepiados, sujos, á espera da freguezia que não vem.

O tilbury do começo deste seculo, com a sua capota immunda, e seu cocheiro de paletot aberto e bigodeira farta e retorcida, é decrepita conducção de almofadas quasi sem couro, quasi sem painas, e sem

o menor conforto, um vehiculo digno da cidade ester-corosa, embora não o seja de seus pobres filhos, ávidos, como sempre foram, por um progresso que, durante cerca de 80 annos após a nossa Independencia, aqui ainda vive solapado e opprimido pelo guante de ver-gonhosas tradições.

Diz o grande Noronha Santos que a introdução desse genero de carriola, entre nós, vem da era joa-nina. Quem taes carros observa, porém, no começo deste seculo, fica pensando que os mesmos são os do tempo do rei, tão gastos e tão velhos se apresentam. Ver-dadeiros molambos.

Conta um cocheiro antigo, e ainda vivo, talvez, (pois o informe que me prestou não tem mais de dois annos) que, quando na praça Tiradentes apparecia, casualmente, um tilburyzinho novo, em folha, de ca-vallo lavado e de couros brunidos, todo elle a fulgir como se fosse um chromo, logo os cocheiros das velhas e desconjuntadas traquitanas, invejosos, perversos, irritados, vaiavam-no á socapa, atiravam-lhe pedras, cacos de garrafas, velhas ferraduras, quando não lhe cortavam, á navalha, a armação da capota, ferindo até o pobre animal!

Observe-se como, de quando em quando, regis-tram-se acontecimentos eguaes a este, provando a lucta que aqui se travava para obter um pouco de progresso, guerra aberta da tradição colonial contra a ansia e até contra o direito de um povo que desejava e não podia melhorar!

Os tilburys estão em fila. Nas boléas abandonadas, fincados, os chicotes, os cocheiros, em grupos, numa indumentaria toda ella correspondendo, integralmente, á miserabilidade de seus vehiculos. Mal postos, sujos, farrapentos, calçando, quasi todos, sapattoras de couro amarello e crú, trazem os paletots, de alpaca ou de sarja grossa, verdadeiros mappas geographicos de serzaduras e remendos, abertos, mostrando immundissimas camisas e enoadissimas gravatas. Na cabeça um chapéo de massa, de abas pandas, enorme, se não é um "coco" ecclesiastico, de abinha dura, muito usado e ruço ou um chapéo de palha que, para durar annos e annos, é pintado a verniz japonês, um verniz preto que se vende pelas lojas de ferragens a seis tostões o frasco. Apuro, a bem dizer, nessa gente, só ha o dos bigodes, sempre muito crescidos, muito bem encaracolados, rebrilhantes de graxa ou vaselina. Que o resto...

Emquanto esperam pela escassa freguezia, estão elles en francas gargalhadas, aos empurrões, aos sôcos, berrando alto, soltando dichotes, ás vezes em correrias pelo Largo, a derrubarem-se uns aos outros, pisando transeuntes e até os proprios animaes, a ponto de chamar a attenção da policia. Ninguem se espante com o caso, porque os homens se recreiam. Tudo aquillo é piada. P'ra rir. Pois ! P'ra gozar... Então! Cada cocheiro tem um appellido. Um é o *Sarrapatilha*, outro é o *Manoel da Latada*, mais o outro que é o *Agostinho vae-te com ella*.

Berra o *Sarrapatilha*, de se ouvir na parte extrema do Largo, onde está a Secretaria da Justiça:

— O' Misarella, o que vae com a negra de trunfa e manta, olha: uma pra ti, outra pra ella!

Gargalhadas altas, ensurdecedoras. E todos:

— O' Misarella!

Por vezes, quando o alvoroço dos tilbureiros é grande, na linha do Largo que avança para as bandas da rua da Constituição, em meio ás lojas, todas abertas, illuminadas, cheias de freguezes até 10 horas da noite, vem á porta do seu famoso estabelecimento



O tilbury

o Manoel da Cêra, figura das mais populares do logar. Vem ver, sentir o estardalhaço, "dos rapazes", como esse diz, em mangas de camisa, gordote, baixote, a me-

dalha dos brilhantes a offuscar a iluminação da praça... Sorri com bonhomia, dá a sua volta ao bigode:

— Pagodeiras! Maroteiras! A rapaziada diverte-se!

Os animaes dos tilburys, por vezes, tambem se divertem, dando fortes patadas no pedregulho das calçadas, sacudindo as caudas ramalhudas, aos relinchos, meneando de um para outro lado, o focinho embiocado no couro de vastissimos antolhos...
Divertimento geral...

De repente, um reboiço pelo ponto de estacionamento das carruagens, correria estouvada de cocheiros, cada qual a trepar para o seu carro, berrando todos de uma só maneira:

— Aqui! Aqui! Aqui!

E os vehiculos que partem numa arremetida louca, em furia, sobre um vulto do que se pensa ser o de um freguez que vae precisar de tilbury!

O homem, porém, que sobrevive á offensiva, num circulo de rodas, de varaes e de capotas, um tanto commovido, consegue explicar, então. O que deseja não é carro, é informe. E' de Minas, conta. Acaba de chegar. E quer saber para que lado fica um Largo que se chama do Rocio.

Ha um desgosto geral, um rodar enfadado e lento de carruagens que recuam. Depois, um silencio meio hostile. Mas sempre uma alma generosa surge, que, finalmente, o informa.

— Pois o Rocio é este mesmo largo, onde você está, ó sua *besta*!

O homem sorri do proposito. Surprehende-se com tanta amabilidade. Espanta-se. Mas fica sabendo onde é o Largo.

Pela época, com effeito, pouca gente vale-se de tilburys. Se são tão caros! E depois, custavam o que o cocheiro quer que custem. As tabellas são como as das Feiras Livres dos nossos dias, que se inventaram



O accendedor de lampões

sómente porque, sem ellas, a Politica não poderia nomear fiscaes. Valem-se de taes vehiculos, apenas, os que estão muito apressados, os medicos, os que tem

negócios urgentíssimos a tratar, os millionarios e, por vezes, os loucos.

Cae um pouco de treva. A agitação da praça diminue. O relógio da torre de S. Francisco, proximo, bate, pausadamente, sete horas.

Ouvem-se vozes, berros, gritos, assobios, que veem, num côro escandaloso, dos lados da travessa Silva Jardim e, logo, a figura macabra de um homem de cabelo em pé, olho tragico, a correr como um doido, perseguido por um bando composto de atrevidos garotos. Traz elle, na mão, um varapão enorme, em cuja extremidade superior ha uma porção metallica, que faúlha.

Ouvem-se então, distinctamente, os gritos:

— O' Propheta! Olha, o diabo! Mostra-lhe a cruz!

E' o accendedor de lampeão que, sob a surriada de vadios, faz leguas, a correr. Deante de cada combustor, serenamente, pára, enfia o varapão numa fenda da lampada e accende o bico de gaz. Quando parte, o côro de vozes, insiste, de novo, a perseguil-o.

— Propheta! Olha o diabo! Olha a cruz!

O homem, porem, não leva a serio a gritaria. Lá uma vez ou outra é que se volta ou pára, avançando, a ameaçar os vultos que o acuam. Não porque lhe gritem, tão sómente porque lhe atiram bolas de terra, lascas de páo ou pedra.

E' tradição no Rio de Janeiro essa pilheria de mão gosto, feita ao pobre accendedor de lampeões,

um homem que recebe da *Société Anonyme du Gaz* uma miseria, e que vive a arrebentar-se, sem gloria, sem estimulo, pelas ruas da cidade, a correr, a correr, leguas e leguas, isso por um tempo em que não se fala nem se glorifica entre nós o campeão da corrida a pé...

A praça todã está illuminada. A praça, as lojas, as lanternas dos tilburys e até as das caleches que fazem ponto junto á porta do *Mangine*.

Illuminam-se as gambiarras do *Moulin Rouge* e do *São Pedro*. Os *guichets* dos theatros começam a vender bilhetes. Os cambistas fazem a ronda dos *guichets*.

— Tenho aqui uma excellente cadeira bem junto á porta, ao centro... Compre-m'a que é a ultima...

O espectador, que toma a offerta como recommendação, compra-a e paga o que se lhe pede, como cambio; á hora do espectaculo, porém, quando se vae sentar e vê aquillo que comprou, desanda aos berros. Protesta. Vae ao que lhe vendeu, porque a cadeira não é a ultima da mão do cambista, mas a ultima na sua collocação dentro do theatro.

E o outro, tapando-lhe a bocca, com a verdade:

— Vendi o que lhe offerencia: uma cadeira ao centro, bem junto á porta, a *ultima*, ultima como collocação na platéa...

Foram grandes cambistas desse tempo, entre muitos, Celestino Silva, (depois empresario), Juca Florista e o famoso Luiz Braga, feito, antes de morrer, Visconde de S. Luiz de Braga...

Conta-se que este, quando lhe perguntavam, e isso no fim de sua ardua e venturosa carreira:

— Por que não te fazes commendador?

Respondia sempre:

— Porque sei ler e escrever! Commigo é só de barão para cima. E foi, realmente, Visconde. Morreu rico e importante, dono de um solar, e com biographia e necrologio no *Commercio do Porto*. Sabia ler e escrever! No necrologio famoso mencionavam-lhe a prenda.



Celestino Silva

Das 8 ás 8 $\frac{1}{2}$ o Largo inteiro se agita. O povo começa a invadir os theatros. Na charutaria que está junto ao *Moulin Rouge*, a do João de Figueiredo, *leader* das pateadas, amigo incondicional de todos os artistas, começam os bate-bôcas, as discussões sobre a veia comica do Brandão, as tiradas melo-dramaticas do Dias Braga ou as graças femininas da Pepa, da Manarezzi ou da Delorme.

Quando não vae representar para os theatros, em meio a essa gente que gralha mais do que compra cigarros ou charutos, está o Eugenio Magalhães, estão o Areias, o Peixoto, o Brandão...

Do outro lado, na esquina da rua Sete, é que fica o charuteiro Madruga, em cuja loja se reúnem os actores que organisam os famosos *tiros*, especta-



Mascate



Doceiro de caixa

culos que se fazem para explorar o sentimento patriótico da colônia portuguesa, com peças como *Os dois proscritos* ou *A restauração de Portugal em 1640, Honra e Gloria*, para não citar outras.

Mais adiante da charutaria do Madruga fica o restaurante Mangine, e, perto, no canto da rua do Sacramento, (inda não se abriu a Avenida Passos) o *Criterium*, café então considerado o melhor do lugar, e a *Maison Desiré*, na esquina da Travessa Silva Jardim. Tudo isso iluminado, sem contar as lojas que estão abertas, até às 10 horas da noite, dá ao logradouro uma animação só comparável á das grandes cidades.

As 10^{1/2}, de novo, agitação pela Praça, confusão de vozes, gritos, brados, cantigas, e os cafés, e as casas de diversões, apinhando-se de gente. Hora da caixeirada, que, com alarde, atira-se na rua e está buscando os centros de alegria e de palestra. Hora em que se começa a cear, a merendar, no restaurante, no café, no bar ou na casa de pasto.

Emquanto não acabam os theatros, demos uma saltada á rua do Espirito Santo, perto, ainda muito estreita, cheirando a fígado frito e



Actor Paizoto



Actor Dias Braga

a gordura de porco, com a excrescencia do *Recreio Dramatico*, ao fundo, de gambiarras accesas, mostrando cartazes muito mal pintados, a annunciar:

A INANA

REVISTA DE MOREIRA SAMPAIO

A's 8 1/2 (estão suspensas as entradas por favor)

A vida dessa rua, em grande parte, deve-se, diga-se de passagem, aos restaurantes onde se vendem iscas, casas de comer de terceira ordem, e que affixam, pelas portas, cartazes, mais ou menos redigidos desta maneira:

ISCAS COM ELLAS OU SEM ELLAS, BACALHAU A' PORTUGUEZA, FAIJÕES, TRIPAS A' MODA DO PORTO. BIFES DE FRIGIDAIRA, AO GOSTO DO FREGUEZ.

Vinho do melhore

O povo sempre chamou a esse modesto restaurante, curiosissimo no genero, *casa de pasto* ou *fregue moscas*, embora o ingenuo, muita vez, o conheça por *casa de petisqueiras*. Ainda é o manhoso negocio, em 1901, o mesmo que era nos tempos coloniaes: um antro de espurcicia e máos odores, regalo, no emtanto, do que não sabe a gente, se evolue do porco, para o homem, ou do homem para o porco.

De ver os interiores desses laboratorios de infecções intestinaes, com as suas cosinhas ennegrecidas pela fumaça, accionadas á lenha bruta ou a carvão de coke, verdadeiras fornalhas contendo fornos, sempre sob a pressão de um calor formidando, covas sinistras onde se agitam homens nús da cintura para cima, que lembram chafarizes a vasar, de corpos immundos, suor e humores por sobre o mantimento que trabalham. No solo estercoreoso estão amontoadas as carnes, os legumes, as especiarias, de envolta com as varreduras em decomposição, o pó de carvão de pedra, estilhaços de lenha, panellas, caldeirões, grelhas, caçarolas, vasilhame que nunca foi lavado, como nunca se lavou o alimento que é destinado a ir ao fogo, que o lemma na casa é este: *lavou-estragou*, que sae do bestunto do cosinheiro, um homensinho que se julga a creatura mais accada do mundo, só porque vive a lavar-se em suor, o dia inteiro...

Ha para o enxugo dos corpos suarentos uma toalha de pello, que, quando calha, é a que limpa, na beirada dos pratos que vão para a mesa, a mancha dos molhos que extravasam, e onde — oh! ignominia — muitas vezes, são mugidos os fluxos nasaes dos que, no trabalho, se endefluxam.

Desse chiqueiro infecto, ainda não visitado pela Saude Publica, é que sae a petisqueira supimpa, que é servida na sala do refeitório, sobre toalhas ennodadas de vinho, com manchas de gordura, a estalos.

de lingua, a uma freguezia que exalta, com entusiasmo, o pitéo, atirando, ás guelias alegradas, goles do bom verdasco:

— Isso é que é o que se póde chamar um *senhor caldo de untos!*

E tome mais gole do verde!

O grande prato da casa, porém, a essa hora da noite, é a isca, o figado de boi grelhado ou frito em banha de porco.

Para attrair a freguezia, vem para a porta da rua um fogareiro de carvão, onde se frita ou onde se grelha a viscera do boi. Um ajudante da cosinha, armado de uma colher de cabo ou de um tridente de enormes dimensões, assa o alimento anunciado:

— Iscas com ellas e sem ellas, especiaes, estão cheirando! . .

Sem ellas são as iscas que se servem sem batatas ou cebolas, simplesmente grelhadas, porque as outras, as que se fritam, levam batatas, levam cebolas ou até cebolas e batatas, juntamente.

O olor do figado frito sae do *frega* e desembesta pela rua afóra, indo agarrar, pelo nariz, o freguez longe, até em meio á Praça Tiradentes, ou mais longe. Isso, conforme o vento. . .

Vem elle e abarraca. Tem sorte de não ver, em torno, o insano revolutar das moscas, que, por essa hora da noite, dormitam, em placido repouso.

Descendo do alto tecto, estão os velhos e toscos candelabros de metal onde se entrosam *habilidades* feitas em papel, habilidades essas que se resolvem e se bipartem em pendões que por sua vez se espalham como raios, de um candelabro para outro, ou para os quatro ângulos da sala. Durante o dia o papel pode ser branco, azul, creme ou côr de rosa. A' noite é rigorosamente preto, tal o enxame de moscas que por sobre elle vem pousar, fóra os insultos physiologicos que as mesmas vão deixando, por essas horas de repouso.

Uma folhinha de anno e uns reclames de vinhos portuguezes completam a decoração do achamboado frego.

Chega o caixeiro para cantar a lista. A casa, em geral, não tem, jamais, *menu* escripto, porque não tem freguez letrado. Canta, por isso, o caixeiro o que ha como cardapio, arrancando á memoria (porque tambem, elle é analfabeto), o nome das iguarias que viu fazer ou sabe que se preparam na cosinha.

— Temos: caldo verde, caldo d'untos, caldo de tutanos...

Por vezes, a memoria do funcionario fallece, e elle cita um prato da vespera, que na hora não existe, mas que o freguez, por acaso, logo escolhe:

— Dê-me esse frango de cabidella...

Grita o caixeiro para dentro, aos homens da cosinha:

— Salta cabidella para um!

O homem que o ouve, lá dentro, no amago da fornalha, salva-o, porém, com elegancia, abemolando a explicita resposta:

— Não... tem mais!...

Uma vez ou outra, quando o cliente é de certa qualidade, ou cheira a distincção, o caixeiro, por es-
perteza, dando importancia á casa, mette na *cantiga*
pratos finissimos, que nunca o *fregue* seria capaz de
preparar. Pede-o o ignorante freguez? Cynicamente
grita o caixeiro, logo, para a cosinha:

— Salta um p'r'u de caçarola, estufado com
nozes!

E o homem de dentro, que comprehende o al-
cance do pedido, dando a impressão de que o per-
tinha tido uma extracção enorme:

— Não... tem mais!

Da lista cantada fazem-se especialistas certos
garçons. Optimos cantadores são os que annunciam
rapidamente, não sem pôr um *respiro*, que é assim
como quem diz uma pausa, entre as iguarias annun-
ciadas. Exemplo:

— Temos iscas, com ellas ou sem ellas — batatas
ou cebolas fritas na banha e feitas á minuta (pausa).
Temos um bacalháo assado na braza, do gordo, do
melhor, do especial (outra pausa). Temos paios de
Lamego, coelho á Porcalhota...

Na hora da conta, que se chama a *madrasta*, o
caixeiro justifica-a em voz alta:

— São dois de pão, um de azeitonas, quatro de bacalhão, quatro das *iscas*, seis de vinho e um de banana. Logo a *somma* (mas em voz baixa): Vinte tostões.

O freguez, que conhece a *mathematica* dos *freges* e as manhas dos seus *garçons*, pensa um pouco, calcula e rectifica:

— Alto lá, vinte, não, são dezoito...

— Ou isso, diz naturalmente, o esperto funcionario do estabelecimento, useiro e veseiro nesses erros de *somma*, com os quaes engorda e alarga a bolsa das gorjetas...

O homem que canta a lista tem dois dedos de testa, um bigode armado em arvoredado de zebú, calça tamancos e fedê a urina de gato. Emquanto canta tem os olhos no tecto e está mettendo o dedo no alforge do nariz, se não está esgaravatando a impigem das virilhas.

O freguez escolhe, por acaso, um bacalhão com arroz?

Assim o reclama o funcionario da *sala*, ao funcionario da *fumaça* (cosinha).

— Sae uma *espinha*, acompanha um *chinez*!

E' uma giria de restaurante que ainda não se perdeu de todo. Chama-se, ainda hoje, ao bacalhão, *espinha* e *chinez* ao arroz. Um bife com um ovo em cima, é um bife com um ovo a cavallo (essa expressão de giria passou aos restaurantes de certa categoria, e tambem ficou). *Costella de Padre* é a costelleta de

porco, *roupa velha* — carne secca, a que ficou de um dia para o outro, desfiada.

Certas expressões do calão culinario ainda existem até hoje: *Está andando*, que é como quem diz *está sendo preparado o que foi pedido*, expressão que, por vezes, é substituida por esta: *Está na mão do artista*. *Salta, tira*, o mesmo que — dê-me. Ou mande. *Carregar no entulho* é encher o prato com o molho ou qualquer outra cousa que a elle se mistura. *Carregar*, simplesmente, é accrescentar, augmentar.

A proposito, uma historia desse tempo, em que entram dois pintores, Arthur Timotheo da Costa e Helios Seelinger, ambos, entre nós, bastante conhecidos, isso, por uma época de muita mocidade e pouquissimo dinheiro.

Convidado para almoçar pelo pintor Helios, foi Thimotheo da Costa parar ao "Zé dos Bifes", casa de petisqueiras, modesto restaurante de bohemios, que existiu na rua da Carioca, logo ao nascer deste seculo.

Honrando a freguezia, vem Zé, em pessôa, *cantar* a lista e servir-os.

Helios, num gesto, diz, logo, ao homem, que não a cante. E pede um bife com cebolas e batatas. Um

— Isso para o senhor Helios, falla-lhe o Zé amavel, e para o seu amigo ?

— Elle espera, caro Zé, retruca-lhe Helios. E num tom mellifluo: Olhe, já que ainda não foi *encommendado* o prato, *recommende* aos da cozinha, para *carregar* na cebolada do bife.



Arthur Timotheo

— Perfeitamente, sr. Helios, um bife com batata, carregadinho na cebola.

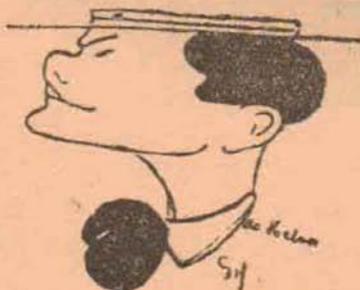
Ia sair, para pedir o prato desejado, quando Helios, ainda lhe diz, malicioso:

— Zé amigo, ouça cá, penso que talvez você possa mandar carregar, também, um pouco, na batata. Se isso não vai abuso.

E Zé:

Carregar, então, nas cebolas e nas batatas. E com um gesto de complacência:

— Faz-se!



Helios Seelinger

Não tinha o dono do restaurante dado dois passos, quando o chama de novo o pintor, agora, embriagado num singular sorriso:

— Querido Zé, amigo Zé, mas... esquecia-me... Olhe cá, já que você, tão amavelmente, mandará que se carregue na cebola e na batata, Zé do meu coração, do coração de todos nós, não pôde você também, mandar que se carregue na carne desse bife?

Amigo Zé soltou uma vasta e sonora gargalhada. E quando trouxe o prato, com a carne, trouxe logo o talher para o Thimotheo, não sem dizer:

— Vá por quatro o que se paga oito em qualquer parte.

Na verdade o bife que custava quatro tostões foi o almoço dos dois bohemios nessa manhã feliz, mesmo porque, de outra fórmula, não poderia ser. Helios não trazia mais de quatrocentos réis no bolso.

Zé dos Bifes foi uma figura bastante conhecida das rodas bohemias do começo do século. Cerrou as portas, emtanto, certo dia (em 1903 ?) devendo à praça. Tinha que ser assim.

Montou, depois, na rua da Alfandega, um outro restaurante, *Planeta do Destino*, já de categoria melhor e onde iam, além dos bohemios que tinham vindo como freguezia da rua da Carioca, estudantes, rapazes do commercio e funcionarios publicos. Quebrou tambem.

Encontro-me, uma vez, com o amigo Zé, na rua do Carmo, todo amarrado dentro de uma dessas sobrecasacas que foram, ao mesmo tempo, importancia e tortura no começo do século, um rolo de papeis debaixo do braço, suando em bicas. Abraçou-me com carinho, recordou a rua da Carioca, o *Planeta*, a sua mania de fiados e os calotes que levava.

— E nunca mais, já agora, pensarás em restaurantes, ó Zé ? perguntei-lhe.

E elle me respondeu:

— Ao contrario. Inauguro um, no dia 2 do mez proximo, á rua de S. Pedro, perto da Prefeitura. Até vou lhe dar um cartão.

Remexeu nos bolsos da sobrecasaca, suarento, importante, e afinal acabou arrancando ao fundo da algibeira o annuncio do novo estabelecimento, que por signal começava assim: *Hotel Novos Horizontes...*

Soube, depois, que o titulo lhe havia sido suggerido por Camerino Rocha, que accrescentára, n'um parentheses, que o Zé dos Bifes achou de bom aviso supprimir no cartão: *nome que é o programma de um homem que já foi dono de dois e conhece hoje, melhor que ninguem, negocio e freguezia...*

Contra a prosperidade dos negocios de Zé, sempre trabalhavam dois elementos poderosissimos: o seu coração bem portuguez, de um lado, e do outro lado a sua dilatada admiração pelos homens de espirito.

Em 1928 Zé dos Bifes ainda vivia, pois vi-o nos suburbios desta capital, muito velho, muito alquebrado, de oculos negros, levado pela mão de uma netinha. Falei-lhe. Sorriu com indiferença. Deu-me a impressão de que não se lembrava mais de mim, nem de muitos dos nossos. A visão perfeita de um homem devorado por uma esclerose cerebral. Comovi-me, profundamente, como me commovo sempre que revejo ou que evoco dias felizes que foram e não voltarão mais.

Pobre Zé dos Bifes!

Fecham os theatros á meia noite; no entanto, os restaurantes, os cafés e os *bars* continuam ainda abertos até uma hora da manhã. O grande movimento do Largo cessa, muito depois dessa hora, que é a dos ultimos bebados que, das casas onde se embebedam, são atirados á calçada, embora sem se conformarem com a violencia da medida, nem com a lei que regula o fechamento das portas do commercio da cidade, privando-os de beber. Fecham-se as portas; porém, elles, os bebados — é da pragmatica — ficam ainda, por muito tempo, recalcitrantes, teimosos, rondando, em torno ás mesmas, como mariposas, ao redor da luz, não raro aos berros, aos gritos, protestando, a espreitar pelos buracos das fechaduras, descobrindo as luzes interiores que ainda não se apagaram de todo.

— Abre esta porta, miseravel! Paguei, com o meu dinheiro, o que bebi! quero beber mais! Miseravel, você não pôde pôr assim, no meio da rua, um freguez como eu! Abre essa pooorta!

E' nessa altura que apparece, sem a gente saber *afinal* de onde, um sorriso á flor dos labios, a typica figura do guarda nocturno da zona, o *morcego*, das mais comicas e das mais caracteristicas de toda essa cidade, pelo tempo.

*Nas horas mortas
Apalpo as portas...*

E' uma caricatura, o homem, em geral, velho, vezes até com 70 annos, cheio de achaques e com um em-

prego durante o dia, de continuo no Thesouro ou de operario nas officinas da Central ou do Arsenal de Marinha, onde labora, coitado, de sol a sol. Veste um



O guarda nocturno

uniforme de brim pardo, capaz de servir a dois, no comprimento ou na largura, franzido na cinta por um largo boldrié de couro, de onde pende um espa-

dagão enorme e quasi sempre enferrujado. O *bonet*, quando não é calçado a papel, desce-lhe até ás orelhas. Numa fita estreita, pendente como um escapulario do pescoço, o apito de socorro. Traz no estojo do revolver, posto bem em evidencia, em vez de arma, uma bolsa de fumo e uma caixa de phosphoros.

Na hora da encrenca, não se aperta. Se não pôde sair della, sem ser visto (o que ás vezes acontece) mette o apito na bocca e sopra. Não socorre, mas chama por socorro. E enquanto este não chega, fica apitando, apitando...

O esforço, como se vê, não é extraordinario, mas é preciso saber: o infeliz ganha sómente 30\$ por mez. É velho e soffre de rheumatismo.

Elle mesmo diz, arrastando os pés, o cigarro dependurado ao canto da bocca, após explicar como se bateu, em 1865 nos Campos do Paraguay:

— Afinal de contas, eu estou aqui para rondar, não estou aqui para prender.

E tem carradas de razão. Um guarda nocturno tem sempre razão. Razão até quando dorme. Um d'elles, que eu fui encontrar roncando certa vez, em hora de rondar, na moldura de um vão de porta, disse-me, embora um tanto constragido:

— Não durmo, não, *Seu* doutor. Cochilo. O ouvido é bom. É mesmo que dormisse? Velho tem somno leve...

Coitado, trabalhava de sol a sol. Saindo do emprego ás 6 da tarde chegava á casa, nos suburbios, ás 7, para fazer o jantar delle, de dois filhos e de 3 sobrinhos, menores de 10 annos, para recommear o trabalho da ronda ás 10 da noite. Um inferno!

E os que dormem encostados ás portas e ás paredes, tendo, antes, o cuidado de virar de costas o chanfallo afim de que não o roubem?

Ser amavel, inoffensivo e sympathico. Para espantar tico-ticos e pardaes, nas hortas, toma-se de um páo em cruz, alto, veste-se nelle um paletot e põe-se na parte superior um velho chapéo furado. Salva-se com isso todo o milharal. O guarda nocturno da zona está para o malfeitor como esse espantalho para os passaros.

Tem elle, emtanto, por vezes, outra utilidade:

— Sr. guarda, por favor, dê um pulo á pharmacia da esquina e peça-me uma coisa capaz de abrandar-me uma colica que me mata! estou só em casa. Vomito! Por favor, tome lá dez tostões... Corra...

E elle lá vae, importante, quasi apressado, acordar o pharmaceutico, dar conta do seu serviço. Quando traz o remedio recebe o troco de gorgeta. Esplendido negocio! São quatro tostões, para o tempo, coisa magnifica. De abençoar as colicas do outro e de lhe dizer, assim, em forma de agradecimento:

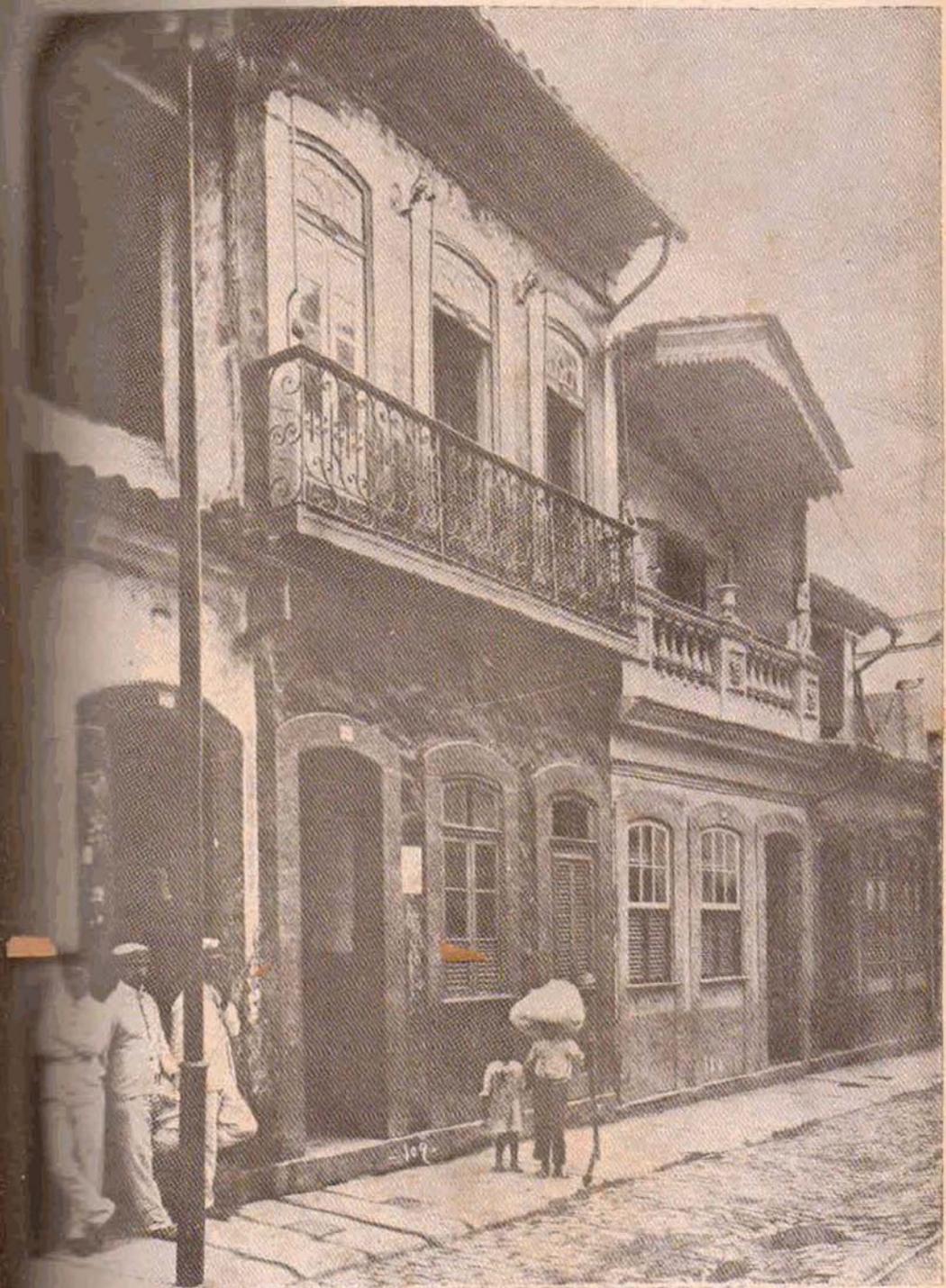
— Deus que lhe dê, sempre, dôres de barriga eguaes a essa.

Largo e jardim estão completamente desertos. De resto tudo se fechou ha muito tempo. Apenas, nas janellas do *Congresso dos Politicos* desenha-se uma leve, tenue claridade que as cortinas de renda ou de cambraia das janellas apenas dissimulam. O ultimo tilbury levando o ultimo bebado do Largo, já deve estar chegando a Botafogo.

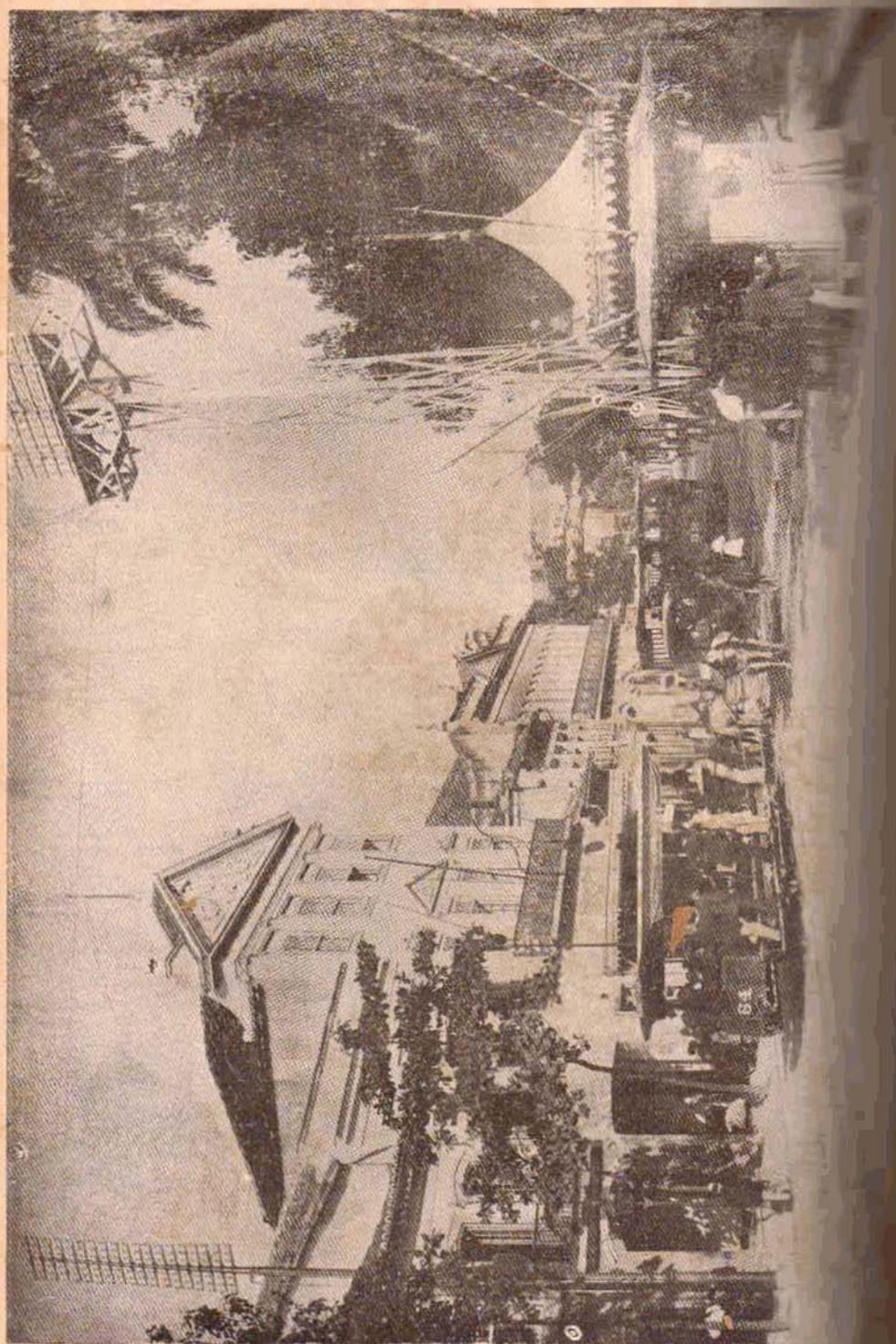
Na torre de S. Francisco ouve-se a badalada das tres horas: bam! bam! bam! A cidade repousa. Dorme. Pelos sobrados, atravez das vidraças corridas ou das venezianas de abrir, sente-se a luz fraca e amarellada das lamparinas de azeite e adivinha-se o quadro intimo e burguez do interior tranquillo: o marido mettido num vasto camisolão de linho, com debruns de retroz vermelho na abertura da gola, roncando, em leito com cortinados de filó, por causa dos mosquitos, e ao lado a mulher de carnes bambas e gorda, de camisola longa, passando um palmo da linha dos pés, mostrando punhos de rendas e laços de fita côr de rosa. Está sonhando, de bôca aberta, a cabeça cheia de papelotes.

Na doçura da noite silenciosa vêm-se a praça deserta e as estrellas na altura, que scintillam. Subito, um ruido singular, que vem de longe, um ruido manso, um chiar leve de palhas novas sobre o chão.

São os varredores da limpeza publica, varrendo o pedrugulho das calçadas. E' a *toilette* matutina da cidade. *Toilette* ligeira, *Toilette* do tempo. A vassourada "pouco mais ou menos", sem esmeros... E' pre-



Rua da Misericórdia



ciso notar que isso tudo é pelo Rio dos primeiros annos do seculo, antes de Passos e de Oswaldo Cruz.

Depois, um soturno rolar de roda chapeada em ferro sobre a pedra dura, num ruido melancholico, que cessa, mysteriosamente, de quando em quando, para recommençar, depois, e que, á medida que continúa, vae crescendo, crescendo, até que surge o desenho precario de um vehiculo, a carroça do lixo, puxada por um burro manso que caminha a passo tardo, tendo por acolyto um sujeito que traz na mão esquerda uma vassoura curta e, na outra, uma pá enorme.

E' quando se ouve a voz do capataz que commanda o grupo dos varredores:

— A turma sae da calçada e ataca o centro!

As vassouras ao hombro, os varredores tranquillos caminham, obedecendo á ordenança.

O da carroça, por sua vez, commanda o burro:

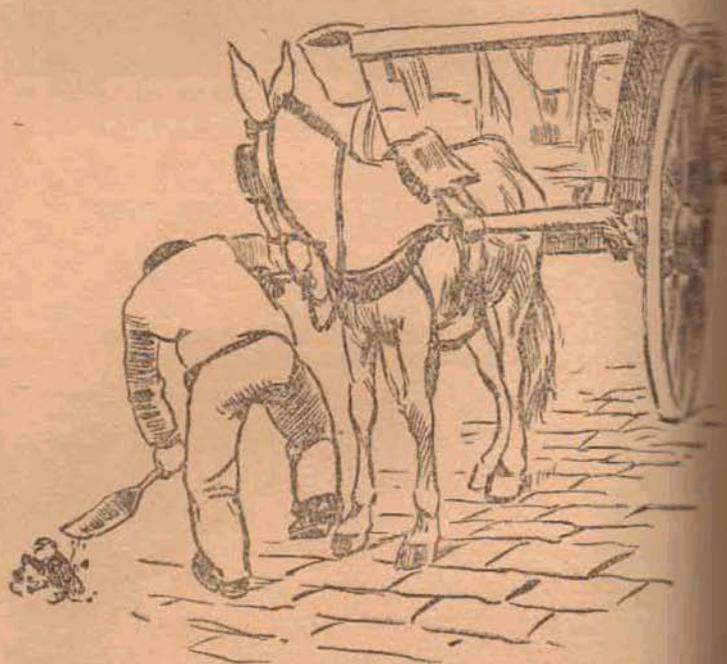
— 'Ára! Que é como quem diz a um collega — Faça o favor de parar um pouco, enquanto eu apanho, aqui, o lixo da calçada...

Quando cessa o ruido da carroça o burro, pachorentamente, fica de orelha em pé, attento e sabio, esperando pela ordem nova, que não tarda:

— Oôô. Esse oôô! é' uma expressão que se traduz pouco mais ou menos, assim: — collega, pode puxar agora. Eia! A caminho, avante!

De resto esse homem e esse burro, que se comprehendem e se completam, em alguns conjuntos

do genero, formam como que um todo só, na personalidade. E é assim, que, mal o carroceiro põe, na carroça, o lixo, muitas vezes parte logo, adivinhando a ordem, o burrinho que sómente estaca quando vê a varredura em monte, posta adeante, á sua frente. E o manejo, assim, vae-se automaticamente repe-

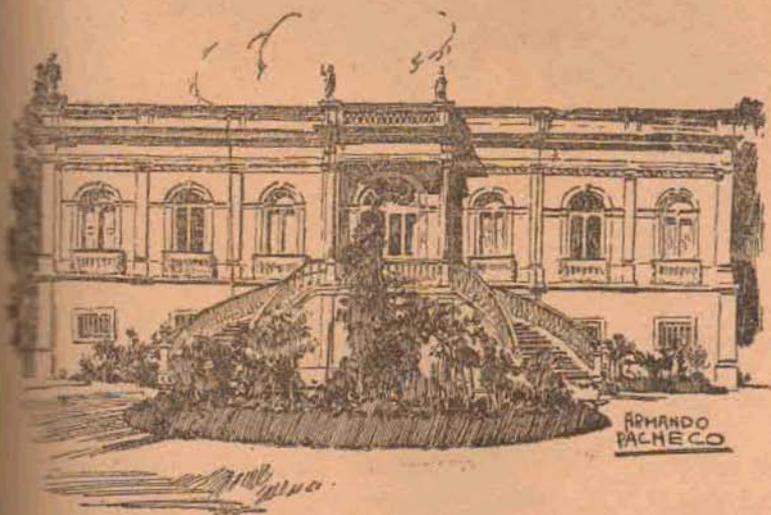


A carroça do lixo

tindo. De qualquer maneira o solipede avisado desmente as tradições da raça, prova que é inteligente e um funcionario com varias superioridades sobre o

outro, o carroceiro. Não falta nunca ao ponto, não se queixa das ordens de serviço e, o que é melhor, não pede augmento de ordenado. . . O que lhe dão, aceita, sem protesto.

Inteligente, pontual, solícito e discreto, é um burocrata completo, funcionario perfeito. Trabalha. Não sabe o que sejam reivindicações de classe e, além disso, greve. . . O mais que faz, quando o fatigam muito, é sacudir o pello das orelhas, com rompante, mover, nervosamente, a cauda; mas se o carroceiro commanda: — Oôôô! disciplinado e manso, continua o labor, pacatamente. . . Funcionario exemplar!



Paçoete Guanabara (antes da sua transformação)

VI

Rua da Misericórdia e adjacências. —
Seus moradores. — Typos curiosos.
— O homem dos sete instrumentos.
— O vendedor de modinhas. — Ci-
ganas. — Recordações da Princesa
Mathilde. — A mulata Estephania.
— A “fumerie” do chim Affonso. —
A hora do amor e da faca.

As ruellas que se multiplicam para os lados da Misericórdia: Cotovello, Fidalga, Ferreiros, Musica, Moura e Batalha, estreitas, com pouco mais de metro e meio de largura, são sulcos tenebrosos que cheiram mal. Cheiram a mofo, a pão de galinheiro, a sardinha frita e suor humano. O bairro é velho e miseravel, remanescente de um casario que foi, entanto, o da melhor nobreza, pelos tempos dos governadores Duarte Gouveia Vasques ou Salvador Pereira, ahi pelo anno de mil seiscientos e tantos. Pifios sobradões expondo frontarias onde a cal branca dos rebocos ganha uma côr grisalha, paredes descascando, roidas pela implacavel lepra dos tempos, o pedregulho e o tijolame á mostra, telhados suando a lentura verde dos limos ou esbranquiçados, nos beiraes, pelo brotar de cogumelos,

telhas de canal partidas ou desbeijadas. Casas, enfim, onde a gente adivinha, em fundos apodrecidos pela humidade e pelos annos, gatarrões herculeos e cães violentos, todos em furia, a despedaçar ratazanas colossaes, quasi tão grandes como carneiros! Predios que ha quasi um seculo não recebem uma só mão de tinta, um pequeno concerto na esquadria cumba e estalada pela idade, nos vidros partidos que se vêem remendados por immundos pedaços de papel, nas sacadas, mostrando ferros retorcidos e corrimãos côvos pela acção destruidora do cupim. Tudo isso anda a pedir, aos berros, picareta, fogo ou terremoto.

Surgindo dos balcões gradeados ou dos paneiros das janellas, trapos a seccar que o vento enfiava e balanceia: saias, camisas, meias e outras peças de roupa, postas por sobre cordas ou arames esticadas á força de bambús.

Atrás desses biombos que esvoaçam, alviçareiros, no ar, a vida humilde dos que nada têm, dos miseraveis e dos pobresinhos... Moçoilas pallidas, com travessas de celluloides á cabeça, calçando tamancas de páo, trajando vestidinhos desbotados de chita, que cantam o:

*"Perdão Emilia
Se roubé-te a vida"...*

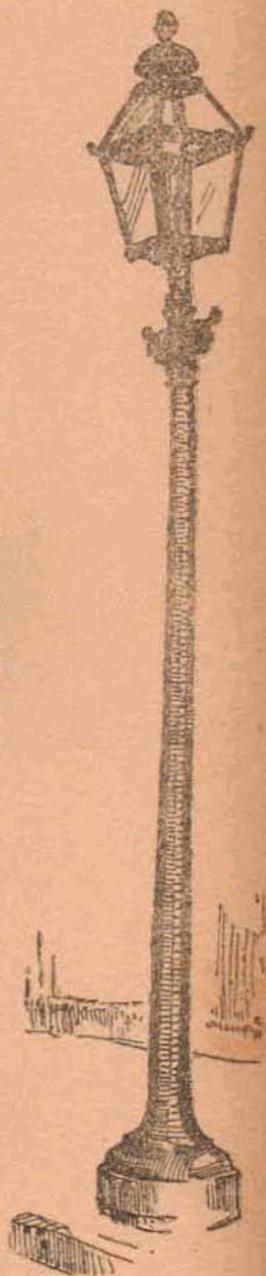
Rapazes de ar franzino, curvos, em mangas de camisa, de barba por fazer, á espera de empregos que não sobem andares de casas de commodos, rep.

nicando violas desafinadas ou ageitando, em microscopicos espelhos, uma enorme pasta que então se usa derrubada sobre o olho triste. Vezes, entre essa nota de pobre *coquetterie* e de lyrismo, o bate bôca infallivel da gentalha, indo de sacada a sacada, num vocabulario torpe; ásperas tiradas que as creanças curiosas aprendem e que fazem sorrir os meganhas da policia que, em baixo, cruzam, de barretinas derreadas no cangote, philosophicamente chupando charutos de dois vintens.

— Desce para a rua, oh, ladra de uma figa, para ver só como eu te amarroto essa cara sem vergonha!

— Eça o que faltava eu me misturar com typas de sua laia, grande burra! Não me faz medo, você, nem o rufião de seu marido. Não tenho medo. Tome!

Por vezes, num parapeito de janella, como a claridade de um sorriso, um vaso onde viçam flores, uma persiana de cassa branca compondo a vidraça de correr, e, atrás della, um rosto virginal, indifferente ou triste, olhando a ruella que enxameia e que barulha. Nas calçadas, typos andrajosos, guryes desbocados e sujos, augmentando o transito e o ruido da betesga, aos berros, correndo, saltando de envolta com os cães vadios que ladram, com os ambulantes que passam soltando os seus prégões, aos que melhor se vestem, de mão sempre aberta, a implorar o vintemzinho p'ra comprar puxa-puxa. Na venda da esquina, que olha para outra ruella



Lampeão de gaz

torva, o *maduro* assobia. E para as bandas do mar, longe, espaçados apitos de lanchas, de barcas que vão para a Praia Grande e de paquetes a partir. O quadro da viela, porém, agrada. E' divertido. E' pittoresco. Estrangeiros descidos no Cães Pharoux, corajosos inglezes, dos poucos que aqui descem, de roupa de xadrez, *bonet* de pala e binoculo a tiracollo, indifferentes aos perigos da febre amarella, perdidos nesse dedalo miseravel e rumoroso, param satisfeitos e divertidos. Fazem indagações. Tiram do fundo de duras bolsas de couro machinas photographicas... E' a Suburra carioca, bazar risonho e colorido da miseria. Por que não photographal-o e retel-o?

Por esses logares ainda cruza, como uma grande novidade, o *homem dos sete instrumentos*, um pobre diabo que, quando se exhibe, lembra um macaco presa de *delirium tremens*, coçando-se todo, torcendo-se todo, dansando, multiplicando por sete a vocação e a sólfa.

Novidade de uns trinta annos atrás, que ainda provoca successo e espanto. O musicista é um italiano de bigode e pêra a Victor Emmanuel, dentro de uma roupa de belbute côr de abobora, rubro e envernizado de suor.

Outras vezes é o homem do phonographo, que arma um banco-xis, pondo sobre o mesmo a caixa da recente invenção, que a creançada, curiosa, rodeia. Ainda é imperfeitissimo, o instrumento. E fraco. O som ainda se arrasta aos chios, anazalado e incerto.

Não obstante, a guryxada por elle delira, boqui-aberta, gozando a modernice.

— Toca sozinho!

— "Que nada"!

— Toca!



O homem dos 7 instrumentos

A musica sempre interessou á plebe, musica alegre ou triste, certa ou desafinada. Por isso os ambulantes da solfa são infalliveis na travessa. O homem do realejo e do macaco não perde o tempo, quando ~~pa~~ahi passa. E passa diariamente. Outro que nunca falta é o cego Saldanha, figura conhecida da cidade.

baixo, rotundo e gêbo, grande tocador de guitarra.

*"Meu Senhor de Mattosinhos
Que é dono deste arraiale,
O mais pobre e mais catita
Que hai em todo Portugale!
Dae ao Saldanha, que é cego,
Tua ajuda, sem igual"*.

Diz isso com os olhos cheios de pús, pregados nas sacadas de corda, por onde espiam através da traparia que esvoaça, mulheres gordas de lenço á cabeça e grandes argolas de metal dependuradas nas orelhas. Abrem-se os corações. Abrem-se as bolsas. Começam a tinir, no lagedo da calçada, as moedas de cobre. Apanha-as um molecote quasi preto, que serve de guia ao cego e que deve, no minimo, roubar-lhe, diariamente, a metade da feria.

O grande successo do quarteirão, no entanto, é o Pedrinho do Largo, vendedor de modinhas, mulato sarará, que veste roupa de brim d'Angola, sapato de corda e chapéo tres pancadas, com aba tapando o olho esquerdo, um olho bambo, sensual, que elle, por vezes, atira ás janellas onde ha raparigas que se dependuram, perguntando:

— Tem a modinha do Olá, "seu" Nicoláo, quer mingáo ?

E, logo, o mestiço pernóstico, pegando a deixa com a sua voz esganiçada de vendedor de sorvete, respondendo, de chofre:

*"Mingão não quero,
Eu quero é amor"!*...

Trás de baixo do braço, em pacotes, nos bolsos e nas mãos, as obras primas do repertório de modinhas nacionais. Não as apregôa, porém, pelos títulos, canta-as:

*"Quizera amar-te mas não posso, Elvira,
Porque gelado trago o peito meu,
Não me crimines que não sou culpado,
Amor, no mundo, para mim, morreu".*

Ou então:

*"Nasci, como nasce qualquer vago-mestre,
Não sei quem foram ou quem sejam meus paes,
Vivo nas tabernas, ao som das violas,
Pesco de linha na beira do caes!"*

Quando *Pedrinho do Largo* canta no becco, as sacadas de ferro transbordam de moradores, de interesse, de alegria e de emoção.

Olhem á entrada da rua, silencioso, ouvindo o mulato que canta, respeitando-lhe a voz e o commercio, o homem do passarinho, que chegou para vender a *bôa sorte*, e encher-se de alguns cobses. Como attributo de seu negocio, mostra uma especie de plataforma erguida sobre um páo, uma gaiola cheia de canarios tristes e, em face á portada mesma,



O homem dos passarinhos

uma caixeta onde se arregimentam varios papeizinhos dobrados e em cujas dobras, collados a gomma arábica, estão grãos de cevada e de alpiste. Os pobres passaros trabalham movidos pela fome. Quando o homem que os explora vae servir a um freguez, levanta a porta da gaiola e deixa escapar um canario.

O esfomeadozinho avança logo para a caixeta onde estão as sortes e onde se colla o alimento que lhe promettem. Atira-se a bicadas, tentando comê-lo. E' nesse momento que elle arranca um dos papeluchos da caixeta, embora sem conseguir arrancar o alpiste ou a cevada que nelle poz a mão do explorador. A sorte é, quasi sempre, em verso:

*Tu terás que ser feliz
Espera pelo teu dia
Que elle não tarda a chegar.
Assim será. Deus o quiz
Terás dinheiro, alegria
Na terra, como no mar.
Espera pelo teu dia.*

Emquanto não chega o dia o homem do passarinho vae engordando a bolsa da feria e emagrecendo, cada vez mais, o passaredo de seu commercio.

No local, esse desvendador do Destino, tem por concorrentes as ciganas coloridas, que andam sempre em bandos de tres e quatro, como ainda hoje, lendo o passado e o futuro pelas linhas das mãos.

— *Dá para mim uma moeda de dois tostões. Põe sorte pra você. Dinheiro bemdito. Santo do céu. Diz sorte*

de vida. Diz presente, passado, diz futuro. Boa sorte para você. Sua família. Bota primeiro sua dinheiro na minha mão.

Meninas casadoiras descem de andares altíssimos, fazendo bulha com as tamancas, o ferro de engommar na mão, estouvadas e alegres, para que a cigana lhes conte, mais uma vez, o fado que hão de ter. E o



Rua da Misericórdia

que ouvem é uma repetição do que as espertalhonas vivem dizendo sempre, por toda a parte, a todas as

que se querem casar e têm noivo ou que noivo não têm.

— *Namorado bonito. Você gosta delle e elle gosta de você. Mas tem uma que não gosta de você. E elle gosta della. Põe outros dois tostões na minha mão e eu faz elle casar com você e não gostar mais della...*

Os que acreditam nesses sortilegios vão á casa da mulata Estephania, ao Largo da Batalha, onde o Destino se lê de todas as formas.

A cidade, do centro ao mais distante arrabalde ou suburbio, transborda dessas sacerdotizas do futuro, capazes, como se inculcam, de modificar a propria fatalidade, contrariando, assim posto, a morte, afastando a desgraça, impedindo males aparentemente fataes, só porque foram traçados pela vontade de Deus... Dão-se á pratica da cartomancia, da graphologia, da chiromancia, da magia branca ou preta e varias outras especies de feitiçaria. Ha, por exemplo, entre ellas, uma que os intellectuaes da terra, com João do Rio á frente, conhecem por *princeza Mathilde*. Mora á rua Santo Amaro, onde recebe ás sextas-feiras. Seu marido é um excellente homem, que acha sempre muita graça, nas excentricidades da mulher, muito cheio de vocação pelo seu commercio, pé-de-boi em sua loja, infeliz que quasi morre de desgosto quando, em 1903 ou 4, o pintor Helios Seelinger, que obtem, então, pela Escola Nacional de Bellas Artes, o seu premio de viagem á Europa, num *coup-de-tête* de-

ploravel, rapta-lhe a madama, com ella indo viver em Paris.



Rua da Misericordia

Prinzeza Mathilde é uma mulher de todos os diabos, que desdenha as sacerdotizas do seu genero,

exibindo cartas que lhe escreve a famosa Madame de Thebes, mostrando um retrato que lhe foi dado com a dedicatória de Papus, dizendo-se intima de Sar Peladan. Usa perfumes do Oriente, excêntricos berloques e traz no dedo um anel onde se desenharam, por dentro, as phases da lua e, por fóra, todos os signos do Zodiaco. As suas sextas-feiras são con-corridissimas. Lá vão, entre outros, para discutir

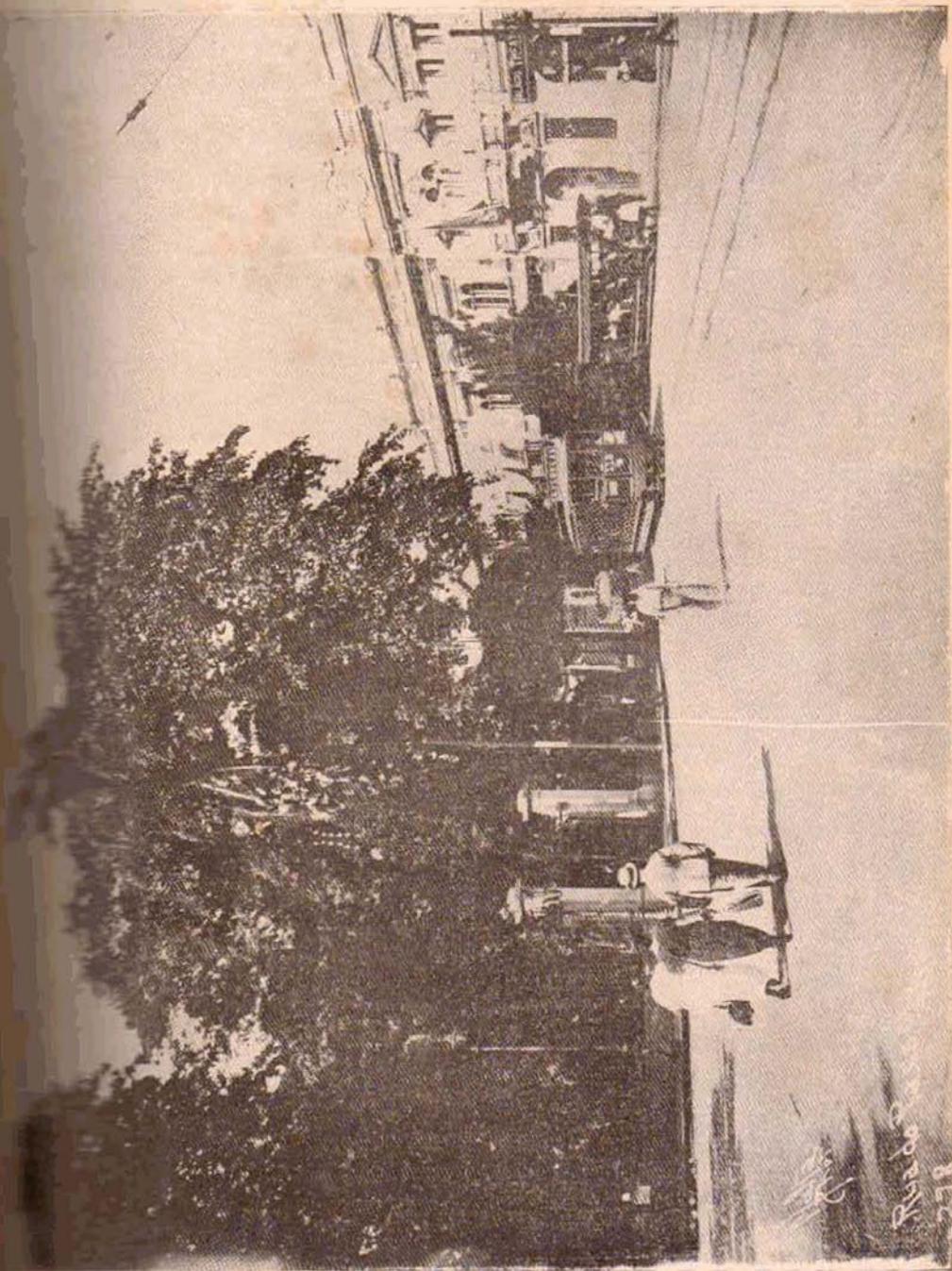
- Occultismo da Índia, o Kabalismo hebraico, o Esoterismo egypcio, Swendenborg, Allan Kardec, Comte, em panaché erudito, scepticos como Gonzaga Duque, displicentes como o Cesar de Mesquita, crédulos como Magnus Sondall, hierophanta do

"E Sun pensou!

E assim fallou Sin-ur!"

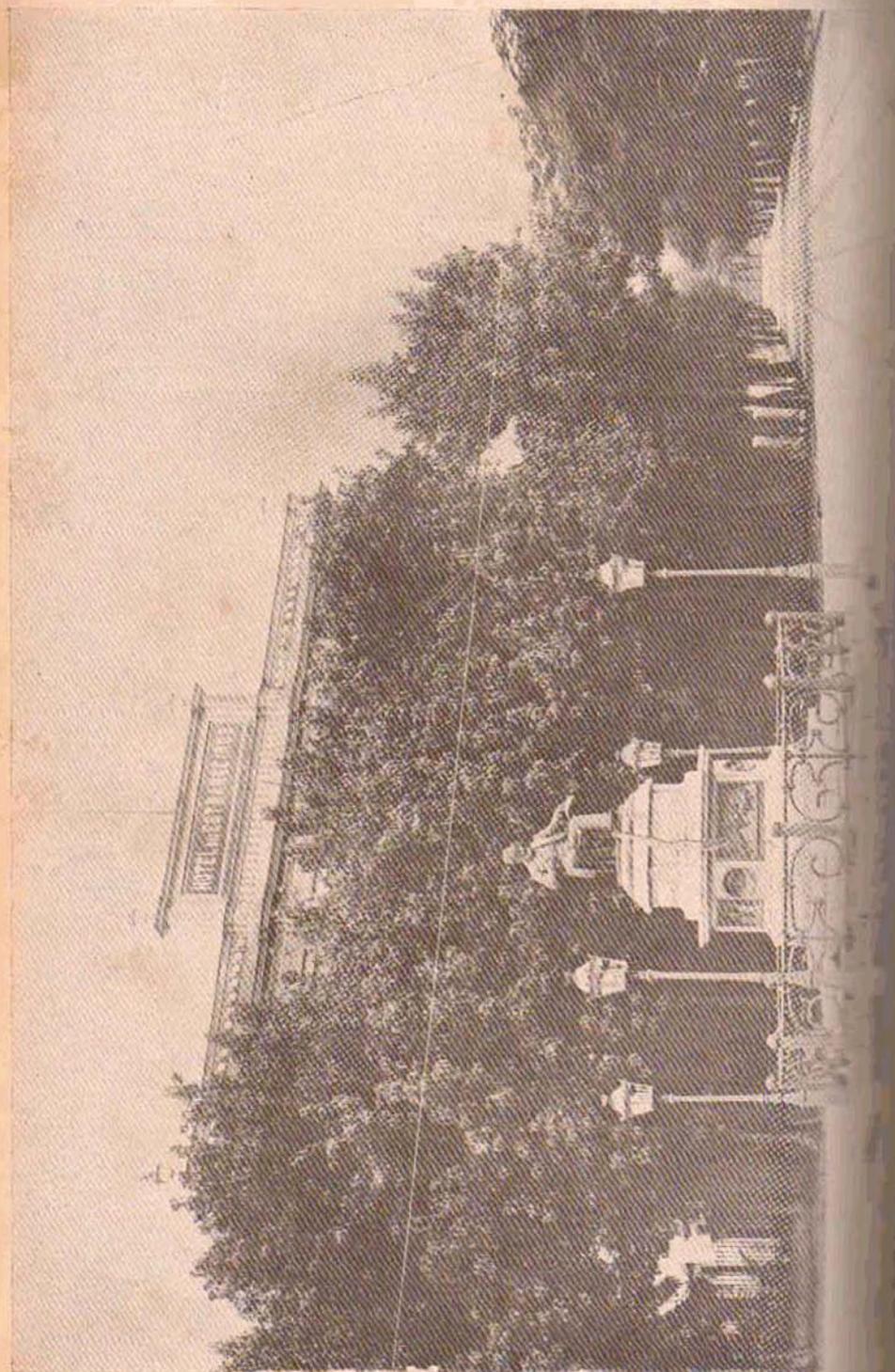
sempre perdido entre os monumentos da literatura da Índia, citando o Ramayana, o Mahabarata, Sakuntala e os Vedas, um *pince-nez* de tartaruga eternamente a resvalar pela ponta de um nariz rectiforme; calculistas como o padre Severiano de Rezende...

Madame Zizina é outra grande sacerdotisa do tempo. Corcunda, não possui a fascinação physica, nem mesmo o brilho intellectual ou mundano da princeza Mathilde, goza, entanto, de mais solida reputação e popularidade. Ainda ha a Candóca (bruxa de São Leopoldo) uma que é alta, vesga e que, ás vezes, surge na rua do Ouvidor acompanhada de um grande cão Terra Nova, de focinheira de couro e de colleira de



Entrada da Rua do Pascoio

Rio de Janeiro
1911



prata; a muito conhecida Barbada, da rua Barão de São Felix, a hespanhola Ximenes, (19, rua da

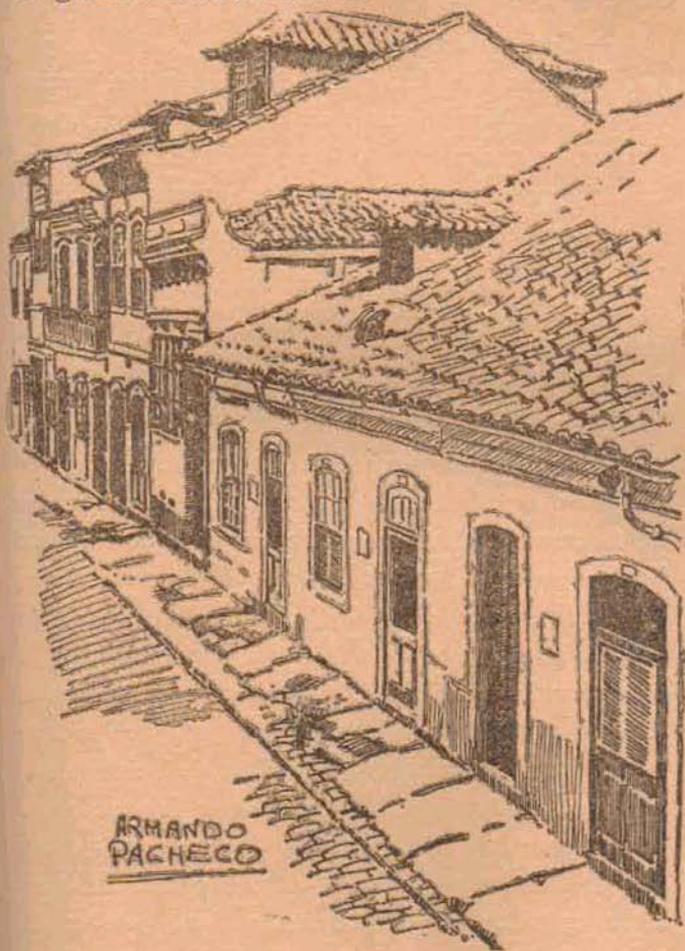


Rua da Misericórdia

Prainha), a Liberata da rua da Alfandega, a mulata Estephania, etc.

Por snobismo, a mulata Estephania interessa sobretudo aos que vivem na alta roda. O exotismo macabro de seu antro de feiticeira, no Largo da Batalha, impressiona. A feiticeira *smart* da princeza Mathilde, entre quadros Rochegrosse, moveis de estylo e tapetes do Oriente, parece suspeita. Casa de feiticeira é casa de feiticeira. Requer scenographia adequada, quadro especial, e, em vez de luzes e phrases de bom tom, silencio, concentração, um pouco de sombra e um pouco de mysterio. O antro da mulata Estephania, com todo o seu cabalístico conjunto, é um antro protocollar. Até chegar-se ao salãozinho onde ella nos recebe e que é forrado a metim preto, sem o menor adorno, sem o mais leve ou fugitivo traço de decoração, onde, como peças de mobiliario, existem, apenas, duas velhas cadeiras e um *gueridon* de pinho, coberto com um panno de velludo carmezim, atravessa-se uma sequencia de corredores sinistros, de sombrias saletas, de lugubres passagens, onde a claridade dos bicos de gaz lança, pelas paredes e pelo soalho que range, as nossas sombras merencorias, que dansam, que crescem, que impressionam, como se lançasse o macabro desenho de vultos apocalypticos. A mestiça é uma quarentona, pesada e feia, com o rosto largo coberto de signaes de bexigas, a grenha enorme, farta e encaracolada, a desabar-lhe pela testa, de tal fórma que, quando ella põe as cartas sobre a mesa, os seus olhos se escondem além do bastidor capillar que a envolve toda, como se fosse mais

uma nuvem negra na funerea negrura do aposento.
E' gorda e cheira a alfazema.



Rua da Misericórdia

Quando no Largo da Batalha surge um *coupé*
de espavento, um *landeau* de cortinas arriadas, ou uma

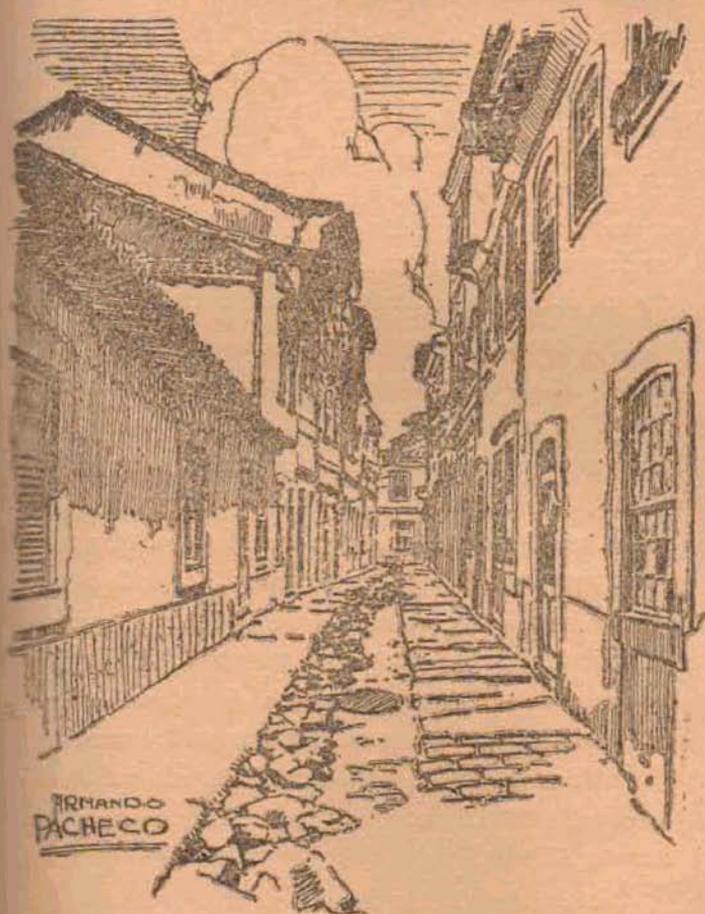
berlinda das que têm persiana de pão, a vizinhança rosna logo:

— Casa da feiticeira!

E acerta. São damas da melhor sociedade, vindas de bairros elegantes como os de Botafogo e Aguas Ferreas, que descem das carruagens, como que escondidas, o rosto coberto de véos espessos, ou, então, á sombra de leques amplos e emplumados. São esposas enganadas, que vão em busca do amor que lhes fugiu, mulheres que soffrem o desprezo ou a indifferença dos maridos, que ha mandingas e filtros que a Estephania conhece e propina, capazes de prender os homens, de desmanchar paixões illicitas, de reaccender nos corpos frios, chammas que parecem extinctas; são mocinhas casadeiras que, tendo recebido promessas de casamento, vêm, anciosas, saber se os cavalheiros "casam mesmo"; são senhoras-donas que soffrem de asthma ou padecem do figado, em busca do que a medicina do tempo não lhes dá. A todos a mestiza consola, cobrando dez mil réis pelo consolo. Nunca o Destino pareceu tão barato a essa gente que roçaga sedas, trescala a Patchouli ou Aglaia e dá ordens aos cocheiros de cartola e libré côr de cinza, falando bem e em francez.

Os homens tambem frequentam a sordida esplanca, grossões da politica, banqueiros, pessôas de responsabilidade na administração do paiz, membros até, do Circulo Catholico... Esses chegam mesmo a pé, corajosamente, embora venham, quasi todos

das bandas que dão para Santa Luzia, em passinhos discretos e dispistadores, até serem engu-



Beco da Fidalga

lidos, de repente, pelo corredor da botadeira de cartas...

A hora mais commum para as consultas é a tarde, quando casario, céu e figuras que passam, se fundem, perdendo as linhas e o feitio, dentro da mesma sombra; quando ainda não se accenderam os primeiros bicos de gaz da illuminação publica e só o bondezinho do *Carceller-Praça Onze*, com os seus pharões ainda apagados, cruza velozmente, a correr, a voar, atopetado de passageiros, as mulas da atrelagem sovadas pelo chicote impetuoso de cocheiros eternamente atrazados no horario.

No Becco dos Ferreiros ha uma casa, a do chin Affonso, onde se toma opio. E' um sobradinho torvo, encardido, com bandeiras de vidro azul na esquadria desaprumada e feia e uma soleira de porta immunda, humedecida pelas creanças e pelos cães vadios, que nellas, muitas vezes, dormem e resomnam. Por essa porta, que é a bocca de um negro corredor onde restea de luz não entra, estreito, com o assoalho pôdre, a vacillar sobre os barrotes, saem, por vezes, homens tropegos, caras macilentas, typos de ar melancolico ou imbecil. Nem parecem homens, senão sombras, que mal se aprumam deslisando no lagedo acanhado da calçada. São fumadores de opio, na maioria chins como o Affonso.

No começo do seculo as ruas da Misericordia e Fresca, com todas as suas travessas e ruelas adjacentes, formam o quarteirão onde elles se installam, creaturas eternamente sorridentes, maneiras e tran-

quillas, que vendem peixe, camarão, sardinha, ventarolas ou catavento de papel.

— *Piche, camalô! Ulha a sardena!*
ou então:

— *Tchina vinde laque, vindarola e*
cativenti de papel!

Apregoam com voz melica ou ceceosa, jogada em falsete e andam como aves assustadas, aos saltos, aos pulinhos. Alguns, até se azucrinarem com as vaias infallíveis do moleque das ruas, ainda trazem, sobre as costas, o rabicho da tradição mongolica, quando não os escondem em rodilhas sob o fundo ensabado dos chapéus. Moram ás dezenas, por casas sem a menor sombra de hygiene e conforto e são, quasi todos, fumadores de opio. Por isso ha varias *fumeries*, que se espalham pela zona, onde os viciados pódem encontrar o que se encontra pelas casas do genero, as de infima ordem, claro, entre os bairros populares de Tien-Tsin, de Ning-Po ou de Changai, na China. A casa de chim Affonso, no genero infame, é uma instituição modelar. Não conhece a Inspectoria de Hygiene Publica esse laboratório onde se aprende a morrer de mansinho, nem mesmo outros que se derramam pela vizinhança, mas a Policia avisada, bem que os conhece, porque servem elles, muitas vezes, de refugio a vagabundos



O Chim vendedor de peixe
e camarão

e toda a especie de degenerados, que os psychiatras da Praia Vermelha só então é que começam, seriamente a estudar.

Chim Affonso nasceu na provincia do Pe-tcheli, tem 70 annos de idade e 30 de Brasil. E' secco, é feio, é espectral, com a sua cara de luva de pellica velha, as suas orelhas despegadas de vitello, o tronco secco e curvo. Na bôca sorriso alvar. Quando elle irrompe na viela rumorosa, os olhos muito piscos, aos pulinhos, fazendo cortezias, recebe, logo, a surriada dos gury's que lhe correm atrás, quando não lhe atiram cascas de banana, bolos de terra e outros detritos das sargetas, gritando:

— *China Salamaleco! Pelanca! Perigo amarello!*

Muito do tempo essa expressão de apparencia erudita, mais que glosada pela imprensa e que acaba na bôca da ralé. *Perigo amarello* tambem são os primeiros bondes electricos, que, pelo fim do seculo, aqui surgem como um marco de progresso, jalnes de côr, a matar pelas ruas o provinciano carioca...

Não é só o Pelanca que leva cascas de banana ou de laranja, quando deixa o seu antro e cáe na rua; os outros chins, quando sáem da delicia do opio, tambem apanham do molecorio ensarilhado as sobras do desforço. Riem-se, porém. Defendem-se com a mão aberta, quando não correm, aos pulinhos, fazendo ainda mais rir á creançada.

Os que amam o pittoresco da cidade e gostam de observar o documento humano, quando querem

sentir, de perto, um chim authenticico, de carão de cêra, olhos tortos, rabicho e bigode mongol, procuram as bandas da Misericordia e fartam-se de vêl-os.

A *fumerie* do Affonso tem o numero quinze, no becco dos Ferreiros.

Penetra-se o corredor sombrio aos tropeços e caminha-se até chegar a uma cancella, que vive sempre trancada. Bate-se e, quando a mesma se escancara, vê-se a figura de um porteiro, outro chim, que ahí pousa de cocoras, tendo ao lado uma especie de banquetta e sobre ella uma rubra lanterna de papel.

O homem jamais pergunta ao visitante ao que vae, porque na casa nada mais existe serão cachimbos com opio e catres p'ra dormir. Condul-o apenas, após exageradas cortezias, ao Pelanca, patrão, que é quem prepara e accende o cachimbo ao freguez, gabando sempre a excelsa qualidade do toxico que vende e é, ao mesmo tempo, quem lhe escolhe o melhor leito.

A *fumerie* compõe-se de varias salas, sempre cheias de gente. Em cada catre ha uma pequena almo-tolia de azeite onde uma chammazinha tenue e avermelhada, agonisa, a dançar. A quem penetre, pela primeira vez, o antro, o que mais impressiona, no primeiro momento, é um cheiro hediondo, onde o do gaz sulphidrico, não raro, entra de permeio. Positivamente desagradavel. Nas boas *fumeries* do Oriente, para vencer o olôr vil, queima-se o sandalo, o benjoim, a

essencia de cravo ou rosa. O ambiente não se modifica, completamente, porém melhora.

Ha pituitarias, entanto, que reclamam o horrendo odor, nelle se deliciando. Na bodega de chim Affonso esse odor máo é perfume.

Estão os toxicomanos, nús, da cintura para cima, sobre catres que são verdadeiras cacifos de madeira, forrados de esteirinhas côr de chocolate e manchados de suor. São rostos côr de óca, que se desenham em meio á luz que bruxuleia, mascaras da China antiga, as hediondas mascaras mandchús dos tempos da dynastia Ming, physionomias de desenterrados, mostrando a cova dos olhos negra, como que comida pela terra. As bôcas, de onde pende o pipo dos cachimbos, são bôcas aterradoras, como as dos que morrem num espasmo de soffrimento e de dôr. Troncos esqueleticos, franzinos, reluzentes de suor. Quando a gente se abaixa e toca um desses corpos semi-nús, sente uma carne molle, que até parece que se desfaz á mais leve pressão dos nossos dedos. Alguns arfam, offegam. Ha, a um canto, um delles que delira. E' um chim magrissimo e pequeno como uma creança, completamente nú, a se torcer como uma cobra. Diz coisas no seu idioma natal, coisas que o nosso ouvido não entende. Adeante, outro que parece cantar. Que evocará elle, nesse instante, no seu canto suavissimo? A terra em que nasceu? Os Montes do Kouen-Lun ou os do lun-nan? As praias do Hang-Tchen ou as do ling-Po? Casebres de laca e de bambú, com

pontes curvas, como os que vemos debuchados nas caixas de xarão ou nos leques com varetas de sandalo ou marfim?

Sonham, suam, gozam.

O ambiente entontece. Pelanca accende um cachimbo aqui, attende acolá, outro cliente que chega. Mais adiante faz um troco, remechendo numa bolsa de couro, que tráz dependurada na cintura...

Chim Affonso se espanta quando lhe disemos que apenas queremos visitar-lhe a casa e ver, emfim, como se toma opio. Espanta-se. Agrada-se, porém, quando lhe pomos uma prata de dois mil réis nos dedos seccos.

— “Brigado”!.

Sorri. Mette o dinheiro no fundo de seu alforge, que saccode. Sorri outra vez. E, quando lhe perguntamos:— Ouve cá, porque te chamam os garotos da travessa, quando sáes á rua, Pelanca, hein? Pelanca, porque? responde-nos, sorrindo ainda mais, levantando os braços, como a appellar pelo espirito de Confucius, dando dois saltinhos para o lado, deixando sair da bôca pergaminhenta e fria esta phrase onde elle põe todo o fulgor da sua mentalidade, toda a riqueza de sua sã philosophia:

— Pelanca? Mãe delles. Não importa!

Quando a noite vae alta e os bicos dos lampeões de gaz, muitos delles nascendo da parede, piscam ao

vento subtil que vem da barra, pelas esquinas dessas alfurjas ensombradas deslisam vultos enlaçados. São remadores do Arsenal de Marinha, pardavascos herculeos, de thorax pujantes, as cabelleiras em samambaias fugindo aos *bonnets* de panno mole, postos à pachola; são marafonas, de galhos de alecrim espetados atraz da orelha, tirando de boccas sordidas, escuras e desdentadas, charutos *mata-rato*, soltando baforadas absurdas, cuspinhando grosso e desmanchando-se em estridulas e espectaculosas gargalhadas.

Vezez, quando tudo parece repousar, o transito como que suspenso, as lanternas das hospedarias de ultima ordem lançando sobre as pedras das calçadas, em tons mortiços, laivos avermelhados, um grito — Ai! e, um — Pega! E logo vozes que se erguem agitadas: — Matou! Matou! Matou! Apitos.

As janellas abrem-se fragorosamene para se apinharem de curiosos, as portas escancaram-se cuspindo para a rua homens em roupa de dormir, afobados, cheios de ansia por ver e por cheirar o acontecimento rumoroso. Os *meganhas*, de apito na bocca, veem dos lados da Praça Quinze, do Arsenal ou da Praia de Santa Luzia, correndo de espadas desembainhadas.

No angulo da rua escusa, ha uma mancha parde do poviléo reunido e o echo de mil vozes que se chocam.

A noticia do acontecimento não custa muito a se propagar:

— Mais uma do Camisa Preta ! Passou a navalha na barriga do Juca Barulho e "abriu o arco". Lá está o pobre, de borco, na calçada do Becco da Musica. . .



"Camisa Preta"

VII

Morro do Castello. — Um pouco da sua historia. — A montanha no quadro da cidade. — Vida de seus moradores. — Collegio Tico-tico. — Tatuadores e tatuagens. — O irmão das almas. — Missa dos Barbadinhos. — A macumba de João Gambá.

Os morros de Santo Antonio e do Castello, no coração da cidade, são dois arraiaes de afflicção e de miseria. No Rio de Janeiro, os que descem na escala da vida, vão morar para o alto, installando-se na livre assomada das montanhas, pelos chãos elevados e distantes, de difficil accesso.

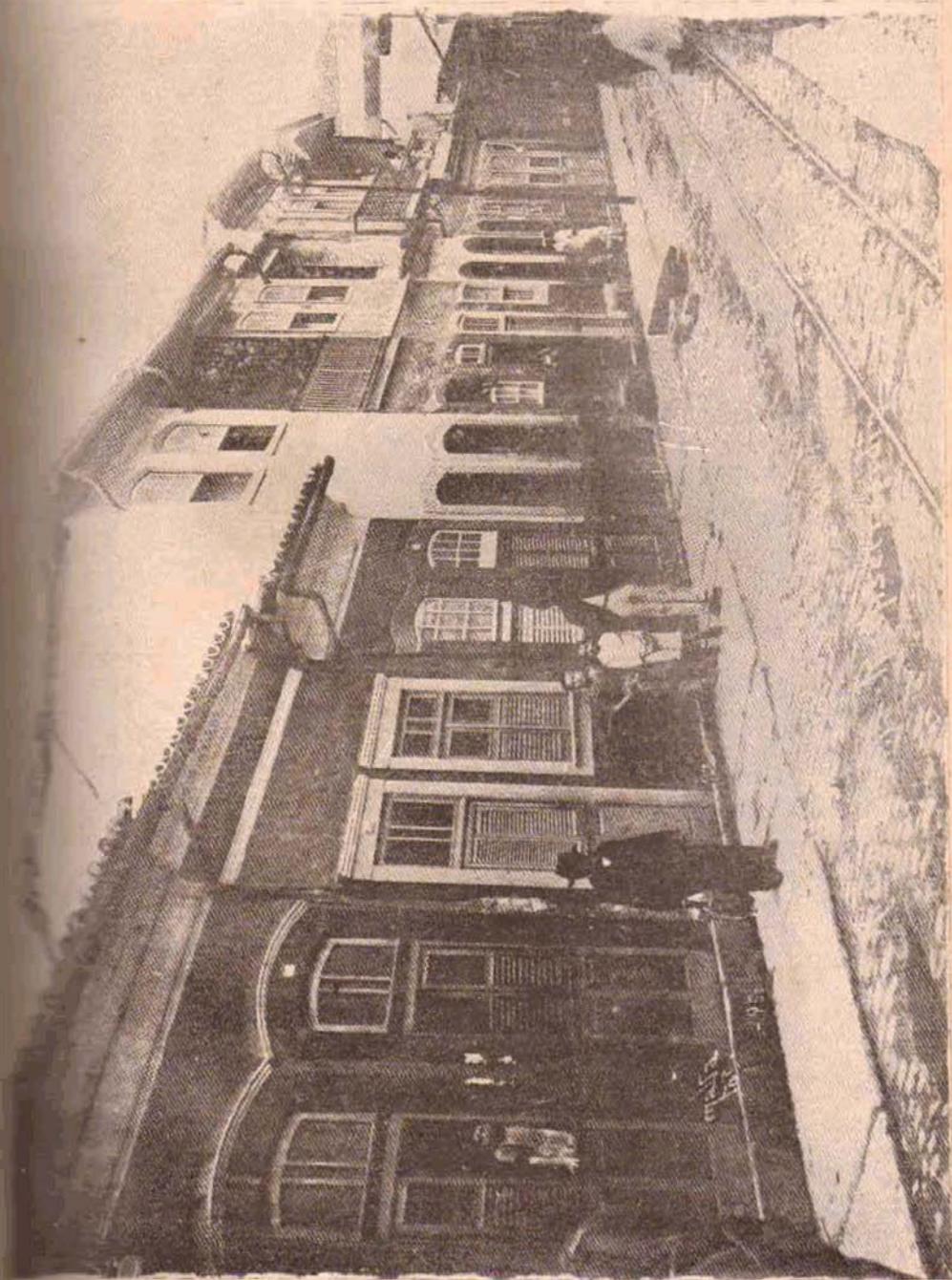
Entre os dois montes, é o do Castello, visinho ao mar, o de maior relevo, o mais povoado e de aspecto melhor. Villegaignon, antes dos portuguezes, fundando aqui o povoado que se chamou Henriville, como Thevet informa, e que seria a capital da França Antarctica, delle não quiz saber. Morada de Tamoyos, a elevação era um tanto escarpada em roda, defesa natural que o lusitano, depois, aproveitou para sobre ella fixar o burgo que se mudava da praia onde nascera, junto ao Cara de Cão.

Bem no cucuruto da montanha foi que se construíram as famosas casas de pedra que punham o

colonizador ao abrigo das flechadas inimigas, prestigiosas massas, paredes portentosas, casarões severos onde se installou a séde da administração e da justiça publicas. E como, pelo tempo, por onde fosse o homem havia de lhe ir, ao pé, sempre, o sacerdote de Deus, um templosinho ergueu-se, branco e garrido, dando ao quadro feliz do povoado nascente amenidade e linha, alegria e frescor.

Em torno a paizagem era linda, o arvoredado copava e o caule flebil do coqueiral vistoso erguia para o alto, abrindo em leques ou em repuchos, palmas frescas e largas que se arripiavam ao vento, espanejando ao sol.

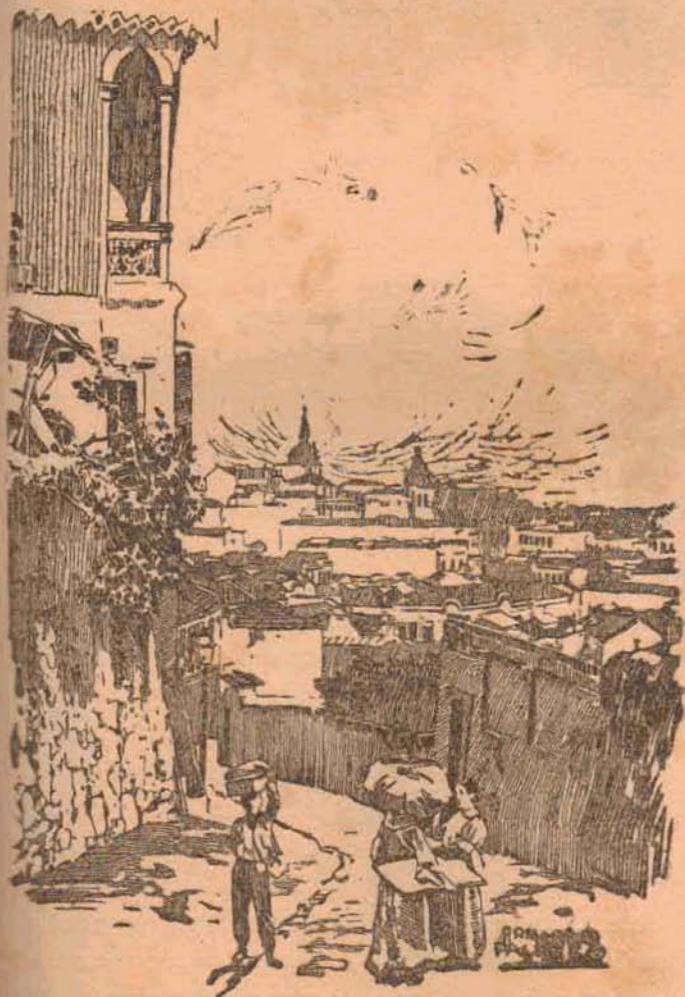
Deante da igreja havia uma especie de pracinha, irregular e feia, onde, tempos depois, toda uma multidão, vinda dos quatro cantos do morrete, em massa, se ajuntava: homens de prol, capitães da armada, capitães e soldados da guarnição da terra, indios alliados, fortes e nús e até damas que roçagavam sedas, as sedas lavradas e brosladas da época, que era a dos decotes amplos e quadrados, das marlótas e dos chapins de setim. Que os homens de qualidade, esses, vestiam gibões de razo, meias de chamalote cobrindo perna e coxa, capas de baêta sobre os hombros e, á cabeça, um chapéozinho de cópa rigida, posto um pouco de banda, com a sua pluma colorida, a fremir e a ondular. Ao selvagem da America a indumentaria espantava. Era a civilização trazida pelo luso, dominando a bruteza da terra.



Rua da Misericórdia



Rua do Trem



Morro do Castelo

Assim viveu, por muito tempo, o povoado feliz, soffrendo, embora, de quando em quando, a investida do aborigene cruel, em permanente luta, na qual, terriveis se mediam, de um lado, o tacape e a flecha e de outro lado, o arcabuz, o peloiro, a partezana, a peça de artilharia e a polvora.

Serenado, afinal, o animo gentio, primeiro, pelas encostas que iam ao mar, depois, por outras, irregulares e ingremes caminhos, foram as casas e os quintaes descendo, escorregando, esparramando, morro abaixo, em direcção á varzea ainda coberta de mangaes e de lagoas verdes, onde, pela hora do crepusculo, cruzavam garças e coaxavam rãs.

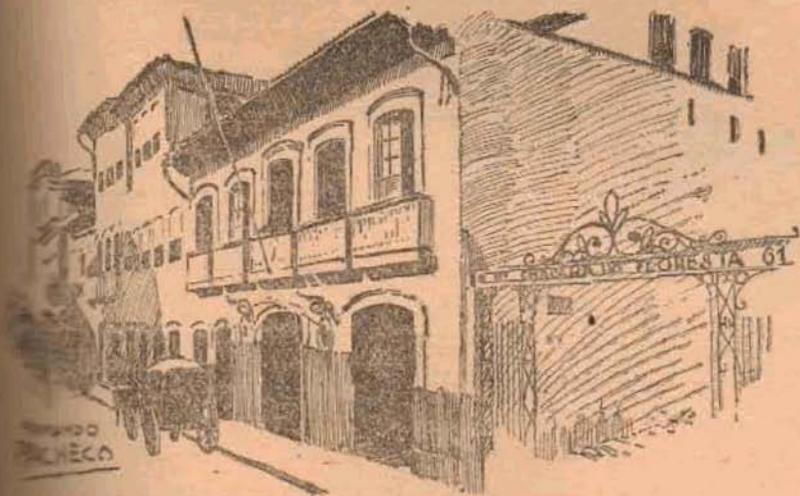
Foi o Castello, até bem tarde, até mesmo ao albor do seculo XIX, morada nobre, pouso de abastados dominando a mais linda paisagem do mundo.

Grandes habitações ahi se ergueram em meio a chacaras virentes, mesmo porque, no clima da cidade, guardava o morro a tradição de logar dos mais sadios, dos mais frescos e dos mais tranquillos.

Em 1769, já estava toda a planicie proxima construida, arruada, pelo menos na parte medeando entre Castello, Santo Antonio, São Bento e Conceição.

Alguns annos antes, o vice-rei, Conde da Cunha, que tinha sua residencia junto á linha do mar, na parte baixa, sitio, por todos os titulos, mal cheiroso e malsão, tentou abandonal-a, indo fixar-se num proprio erguido pelos Jesuitas, na assomada do morro. Para activar o andamento das obras, todas as manhãs, II

ia elle, subindo a ladeira da Misericórdia, num tosco paquebote puxado por seis mulas, o sota e os criados de taboa, a pé, nas mãos as cordas de travar, assegurando, de tal sorte, a integridade do vehiculo e do seu esplendido recheio. E só não morou no sitio desejado, o vice-rei, porque lhe deram substituto, o conde de Azambuja, homem de pituitaria condescendente, sem prevenções contra o máo odor da terra que então não possuia sombra de menor hygiene, continuando a viver onde os seus successores viveram.



Entrada da Chacara da Floresta, pela rua da Ajuda

Tendo, em 1798, o Senado da Camara, num inquerito aberto entre os medicos desta "urbs", querido saber as causas reaes das enfermidades epidemicas que, ha muito, nos affligiam e preoccupavam, teve o

monte esta condenção, traçada pelo dr. Manoel Joaquim Moreira, notavel medico na terra:

"Eis aqui, novamente os morros sendo causa das molestias da cidade por concorrerem para o calor do clima; destes, porém, o mais nocivo é o do Castello, porque é o que obstrue mais a viração do mar, vento o mais constante, mais forte e mais saudavel", sendo que outro medico, tambem, ouvido, Antonio Joaquim de Medeiros, alvitrou que se arrazasse, immediatamente, a montanha, com o surto garantindo, não só a extincção dos charcos que a cercavam, uma vez que com a terra do desmonte os entupia, como a diminuição sensivel do calor, attendendo á mais franca aeração da cidade, sem o tapa ar do morro, onde iam morrer todos os ventos bons vindos da barra.

A decadencia do Castello, porém, só veiu com a abertura de innumeradas estradas, revelando scenarios mais lindos pelos arrabaldes e suburbios distantes, mais lindos e de mais commodo accesso.

Até o governo do sr. D. Fernando Portugal, penultimo vice-rei do Brasil no Rio de Janeiro, a montanha do Castello ainda guardava residencias de ricos e de altos funcionarios da colonia.

Um seculo depois, o morro, entanto, é um descalabro. Do seu lustre passado já nada mais existe, a não ser algumas construcções espessas e sombrias, e a historia de tempos que se foram.

Sobe, a gente, a esse monte do Castello, por tres caminhos differentes: a ladeira da Misericórdia

que nasce bem junto ao casarão da Santa Casa, a do Carmo, de que se servem os que veem do centro da cidade, pela rua do mesmo nome, e, ainda, a do Seminário, trepando pelos lados do convento da Ajuda, e, da qual os que a dominam podem divisar as chacaras da Floresta e do Vintem. O que muito impressiona a quem galga os caminhos dessas ingremes e asperas encostas é a serie de paredões, massiços, fortes muralhas de sustentação, baluartes antigos, alguns de dois



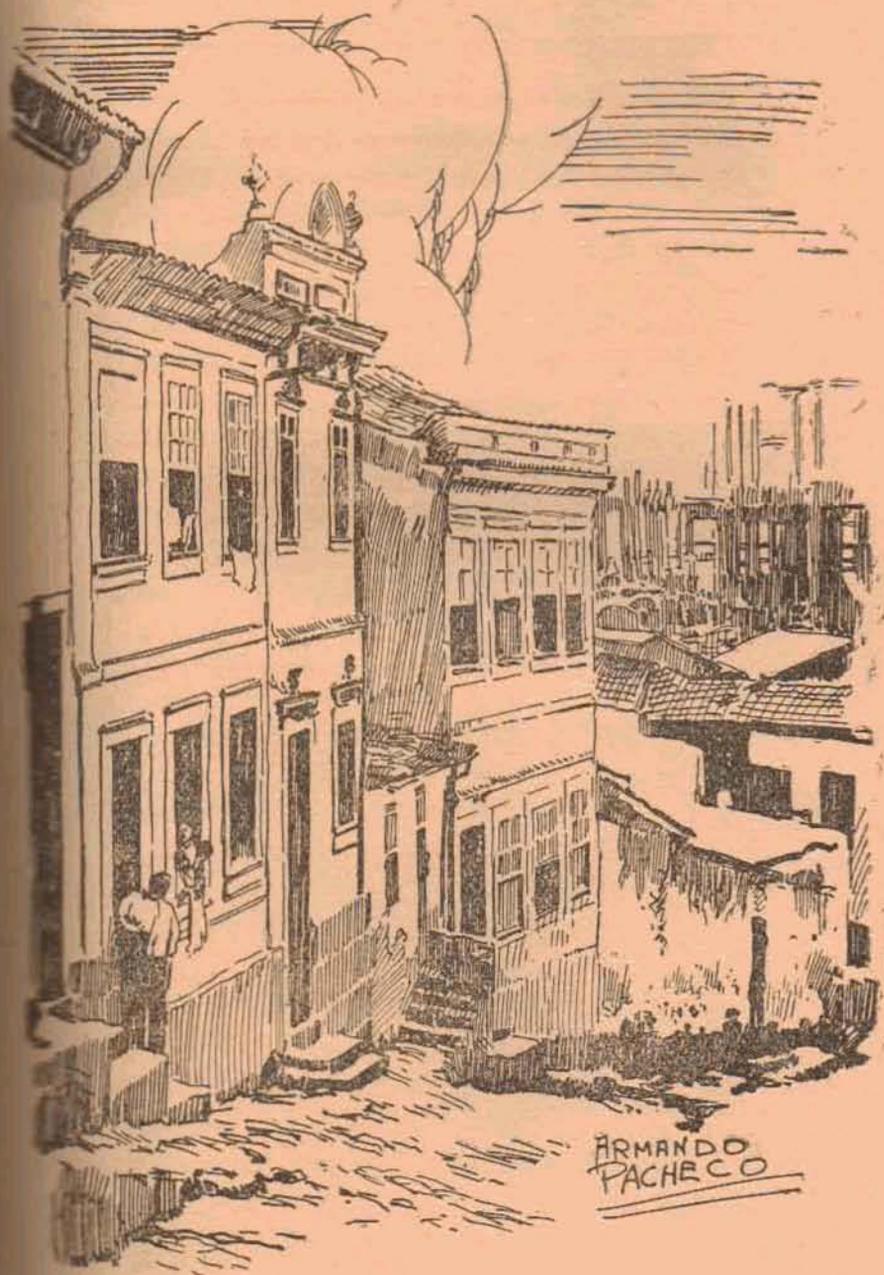
Morro do Santo Antonio

ou tres seculos e sobre os quaes o casario assenta; solares que a indigencia dos moradores do logar transformou em reles casas de alugar commodos, palacios retalhados em cubiculos, muitos delles com compartimentos mostrando divisões de aniagem ou tabiques forrados a papel, sem ar, sem luz, onde se reuñem, para

dormir promiscuamente, innumeradas familias; gente que sae de casa pela madrugada, para exercer empregos em logares distantes, a lata do almoço embrulhada em papel de jornal; homens de carão pallido e chupado, o cabello por cortar, a barba por fazer, denunciando molestia ou penuria extrema; mulheres, das que são o "tombo da casa", as "burras de trabalho", de ar desalinhaço e pobre, as saias de cima, em rodilha, na cintura, humidas da agua dos tanques onde trabalham o dia inteiro; creanças de ar enfermço, amarellas e seccas, o corpo coberto de feridas, embora bulhentas e endiabradas, enxameando as casas, os quintaes, subindo pelos muros, pelos combustores da illuminação publica, sujas, espalhafatosas, terriveis, discutindo em calão e a pedrada, provocando os transeuntes com torpissimas descoponendas ou aos berros, aos murros, aos atracões...

As casas, em geral, construidas no "estyllo feio e forte da colonia", não têm mais do que um ou dois andares.

Todo um conjunto de telhados pardos e tristonhos, erguidos numa feição desirmanada e chué: predios desrebecados, encardidos, remanescentes, embora, de nobres residencias, verdadeiros frangalhos architectonicos. Aqui, na curva do caminho, um antigo solar, hoje tugurio de pobre, de varanda corrida, cheia de gaiolas de passaros e roupas a seccar, mais adeante, uma casa de rotula, modesta, com o seu bico entortado de *chalet*, a sua veneziana azul marinho, e, no



Morro de Santo Antonio

ângulo da cumieira, lambrequins em madeira, desfazidos na linha dos desenhos. O casario é enorme, desarrumado e confuso. Lá vae elle, ora galgando a fralda accidentada da montanha, avultando em andares e telhados, ora achatando-se em quintalejos e jardins; casebres ou casarões que trepam ou que vão rolando escarpa abaixo, saltando fendas e barrancos, dependurando-se em penhascos, em meio a tufos de trepadeiras e de crotons, cercados de *flamboyants* ou de coqueiros, dando vida e rumor á paizagem radiosa.

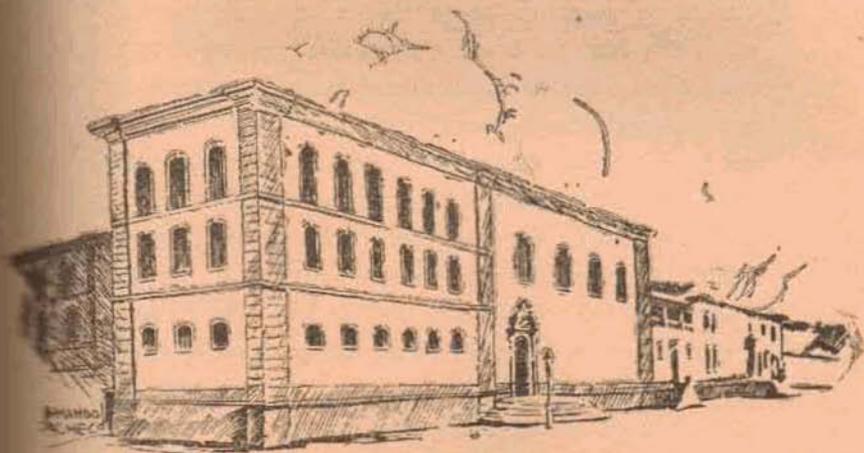
Por entre todas essas construcções, por vezes, surgem barracos de madeira, innumerous barracos, com coberturas de zinco enferrujado, o pé de chuchú, ou de maracujá florindo á beira, resguardando-o da inclemencia do sol.

De longe o quadro agrada á vista. Ha, sobretudo, muita côr na folhagem variada e muito movimento na linha irregular do telhario esparramado e enorme.

As ladeiras que trepam para o morro são maltratadas e sujas. Têm, porém, uma vida intensissima, servindo, como servem, á immensa colmeia humana, activa e rumorosa que ahi se installa e vive. Estão sempre cheias de povo, essas ladeiras. Gente que sobe, gente que desce.

Nas casas cujo interior o olhar do transeunte devassa, não é menor o movimento. Nos quintalejos, com cercados de arame ou de madeira, que a nossa vista alcança, quando se sóbe o morro, a vida igualmente palpita e estúa.

Cahóticos, esses quintaes de gente pobre, além de movimentados. Porções de terra avermelhada onde, ao lado de roseiras que viçam ou manacás em flor, ha cães que ladram, porcos que foçam, gallinhas que cacarejam, em meio á bulha infallivel das creanças a gritar: *Mamãe, olha o Januario aqui!* — *Me laarga!* Tudo sob um barathro de cordas que servem ás roupas a seccar e um cipoal de bambús erguendo os pannos lavados no ar, em alvoroço, desfraldados, batidos pelo vento e pelo sol.



Convento da Ajuda

Em geral vivem todas essas casas, mesmo as que se collocam na linha da ladeira, de portas e janellas, inteiramente abertas. As primeiras, para que por ellas possam sair e entrar, a cada instante, as creanças, que vivem a correr, as segundas, para que os parapeitos se

transformem em uma especie de movel, de aparador ou mesa onde tudo se põe: o moringue d'agua, com o seu capucho de *crochet* ou de renda, a gaiola do pintasilgo, o poleiro do papagaio, a caixa de costura e mil outras utilidades domesticas.

Quem passa pela rua, vê casa e moradores nos detalhes mais intimos, pois que devassa, completamente, os seus interiores. Interiores sem sombra de menor conforto. Paredes acalçadas, frias, lá uma vez ou outra forradas com papeis de vinte annos atrás, cheios de manchas de humidade, enodoados pelas mãos das creanças immundas; soalhos podres, tectos, muitos, de telha vã, e, como mobiliario, a tradição de miseria vinda dos tempos da colonia. Aqui, uma commoda de gaveta perra e maçaneta quebrada, ali, duas ou tres cadeiras de palhinha, tortas e desconjuntadas, mais adeante, a meza de pinho por envernisar, amassados bahús de folha de Flandres, e, sobre os moveis indistinctos, os classicos oratorios de madeira, pintados ou envernizados de amarello, com recheios de flores de papel, o indefectivel Santo Antonio que, se está de costas, está trabalhando para as solteironas da casa, umas moçoilas pallidas, cheias de olheiras e, sardas que trabalham cosendo para o Arsenal de Guerra e que vivem queixando-se de pontadas no lado do pulmão, tonteiras e falta de ar. Pobres raparigas de labios brancos e sorrisos que fazem mal, com trinta annos e já cheias de melancolia, de rugas e de cabelos brancos. Passam a café ou a açorda de pão, e, se man-

dam, pelos irmãos mais velhos, as trouxas da costura ao Arsenal, é só para economisar a sola do calçado, a roupa de sair, já muito fóra da moda e umas celebres mitaines que ellas não dispensam nunca, como attributo de elegancia, de distincção e de *chic*. A' missa do domingo, no morro, porém, nunca faltam e quando ha procissão, acompanham-na sempre, em roupagens de virgem, mesmo quando não o são, pegando em tochas de seis palmos, cobertas de grosseiros filós e com corôas de flores de papel enfiadas na cabeça.

Voltemos, porém, ás casas. Vezes, por esses miseraveis interiores, o mobiliario melhora um pouco. Residencias ha que até possuem pianos, velhos e estafados Pleyels que, antes de serem atirados ao fogo, ainda se deixam martelar pela arte abastardada de planeiros de ouvido. Quando soam dão a impressão exacta do barulho que possam fazer uns tachos velhos, batidos uns contra outros. O luxo do piano, porém, não impede que venha para o parapeito da janella o moringue de barro, o retrato do Mousinho de Albuquerque, heróe da Africa, dependurado á parede da sala de visitas, onde ha um sofá de palhinha, pintado a verniz japonez, mostrando, sobre o encosto, uma enorme toalha de *crochet*. Em geral, o dono dessas moradas pittorescas são homens do commercio, dos que veem jantar á casa e que, após o caldo d'untos ou a bacalhoadada da pragmatica, vão para a porta da rua, em mangas de camisa, a barriguilha da calça desabo-

toada, o palito espetado na dentuça podre e ar de grão senhor.

São particularmente janelleiros os moradores do Castello. A maioria vive nas portas e janellas abertas, a exhibir-se aos olhos de quem passa pela rua, os homens areando os dentes, fazendo a barba ou aparando os callos, as mulheres cosendo, lavando a louça das refeições, dando de comer, nas gaiolas, ao colleiro do brejo, ao canario, á grauna. . . Não ha casa ou casebre que não tenha, dependurado ao parapeito da janella, além de uma gaiola, um homem ou uma mulher a mostrar-se, espiando, indagando da vida de todo mundo, sabendo de tudo quanto se passa fóra de portas, no logar. Quando não sabem, indagam, inventam, falseam, calumniam.

— D. Quinota, aquelle velho caixa d'olhos de cara côr de tijolo, que vae descendo, agora, tem coisa aqui no morro. Se tem! Hontem, a tardinha, subiu; parou, lá em cima, desceu, depois. Hoje, outra vez, bem cedinho lá vinha elle a subir, a subir. . . Eil-o que desce, de novo. Olhe, repare bem. Isso é marosca. . .

D. Quinota põe a mão em pala sobre os olhos e trata de ver se reconhece o typo. Declara, porém:

— Aquillo deve ser coisa da assanhada da Ermelinda.

— Que é isso, D. Quinota, um velho daquelle geito? replica, com ar de affectado ou de falso protesto, a vizinha.

— Della ou da mãe della, desavergonhadas, ambas. Não póde ser outra coisa. Ah, não póde!

— De que tratam vocês? diz agora, rompendo o quadro de uma janella, que se abre, uma terceira mulher de cara cheia de sardas e papelotes no cabello.

— Do namoro da mãe da Ermelinda, informa, sem pestanejar, a féra da Quinota, que aponta com o beijo — aquelle velho sem vergonha que vai lá (e inventando) e que saiu, agora mesmo, da casa das "burras". Um escandalo!

— Saiu, não digo, rectifica a primeira, que puxou pela fieira da conversa e não é das que mais gostam de mentir.

— Não diz você, mas digo eu, replica a Quinota enredadeira e digo porque de lá "o vi sair". Affirma isso suando maledicencia, dissorando intriga, gozando a infamia que perpreta.

— E a coisa (affirma ainda), já dura ha mais de um mez. . . O homem vive p'ra baixo, p'ra cima. Um verdadeiro insulto ás mulheres virtuosas, como nós. D. Isaura! Ponho até a minha mão no fogo para jurar como aquelle vestido azul, que a "burra-mãe" botou no domingo, foi pago pelo typo. Tudo umas marafonas, umas *cocottes*, como diz o seu Pires da botica.

E as duas outras janelleiras, que não gostam da Ermelinda, e que, sobretudo, não lhe perdoam aquelle vestido azul que ella pôz, com um chapéo de palha cõr de abobora, verdadeiro acinte á miseria do morro,

fazendo esforços para acreditar, rindo ás bandeiras despregadas:

— Qua! Qua! Qua!

Ha logares em que a descida do morro é deveras penosa. Quando chove, o aladeirado transborda encachoeira. A agua não deixa ninguem subir ou descer.

Cá temos na fachada de um predio baixo, com duas janellas que abrem para a rua, este phonetico letreiro — *Ginazio João da Fonseca — Primeiras letras — 2\$000 por mez*. É em baixo, arranhado no rebouco da parede, isto que um garoto qualquer escreveu:

Collegio Tico-Tico.

Chama-se, pelo tempo, *Collegio Tico-tico* ao que só ensina ler, escrever e contar. Collegio do muito pobre, do que só aprende o que é restrictamente necessario para poder vencer na vida: ler e contar até as quatro operações. Nada mais.

O professor do "Ginazio" é um mulatão gordo, enorme, de sobrecasaca e calça de brim. Sentado sobre uma cadeira de páo, tem em frente uma mesa de pinho, forrada com um jornal. Usa oculos, um pellinho no mento e deixa crescer a carapinha no cangote. Quando elle fala, com a emphase de quem pronuncia um discurso, está assobiando nos *s s* e errando na collocação de pronomes.

Na mesa, bem em evidencia, vê-se, reluzindo, a bôa "santa luzia", palmatoria negra e sinistra, mais

a "cabeça de burro", feita de papel e ainda uma vara de flecha, vara com que o mestre escola aponta, no quadro negro da ardósia, dependurada á parede, a lição que escreveu a giz. Elle a perguntar, apontando com a vara, e a meninada a responder:

— *Um b com um a faz bá, um b com um é faz bé, um b com um i faz bi. . .*

As crianças, que estão sentadas em bancos de correr, sujas, descalças e pobresinhas, aprendem pela cartilha de Felisberto de Carvalho. Quem não tem cartilha, depois da lição da ardósia, estuda na cartilha do collega, ao lado.

Ha crianças que trazem, envolvidos em pedaços de jornal, pães com manteiga, carne ou sardinha frita, á guisa de merenda, mas só podem comer durante o recreio, que é dado na ladeira, sob o olho policial e attento do *fessô*, posto no quadrado da sua janella de rotula, importante, severo, enorme, o cigarro ao canto da bôca, a queixada de gorilla sabio, em riste, mostrando a barbella pedagogica, agrisalhada e rala.

Quando elle bate as palmas e, cheio de austeridade, grita para a guryxada: — Escola! é que o recreio acabou. E recomeça a aula.

— Antonico — diz o mestre autoritario, em meio ao silencio que então se estabelece, chamando á sua meza um pequenote de ar tímido, vestindo terno á marinheira — traga o seu livro. Vamos á lição. O me-

nino obedece. E, livro aberto, começa a revelar o que estudou ou o que sabe:

— Letra B, diz, começando, o gury, o dedo sujo sobre a letra, o olho um tanto apavorado no olho do *fessô*.

— Muitissimo bem! Letra B! Adeante! sópra o homem, num berro. O pequeno estremece. Quer prosiguir e não póde. Novo berro:

— Prosiga!

Antonico rola nas palpebras esquivas os olhos cheios de medo e pisca-os, verdadeiramente apavorado. Emperrou. A voz deu-lhe como que um nó na garganta. Quer falar e não póde.

Na pagina do livro, como gravura, ha um bote, muito bem desenhado e, sob o mesmo, a explicação do genero da embarcação, em letras garrafas — *BOTE*.

O professor, sempre aos berros, quer agora que Antonico soletre o nome que elle aponta com a unha longa e suja:

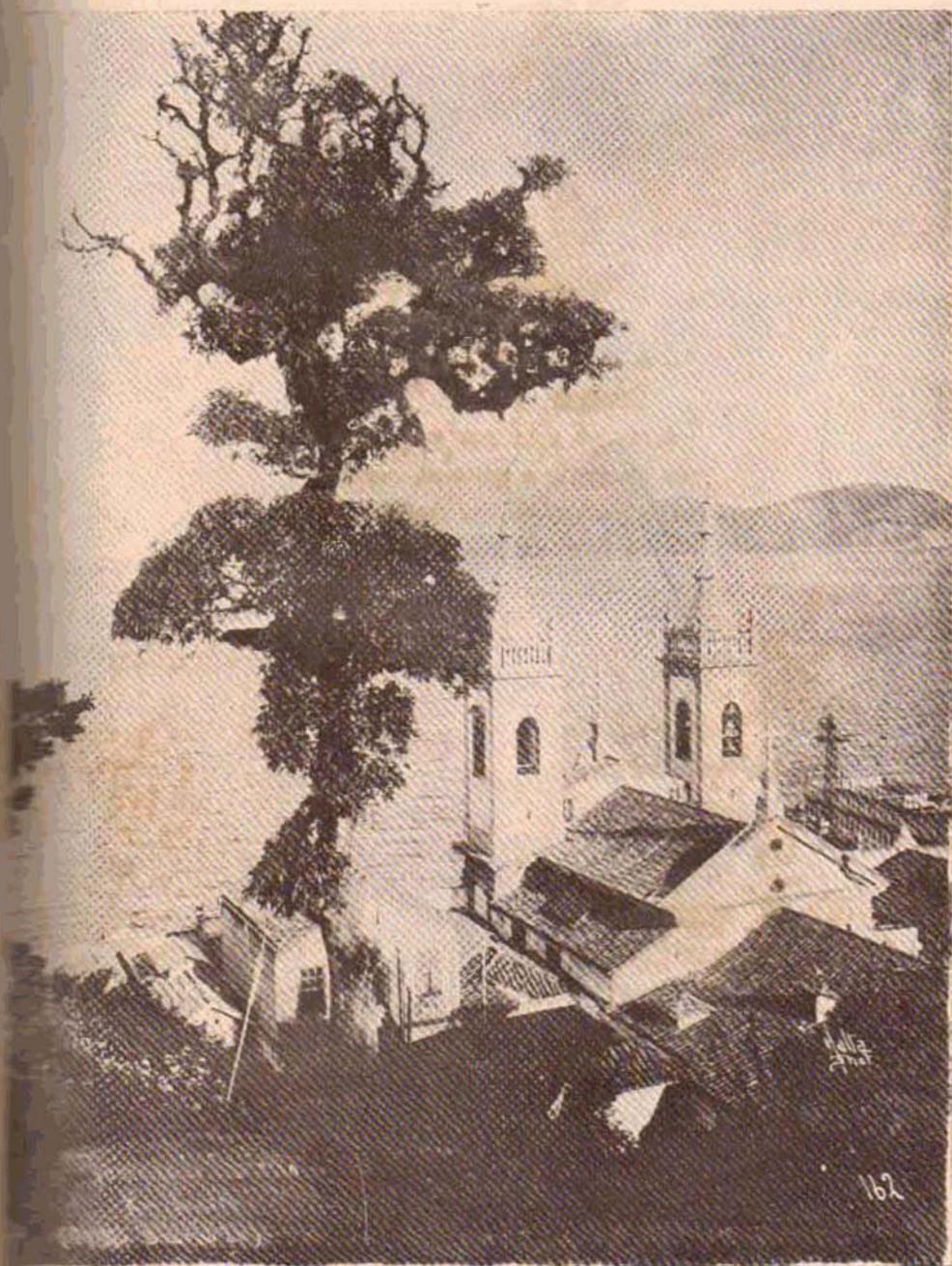
— B-O. . .

E o menino nada.

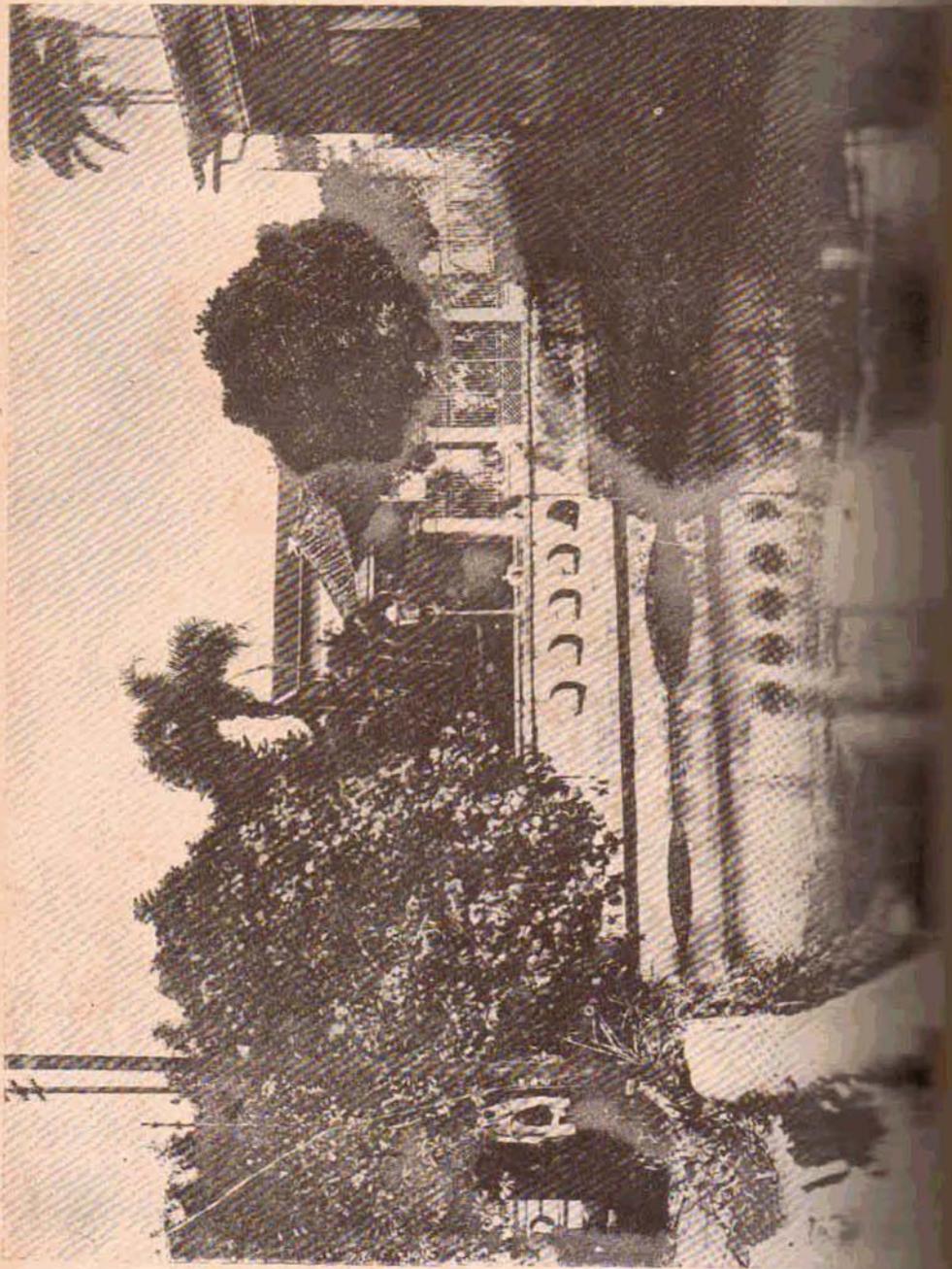
— B-O, BO T-E TE. . . Vamos, agora a palavra toda. Bó. . .

Como o menino ainda não se mova, o mestre, atirando com um murro á mesa, berra de novo, de fazer até dansar no Observatorio, perto, a agulha dos registros sismicos:

— Leia!



Santa Luzia



É o seu dedo passa, então, numa ajuda affectada, não sobre as letras, mas sobre a figura do barquinho desenhado no livro e que explica a palavra escripta, o qual a intelligencia amodorrada do alumno reconhece, logo, como sendo, em tudo, egual áquelle em que seu pae, remador do arsenal de Marinha, vive o dia inteiro a dirigir ou a remar. É quando, com novo berro, o professor insiste:

— B-O BO, T-E TE, diga!

Ganha animo o gury que responde, então, desembaraçadamente:

— Escaler!

— Monitor, dois bolos no Antonico, dois bolos e as "orelhas de burro" na cabeça, a ver se elle, amanhã, estuda melhor esta lição.

Em vez de explicar, ao pobre, o erro em que elle está, *fessô* o que lhe dá é castigo

No collegio *Tico-Tico* ainda se ensina assim.

Bem em meio á Ladeira do Castello mora Florencio da Palma, conhecido tatuador da marinha, discipulo do Madruga, figura mais que conhecida na cidade, mestre na arte de tatuar e que, nas horas de suêto, dedilha o violão, creando canções que o povo, depois, gostosamente, decóra e canta:

« Venha quanto antes D. Elisa
Enquanto o Passos não atija
Fogo na cidade... »

Florencio, autor e cantor em voga, mais parece uma personagem arrancada ás revistas regionaes de

João Phoca, com a sua grenha a escorrer pela oriza, o seu bigode falhado e a sua pera-mossa a Floriano. E' tatuador de marinheiros, com especialidade em marcas onde entrem symbolos da arte de navegar. Pela época, é grande moda a tatuagem entre a nossa maruja, entre soldados do exercito ou da Força Policial.

Foram os negros da Africa, aqui trazidos pelos portuguezes, que introduziram essas fantasiosas marcas que se fazem na epiderme. Quando não vinham tatuados, esses negros, aqui se tatuavam, obedecendo a velhas tradições regionaes. Debret ensina-nos, por exemplo, que o Monjolo tatuava-se, fazendo incisões verticaes nas faces; o Mina, fazendo uma continuidade de pontos salientes, provocados por tumefacções que as agulhas de ferro produziam no rosto; o Moçambique trazia, quasi sempre, em sulco, uma especie de crescente na testa, e assim por diante. Essas formas classicas, emtanto, degeneraram com o tempo, sendo mais tarde, transformadas em symbolos, contando a vida amorosa dos tatuados, a profissão por elle exercida, etc.

Pratica-se a tatuagem por incisão, por picadas ou por queimaduras sub-epidermicas. Completa-se o trabalho com a ajuda de tres agulhas que se embebem em anil, em tinta de escrever, em graxa polvora ou fulligem. Antes da applicação das agulhas, traça-se o desenho que se deseja obter sobre a pele, um coração atravessado por uma setta, uma rosa, um

navio, uma estrella, umas iniciaes que se confundem ou entrelaçam, um nome, uma phrase...

Como bom tatuador, Florencio da Palma tem o corpo coberto de signaes, e como o seu grande mestre Madruga, tambem mostra, no peito, a imagem do Redemptor. Além disso, espalhados pelas costas, braços, ventre, coxas, mãos e pés, signaes de Salomão, ancoras, datas, nomes de mulher e ainda marcas mysteriosas e indecifreveis. São, por vezes, de um pittoresco exotico ou disparatado todas essas tatuagens. Sabe-se de um marinheiro, por exemplo, cabo em Ville-gaignon, que possui, pelo dorso, espalhada, em esthetico realce, toda uma esquadra, feita a bicos de agulha, nada menos de sete navios nacionaes: o *Riachuelo*, o *Aquidaban*, inclusive, todos os vasos de guerra em que elle serviu embarcado, desde que assentou praça na Marinha. Outros ha que mandam tatuar o corpo com emblemas patrios: escudos da Monarchia, armas da Republica, quando não se marcam com nomes de heroes da patria. João do Rio diz-nos ter visto, entre tatuagens interessantes, a do braço de um soldado de policia onde se escrevia esta legenda patriotica — Viva o marechal de Ferro!

Os valentes da Saude, da Gambôa e do Sacco do Alferes tatuam-se, bem como as meretrizes de infima classe, estas mandando marcar, pelos braços, pelas coxas ou pelo peito, o nome dos seus amados. Convem revelar, ainda, que os negros, outróra, introductores da tatuagem, entre nós, já bem pouco se tatuam, pela época.

Mais um esforçozinho e chegaremos ao cume do morrete.

Descendo pela ladeira que subimos, lentamente, sem chapéu, um lenço de Alcobaça dobrado em quatro apenas, como defesa á luz forte do sol, atravessado na cabeça, vê-se um homem vestido de preto, envolto numa opa vermelha de Irmandade, na mão esquerda uma vara de prata, na outra uma patena cheia de moedas de cobre, prata e nickel. É o irmão das almas, de herança colonial, ainda cruzando por certos bairros da cidade, talvez um pouco diminuído na aureola de sua antiga sympathia, quiçá um tanto desmoralizado em seu prestígio de creatura que pede para a Igreja, mas, ainda fazendo, do seu officio, um negocio mais ou menos rendoso. Nos bairros povoados pela *élite* o irmão das almas já não cruza, como não cruza mais o centro commercial deschristianizado, pela época, mas explora os bairros da pobreza, onde ainda se vê a beata que pede para beijar o Santissimo e não esquece de largar, após o beijo, o vintemzinho da devoção.

Desce o homem, saindo de uma curva da ladeira, quando se vê cercado, de repente, por um grupo de cães terriveis que lhe ladram ás canellas.

A figura do beato de balandrão enfesa e irrita a cainçalha, que os dentes máos e afiados exhibe. A prudencia ensina ao pedinte parar. É elle, por isso, estacando, tentando esconder a vara, sem o mesmo poder fazer com a rubra opa que alça e revoluteia, fraldejando no ar, razão de todo o incitamento da canzoada que lhe

late alvoroçadamente. Esses latidos convocam todos os cães da redondeza. E, de tal sorte que, para salvar-se, trepa, o "irmão", para um alto pedregulho que serve de muro á ribanceira, com o risco de rolar pela montanha abaixo e ahi fica como que ilhado, cheio de atenção e de receio. Ha quem, de janella adeante, assista á scena e cioso por defender o andador, do perigo, em lembrete, as mãos pondo em porta-voz, grite-lhe pressuroso:

— Irmão! sem medo, empurre-lhes o Santissimo!

Aquella voz que rola do alto e cae no ouvido do pedinte como se fosse a voz do proprio céu, mostra-lhe o caminho da salvação. Num gesto rapido, o homem em perigo toma da vara do Santissimo Sacramento, que zig-zagueia no ar e, como uma clava de combate, fal-a descer, malhando, dispersando, desarvorando e vencendo a matilha furiosa. Com o gesto saltam-lhe as pratas, os nickeis e os vintens da patena. O homem perde o dinheiro, porém salva a opa, os pernis e o prestigio da Igreja.

No alto do morro estão as mais pesadas construcções erguidas, outróra, pelos jesuitas. Está o edificio do Observatorio, com a sua cupula magnifica e onde o dr. Cruz, muito importante, vive a espiar manchas do sol, a calcular eclipses. Proximo,



O irmão das almas

o mastro de signaes que annuncia a entrada dos navios no porto. A's doze horas da manhã ha um balonete que sóbe, regulando, com exactidão, a hora do meio dia.

E' por elle que se acertam os relogios da cidade. Por elle, pelo tiro das nove, quando não é pelo chronometro da Relojoaria Gondolo, proxima á rua do Ouvidor, loja, então, de grande fama e nome. Proximo á igreja de Santo Ignacio, o Hospital São Zacarias.

Cá esta, mais adeante, a igreja de São Sebastião do Castello, antiga Sé da cidade e hoje em mãos de capuchos italianos. Pobresinha! Está pedindo muleta para não cair, de tão velha. Se vem, coitada, do governo de Salvador de Sá e Benevides, que a concluiu em 1583! Em vez de cabellos brancos, a macrobia, tem cabellos de limo, nos telhados.

Lá dentro estão os ossos de Estacio de Sá, conquistador da terra, o que levou, no olho, uma flechada de indio. Teve seu esplendor, o templo, e galas, durante muitos annos. Um dia, entretanto, um paredão appareceu fendido. Já do tecto ha muito que chovia, a agua irreverente caindo na nave e encharcando a toalha dos altares. O cabido resolveu, então, assemblear em outra parte. Não fosse cair, da caduca cumieira, uma trave qualquer pondo em risco o unto capillar de tão illustres conegos. A cidade já tinha escorregado para a varzea, onde templos, innumerous, se construiam. Não foi difficil resolver-se a mudança da Sé para a Igreja da Cruz, á rua Direita. E a Sé mu-

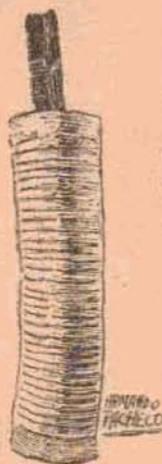
dou-se. E o velho templo lá ficou abandonado, caindo aos pedaços, com a sua averdugada cabelleira de limos e de hera, onde tico-ticos e colleiros chilreavam, satisfeitos, pelas horas do sol.

No anno de 1842 capuchos italianos, sacerdotes seraphicos, barbados como gnomos, tomaram conta da igreja, tentando restaural-a. Fizeram o que puderam. A antiga Sé engalanou-se de floridos altares, e, de novo, naquelle ambiente, onde a tradição velava, thurybulos cheios de incenso balouçaram-se. Cantaram-se missas e tedeunns, lausperennes e novenas...

Quando chegava o 20 de Janeiro, a procissão vinha á rua, os frades barbadinhos, sob pallios coloridos, cantando loas ao Senhor...

Ha uma casa de pretos na travessa do Castello onde se pratica a liturgia gege-nagô, culto fetichista, cerimonia cheia de complicações e de mysterios, onde se evocam almas do outro mundo e são manipulados "despachos", feitiços que, quando postos nas encruzilhadas dos caminhos, têm a propriedade de crear maleficios, modificar vontades, corrigir a linha sinuoza que dirige o destino dos homens. Chama o povo a esses nucleos de evocação e de magia onde o homem de côr, em geral, predomina, cangerês, candomblés ou macumbas. O espirita convicto diz sempre quando delles fala: espiritismo de terreiro ou, então, baixo espiritismo.

No fundo tudo isso nada mais é que um *panaché* religioso: estulta corrupção do fetichismo africano que os



Ganzá

negros aqui introduziram no tempo da colonia, temperado com um pouco de fé catholica e muito dos processos kardekeanos de confabular com o astral, feição empyrica do espiritismo, como o que praticavam os indios, nossos avós, quando, em bailados mediumnicos, evocavam os fantasmas de seus maiores, com dansas barbaras obrigadas a cantigas e a cauim. Em casa de João Gambá de Loanda, na Travessa do Castello, a macumba estadea. Os idolos que se evocam chamam-se Ogun, Xangô, Oxalá, São Jorge, São Cosme, São Damião e Santo Onofre. Como nas egrejas catholicas, a entrada é franca, mas, logo á porta, ha uma caixa de esmolas que, se não reclama obulos para a cera de santo, pede para o espermacete da iluminação do templo-sinho, que se resume em dois ou tres aposentos dando para uma area suja, onde, em balaies de vime, arrulam pombos, cacarejam gallinhas, cruzam jabotis e um truculento bode, preso a uma cadeia de ferro, cornúpeto e violento, marra, berrando atroadoramente. É a fauna do sacrificio que se transforma, depois, em macabros orichás ou feitiços. As gallinhas são pretas, como o bóde, os pombos brancos. Para os jabotis é que não se reclama uma côr especial. Notar que o santo da macumba ou cangerê a quem se offerece a vida do animal morto, não se alimenta senão do "espirito" do que representa iguaria, a inanimada offerenda, as sobras de orichá resvalando para o appetite do director do rito, para os cambôtos ou para outras dignidades de funçanata pagã, após a cerimonia.

Quando penetramos a sala principal onde a mesma se pratica já a encontramos a transbordar de gente, moços e moças, velhos e velhas sentados, uns sobre cadeiras, sobre bancos de páo, outros, em pé ou pelo chão, de cocoras e até deitados. Lembrando o altar da liturgia catholica, junto á parede acalijada e triste do terreiro, uma tosca mesa de pinho, mostrando dois alguidares de barro vidrado com os animaes do sacrificio postos num molho feito de farinha e azeite de dendê. Sobre os mesmos continentes, mas, sem tocar a victualha, ligando-os, uma espada longa e nua, toda manchada de sangue. Pelos angulos do aposento, pequeninas peanhas com imagens grotescas: aqui, a figura de Ogun, ali, o vulto exotico de Xangô, acolá São Jorge, na sua sagrada cavalgadura, mais São Cosme, São Damião e e ainda Santo Onofre, na imagem de um varão barbaceno, de ar pulha, vestido com a propria barba, estranha indumentaria que o aspecto lhe dá de um barbaro fetiche. Todas essas peanhas mostram, além dos santos, copinhos cheios de agua, velas de espermacete, accesas, festivamente surgindo de quadros emoldurados e de onde saem, numa intensão decorativa, galhos de alecrim e flores de papel.

Quando se chega para assistir ás cerimoniaes do culto, "pae-de-santo", que é o sacerdote sagrado do mysterio, deante do improvisado altar, em attitudes de prece, ergue os braços ao céu. É o negro João Gambá, negro velho, septuagenario, já com a sua carapinha grisalha e a sua barbellá curta e dura, esfiapando na



Xangô

queixada triste. Alto, magro, mesmo muito magro, trás, á cabeça, em forma de funil, um barrete daquelles que traziam, outróra, os velhos nicromantes. Quando marcha sob o panejamento de um balandrão de linho branco, que enverga, vae fazendo dançar macabramente, como dentro de um sacco, a ossada que até parece que está solta, revolteando aos boleos nas dobras complicadas da fazenda.

Pae Gambá é intimo do celebre feiticeiro Apotijá, o da rua do Hospicio, e do qual nos fala sempre João do Rio, nas suas conversas e nos seus escriptos. Na Travessa do Castello elle é o director de função. Quando, cabalisticamente curvado, Gambá beija o fio da espada que liga os alguidares e está cheia de sangue, os cambôtos, especie de sacristas praticando a acolytagem da cerimonia, tomando o gesto como inicio do ceremonial, movimentam-se em sarateios pacholas, dando a direita aos mediuns, os que hão de receber, depois, o espirito do astral, procurando posição. cada par deante de uma faca de cabo negro, que se finca no solo como que marcando a divisa do logar onde o drama religioso terá que ser desenrolado. São sete, as facas; sete os mediuns e os cambôtos, sete.

E' quando se ouve, fóra, um canto suavissimo, especie de litania soprada em *bocca-chiusa*, lembrando um côro dos céos, que vem descendo. Num angulo da sala penumbrosa já os homens da solfa liturgica se moveram, varios instrumentistas: negros, de beijola farta, pardavascos de gaforinha em riste, vestindo,

ternos de brim d'Angola, golpeando sanhudos berimbãos, mugindo o ventre gemedor de lancinantes cuicas, estourando atabaques, brandindo ganzás, agogôs e xequerês.

Diz-se que o Gambá mantém no seu antro evocador a mais typica das orquestras macumbeiras da cidade. Com effeito, o conjunto regional é deveras singular. Apenas, a musica que sôa é um tanto exotica



Dançarina da macumba

e confusa, solfa onde a bulha supera o pensamento musical e a harmonia desordenada martella em rythmo vivaz. Musica monotona e plangente. O canto humano que continua então, diminuido, dilue-se e perde-se por completo ante o fragor cavernoso da bateria ins-

trumental, que estrondeia a vibrar, em crescendo. Essa musica excêntrica, espectacular e barbara, que nos aturde e exaspera, muito impressiona, entanto, o fiel convicto que vive a reclamar incitamento e ebriedade nessa função de meias sombras e mysterio.

Eis, porém, que, pela sala, irrompe, vinda não se sabe de onde, a figura magnifica de uma joven mestiça, de peitarras tesa e ancas abauladas. Tem os olhos semi cerrados, a cabelleira aberta, em torno ao occiput, lembrando um resplendor. Resvalam seus pés ligeiros pelo chão, em movimentos subtis e compassados. Passa a linha cabalística das facas, saltando-a, sempre a fazer dansar: os braços, primeiro, em gestos como os de quem rema, ora para a esquerda, ora para a direita, depois, em sacudidelas violentas, em contorções e tremeliques, num delirio epileptico, a despenteada cabeça que, do corpo, até parece que está de todo desarticulada. A dansa da mestiça é sobrenatural. É impressiona. Devia dansar assim Salomé em Makeros, reclamando, de Herodes, a formosa cabeça de Yokonan.

Ha um momento em que essa furia recruscena e a bailarina põe-se a bater, num gesto do que pila os pés no duro chão, cantando qualquer coisa que se perde e se desfaz no monotono ronco das cuicas, no cascacacac dos xequêres. Subito, um grito, um grito forte que rebôa e, logo, a orchestra que suspende a toada cavernosa. A bailarina pagã, dobrada em arco para trás, está deante do altar, caída, em transe, torcendo os braços, os hombros, a cabeça. Vem João Gambá assistir-a.

engorolando o seu linguajar loandez. E' quando, pela linha das facas onde se estendem os cambôtos, os outros mediuns, em sacudidelas violentas, em guinchos, aos urros, como que em luta contra as forças sobrenaturaes, desencadeadas e terriveis, vão caindo, tambem. Dentro de pouco tempo, o terreiro é um pouso de fantasma. Cada corpo de medium guarda dentro de si uma alma diferente, evocada do astral. Olhae, aqui, o cacique indomavel que, num corpo de mulher, como a incitar hostes guerreiras em combate, berra, furiosamente:

— *Reçurú xingú ixê!*

Adeante, aquelle que dá conselhos de mansinho, é um negro escravo desencarnado ha mais de duzentos annos, captivo dos tempos da plethora do asucar, em Pernambuco, pobre negro que acabou a trabalhar e a soffrer.

Por isso, de seus labios, que tremem de quando em quando, ouve-se que elle nos conta historias de feitos, fallando-nos em chicote e em polé.

Na macumba, instruem-nos os que vão beber a verdade das coisas na biblia de Alan Kardec, só se manifestam espiritos grosseiros, dos que ainda se prendem aos instinctos terrenos da vida e ainda não se libertaram da crosta vil do atrazado planeta; almas ras-tejadoras, indomaveis, violentas. Todo um mundo de soffredores, ralé curtida pela dor, á espera da grande luz de Deus, que tarda vir, mas, que um dia chegará. O espectador de baixo nivel intellectual, emtanto, com



AMANDA
PAHECO

Xequerê

esses, commodamente, conversa, discute, fala, pede conselhos. . .

Sabe-se de macumbas, nas quaes, em meio a multidão, são atirados grandes bodes pretos que agem como homens, no cio; de outras, com bailados bestiaes, onde todos dansam completamente nus e na vertigem de lubricos anseios, desvairados de lascivia, rolam pelo chão, ferindo-se, rasgando-se, possuindo-se, como nas bacchanaes pagãs.

Quando essa ventania de luxuria sopra pelo terreiro, diz-se que é o espirito de Xangô que invade a cerimonia, sensualizando os corpos.

Na macumba da travessa do Castello, Xangô é manso, acata as ordenações do nosso Codigo, respeitando as exigencias da Policia, sem abusos, um Xangô camarada, decente, bom rapaz. . . E não se solta o bode no terreiro da macumba de João Gambá. . .

A's sextas-feiras, pela madrugada, missa dos Barbadinhos, em São Sebastião do Castello. A superstição carioca ahí dá *rendez-vous* obrigado, uma vez por semana. Missa e benção. Para ir a ella veem fieis contritos dos mais longinquos recantos da cidade, de cidades visinhas, e de proximos Estados. A concorrência é enorme. E' que a devota cerimonia possui virtudes especialissimas, que a fama ha muito trombeteia. Em nenhuma outra igreja, com effeito, diz-se, são os favores do céu com tanta efficiencia e prodigalidade distribuidos como ahí. Na concorrência de milagres, por toda vasta *urbs*, santos prestigiosos, com

larga projecção e valimento junto ao throno de Deus, num chuveiro de graças, trabalham com prazer e afínco, no empenho natural de comprazer ou seduzir o fiel; nenhum, porém, pôde gabar-se de distribuir favores como os que se distribuem nessa egrejinha virginal de morro. E', pelo menos, o que se espalha, o que se sabe e o que se vê.

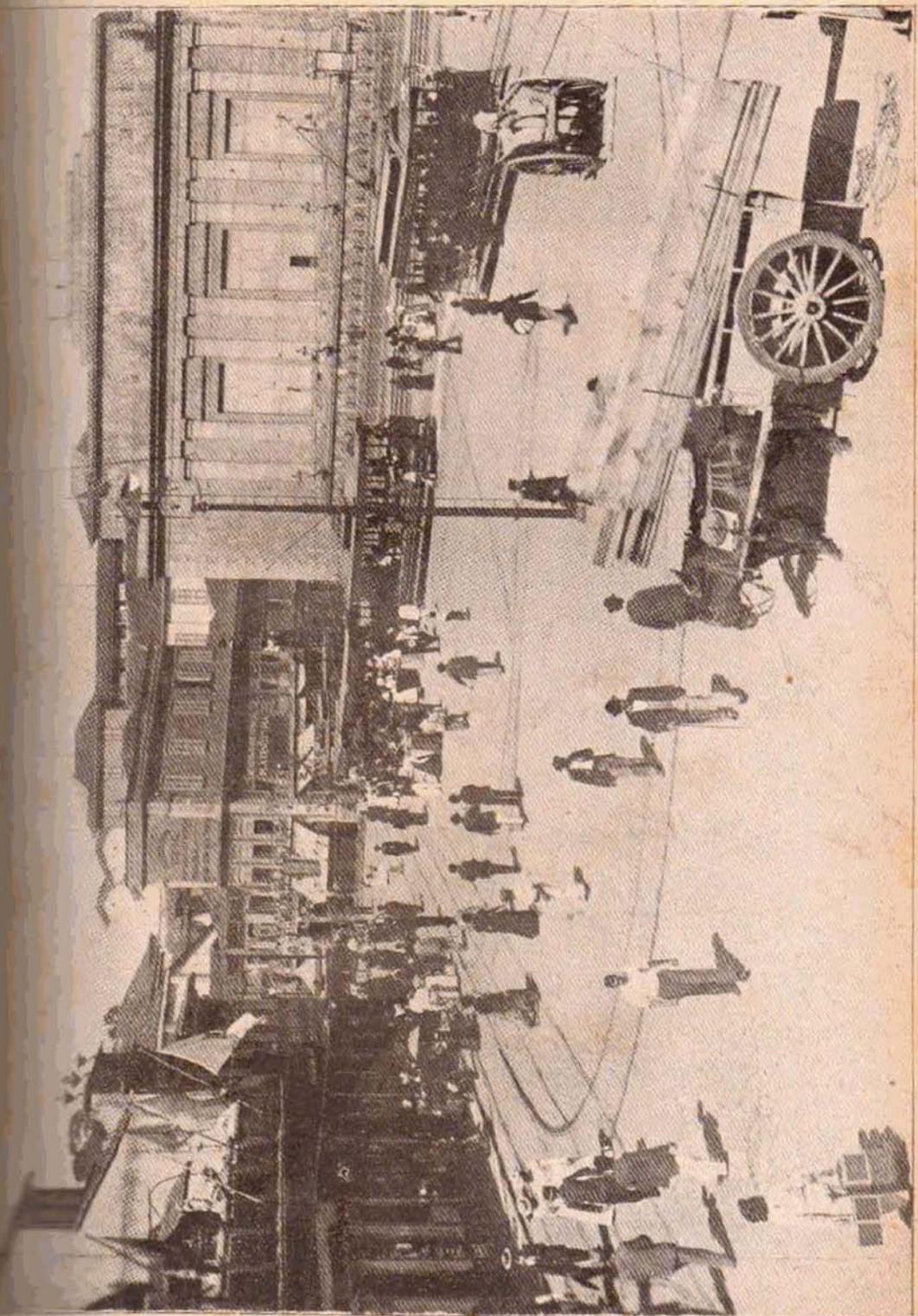
Na egreja pequenina do Castello ha varias missas, varias, dadas, até, diariamente, porém, a de virtudes excepcionaes, na convicção do fiel que conhece a hermeneutica que rege a designios do templo, é a que se diz todas as sextas-feiras, ás 5 horas da manhã. E essas decantadas virtudes de excepção, que tanto seduzem a alma que seja mais fanatica, do que christã, quaes são ellas? Resposta: multiplas, sobretudo as que reflectem a graça que consegue extinguir ou diminuir azares, fados máos, cabulas e caiporismos, "endireitando" a vida dos que a possuem "torta", vencendo, de tal modo, todas as fatalidades escriptas pela mão do destino, desmanchando "coisas feitas", pragas, máos olhados...

Queixa-se, alguém, de que a fortuna o abandona, que o illumina a estrella má de alguma desventura ou que uma sina maléfica o persegue? — missa das 5 nos Barbados, ás sextas-feiras...

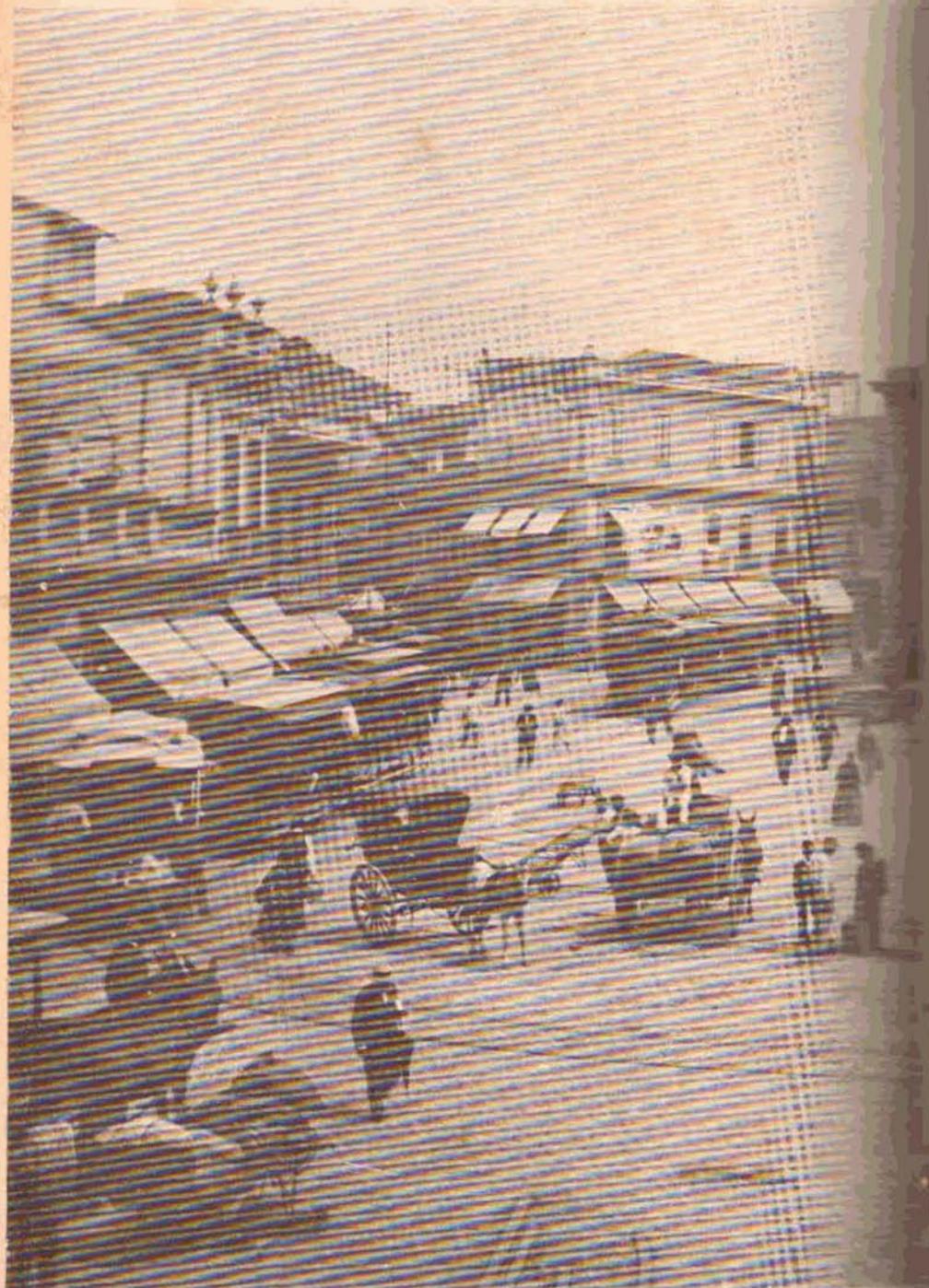
Por isso transborda, sempre, o velho templo capucho pela hora da cerimonia maravilhosa. E nem a chuva consegue, mesmo quando forte, diminuir a clientela piedosa, toda ella, diga-se de passagem, sempre muito bem servida.

A's quatro horas da manhã, nas vespervas de sabado, quando a cidade ainda dorme em silencio, pontilhada de luzes, já andam sombras humanas subindo a encosta da montanha, massa piedosa que caminha em direcção a que foi Sé, outróra. São desgraçados de toda sorte, gente batida pela adversidade, zurzida pela inclemencia do destino, sem a menor esperanza de obter, por processos humanos, o que Deus não lhes deu; estomagados com a vida, pobres que desejariam ser ricos, ricos que ainda se acreditam pobres, maridos infelizes, cheios de ansiedades de se fazerem venturosos, esposas enganadas, funcionarios de Estado que pedem promoção em seus empregos ou melhoria de ordenado, jogadores que desejam reaver o que perderam no jogo, gente, toda ella, afinal, acreditando que, se padece a ausencia das graças reclamadas, a que se julga com direito, é porque está cheia de azar, de cabulas ou de enguiços, males dos quaes, em breve, a cerimonia capucha terá que a libertar.

São 5 horas da manhã, vae começar a missa. A nave está repleta. Só os cirios do altar mór estão accesos. Luz fraca e amarellada, ora aclarando os retabulos de oiro, ora arrancando ás alfaias de prata scintillações suavissimas. Pelo resto da nave, sombra. Sombra e mysterio. Chegou o sacerdote, cheio de unccção e barbas. É o acolyto. As caçoilas rescendem. As rosas frescas nos jarrões de porcellana sorriem á virgem, preguiçosas. Deante da ara sagrada o capucho abre o missal de lettras gothicas. E resa. Fóra.



Largo da Carioca



Largo da Carioca

ainda ha estrellas no céu velando o somno amigo da cidade que dorme. E sonha.

Está de joelhos, o devoto. E de mãos postas. Ainda não pediu a graça que deseja. Com o seu ar de sofferimento, ar desventurado e triste, por emquanto, prepara o seu ambiente, resando uns padre-nossos, umas ave-marias... De quando em quando, sobre a imagem do Christo, atira um olho amollengado, bambo, como que a lhe dizer: — Então? Cá estou eu! Pobre de mim! Vêde-me bem. Vêde e pensae um pouco se não deve ser tomado em consideração o sacrificiosinho que um desgraçado fiel, como eu, faz pelo seu Deus. Aqui onde me encontro, hoje, contrariando habitos antigos, puz-me fóra da cama por horas em que as gallinhas ainda dormem. E por amor á vossa fé, subi toda a ingreme encosta desse morro, e, o que é peor, de estomago vasio, sem uma códea de pão ou chicara de café, mesmo sem leite, a consolar o estomago. Fiz e não me arrependo do que fiz, porque sei muito bem que um Deus amigo e justo como vós, por certo, não irá deixar sem paga um sacrificio destes...

Depois dessa tirada que lhe serve de introito é que o devoto começa, então, a contar, sempre com o seu olho tristissimo, o caso pessoal, que o trouxe aos pés do altar, pedindo, finalmente, aquillo que deseja, piedosamente, depois, baixando com doçura a cabeça e o olho melancolico, que, humilde, cae por sobre a lagea fria do templo, cheia de cusparadas.

Já bateu no peito tres vezes, persignou-se outras tantas vezes, offereceu á divindade uma velasinha de seis tostões e está certissimo de que terá o que pediu. Homem feliz! E que pediu elle? Que o desencabulasse, o céu, que lhe tirasse o azar, o caiporismo, pondo-o capaz de receber as graças das quaes se crê merecedor e com o maior direito.

O capuchinho, antes de abandonar o altar, fala á massa dos fieis. Exhorta-os. Diz coisas em latin. Suas palavras impressionam. Palavras amigas, que são como os rolos de incenso que as caçoilas sagradas atiram pelo ar e se desfazem lentamente; como as scintillações subtis das alfaias de prata, leves, morrendo á claridade da manhã. Finda a missa, a beata assistencia abandona a meia sombra da nave, passa para um adro visinho, seguindo o sacerdote e o sacrista, este já munido de um balde, um pequeno balde cheio d'agua benta onde mergulha um hyssope.

Ha uma gruta nesse lugar, artificio grotesco, sobre a qual crescem, trepando, frescas papilonaceas e onde se vê um pequenino altar com a sua toalha de renda e mais o necessario á pratica liturgica. Ergueu-se a gruta em louvor da Senhora de Lourdes.

E' deante dessa área que vem postar-se o capuchinho, já de hyssope na mão. Num gesto paternal, erguendo o aspergidor sagrado, com elle traça, no ar, a cruz do Salvador. E' a benção. Nesse momento, entanto, ha balburdia, rumor, hombradas, empurrões, que, em geral, esses fieis, não se contentam com a



O caróla

graça que o céu amigo lhes envia em fluidos espirituales, purificando, santificando o ambiente onde todos estão. Para elles, a benção só pode ser objectiva, palpavel. Por isso esmurram-se, na conquista da vanguarda onde os respingos da agua benta sobejam como prova material do favor que dos céos desce.

Ha fanaticos, no primeiro plano junto á caçamba piedosa, onde se mergulha o hyssope, que chegam a metter a mão suja e atrevida, nella molhando os dedos, persignando-se, depois. Ha-os, até, que, finda a cerimonia, na hora de se afastar o sacerdote, pagam ao sacristão para beber da sobra liquida que ainda resta do balde, um gole, ciosos por sentir afundar-se-lhes nas entranhas a graça desencabuladora. Vem o peor, depois. Junto ao pequeno altar está um rosario enorme, em grandes contas de jacarandá, do qual se dependura vasta cruz de prata e sobre ella, a sorrir, um Christo de marfim.

Prerideu-se a piedosissima enfiada a um gancho junto á madona. E ao pé da mesma pôz-se um funcionario do templo, de olho policial e attento, guardando o marfim e a prata, porque, não raro, desapareciam os Christos e rosarios desse genero, embora fossem, muito tempo depois, desencavados em casas de penhores da cidade. Findo o ceremonial da benção, entregue á inconsciencia do mau fiel o symbolo sagrado, começam, então, as praticas sacrilegas. Vem um que enrola a fiada do rosario na cabeça, e, assim, nessa ridicula postura, resa um padre-nosso; outro vem que com elle bate sobre o peito ou o equilibra na cabeça enquanto resa; mais outro que beija o Christo encharcando-o de saliva,

quando não lhe morde os braços e os quadris. Sabe-se até de um que com elle esfregava: primeiro o cachaço, depois as costas e, finalmente, as virilhas...

A tudo isso assiste o guardião da Igreja, indiferente a tanta acção sacrilega. Não protesta. Quem por nós no Calvario soffreu tanto, que soffra mais um pouco. Pensa, talvez. O que elle, sacrista, defende, ahi, é tão sómente a prata. Que prata é o que prata vale. E o marfim. O resto...

Por vezes, esses que se acreditam piedosissimos christãos, deixando a igreja dos Barbadinhos, cruzam a travessa do Castello, onde está a macumba do preto João Gambá. E põem-se a perguntar sobre o programma dessas sessões do culto gege-nagô. E voltam á noite, na hora do sacrificio da gallinha preta e do pombo branco, para pedir ao céu cabalístico da macumba o mesmo que pediram aos pés da virgem ou ao raspar, no cangote, a imagem do Salvador.

Fanatismo de preto! Fanatismo de branco!



Atabaque

VIII

Morro de Santo Antonio. — Vida miseravel dos seus moradores. — Creanças e papagaios. — Aspectos pittorescos do local. — A negra Marcolina. — Mendigos. — O botequim do Carrazães. — Tocadores de violão. — O choro, a modinha e o maxixe. — Seresteiros da epoca. — Catullo Cearense. — As grandes canções da epoca.

Atrás do Theatro Lyrico, na parte que dá para a rua Senador Dantas, bem junto ao começo do zig-zag que nos conduz ao morro de Santo Antonio, está sempre uma "bahiana" sentada, deante de um taboleiro de vender puxa-puxa, cocada, pé de moleque, pamonha, amendoim, bolo de arroz e cúscús.

As "bahianas" são a mais bella e mais pittoresca das tradições desta cidade. Debret já as pintava no tempo de D. João e de D. Pedro I, tal como ainda hoje se apresentam. Vestiam as mesmas saias rodadas, amplas e cheias de ramagens, e camisinha picada de rendas, um panno da Costa, em listas coloridas, revelando a nudez do hombro, vistosa trunfa na cabeça, e, em vivas scintillações, por sobre o collo, os braços e o pescoço, joias resplandecentes; collares, bracetetes,

bereguendens, tudo isso em confusão decorativa, num delírio de chispas e de côres, lusindo, reverberando, tilintando.

Assim eram ha cem annos e ainda se conservam, com a mesma graça, o mesmo alinhô e singular limpeza. Limpeza, sobretudo. De se abespinharem todâ: com qualquer pessoa que tente, mesmo de leve, revoiver ou apalpar o que ellas expõem como mercancia em seus vistosos taboleiros.

— "*Mexa ahi nãon, yôyô, deixe que yo memo pego.*"

È quando pega, pega cuidadosamente, sempre com a mão esquerda, porque a direita é só para receber e contar o dinheiro.

As guloseimas que vendem estão symetricamente dispostas, arregimentadas em porções regulares e, polychronas, o papel para os embrulhos a um canto em ruma certa, novinho em folha e muito bem dobrado.

Bolos de tapioca são por ellas feitos á vista do freguez, sobre a grelha de um fogareiro pequeno, que está, sempre, ao lado da banquetta onde se installam com as suas vastas saias de chitão, em tufo, e que lembram os merinaques das damas setecentistas. E passam os dias inteiros, assim, sentadas, sorrindo, vendendo, cochilando.

A' noite, para obedecer a posturas urbanas, accendem uma lanterna de papel. São quasi todas moças, bonitas, e, diga-se de passagem, de notavel virtude. Os *manês* e os *antuônios*, entusiastas da côr preta, é

que vivem ao redor dessa lanterna, como mariposas ao redor de uma luz. ... E ellas, as "bahianas", desconversando, sem lhes dar tréla, a fingir que não os entendem. Só uma vez ou outra, quando o homem atira-diço deixa escapar, da bôca, um atrevido galanteio, a



Mulata bahiana

phrazesinha chistosa ou piegas do tempo, dicterio ou chalaça, á guiza de anzol, a ver se pega o peixe, é que a bahiana indulgente sorri, descoroçoando-o:

— "Uê, gentes, sou disso não, moço! Commigo yôyô não tira farinha, não. De perdê seu tempo. ...

Têm a bôca sempre cheia de *yôyôs* e de *yayás*, de *Sinhô do Bomfim*, e de *Nossa Siora de Maracanã*.

Deixemos, porém, a decorativa bahiana com seu vistoso tableiro, o seu berrante panno da Costa, os seus collares e seus berenguedens, para galgar o zig-zag da montanha.

Em Santo Antonio, outeiro pobre, apesar da situação em que se encrava na cidade, as moradas são, em grande maioria, feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como os seus moradores.

Por ellas vivem mendigos, os authenticos, quando não se vão installar pelas hospedarias da rua da Misericordia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não pôdem mais trabalhar, creanças, engeitados em meio a gente válida, porém, o que é peor, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus...

O numero desses ultimos enxameia a encosta por onde se vae subindo, uns, caídos de borco sobre a relva, outros, recostados ao portal de sordidas moradas, o coto do cigarro á flor do labio, o olho melancolico perdido na gloria sorridente da paisagem — homens que não têm o que fazer na terra cheia de profissões e de trabalho. E' que em 1901 ainda se encontra o brasileiro escorraçado pelo elemento alienigena que aqui assaltou, ha muito, as posições de maior lucro na capital do paiz, e que só protege, por principio, syste-

maticamente, os seus patricios mandados buscar lá fóra. Mandamol-os buscar, é verdade, mas para o labor do nosso campo, que do campo aqui nos chegam rudes e analphabetos; para o campo porém, não vão elles, pois logo encontram, apenas desembarcados, a ajuda e a protecção que nunca tivemos, nós, os filhos do paiz. Um ou outro de espirito aventureiro é que caminha mais um pouco e vae adiante até aos cafesaes de São Paulo ou de Minas, até ás plantações de canna, pelo Estado do Rio. Raros, entanto, muito raros. Rarissimos. A maioria fica a foçar os balcões de commercio á varejo, entupindo a cidade.

A terra prende, diz-se, um dia, em uma reunião á qual não comparecemos, após um appello feito pelos lavradores que precisam de braços, e, accrescenta-se: *já bastam os que aqui se indentificam ao paiz, creando interesses e familia, esquecidos da terra onde nasceram.* O lucro na cidade, além disso, é mais rapido. Portanto, nada de campo!

Continua a lavoura sem braços e o Brasil a importar, sem descanso, lojistas. Surge em 1899 um folheto com este titulo: *Não podemos pensar em immigração no Brasil, sem a nacionalisação dos serviços da cidade.* O opusculo defende os interesses da agricultura brasileira, mas, como não coincidam, esses interesses, com os dos politicos do tempo, tudo continua como dantes.

De outra fórmula não se justifica a miseria que, então, lavra entre os nossos, abandonados e esque-



Typo do motro

cidos dentro da sua propria terra. No morro os sem trabalho surgem a cada canto. Vezes, por esse tristonho acampamento de miseria, os infelizes se reúnem e põem-se a declarar as suas sinas:

— Pois se o Chico, depois que largou a fabrica não achou mais emprego ! E depois, com aquella ferida nova que se lhe abriu no peito. .

— E o meu Alfredo, coitado, que tambem já lá vae para quatro mezes, não encontra o que seja para trabalhar ! Na semana passada foi ver se assentava praça de soldado na Policia. Diz que lá tambem não ha vaga. Uma terra tão rica e a gente a morrer de fome, sem trabalho ! Governo máo, que manda buscar gente fóra, quando aqui sobra gente. Governo que não cuida de nós. Sorte madrasta que nos persegue desde que aqui nascemos !

Ouvimos perto, entanto, alguém que fala:

— E', mas isso não póde, eternamente, continuar assim. Cança-se, afinal, de soffrer e de penar. Isso não póde continuar assim !

A tirada não é uma tirada de humildade, filha da santa fé que ensina o homem a soffrer e a resignar-se ante a injustiça e ingratição do mundo. Ha em torno do que fala, de cabeça erguida, figuras sinistras e merencorias, typos andrajosos, impressionantes, doentes apoiados em muletas, faces soffredoras, escaveiradas, velhos arrimados a bordões. . .

Faz-se um grande silencio entre todos, um silencio profundo. Não se ouve, entre as boccas que ahí estão,

uma só palavra de queixa, um suspiro ou um protesto, não obstante, mentalmente, estão todos repetindo aquella phrase audaciosa e afflicta que ficou no ar e que cada um sente como se tivesse nascido do proprio cerebro.

— Isso não póde ficar assim !

Não póde ficar, mas fica, com os donos da terra, sorrindo, a progredir e a engordar. . .

O morro de Santo Antonio é um verdadeiro arraial de infortunio, chaga cruciante da miseria humana. Santo Antonio dos desgraçados ! Só a vegetação, ahi, é poderosa e rica, por qualquer ponto rebentando com viço e com frescor, em caules, e folhagens que que dão sombra, graça e amenidade ao desmantello gerado pela mão do homem.

Fóra da casa de Deus, que é a igreja da Penitencia, um palacio de galas e de luxo, onde sacerdotes de meias de seda cantam *tedeums* magnificos, o resto é residuo, escoria, adversidade, tristeza. A igreja vale milhões. Se vale ! Das mais ricas do paiz. Toda uma grande joia, em talha dourada, a nave opima, com tectos pintados por José de Oliveira e Manoel Dias, conjunto que impressiona e escandalisa pelo fausto e de onde repontam o ouro, a prata, o cristal, o bronze, o porphyro; madeiras das mais raras, marmores dos mais custosos, alfaias de alto preço, recamadas de pedras preciosas, com toques de cinzel, obra de consumados artistas. . . Casa de nababos ! Os infelizes do logar, diante dessa opulencia que esmaga e offusca,

sentem-se, coitados, ainda mais pequeninos e humildes. Por isso preferem a missá na igreja do Convento, que fica ao lado, casarão modesto, com um interior dos mais simples, sem grandes marmores ou sem retabulos de preço, sem pinturas a oleo e o luxo das alfaias scintillantes. Sentem-se melhor, os pobrezinhos, mais proximos de Deus !

A massa vetusta do mosteiro é pesadona e feia. Obra colonial sem gosto e quasi sem feitio. Esborôa. Lá dentro, entanto, sob as lages do claustro triste, parco de decoração, ou em nichos juntos ao mesmo, ossos illustres, lembranças gloriosas. Trapos da historia ! A Imperatriz Leopoldina, madrinha da Independencia, Frei Sampaio, Monte Alverne, Conceição Velloso . . .

A ladeira que sobe pelas bandas de Senador Dantas e que nos leva ao alto do morrete, em linha caprichosa, é suave. Não fatiga. Subamol-a, mansamente, vendo, em baixo, os telhados pardaços da cidade, ruas sujas e rumorosas onde as rodas dos vehiculos estralejam nas pedras das calçadas; ouvindo os pregões dos ambulantes de envolta com os *eia* ! afflictos, dos cocheiros, o vozerio e os ruidos de toda sorte, vindos de toda a parte, a se confundirem num só éco que ao nosso ouvido chega como um marulhar longinquo e intermino de vagas tumultuosas rolando sobre a areia.

Alcançamos, enfim, uma parte do morro mais ou menos plana e onde se desenrola a cidadela miseranda. O chão é rugoso e aspero, o arvoredado pobre de folhas,

baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos. Perspectivas mediocres. Todo um conjunto desmantelado e torvo de habitações sem linha e sem valor.



Tipos do morro

E' uma arvore plantada, aqui, outra acolá, outra mais além, em meio a um casario côr de ferrugem, arrebeitado e decrepito. Construções, em geral, de madeira servida, taboas imprestaveis das que se arrancam a caixotes que serviram ao transporte de banha ou bacalháo, mal fixadas, remendadas, de côres e qualidades diferentes, umas saltando, aqui, outras entortando acolá, apodrecidas, estilhaçadas ou negras. Coberturas de zinco velho, raramente, ondulado, lataria que se aproveita ao vasilhame servido, feitas em folha de

Flandres. Tudo entrelaçando, toscamente, sem ordem e sem capricho.

Quando chove a agua penetra dentro da morada pelos intersticios do tapume. O chão, por isso, deve ser arranjado em declive para que não se transforme em poças. Quando faz sol, o zinco aquece, encendeia; cada barraco é um forno onde ninguem fica, porque morre. Peior é quando venta fórte, uma vez que todo esse material, em molambos, desfaz-se, tomba e se dispersa pela encosta da montanha.

Algumas casas são construidas de pedra e cal ou tijolo, e cobertas com telhas de Marselha, mostrando soalho e tecto de madeira. Poucas são ellas, entanto. O que domina o morro é o barracão de madeira e zinco, desaprumado e em frangalhos, uma coisa que nasce já com muitos annos de idade, que se apresenta como novo, porém, que nada mais é que uma triste e commovente ruina.

Já notaram como a miseria interessa e agrada sempre, ao confortado, pelo pittoresco que encerra, pelo que representa como assumpto capaz de alegrar-lhe os olhos e o espirito? Nas capas das revistas elegantes, a figura andrajosa de um mendigo deleita, recreia, satisfaz. O turista de bom tom, a primeira coisa que deseja visitar numa grande cidade é o bairro da pobreza.

— Já viu White Chapel, em Londres? Tão curioso!

— E Moabit, a feira dos andrajos em Berlim?

Os pintores aristocráticos fixam, com grande afan, aspectos miseráveis da vida dos desprezados e dos que nada têm.

— Pois não é curiosa esta cabeça? Veja: Pinteia numa suburra de Chicago.

— Oh, um encanto! Que lindo ar de sofrimento na figura! Que espiritualidade nesse olhar que amorcece! Que pallidez encantadora nessa face onde a gente pôde sentir o homem que não comeu ha tres dias!

— Tão interessante!

O drama do sofrimento alheio, assim passa, graças ao seu pittoresco, a ser gozo ao bem installado na vida, que a frue superiormente, dentro da sua camisa de seda, um bom charuto entre os dedos, reptreado no Mapple confortavel. Existe mesmo quem não comprehenda o mundo sem essas intensas contradições, necessarias como as sombras na natureza, que servem para esquissar a graça dos contrastes, dando nitidez, relevo e corpo aos valores bellos, porém, mais ou menos perdidos ou apagados, no immenso claro escuro das paizagens.

Surgem creanças de todos os lados, sujas, mal-trapilhas, rompendo de portas que se abrem com fragor, saltando cercas, correndo isoladas ou em grupos pelos caminhos do povoado, a gritar, a pular, aos empurrões, aos soccos! Vivem, assim, desencabrestadas pelas ribanceiras, irriquetas e turbulentas, como potros, só se aquietando, quando divertidos na faina de empinar papagaios", pedaços de papel fino e colorido forrando



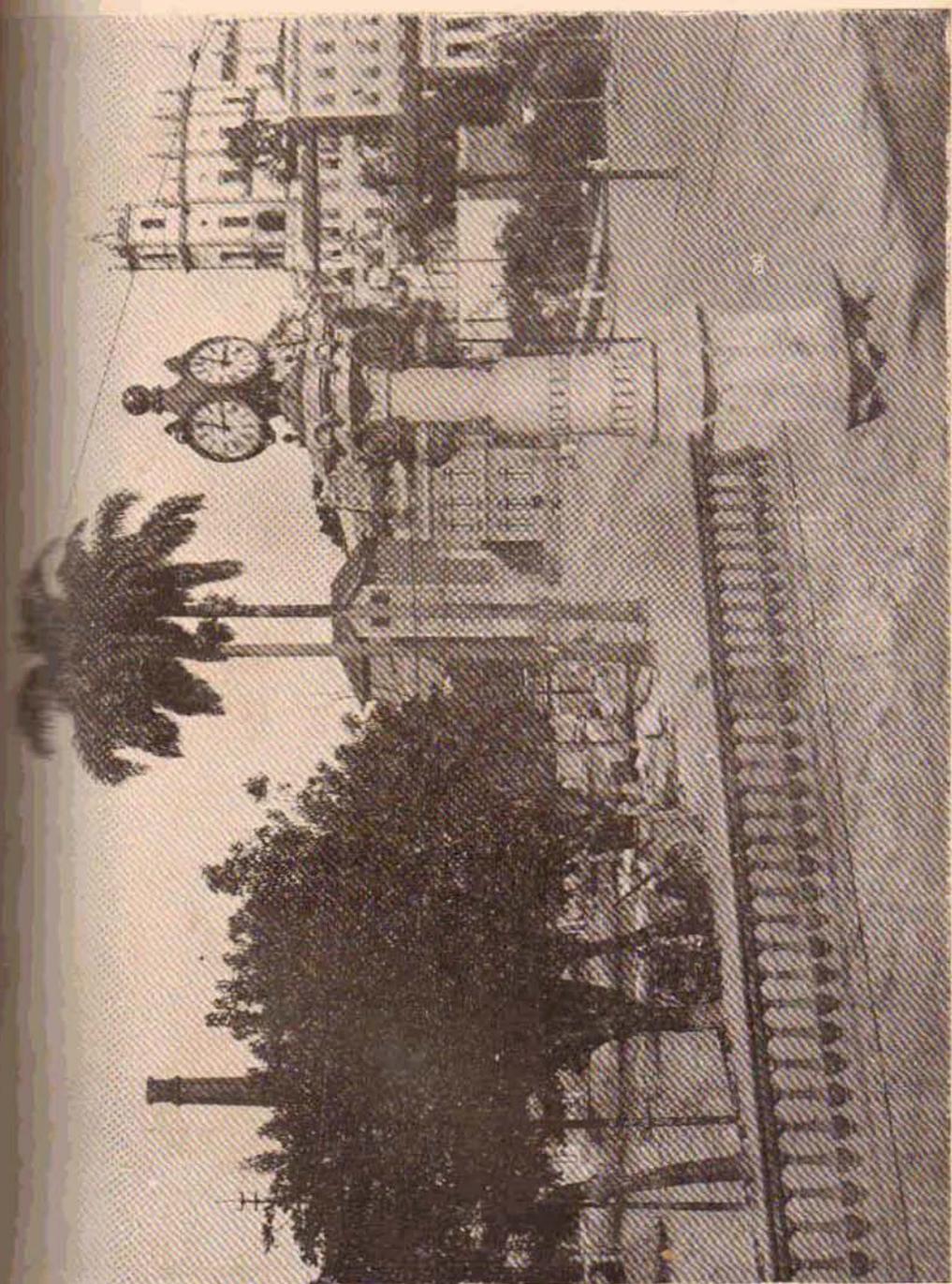
Typo do morro

travessinhas leves de madeira que o vento, como nas velas dos barcos sobre as ondas, bate e enfuna, erguendo no ar. Assim mesmo bulhentos gritam, berram:

- Larga!
- Puxa!
- Torce!
- Dá descahida!
- Garante a cabeça!

Diversão de gury pobre, o "papagaio", no começo do seculo, é delirio no Rio de Janeiro. Com uma pequena folha de papel de seda, uma flexa de dois vintens e um novello de barbante, que nas vendas se merca por dois ou tres tostões, obtem-se a diversão. São esses artificios, em geral, quadrados; ha-os, porém, suggerindo feitios differentes, ovaes, em formato de disco, em meia lua, estrella e até imitando a forma de animaes, "papagaios" de luxo, fortes dos que em logar de rabos de molambo, mostram caudas de cadarso, muito longas, enfeitadas com laçarotes de papel, das que conduzem nas extremidades, um caco de garrafa, uma lamina de faca velha ou um palmo de arco de barril, tudo isso para a hora das grandes lutas que se travam pelo ar.

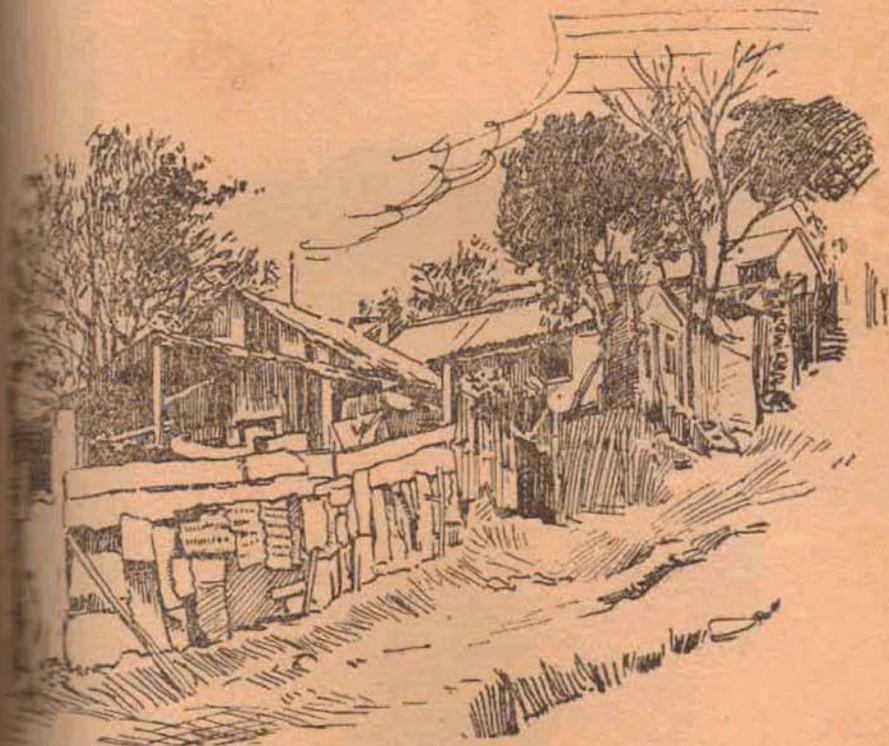
Olha-se o céu e o céu está decorativamente cheio de suaves notas de côr, que são esses brinquedos de papel. Pelas claraboias das casas, pelos enfeites em seta, nos telhados, pelos para-raios das egrejas e até pelos fios telegraphicos e telephonicos da *urbs*, vemos-os, ainda, pendidos e enroscados, em fragmentos,



Caxias da Góloria

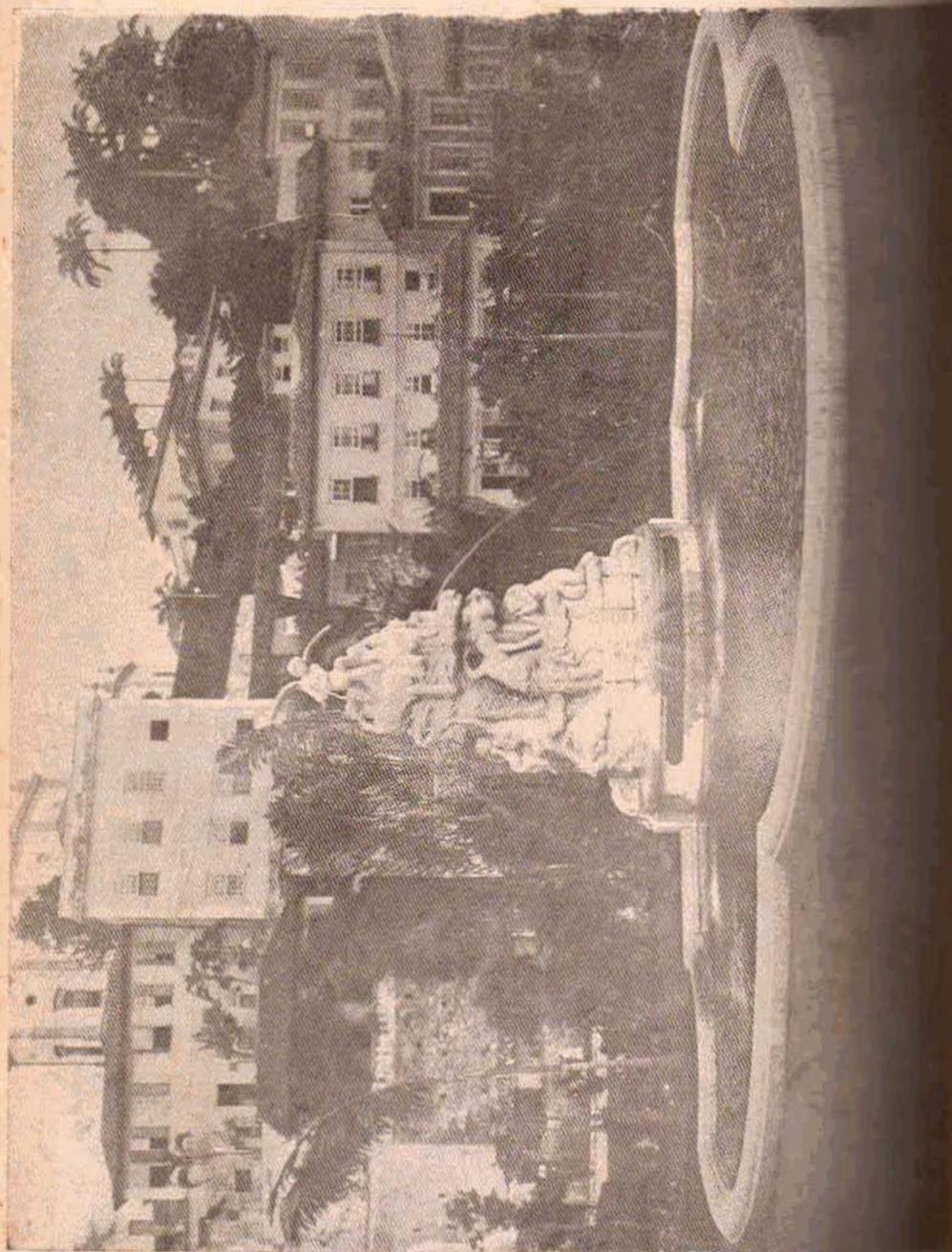
em frangalhos vistosos, á espera do vento que os ha de esfacelar de todo.

Continuemos, porém, a nossa peregrinação pela favella angustiosa. Penetremol-a a fundo.



Casebres (morro de Santo Antonio)

Aqui está um barraco que a ultima enxurrada não desfez, mas entortou. Com um pé de vento ainda póde cair de todo. Dentro d'elle ha uma mulher des-



preocupada que canta, passando roupa a ferro. Num caixotinho, ao lado, estão dormindo, a somno solto, dois anjos côr de rosa, um, parecendo ter menos de dois annos e outro, uns mezes, apenas.

— Boa tarde, dizemos.

— *Bá tarde, moço.*

Paramos um momento.

— Vocês não morrem de calor, quando ha sol, debaixo desta fornalha de zinco que é a cobertura?

— *A gente já estemo habituado, moço.*

— Ah! E quando chove? A agua deve cair sobre o catre onde as criancinhas dormem.

— *E', mas a gente, antão, pega e muda o catre do logá.*

Ri-se, soprando o ferro de engommar com que labuta, o qual espalha, pela boccarra desbeijada e partida, fagulhas e fumaça.

— Seu marido quanto ganha, por mez?

— *Escurjuro! marido pro mode que? para o Diabo! Cum'nigo nãon ha disso mais. Home num presta!*

Dá uma cusparada e continua:

— *O pae desses innocente era puliça. Ganhava da gente podê intê morá na Cabeça de Porco. Um dia pegô e me largô só por via de uma tyba mais pió do que eu. Me armei-me e fui tirá disforra. Fui, mas, nhô sabe, elle — puliça, puliça tem força no governo. . . Pegaro, e me mettero no xadrez da decima. E eu que nem tinha riscado o home! Magine. Peguei, bandonei o causo. Agora, tô aqui, de meu. Nãon me arrenego. . .*

*Prá que me havia de arrenegá ? Lavo pra jóra as
minha roupinha, engommo e os innocente, graças a Deus,
já não morre de fome, porque café e broa é o que aqui não
nos farta.*



Morro de Santo Antonio

E sorri, de novo, mostrando os dentes podres.

— E você é feliz assim mesmo ?

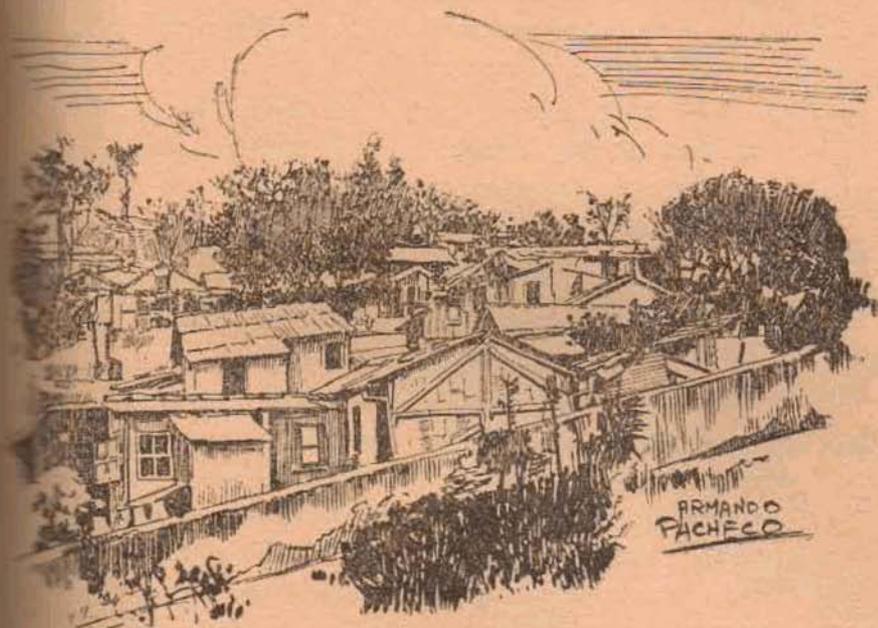
— Uê! Nhô já viu pobre sê feliz ? A gente vae em-
purrando a sua vida com a graça de Deus.

- Quer que lhe deixemos qualquer coisa?
E fazemos menção de remexer as algibeiras.
— *Quero não, moço. Me abasta um cigarro. . .*
Os mais venturosos do morro são assim.

Subamos, entretanto, mais um pouco, porque ha ainda que ver e admirar. . .

Em Santo Antonio as mulheres trabalham muito. Lavam e engomam para fóra, por preços vis. Para obter agua vão buscal-a ao chafariz da Carioca, longe. Vão com os filhos raspar as varreduras do Mercado, pela manhã; catar os grãos de café que vasam da saccaria e das carroças pela hora em que elle embarca nos armazens do grande commercio exportador: lá para as bandas de S. Bento, Primeiro de Março, Conselheiro Saraiva e Visconde de Inhaúma. A' noite, essa pobre gentê desce outra vez afim de buscar as sobras de mantimento apodrecível, ás portas das confeitarias e restaurantes. Ficam por vezes em fila, pobres mulheres, enrodilhadas em chales cheios de remendos, ao collo, creanças esqueleticas e cobertas de ranho ou de feridas, á espera do pacote consolador onde se encontra tudo que existe como sobra de alimentos em uma casa de comidas: o bife que o freguez recusou porque saiu duro, a salada de folhas velhas cheirando a percevejo do matto, o ovo que estava pôdre, de envolta com os restos que ficaram pelos fundos de pratos, muitas vezes até cuspidos pelo cliente enfermo. Tudo isso raspa-se para encher o embrulho feito na folha do jornal, não raro pisada ou arrancada ao masso da

retreta. Distribuem-se os pacotes á porta. No dia imediato, a carroça do Gary leva o resto. Doe o coração ver as mãos brancas e silenciosas dos que avidamente disputam todos esses sobejos corruptos e misturados. . .



Casario no morro

— Tome lá, ó "aquella", seu embrulho, Pegue !

— Nós somos seis, porque não me dá, então, mais um embrulhosinho, oh, sr. Carvalho, como hontem ?

Dizem isso com ar supplice e triste, pondo embora um sorriso de cortezia no labio resequido e melancolico.

— Vá lá, mais outro ! Tome !

— Deus que lhe pague !

Continuemos, porém, a subir.

Creanças aos pinotes, a correr pela ladeira do morro abaixo, creanças impossíveis.

— Me larga, seu burro ! Não quero brincadeira, que *tô de mal* com você. . .

— Tu logo me paga, punga de uma figa, tu *vae vê* se eu não te *estrupeço* com calhão essa cabeça de burro !

— Paga nada, repete só o que tu *disse p'ra tu vé*, repete ! Olha. . .

— Me *laaarga* !

Subamos mais um pouco. . . .

Aqui está outro casebre, pobre e velho, de portas e janellas abertas em cujo interior não ha vestigio de um só movel. Do lado de fóra, na mancha forte de uma sombra enorme, um casal: ella, tendo ao regaço um pequeno que dorme, muito magra, muito séria, muito triste, mirando as unhas curtas e encardidas, elle, sentado, sobre as taboas de um caixote, ao lado, tossindo, cruzando as pernas angulosas, a torcer afflicto, nos dedos esqueléticos, que são apenas um montão de ossos e de nervos, o velho chapéo ensebado e sem feitio. Sente-se nelle o homem que a desgraça exaspera. Amanhã, talvez se atire do Cães Pharoux ao mar. Tem o olhar vitreo, duro, mão.

Na ribanceira, em frente, as madresilvas e as tulipas campestres, rebentam alegres e viçosas, aureoladas de sol. . .

Dobrando uma das curvas do caminho encontramos, adiante, outro casebre e muita gente reunida em torno d'elle. E suspiros. E vozes. Approximamo-nos.

— Que ha ?



Vendedor de jornal

Ninguém nos informa. Ninguém fala. Todos levantam o hombro repuxando o beijo como que a revelar, num gesto simples, tristeza e enfado.

Rompemos o bolo humano e attingimos a porta do barraco. E vemos. No chão da casa, que é de terra batida, nua e fria, por sobre uns jornaes velhos, um

corpo estatelado, côr de cêra, as mãos cruzadas sobre o peito.

— Morreu? indagamos, baixinho, a uma velha sentada ao pé da porta, de olhos vermelhos de chorar.

— Se morreu! responde-nos a pobre. Era meu neto. Minha ajuda na vida. Vendia jornaes no Largo da Carioca. Um dia, appareceu com uma febrezinha. Tosse. Uma pontada aqui. Muita fraqueza. Mesmo debaixo de chuva, coitado, lá ia elle, todos os dias, para o largo, para o serviço. "Seu" Barreto bem que me dizia:— Olhe que essa creança, assim tos-sindo, assim, descalça, assim, morro abaixo, por essas manhãs de chuva, sempre, sempre, não aguenta. Um dia, morre. Pois não morreu? Morreu! E eu que fique p'ra ahí, como uma coisa atirada no mundo. Quando o *rabecão* da Santa Casa vier, eu desço com elle. Desço, O pobrezinho, sabem todos para onde vae, que nem uma cova, só p'ra elle, pôde ter, depois de morto; eu porém, para onde irei?

E põe-se a enxugar as lagrimas com as costas da mão, porque não use lenço.

Rabecão é o ataude do pobre que a Santa Casa da Misericordia, no começo do seculo, empresta para levar o corpo do que morreu á vala, um sulco tetrico que existe nos cemiterios e onde se mettem, promiscua-mente, cinco, seis, e até sete mortos de uma só vez.

Avancemos, porém, muito embora de alma abalada e triste, ouvindo, em baixo, o ruido estrepidante da cidade.

Em meio aos casebres que se dependuram na parte da montanha que olha para os lados que dão para a rua dos Arcos, após um moital baixo onde gallinhas ciscam e lavadeiras, cantando, estendem roupas ao sol, está a tenda da negra Marcolina, muito entendida em feitiços e que, por isso, vive isolada do poviléo do morro, que a teme como uma especie de amiga intima do Diabo.

Revelação da sra. D. Rosa, uma gorda, corada, feia, de buço de rapaz a sombrear-lhe o labio cinco-então:

— Recebe visitas do Tinhoso, ás sextas-feiras. Todo o morro está farto de o ver. Na rua é como um homem qualquer, usa fraque e cartola; quando entra na casa, porém, se transforma todo. Ganha pés de pato, chavelhos de ouro, tresanda a enxofre, e deita fagulhas pelas guelas. Foi elle quem trouxe a peste bubonica ao morro, quem acabou com a criação de gallinhas da Maria Caólha, quem matou com um ar de estupor o Chico da Marocas, forte rapagão que tinha o corpo fechado a maleficios e doenças, autor, enfim, de tudo que de máo acontece entre nós. Já quizemos queimar a casa da bruxa. Dizem, porém, que, com isso, pôde a gente peorar, o Inimigo, então, vingando-se, a valer, de nós outros... Uma lastima! Não pense o senhor de se pôr de trelas com a sujeita, que perde a sua alma além de "entortar" a vida. Nós aqui, no morro, vivemos como se ella fosse uma pedra da estrada, posta p'ra ahi... Quando fala, não lhe respondemos. Quando

nos olha, fingimos que não a vemos. Nós, as mulheres, os nossos maridos e os nossos filhos. Santo nome de Jesus ! E persignou-se, afastando-se.

Exteriormente o antro da feiticeira é de aspecto muito pouco infernal. Uma choupana triste e humilde, forrada de zinco, como as outra, de porta desaprumada, e trepadeiras, em torno, viçando ao sol.

La está ella, a bruxa, á soleira da porta, sentada, cochilando, o galho de arruda atrás da orelha, a face encovada e sinistra, as mãos osseas, os dedos compridos como garras, onde as unhas em ponta se retorcem. Pita um cachimbo de barro, que se dependura a uma bôca em pregas, larga, disforme e feia, cheia de negrume e de mysterio. A figura é, realmente, macabra. Como imagem, lembra o vulto da Megera, a mais horrenda das tres furias. Olhando-a, fica a gente a pensar nas encruzilhadas de florestas fantasticas, onde surgem avejões, avantesmas, lobis-homens, currupiras e sacys-perrerês, todos trepados em bodes verdes, suando labaredas; em Lucifers de olho cyclopico, de chifres dentados como serrotes, reunindo os espiritos mãos que habitam a terra, só para na mesma crear novos maleficios, ou em *sabbats* allucinantes, dansados em cemiterios, á luz do luar, e ao som de apocalypticas toádas.

Approximamo-nos. E como provocação, asperamente, vendo que ella desperta da modorra em que jaz e nos fita com ar de curiosa attenção:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

— Para sempre seja louvado, diz ella, batendo o sarro do cachimbo na soleira da porta, com humildade e doçura.

A resposta confunde-nos.

Perguntamos:

— Vosmecê sabe ler o destino na mão da gente ?

— Eu deito carta, meu *sinhô*, mas lê na mão, não leio, não.

E já levantada:

— Deito carta, sei *esconjurá*, conheço as orações para aprumar a vida, as normas de S. Cypriano, p'ra *desmanchá coisas feita* e dou consulta barata. Vosmecê me dá *dês tão* e pôde *preguntá*, o que *quizê*, que leva, como troco, resposta certa e remedio.

Penetramos a caverna sordida da bruxa, um tanto cautelosos. Como mobiliario, ha apenas no trapento interior uma pequena mesa de páo, a um canto, e dois caixotes para sentar. Sem ter uma pergunta pensada, indagamos-lhe, no entanto, de repente, pondo-lhe os dez tostões da pragmatica na sua mão de esqueleto, longa e fria:

— Para obrigar uma pessoa que não gosta da gente, gostar. . .

— Para isso, feitiço de sapo, meu *sinhô*.

— De sapo ?

O sapo, como então ficamos sabendo, é um animal de grande força cabalística, porque é o alimento preferido pelo Diabo, ração, ainda, que comem os condemnados ás sempiternas chammas.

E ella, continuando:

— A gente agarra um sapo, dos grandes, macho, se *fô trabaio* para *home*, femea se *fô trabaio* para *muiê*. Pegando o bicho, sempre com a mão *dérita*, a gente passa elle por baixo do ventre cinco *vez*, dizendo: "Sapo, sapinho, assim como eu te passo por debaixo de mim, assim não tenha socego — quem sabeis — nem descanço *intê tirá* o seu coração para o meu".

Despois, a gente pega de uma *agúia cum* retroz verde e cose os *oio* do sapo, as pellesinha dos *oio*, *pru mode fechá* bem e elle não *vê*. Mas *ahi é perciso* não *furá* com a *agúia o oio* do sapo *purquê intão* a pessoa do *trabaio* fica cega, *tombem*. Cosido os *oio*, a gente deve resá assim:

"Sapo, sapinho, em nome de *Lucifér* eu cozi os teus *oio*, o que eu devia *fazê* cum a pessoa que a mim me despreza para que ella ande cega sem a minha pessoa no mundo e não veja *senão* a mim no pensamento". Despois, sapo vae para dentro de uma panella grande, *cum* pouco de agua e a gente bóta por cima uma peneira *purque*, *senão*, o sapo morre e a pessoa do *trabaio* morre, *tombem*.

— E é coisa garantida?

— Só se Deus não *quize*. . .

— Mas você trabalha com o nome de Deus?

— *Ué, então*, Deus não é pae de nós todos?

— E você nunca viu o Diabo?

— Credo! Deus me livre! Ahi no morro é que eu já ouvi essa *histora* que o Diabo vem me *tê* neste bar-

raco, ás sextas-feira. Abriu a bôca horrenda numa risada explosiva, sincera:

— *Quar! Vançuncê qué sabê quem vem aqui todas sexta-feira, por siná que me paga muito bem? Um moço muito conhecido na cidade, vançuncê deve de conhecê elle, com certeza.*

— Quem é?

— Seu dotô *Murço* Teixeira. . .

A bruxa recebia Mucio Teixeira, conhecido poeta bahiano, arrastado, no fim da vida, ás praticas da magia branca e da magia preta.

A negra Marcolina aponta-nos então, na parede, um registro de São Jorge dizendo:

— Esse ahi é meu pae!

Negra Marcolina explora, apenas, o sortilegio, para viver, mas, sem ajuda de espiritos malignos. Dizem, outrosim, os seus vizinhos, que a negra tem cento e trinta anos. Não tem. No maximo pôde ter uns noventa. Marcha arrimando-se a um bordão, a carcassa em molambo. Pobre corpo esquecido de Deus, vilipendiado pelos annos, roído pelo soffrimento, pela miseria, e ha muito reclamado pela terra.

Marcolina é typo popular e conhecido em todo Santo Antonio.

Nessa parte do morro residem innumerous mendigos. Os verdadeiros, os reaes, os pobresinhos de Deus, porque os outros, os que pedem por velhacaria ou

mystificação, esses aboletam-se pelas casas de commodos das ruas da Misericórdia ou beccos adjacentes, quando não vão morar para os suburbios distantes, por sitios onde não dizem aos vizinhos o que fazem, nem do que vivem.

Em Santo Antonio os mendigos tambem moram de esmola, obolo, muita vez, do que não possui por tecto senão uma folha de zinco, um bom coração e piedade christã. Installam-se elles, assim, nos cantinhos de sobra. Moram, entretanto. São todos uns reles trapos humanos: negras velhas com cara de rato secco, que dizem ter noventa, cem ou mais annos, falando da meninice do imperador, de filhos que foram morrer nos campos do Paraguay, do ventre livre e da princeza Izabel, vagarosas e curvas, andando de páo na mão, *pae-jões* fistulentos, arrastando pernas cobertas de pannos sujos de sangue e puz, pedindo "*bença meu sinhô*", a carapinha branca, os olhos apagados e tristes; cegos de nascença, tocadores de sanfona ou vendedores de bilhetes de loteria; ophthalmicos, leprosos, elephantiasicos, tísicos em ultimo gráo, dos que já não podem mais descer do morro nos dias de grandes hemoptises. ... Todo esse rebutalho lazarento e melancolico, remanescente de vidas que por vezes foram prosperas e felizes, cedo desperta e vae-se arrastando pelo morro abaixo. Vae ouvir missa na igreja do Parto, na da Ajuda, em Santa Rita, em São José. Os menos fracos andam mais, vão além, vão a templos mais distantes e mais compensadores, como o da Gloria, no Largo

do Machado, o da Matriz de São João Baptista da Lagôa.



Mucio Teixeira

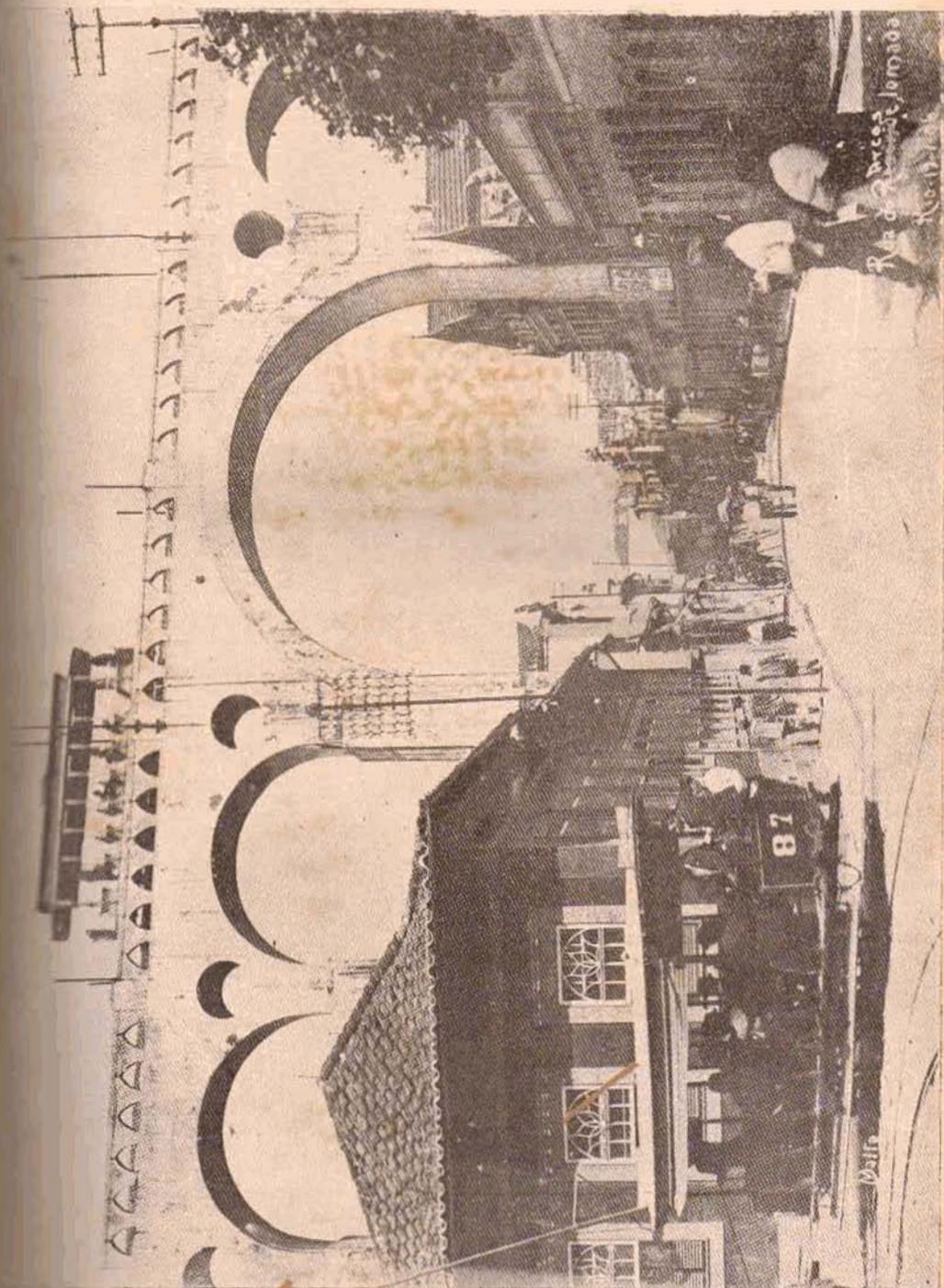
No lusco-fusco da madrugada parecem sombras marchando a pé. O pior é quando chove!

Pela hora em que os sacristãos abrem as portas das egrejas, elles já estão collocados ao angulo dos portaes. A primeira missa é a delles. Não a perdem nunca. Quanto mais miseraveis, mais devotos, mais agarrados ao céu. Tomam varias cruzes de agua benta, atiram-se de joelhos sobre as lages da nave. Rezam. Supplicam. Pedem. Depois é que vão para as portas onde ficam de cocoras, cheios de fome e de esperança, lamurientos e choramigas, exhibindo as mazellas que carregam, as podridões que os acabam, os olhos bovinos, cheios de afflicção, ou de tristeza, as mãos pallidas, magras, sujas e concavas, em riste:

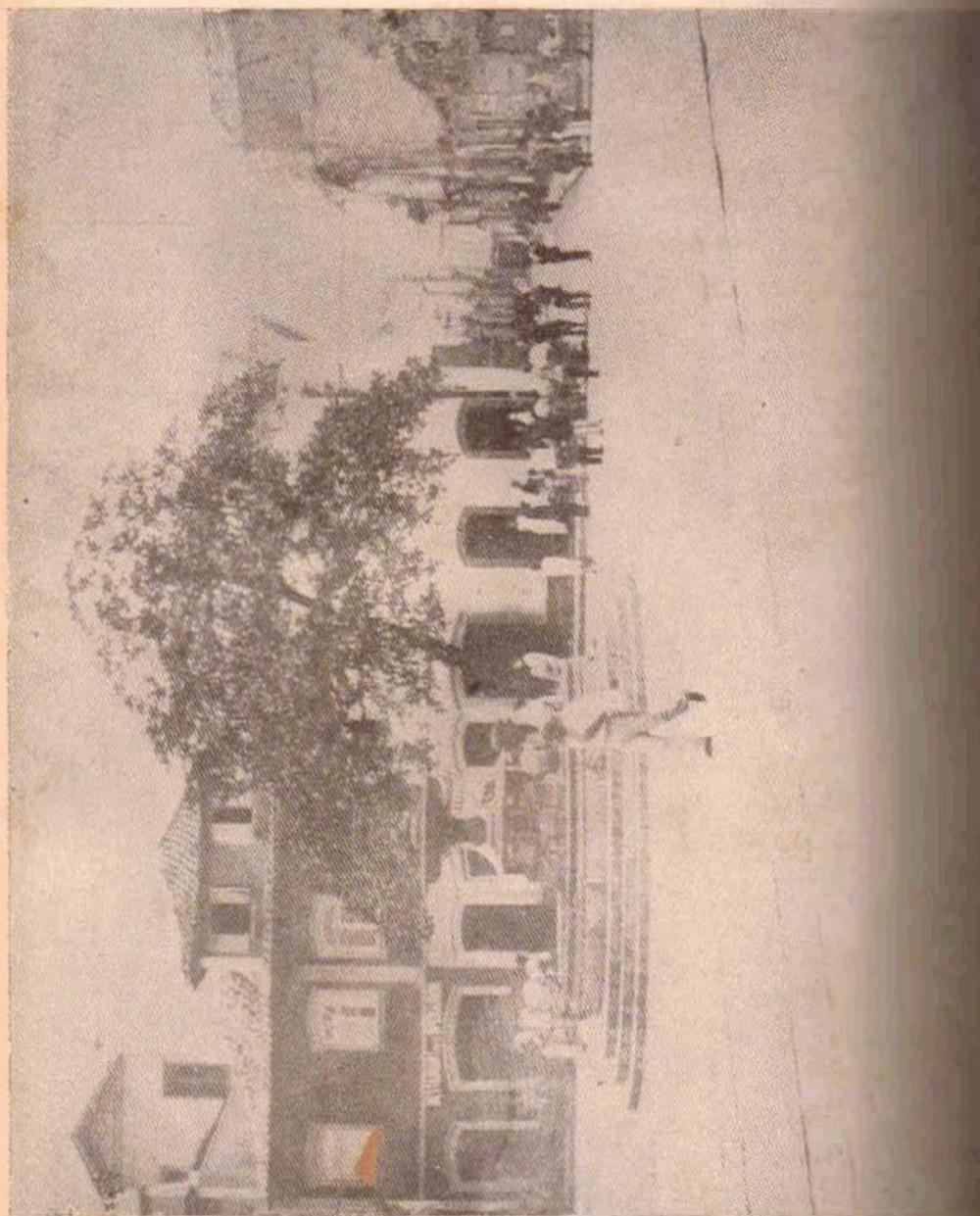
— Uma esmolinha pelo amor de Deus!

O amor de Deus que os não consola, o Deus que só lhes dá em esperança ou em paciencia o que recebe em supplicas e em lagrimas de soffrimento e de dor.

Caimos numa especie de largo onde as edificações têm melhor aspecto e onde está o armazem-botequim do Carrazães, figura de grande prestigio no logar: bom homem, bom coração, protector desvelado de todos os seresteiros da zona, elle mesmo seresteiro de marca, grande tocador de violão e de guitarra. E' um typopittoresco e sympathico, caráça á antiga, pretexto para uma barba passa-piolho, como a dos tempos do Visconde de Inhauma, em franja de reposteiro, o cabello em cêrda de porco, camisa de peitilho engommado, tamancas e o mais lindo sorriso alvar compondo uma bocarra de jumento, muito grossa e muito vermelha.



Rua dos Arcos



Tem cincoenta annos de idade, quarenta de Brasil e quasi trinta de morro, sempre na mesma baiúca movimentadíssima, onde reúne malandros seresteiros, onde ha cantigas ao violão, *choros*, *serestas* e, quando a cachaça estimula, conflictos e bordoadas, o rolozinho do tempo, como complemento ás discussões que, quasi sempre, se azedam ou se inflammam, encrenca que, começando entre os pipotes do bom verde e a caixotaria do bacalhau, resvala para fóra, cae na pracinha, ou em bolo desce e vae pela encosta do morrote abaixo em meio aos gritos do "não pode"! "Enche!" apitos e a algazarra infernal das mulheres e das crianças.

Com o pretexto de beber alguma coisa penetramos a sórdida vendoca onde o Carrazães paga o bicho, importante e severo e a caixeirada vende, sobre um balcão de pinho, gretado e immundo, copasios da "muito bôa" em martellos de tres dedos.

- Vá, dois de *canna*, ahí. . .
- Laranginha *pingada*, uma!
- Maduro no copo grande. . .

Pela porta do negocio a freguezia cruza, descuidosa. Gente que entra. Gente que sae.

Chega um negrinho magro, de uns doze annos, erguendo nas mãos um triste embrulho de papel:

— Mamãe *mandô dizê* que a *calne* secca que o *sinhô mandô pra ella tá* podre e já tem bicho. Que se não *tivé otra, então, pro mode mandá* o dinheiro, *tra vez*.

Não ha cantador de violão que não tenha no seu lyrico repertorio a cantiga do

*Quizera amar-te mas não posso, Elstra,
Porque gelado trago o peito meu,
Não me crimines que eu não sou culpado,
Amor, no mundo, para mim, morreu. . .*

sucesso desabrido que dura, ainda, por todo o primeiro decennio do seculo.

A' sombra de enorme e frondosa mangueira
é outra que esfalfa os cantadores.

*Meu Deus que noite sonora
O céu está todo estrellado. . .*

A modinha do *Vagabundo*, vinda dos tempos de Floriano, ainda faz vibrar primas e bordões:

*Nasci como nasce qualquer burgo mestre
Não sei quem foram ou quem são meus paes
Vivo nas tabernas, ao som das violas,
Pesco de linha na beira do caes.*

E a modinha do *Coqueiro* ?

*Tu não te lembras da casinha
Bonitinha
Onde o nosso amor nasceu?
Tinha um coqueiro do lado
que coitado
De saudades já morreu.*

*Tu não te lembrás das juras
E perjuras
Que fizestes com fervor,
Daquelle beijo demorado,
Prolongado,
Que sellou o nosso amor?*

Enaltecendo o genero nacional, um bello poeta, Guimarães Passos, lança a *Casa branca da serra* que, do violão, passa para o piano e do piano para os florilegios. Uma ha, porém, em meio a todas essas populares modinhas, que consegue ser a mais decorada e a mais popular de todas — a que glosando a descoberta feita por Santos Dumont, da direcção dos balões, canta-lhe a gloria do feito:

*A Europa curvou-se ante o Brasil...
E brilhou lá no céu mais uma estrella.
Appareceu Santos Dumont.*

Outra ainda que se canta bastante, na alvorada do seculo:

*De lyra em punho
Vou p'ra rua
Quando a lua
Se mostra no céu mais bella...*

Ha, ainda, a do *Só assim serei feliz*, cantada com a musica do *Profundo dissabor que me devora*, da lavra de Joãojóca:

*Ah, se eu pudesse,
Serias minha até morrer!
Muito padece
Meu coração por te querer,*

A campanha organizada por ocasião da epidemia da peste bubonica, inspira a canção do rato:

Rato, rato, rato!
Porque motivo tu roeste o meu bahú!
Rato, rato, rato...

Faz também enorme successo a canção do seu Nicoláo:

— *Olá seu Nicoláo, quer mingão?*
Na colher de póo?
Mingão não quero,
Eu quero amor...

De vóga e grande, goza, também, a cançoneta do *Arame* fugindo um pouco ao lamuriento repertorio da canção nacional cantada nos *chopps* berrantes da rua do Lavradio e no Passeio Publico, pelo Geraldo de Magalhães:

Seja moça um primor
De belleza e de amor,
Cá o degas
Não vae lá por piegas...
O arroz, para um, chega bem,
Mas, para dois...
Menina sem "aramé"
Vá rodando, não me ame...

A canção do *Bolim bolacho*, um pouco no mesmo genero, vae até para os theatros de revista, popularissíma:

*Bolim bolacho
Bole em cima e bole em baixo
Por causa do caruru.
Quem não come da castanha
Não percebe do cajú
Quem não prova do cajú
Não entende do fubá...*

versos servindo de estribilho chistoso a bellas quadras,
como estas:

*Meu galinho de campina,
Rouxinol, de lorangeira,
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.*

*Semei no meu quintal
A semente de repolho,
Nasceu-me um velho carêca,
Com uma pipóca no olho...*

E' por esse tempo que surge Catullo da Paixão
Cearense, mais tarde consagrado como o maior poeta
regional do Brasil, escrevendo poemas que encaixa
com muito chiste em musicas já consagradas. Delle
é o super-famoso:

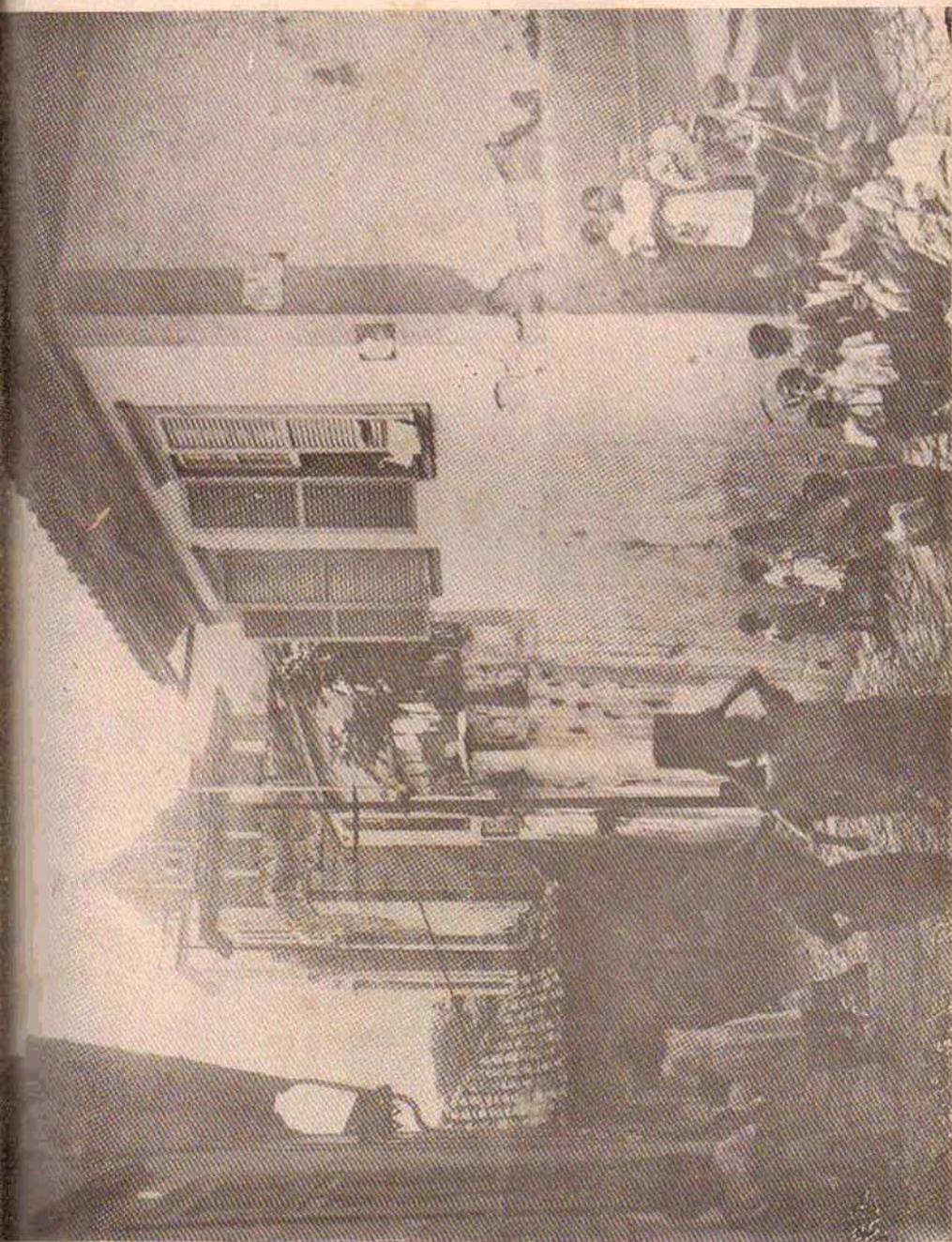
*Ai ladrãozinho
Esse labio de corall*

que se canta com a musica de um tango de Nazareth,
Bregreiro, e, logo se populariza. Dahi por deante co-
meça o poeta a lançar *Talento e formosura*, *Juramento*,
Arrufos, *Vem...*

Ha quem affirme que devemos a Catullo, embora isso muito mais tarde, a queda do preconceito que vedava a entrada da modinha em uma casa de familia de certa distincção. Que de 1906, em deante, vamos encontrar o poeta do *Luar do Sertão* cantando nos salões de Botafogo e das Larangeiras, de tal sorte rehabilitando a canção patricia e popular, villipendiada pelo preconceito desnacionalizador. A principio, a alta roda ouviu Catullo, por excentricidade, um Catullo incomprehensivelmente smokingado, quasi elegante, perguntando a mme. Azeredo, em curva de bodoque, o violão debaixo do braço — *V. Ex. conhece a minha ultima producção "Palma de Martyrio"*:

*Quando um Deus cruento,
Vem sangrar meu sentimento
E em tormento
Põe-me as cordas a vibrar ?*

Um dia, ouvindo-o em casa de Coelho Netto, certo chronista nosso tem a idéa de comparar o cantador ao velho Caldas que, na Lisbôa do seculo XVIII, lançava o lundum brasileiro pelos salões alfacinhas. Outro espicha sobre a gazeta em que escreve um *suelto* achando da maior elegancia e do melhor bom gosto a idéa da modinha em familia, entre senhoras de bom tom, decotes e cavalheiros de casaca, sobretudo quando o cantador não usa gaforinha, botina reuna e chapéo *tres pancadas*.

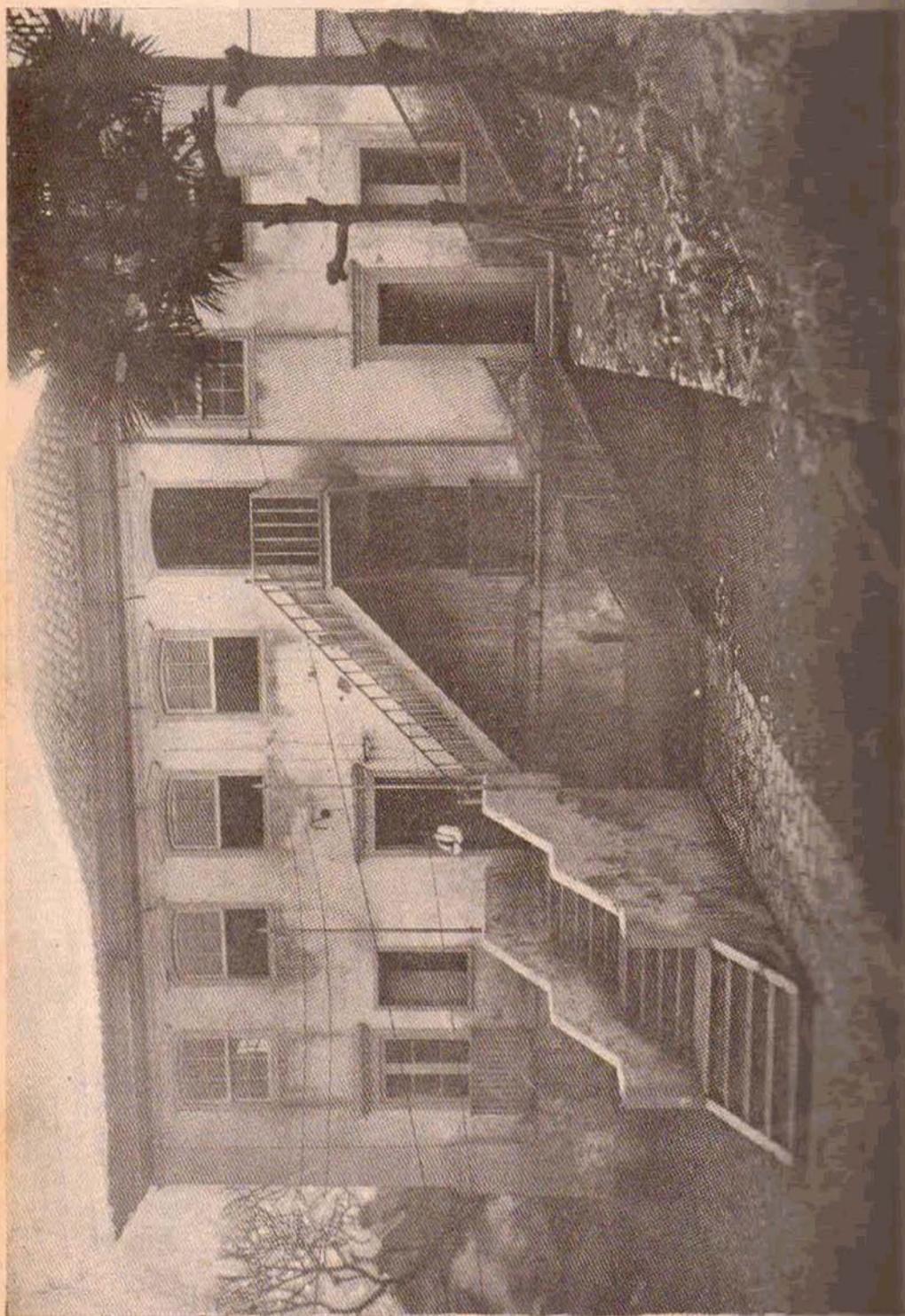


Castello (alto do morro)

Ha quem affirme que devemos a Catullo, embora isso muito mais tarde, a queda do preconceito que vedava a entrada da modinha em uma casa de familia de certa distincção. Que de 1906, em deante, vamos encontrar o poeta do *Luar do Sertão* cantando nos salões de Botafogo e das Lorangeiras, de tal sorte rehabilitando a canção patricia e popular, villipendiada pelo preconceito desnacionalizador. A principio, a alta roda ouviu Catullo, por excentricidade, um Catullo incomprehensivelmente smokingado, quasi elegante, perguntando a mme. Azeredo, em curva de bodoque, o violão debaixo do braço — *V. Ex. conhece a minha ultima producção "Palma de Martyrio"*:

*Quando um Deus cruento,
Vem sangrar meu sentimento
E em tormento
Põe-me as cordas a vibrar?*

Um dia, ouvindo-o em casa de Coelho Netto, certo chronista nosso tem a idéa de comparar o cantador ao velho Caldas que, na Lisbôa do seculo XVIII, lançava o lundum brasileiro pelos salões alfacinhas. Outro espicha sobre a gazeta em que escreve um *suelto* achando da maior elegancia e do melhor bom gosto a idéa da modinha em familia, entre senhoras de bom tom, decotes e cavalheiros de casaca, sobretudo quando o cantador não usa gaforinha, botina reuna e chapéo *tres pancadas*.



Começam o violão e a modinha a forçar, ahi, os reposteiros dos salões da *haute-gomme*. . . Mais um pouco, penetra no palacio do Cattete. É o maxixe, aproveitando a oportunidade, velhacamente, logo atraz. . .

A modinha, porém, nos salões de etiqueta, como se canta, é coisa banal e falha, não pode ser igual á que se canta cá fóra. Que differença! Num ambiente de elegancia e de chic, a pobrezinha cantada por Catullo, um Catullo de *smocking* e de sapatos de verniz, sente-se mal. Modinha para ser, realmente, modinha, reclama ambiente proprio, só pode ter gloria, em scenario seu, dentro do quadro da sua tradição: morro, luar, viella lobrega, o cantor de cabelleira e olho bambo, na indumentaria plebéa, cuspinhando, o cigarro dependurado ao canto da bocca melancolica; cantiga onde se possa sentir a alma chã do que soffre, a alma simples do povo, sólfa, além disso, que cheire a sarro e a cachaça.

As do morro de Santo Antonio cheiram a fumo Aymoré e a paraty. São, por isso mesmo, realmente, modinhas, profundamente nacionaes, immensamente nossas, com todos os seus matadores romanticos, os seus arroubos de sentimento, os seus loucos jactos lyricos despedidos, com emphase, por cantadores de voz



Catullo Cearense

tremula e esfandangada, sob as janellas de Julietas tez marron, das que, pela época, não usam papelotes no cabelo. . .

*Mata-me ó meu amor,
Que a morte é linda
Dada por tua mão,
Mata-me, anda!*

Quem mata o cantador, muitas vezes, é um soldado naval, por questões de ciúme.



Maxixe carioca

IX

O Largo do Machado. — Recordações do Padre João. — O Café Lamas. — Frequentadores do mesmo. — O Gambá e o Bodoque. — Comica historia da inauguração da estatua de Caxias. — Um sosia de Santos Dumont. — Festa dada ao grande aeronauta no Parque Fluminense.

No começo do seculo o Largo do Machado é um logradouro tranquillo e pittoresco, por onde cruzam os bondes que veem de Botafogo ou de Aguas Ferreas, ensombrado jardim onde palmeiras viçam, surgindo de altos e densos tufos de folhagens, as eternas folhagens que, desde os tempos coloniaes, insistem em cerrar, nos parques publicos, os planos de perspectiva no scenario gracil da natureza. Uns bancos de madeira, velhos e apodrecidos pelo tempo, espalham-se aqui e acolá, pelas curvas do alambreado macadam que se destaca, roçando o verde esmeraldino dos gramados, Isso em baixo, na doçura da sombra fresca e cheia de tons azues; em cima, barulhos de azas e o amigo chilrear de passaros alegres, revolteando ao sol.

Chamou-se ao Largo do Machado, primitivamente, Campo das Pitangueiras—Campo das Laranjeiras, depois. Em 1843, isto é, um anno após a inau-

guração da igreja que ainda hoje é matriz da freguezia, passou a se chamar Largo da Gloria. Em 1869 tomou, porém, o nome que ainda conserva até agora — Praça Duque de Caxias.

O povo, entanto, desde a minoridade de Pedro II, só chama ao logradouro — Largo do Machado. Do Machado? Por que? Porque na parte que fica proxima á estação dos bondes, dominando a praça e o jardim, existia, outrora, um açougue mostrando, na fachada, como annuncio, um enorme machado, diz-nos mestre Noronha Santos no seu precioso "Indicador do Districto".

Em 1901 não existe o refugio que se chama, depois, ao ser construido — "Ilha dos Promptos". O Jardim avança, nessa altura, tornando um pouco estreito o caminho destinado ao transito de vehiculos. O gradil que o cerca, de aspecto colonial, torto e sem sombra de menor pintura, é horrivel.

Junto a elle, um pouco sobre o lagedo da calçada partida e immunda, os infalliveis, os sordidos kiosques, com o fatidico catranca em mangas de camisa e bigodeira hirsuta, a berrar e a feder, na sua jaula de madeira e zinco. Em volta, homens de pés descalços, esmolambados, sujos, dando impulso e fortuna ao baixissimo negocio, bebendo paraty, cuspinhando grosso e a discutir aos palavrões e aos gritos. Não esquecer os tilburys, as caleches e victorias, muito velhos e muito desageitados, que fazem ponto na linha da rua das Laranjeiras, estafadissimos vehiculos, com os

seus eternos cocheiros de paletot desabotoado, chapéo molle e charuto de preço baixo, espetado numa queixada sempre lustrosa de suor e com a barba por fazer. Um pouco dispersos por essa parte do Largo, sobre o lagedo das calçadas partidas, a molecagem das balas, vozeiruda, alegre, jogando as "tres Marias", um olho no "gallo", outro nos bondes que hão de vir e para os quaes sobem em bulhentas e garrulas revoadas.

* * *

"Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico" é o que se lê gravado no alto do edificio que serve de estação aos bondes, erguido numa architectura severa, em meio ao casario reles que compõe a physionomia incaracteristica da praça: velhas construcções, ainda de aspecto joanino, uma ou outra evoluindo para aquella novidade que o espirito zombeteiro do carioca por vezes chama "estyllo compoteira".

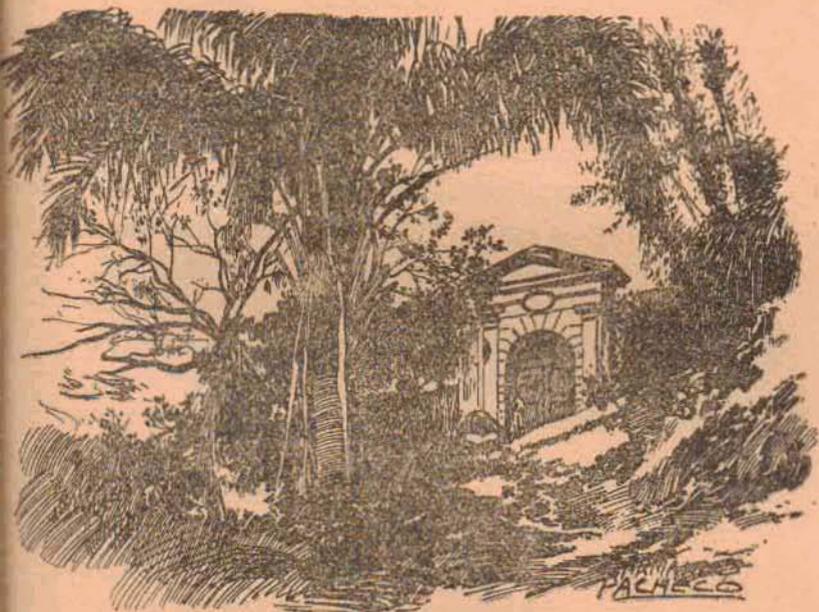
Na parte terrea, larga porta de serviço, por onde entram e saem vehiculos. Ao lado, uma sala de espera, pobre e simples, para os passageiros, mostrando, ao fundo, um lavabo, que se decora de um espelho eternamente baço, bancos envernizados; e, digno de especialissimo registro: em caixas de madeira, dos primeiros gramophones que chegam ao Rio, com o seu par de auscultadores de borracha e uma fendasinha para o nickel da auscultação, mostrando um letreiro gravado em metal, com estas palavras: "Ponha aqui", na parte superior, e, na inferior, "cem réis".

A' direita desse salão, que ahi serve de agencia, e onde ha um despachante que vive a attender conductores e attender o publico, dando sahida aos vehiculos, uma porta de açougue, bem no lugar onde existiu o famoso machado. Porta larga, com pannos de brim branco a forrar as portadas, enoados pannos sobre os quaes se exhibem quartos de boi, de porco e de carneiro. Não esquecer o caixote de mocotós, e o cêpo, ao centro da loja, gretado, sujo e fedendo a carne pôdre.

Esse açougue tem, sempre, deitado á soleira da porta, como taboleta de seu negocio, um cão pelludo e enorme, gordo como um conego, somnolento como um guarda nocturno. Pelo tempo, não ha loja, no genero, por mais ordinaria que seja, que não possua o seu cachorro. Se é um estabelecimento de primeira ordem, possui, logo, dois. Originalidades do varejo carioca. Tambem não ha loja de chá, cêra ou sementes, sem gato; commercio de marafona, sem papagaio e tenda de quitanda sem garnizé. Emfim, pôde ser que em uma ou em outra destas ultimas casas, taes bichos não existam; açougue, porém, sem cachorro é que ninguem encontra.

Mais além, as portas do já famoso Café do Lamas, depois, uma loja de ferragens e na parte fronteira, fazendo a volta da rua do Cattete, o "Araponga", café modesto, com vida e peso na historia do Largo, pela época.

A' esquerda do edificio da Jardim Botânico, que preside, pelo seu vulto e posição, a linha urbanica da praça, está a "Casa de Lacticínios", refugio familiar



Morro da Viuva

onde se toma, além de leite e sorvetes de fruta, um celebre chocolate-pirão, mescla de cacão, farinha de trigo e assucar, servido com torradas, que ainda se cortam de pão sacete, latitudinalmente, em durissimas rodellas, muito queimadas e apenas visitadas de manteiga.

Sobre as lojas da leiteria, o sobrado onde se installa, depois, uma sociedade recreativa, carnav-

lesca e dansante, com domingueiras obrigadas a capilé, á quadrilha franceza e a rolo.

São onze janellas dando para uma sacada de grades prateadas, com decorações a "giorno", galhardetes, flammulas e outros enfeites de papel. Nas noites de festança a sacada enche-se de convidados e socios, logo que cessa a bulha estrupidante das polkas e maxixes, das schottischs e das valsas. São mulatinhas sestrosas que mordicam lenço de renda cheirando á "Agua Florida" ou a "Patchouli", em namoro com caixeirotos de pasta descida sobre o olho esquerdo, calças abombachadas e peitilhos de pregas que lembram enormissimas lasanhas; *manés* de bigodeira retorcida em chifre de carneiro, sapatarras amarellas, aos couces, aos empurrões, com as pretas que vestem de branco e trazem laçarotes de fita côr-de-rosa no cabelo. De ouvir os dialogos e os muchochos sestrosos das mulatas, de envolta com os "uês", os "prumódes" e os "havéra de sê" e mais o guincho hystericó das negras pisadas ou esmurradas pelos *manés*, num desabafo bestial e lubrico de sentimento e carne. E quando, entre "ais" gritados ou escandalosas gargalhadas, rebentam phrases lyricas, como esta: — não enxerga, seu bruto! e logo o vozeirão do *manél* a dissorar ternura e galanteio: — Ah! grandissima burra!

No fundo, tudo isso é sociabilidade e amor.

As familias passam pela calçada, gozando o quadro, identificando, entre os janelleiros em galhofa,

os fornecedores do varejo local, bem como as cozinheiras que, no dia de folgança do Club, salgam-lhes a sôpa, deixando queimar o arroz.

Subito, a figura do mestre sala que aponta na sacada — annunciando, em voz suspirada e terna — “chôstes”. Uns ruidos seccos de varinha de junco numa estante de metal e logo os compassos de uma *schottisch*, dança langorosa em que os pares resvalam, evocando, no amaneirado das figuras, o donaire gentil dos minuettos.

E enquanto deslisam os pares...

Na parte opposta fica a igreja da Gloria, a matriz.

Monsenhor Molina é o pastor das ovelhas do arrabalde, um velhinho vermelho e triste, de oculos de ouro e nariz em lamina de canivete Rodgers. Apesar de padre, é homem de alma christã. Até os atheus descobrem-se quando elle passa. Tão popular e querido, como elle, só o padre João, nascido na Allemanha, uma especie de Golias tonsurado, alto, gordo, molle, enchendo com a sua vasta enxundia toda a sacristia e falando assim:

“— Djezuz Grista não goste tas creandzinhes que faldam ás litzões da gadthcismo. As creandzinhes que goste da Djezuz Grista, não defem faldar...”

Faltam as creancinhas ás licções de catechismo, como faltam as mães, na hora do confissionario. No domingo, porém, hora de namoro e entrevista, ninguem falta. A igreja está repleta. A nave trans-

borda de vestidos de rendas, de fitas, de plumas e de brocados. São senhoritas de cinturinha de maribondo, gorgeira de barbatana e ~~filô~~, amplos chapéus a Gainsborough; velhotas vestindo gorgurão, mitaines e broche obrigado a camafeu, no pescoço. Os gabirús, de cartola, a torcer os bigodes para as gabirúas, e as gabirúas, de olho pregado nos gabirús, frescas, sorridentes, agradecendo a Deus aquelle minuto de emoção e derricho, nas mãos finas, carregadas de aneis, o livrinho doirado da missa, esquecido, coitado, e, no peito, a bater pelos gabirús, as insignias votivas do Sagrado Coração de Jesus.

De padre João, popular e bonissimo, conta-se uma historia verdadeiramente interessante. Recebendo, elle, certa vez, na sacristia da igreja, uma senhora de avançada idade, velha devota de cabellos brancos, que ha muito elle não via comparecer ás solenidades religiosas da egreja, num tom de candida censura, quiz, gracejando, chamal-a "ovelha desgarrada". Não lhe ajudando a lingua, na sua aspera e teuta dicção, pronunciou: *o-vélha descarada*, de tal sorte provocando protesto por parte da senhora e grande espanto em toda a sacristia.

* * *

No começo do seculo o Café Lamas é um cenaculo de esturdios e irrequietos bohemios: estudantes, artistas, bancarios, rapazes do sport, do funciona-

lismo publico e do commercio. Funciona dia e noite. Suas portas não se fecham, nem se abrem. De tal sorte que, uma vez, quando se amotina a Escola Militar e a noticia corre que, sob o commando do general Travassos, descem os alumnos pela rua da Passagem, caminho do Cattete, as portas do estabelecimento, de tanto viverem sem o menor movimento, não podem fechar, perras, immobilizadas nos seus gonzos. E, assim é que se manda chamar, para fazer movel-as, um esperto carpinteiro.

O noctivago que mora em Botafogo, na Gavea, em Jardim Botanico ou nas Laranjeiras, embora com ponto certo e regular em algum café do centro da cidade, ao recolher, ahi pela meia noite, uma, duas ou tres da madrugada, dá sempre a sua "chegadinha", ao Lamas, para tomar o ultimo "chopp", fumar o ultimo charuto, ouvindo a ultima do Emilio, contada pelo grupo literario presidido pelos bigodes do Bastos Tigre.

Lamas, o proprietario do negocio, é figura que bem pouco apparece no Café. Tão pouco, na verdade, que, um dia, dizem, certo caixeiro novo, ao vel-o a remexer um cesto chegado da padaria, grita-lhe, em ar de censura:

— Olhe lá, amigo, que roscas não se apaipam nesta casa. Ordens do sr. Constantino...

E arreбата-lhe o samburá, açodado, num gesto de quem quer dizer: — Tire p'ra lá as suas unhas!

Achou graça, o patrão, ao zelo do enpregado e, por isso, ordens deu para que se lhe augmentassem, pelo fim do mez, cinco tostões ao ordenado.

O *garçon* da roda, o mais conhecido, o mais prestigioso e popular do café, é o Gambá: baixo, moreno, com uma focinheira de marsupial sempre muito bem escanhoada. Vive em intima relação com a freguezia, não raro num commercio extranho ao do estabelecimento.

— Gambá, quanto me dá você, por esta piteira ? Olhe que é de ambar, com monogramma de ouro...

— Quanto precisa ?

— Tres mil réis.

— Dou-lhe mil e quinhentos. Passe a piteira.

Gambá, o *sympathico* Gambá, saiba-se, não faz transacções de compra. O que elle faz é o penhor, empresta sobre um decimo do que dá, mas, por semana...

No fundo do estabelecimento, em duas malas gordas, mette o material empenhado. Um museu de coisinhas: piteiras, abotoaduras, relógios, alfinetes de gravata, cigarreiras...

Quando não reclamam os objectos empenhados, ao fim de um ou dois mezes, ahi, então, é que os vende, mas sempre por preços infimos:

— "Seu" doutor quer comprar-me um guarda-chuva de seda e cabo de prata, com monogramma, peça de 100 por 25 ?

É sempre negocio, uma vez que o tino de commerciante não anda parelhas com o tino de agiota.

Um dia apparece um sujeito, á noite, querendo empenhar uns passaros dentro de uma gaiola...

Vem elle, Gambá, dizer, depois de fechar o negocio, muito contente:

— Imaginem que acabo de dar, agora mesmo, 20\$ por um casal de purupupés... Valem 200!

— Purupupés ?

— São uns passaros do norte, amarellos, côr de ouro, de pés negros. Dizem que, falando, são como os papagaios, mas têm raciocinio de homem. Conversam com a gente, discutem, dão palpites para o bicho... Gambá fez negocio acceitando aves que nunca existiram. Purupupés não existem, pura invenção de quem lhe vendeu dois authenticos pintainhos, brochados a ouro banana, os pés negros á custa de verniz japonez e que, depois, descoraram escandalosamente.

Gosta um pouco de beber, o Gambá. Só bebe, porém, quando ausente do serviço. Ahi, mette-se no "Araponga", em frente, de calças brancas, botinas rangideiras, amplo chapéo de palha e, encharca-se, literalmente, de cerveja. Depois, discute. Depois, briga, faz escandalo. Felizmente o pessoal da delegacia proxima frequenta o Lamas e tem por elle fundas sympathias.



Olegario Marianno

Bodoque, o "garçon" que o substitue, só mais tarde aparece, 1905 ? 1906 ? Bodoque, por andar um pouco curvado. Optima criatura. Hespanhol de nascimento, com uma grande aversão ao luso. Não perdoa ao Lamas ter nascido portuguez, nelle se vingando, sempre que pôde, o pensamento em Felipe III e no 1640...

Tem para com os freguezes liberalidades de passar, liberalidades que, no fundo, revelam a forma dramatica de verdadeiras reivindicações patrioticas.

Veze, é um estudante que lhe diz :

— Bodoque, estou sem nickel (no tempo diz-se, em linguagem de gíria, "sem arame"). Você desculpe, são dois mil e seiscentos... Eu pagarei amanhã. Tome nota do que fico devendo.

E elle, o Bodoque, logo, sem pestanejar, desagravando a Hespanha, a lesar o patrão, deixando de receber do freguez o que elle deve:

— Deve nada!

— Mas, são dois e seiscentos, Bodoque...

— Fica por isso mesmo!

Bodoque tem proposito e espirito.

Um dia entra pelo café certo freguez impertinente, gritador, que logo desanda aos berros:

— *Garçon!* Serve café! Onde estão esses *garçons*? E as chicharas? E o assucareiro? Raio de casa! E dizer que isto aqui é um estabelecimento de primeira ordem!

Barulheira de todos os diabos.

Vem correndo Bodoque saber o que o homem deseja.

É o homem:

— Um café pequeno.

— Pequeno? Volve-lhe Bodoque, mas o seu grito não é de café pequeno... É grito de *média*...

(*Média*, pelo tempo, já é a grande chicara de café acompanhada de um enorme pão).

Quando morre, Gambá, na Ordem Terceira da Penitencia, e a noticia do seu passamento chega ao café, a consternação é geral. Quintino Bocayuva Filho, Joaquim Salles, Pedro Delduque, Carlos Silva, Leopoldo Magalhães Castro, Miguel Austregesilo, Antonio da Silva Carrão, Pelagio e outros nomes hoje illustres, fazem-lhe, numa homenagem sincera e tocante, dignissimo enterro.

As grandes rodas do Café formam-se para a parte da noite. Pelas 10, pelas 11 horas, começam os bohemios a chegar. O primeiro que surge, "abrindo o ponto", é o Pelagio, "inaugurando a ródá" Pelagio Borges Carneiro, alto, secco, moreno, um leve bigodinho tapuya a sombrear-lhe o labio franco e sensual. Entra no café, firmado num grosso bengalão de castão de prata, o chapéo no alto da cabeça, os olhos de raposa, muito negros e piscos, varrendo as mesas, descobrindo caras.



Pelagio

Senta-se. Saúda o Gambá. Pede um café com leite. Este homem, que conhece, como ninguem, a vida da cidade, sobretudo a sua parte malsã, especie de calepino da fraqueza humana, mata-borrão de noticias escusas, authentica e completa encyclopedia da vida do carioca, merece uma attenção especial.

— Pelagio, você sabe, por acaso, quem é Antonio Paiva, no Thesouro ?

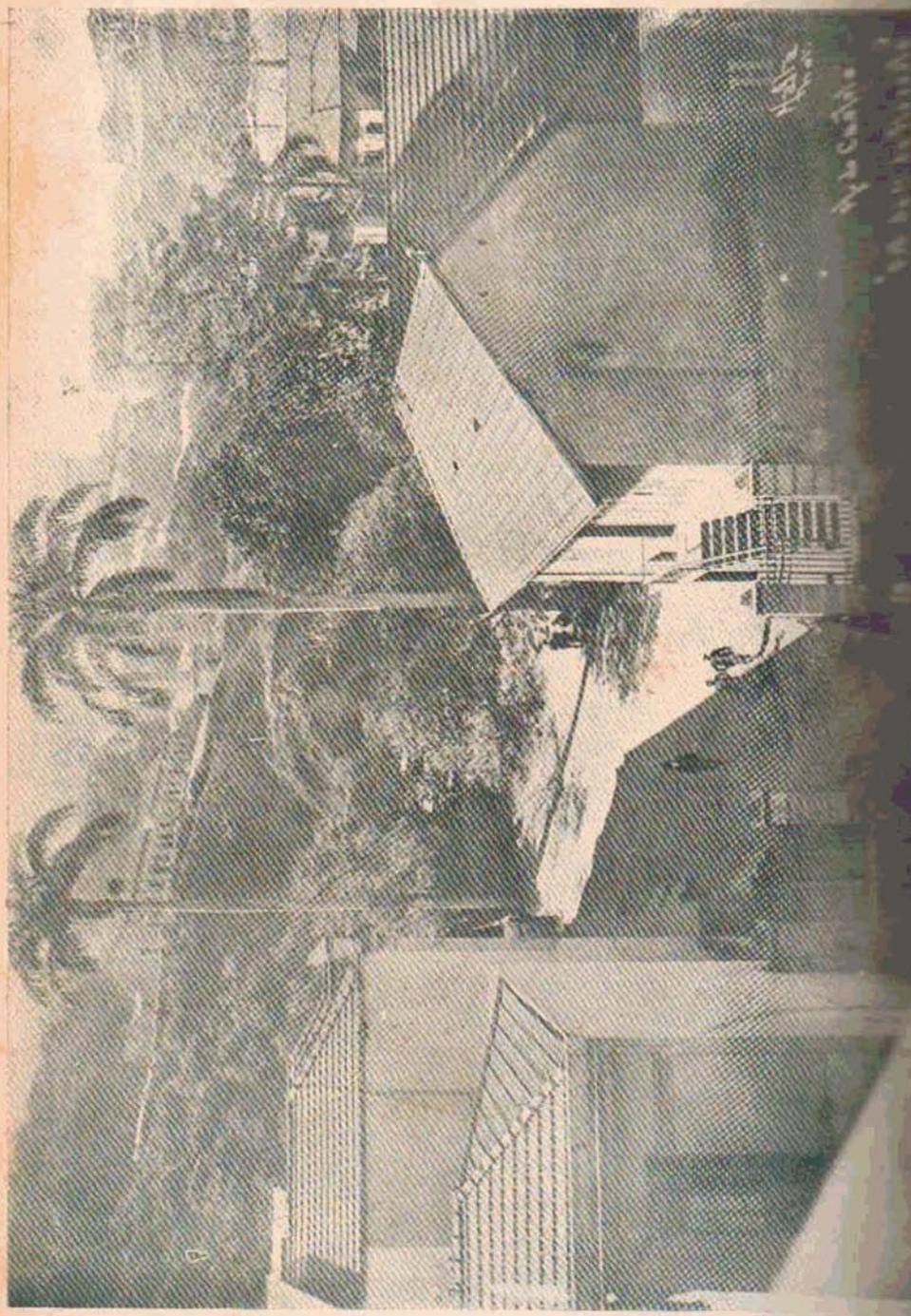
— Sim, senhor: Antonio Bento Lima de Albuquerque e Paiva, 2º escripturario do Thesouro, casado com a filha do coronel Feitosa — Augusto Bento dos Guimarães Feitosa e Silva, do Batalhão de engenheiros, um que esteve ao lado do Floriano, em 93, o que comprou a casa do commendador Fagundes, por 30 contos, Marcilio Anselmo dos Guimarães Fagundes, pae da Cassilda, a que teve o premio de belleza, no concurso em Petropolis. Ella em 1º logar, a Laura Porciuncula em 2º e D. Hortencia Varela em 3º. Por signal que o presidente do jury, o Gusmão, Antonio Marcos Fontenelle Gusmão...

De se dizer:

— Mas, por favor, Pelagio, basta!

Pelagio, que está mudo, o coto do cigarro entre os labios, recostado na sua Thonet de palha e junco, seguindo a conversa, de repente, espalma uma das mão, bate com ella na mesa e grita, entrando com a memoria:

— Está errado! Não foi assim! De resto o homem não é de Matto Grosso. E' do Maranhão. Nasceu em



1420
Myra Curtis

Caxias. O pae, que era, por signal, dentista, gago, com a mania de cães de caça, o muito conhecido Fonseca Mattos, Alipio Innocencio Mello da Fonseca Mattos. . .

Pelagio, espremido, daria varios volumes do mais espesso dos dictionarios de nomes proprios, e ainda sobraria Pelagio.

Por vezes elle sáe para voltar mais tarde, e carregadinho de noticias como um ouriço cacheiro de frutas appetitosas. Antonio Torres — isso, tempos depois, quando se junta aos lamistas, não póde ver Pelagio entrar depois da meia noite, no Café, sem dizer, com muito espirito:

— Lá vem o ultimo "cliché" da "Noite" . . .

Pelagio não é apenas dictionario biographico, é gazeta, tambem, e gazeta informadissima.

A' medida que vae entrando, o chapéo no alto da cabeça, a arrastar a bengala de biqueira de ferro pelas mesas por onde passa, vae deixando as novidades:

— O Flores, até ás 11 horas, ganhou nos Club dos Politicos sete contos. Mas já perdeu tudo. . . O Passos mandou dizer ao Rodrigues Alves que só acceita a Prefeitura se lhe derem poderes discricionarios, para poder lutar com os ce-



Gustavo Van Erven

boleiros da Praça do Mercado; que, se não fôr assim, elle que escolha, então, um outro prefeito...

O Dr. Barbosa Romeu examinou o Lontra, e acaba de dizer que o que elle tem na perna é uma ulcera...

E o Tigre, contristado:

— Pobre ulcera!

Pelo começo do seculo, frequentam o Café: Ferreira Vianna Filho, Souza Costa, Antonio de Oliveira Castro, Giordano e Yago Laporte, Carlos Freire, o 29, Nhonhô Murtinho, Joanico Calvet, Carlos Silva, Sanches de Barros Pimentel, Pedro Delduque, Martins Fontes, Alfredo Deambres, Oscar Lopes, Casper e Nelson Libero, Luiz Paulino, Gregorio Fonseca, Alcides Maia, Emilio Amarante, João e Mario Bastos, Alfredo Santiago, Leopoldo Cabral, Emilio Kemp, Paulo Pires Brandão, Deodato Maia, Augusto Show Cesar Mesquita, Jarbas de Carvalho, Faulhaber, Marcolino Fagundes, Gastão de Carvalho, Quintino Bocayuva Filho, Felix Bocayuva, Candido de Campos, Joaquim Salles, Leopoldo Magalhães Castro, José e Olegario Marianno, Antonio da Silva Carrão, Thomaz e Gustavo Aguiar, Gustavo Van Erven, Thomaz Lopes, Alfredo Barros... Ha, ainda, o Sergio Falcoeira, um de halito horrivel, ao qual chamam, com muita propriedade "Arroto de urubú", o grupo do Barros Coque, com "republica" no Largo, em um sobrado por cima da venda de certo Ricardo, e da qual fazem parte, entre

outros, o José Luiz, Niepce da Silva, Genesio de Sá e Campos Junior.

Essa republica foi, durante muito tempo, uma especie de albergue nocturno de estudantes. A porta da casa não se fechava. Nunca. Na ausencia de travesseiros, mobilisavam-se os "Sonnet" e os "Corpus Juris", para conforto dos bohemios.

Dava o quintal da mesma para os fundos de uma casa onde residiam tres mocinhas, naturalmente, pelos rapazes, muito cortejadas. Viviam ellas, o dia inteiro, sobre uma *terrasse* que dominava esse quintal, cosendo, lendo, flirtando. O peor é que a retrete de que a rapaziada se servia, collocada na parte posterior do predio, ficava inteiramente devassada pelos olhos das jovens raparigas. Isso vexava enormemente os estudantes que, muitas vezes, para as suas urgentes aperturas, iam buscar, fóra, abrigos mais distantes e menos indiscretos. Resolve-se, porém, o grave problema da retrete, um dia, após um carnaval. Alguem, visitando a republica, nella esquece uma enorme cabeça de burro, mascara de papelão, dessas que se enfiam pela cabeça e vão até ao pescoço. Desde esse momento o estudante que desejasse ir á retrete, desafiando a curiosidade das moçoilas, já se sabia, enfiava a cabeça de burro, tapava o corpo com um lençol de cama e com a maior fleugma marchava para o quintal. As moçoilas riam, riam, mas não podiam identificar o mascarado,



Carlos Sítua

uma vez que combinação havia entre a rapaziada: — sempre que a cabeça de burro funcionasse no quintal, automaticamente, todos os estudantes se recolheriam, afim de que, pelos que sobrassem, não se descobrisse aquelle que faltava.

Que não se esqueça, entre os "habitués" do Lamas, o famoso "Camarão", que degenerou, depois, em typo de rua.

Não faz parte da ródá, porém não falta ao Café depois de certa hora da noite, sempre de preto, chapéo de côco a cobrir-lhe o carão largo e vermelho, *pince-nez* de cordão e verbo aggressivo e facil.

E já que falamos no Camarão bom será não esquecer, ainda, outro typo, digno egualmente de nota, o José Gallinha, figura popular, grande bebedor de cachaça e frequentador das soleiras do café.

José Gallinha porque antes de ser, coitado, o pobre calhão das ruas, que todo mundo despreza, teve negocio de aves no Cattete e gallinhas vendeu. Para beber.

Veste sempre um sujo fraque sobre o busto nú, na cabeça velho chapéo de palha esfrangalhado e torto, bigode de brocha velha, o carão sujo, a barba por fazer. Conhece o nome de todos os bohemios da roda. Chama-os em voz alta, como se fosse, delles, um intimo:

- O' Bastos Tigre!
- O' Bocayuva Filho!
- O' Antonio Austregesilo!

Grita, por vezes, de se lhe ouvir a voz na Praia de Botafogo:

— Cambada de burros! Lavam-se de vinhos caros e não me dão um nickel para beber. Bandidos! Não sei onde estou que não lhes atiro com um paralelepipedo nas cabeças! Seus burros! Viro, já, em freje, toda esta meleca. E é para já...

E' quando o Constantino, o gerente, um de bigodinho louro e olhos azues, corre espavorido, nervoso, com um nickel na unha, comprando a paz:

— Tome lá e musque-se! vá gritar á porta do Araçá. Sr. José... Aqui não se quer berreiros. Vá embora!

— Vou se quizer, responde elle enfiando o nickel no bolso da calça, percebeu? Se quizer!

E batendo com as mãos sujissimas no peito:

— Era o que faltava um rouxinol da India, como você, mandar na vontade de um homem como eu! E olhe que se eu entender que vae o paralelepipedo na loja é porque vae mesmo!

Constantino, para acalmar o desvairado, bate em retirada, sorrindo-lhe, fazendo-lhe signaes amigos com o dedo, como que a dizer: — Baixinho, José Gallinha, então? que é isso? Que disparate é esse que está você fazendo ahi, gritando, assim, tão alto...



Luiz Paulino

Tem razões para tanto o Constantino, José Gallinha não regula como deve. E a coisa póde, muito bem, acabar em paralelepipedo...

Quando, pelas cinco ou seis da manhã, sente o bohemio cansaço e somno, dirige-se á delegacia do Districto e atira, invariavelmente, sobre o "promptidão" de serviço, este discurso mais que decorado:

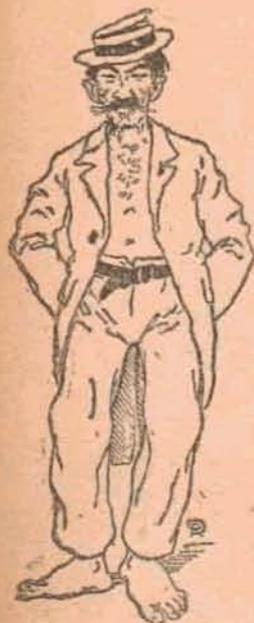
— Policia de mequetrefes! Prendam-me, logo, porque, se não me prendem, vou onde móra o delegado e ponho-lhe as vidraças da casa em fanicos. Desacato á autoridade! Policia de mequetrefes! Prendam-me ou eu vou aos vidros...

Como o homem fôra, na verdade, por duas vezes, á residencia do delegado districtal, partindo-lhe a vidraçaria das janellas, receiosos, não se fazem rogar os da Policia, encafuam-no, immediatamente, no xadrez. Isso é o que serve para elle. E' quasi um negocio. Com o pouso garantido e tecto amigo, entra para a prisão levando uns jornaes velhos, porque, segundo conta, gosta de certo conforto, quando dorme. Estende as folhas de papel sobre o lagedo frio, enrodilha-se e ronca até quando Deus quer.

* * *

De 1 a 1 e meia da manhã activa-se o movimento, enche e transborda o café do Lamas.

Chegam os irmãos Austregesilo, o Miguel á frente, cantando certa marchinha irrequieta e buliçosa, *pivot*



José Gallinha

das mais estapafurdias *blagues*, origem de espirituosíssimas pilherias:

Ha de se chamar Gonçalo,
Olé!

Ha de se chamar Gonçalo!
E que diz o paspalhão?
Com a cabeça diz que sim,
Com a cabeça diz que não.

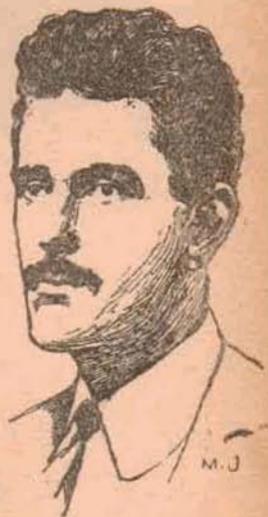
Rana,
Cataplana,
Mata aquella
Ratazana...

A *republica lamistica* da praça Duque de Caxias, que, se não possui sellos, alfandega, exercito, marinha e outros característicos de um Estado, tem bandeira — a gravata rubro-azul do Bastos Tigre, e constituição, por signal que mais liberal que a da Suissa, acaba adoptando a marchinha gostosa, como hymno patrio.

Nas grandes festas da "nação lamistica", cantam-no os patriotas, aprumados, de pé, as cabeças descobertas, um olho posto no Gambá, que põe, logo, orgulhoso, em continencia, a sua cafeteira de serviço.

Parte integrante da vida do café, esse hymno não sae da boca e da memoria dos bohemios.

Com as palavras do verso ou com o simples enunciar da sua airosa melodia, lamistas com lamistas entendem-se á distancia.



Miguel Austregesilo

Na rua, por exemplo, durante muito tempo, quando um delles encontra outro e se saúdam, é sempre cantarolando ou assobiando os primeiros compassos da musicazinha.

Num bonde, na galeria do Theatro Lyrico, por noite de grande opera, em meio á multidão de um comicio ou qualquer outra multidão, dois compassos da solfa, trauteados, servem como ficha identificadora. Nem é preciso evocar toda a comprida versalhada:

Ha de se chamar Gonçalo!
Olé!

Quem tal ouve fica sabendo, logo, que ha lamista na zona.

Os "garçons" do estabelecimento, quando servem a qualquer um da roda, em uma das mãos a cafeteira e noutra a leiteira, cabalisticamente, perguntam sempre:

— Ha de se chamar?...

Se ao lamista appetece o café simples, accrescenta elle, aos primeiros compassos musicaes enunciados, mais este:

— Gonçalo!

E se o deseja com leite, leva mais adeante o canto sibyllino, na perpretação de um ignobil trocadilho em francez, suggerido pela audacia do Bastos Tigre, em um complemento ao rythmo do verso:

— *au lait!*

que, euphonicamente, sôa como — Olé! n'um *jeu de mot* ignobil cuja paternidade é attribuida ao Tigre.

Pedro Delduque de Macedo, que apparece sempre em companhia de Nhônhô Murtinho, Joanico Calvet e Carlos Silva, foi, durante um tempo, conhecido por Gonçalo, só porque, um dia, não se acertando com o seu nome: Daldaque, Deluque, Daluco, Deleque e Talduque, alguém, ao lembrar a commodidade da roda, gritou, pondo fim á deplorável confusão de nomes:

— Ha de se chamar Gonçalo!

— Olé! gritaram todos.

Outra vez entra no Café a Guerrerito, formosa estrella do "Moulin Rouge", em companhia de certo Fonsecote.

— Quem é o sujeito que a acompanha? indagam, curiosos, varios componentes da roda. O homem é conhecido de vista, porém ninguem lhe sabe o nome.

Levantam-se, immediatamente, sem a menor combinação, Bastos Tigre e Miguel Austregesilo; este posta-se deante do Fonsecote e grita:

— Ha de se chamar Gonçalo!

E o Tigre, fazendo gestos de quem toca castanholas, empinando o busto, como no final de uma jota aragoneza, termina o verso, num berro, assustando a hespanhola:

— Olé!

Ha, porém, melhor: um bello dia, vindo do fundo do café, passa pela mesa dos bohemios um typo extranho a todos, meio velhote, cavaignac piassabico

num queixo côr de rapadura, roupa de brim pardo e vasto chapéo de Chile...

Pergunta natural:

— Quem será esse intruso?

E o côro unisono, que estoura, immediatamente:

— Ha de se chamar Gonçalo!

O homem pára. O homem sorri. O homem abre os braços, e, dirigindo-se ao Miguel Austregesilo, enternecido e melifluo, assim lhe fala:

— Os senhores estão me reconhecendo, eu, porém, é que não me lembro dos senhores...

Chama-se o homem Gonçalo e é fazendeiro em Minas. Esse Gonçalo, em carne e osso, authenticico, legitimo, marca registrada, ingressa, naturalmente, sem demora, na roda. Nesse momento, porém, um dos lamistas levanta-se e atira-lhe, num ar solenne, este discurso:

— "Além da intimidade que os lamistas não desbaratam com qualquer Gonçalo, fica o amigo — e isso o fazemos como prova da maior estima e da mais alta consideração — autorizado a pagar não só as consummações por todos feitas, hoje, nesta mesa, como as que, futuramente, possam ser ainda feitas, aqui, ou noutra parte, em sua amavel companhia."

Gonçalo, que sorri amarello, acaba pagando a despesa, mas, para nunca mais apparecer.

O hymno dos lamistas tinha tido, porém, projecção muito maior, consagração mais viva e mais jocosa, como se vae ver.

Em 1900, no mez de agosto, inaugura-se a estatua do duque de Caxias, no largo do Machado. Está no Rio, em visita a Campos Salles, o grande general Roca, presidente da Republica Argentina. Os jornaes publicam que presidentes brasileiro e argentino devem inaugurar o monumento. Na vespera do dia marcado para a solennidade, alguns bohemios do Lamas, com o Pelagio, o Miguel Austregesilo e o Tigre á frente, resolvem passar a noite no Café, afim de assistir, no dia immediato, á inauguração da grande estatua.

Chopp para aqui, chopp para acolá. Quatro horas da manhã. Cinco. Mais chopp. Seis horas...

Eis senão quando, Pelagio, que cabeceia de somno, tem uma idéa gentil:

— E se nós inaugurassemos, immediatamente, essa estatua? Provaríamos, com tal açodamento, não só a nossa ancia de prestar ao grande heróe uma homenagem de patriotas, como evitaríamos ao Roca e ao Campos Salles a fadiga de um ceremonial que, além de ser cheio de indigestos discursos, é feito numa hora impropria, porque é a hora do almoço. Isso sem attendermos á conveniencia de irmos dormir um pouco mais cedo. Acham todos louvavel a proposta Pelagio. Olham para a praça, fóra, e vêem o sol pondo laivos de ouro no casario branco e nas calçadas.

Tigre é escalado para orador official. Miguel Austregesilo representará o presidente da Republica, sr. Campos Salles. Haroldo Reddy, empregado nos Tele-

grapho, um que mora no Hotel dos Estrangeiros, grande amigo dos bohemios e ainda maior bebedor de whisky, arvora-se em representante do general Roca. Ha uma representação do Exercito, outra da Armada, representantes, enfim, de todas as outras organizações militares. Todas. Não fica uma sem ter o seu representante. Para encurtar razões, Pelagio faz questão de representar a corporação dos Guardas Nocturnos da Freguezia da Gloria. Põe uma barretina de jornal á cabeça e transforma a gravata, das de laço borboleta, que tráz ao pescoço, em cinturão, nelle atravessando a bengala, como se fosse uma espada.

E a "grande commissão", em massa, unida, marcha para o centro do Largo, onde ha um palanque guardado por dois authenticos soldados do exercito vestindo grande gala.

São 6 $\frac{1}{2}$. Deante da importancia dos "representantes" que formam a "grande commissão inauguradora", os soldados perfilam-se.

— O orador e a vanguarda da "commissão official" incumbida de inaugurar o monumento, — diz o Miguel Austregesilo aos cerberos do palanque presidencial.

E vae entrando. E os outros, todos, atraz.

Claro que, nestas condições, até o Reddy, com o seu nariz iluminado a whisky, passa. Só é barrado o Pelagio por causa da gravata e a sua espada de junco. E não ha forças humanas capazes de convencer aos soldados do palanque que o mesmo faz parte da

"comissão official", na qualidade de representante da Guarda Nocturna da Freguezia da Gloria.

Ingressando o Pavilhão de honra, Tigre toma pose, e, avançando para a balaustrada do palanque, o bigode em riste e o olho um tanto acarneirado de cerveja, brada solennemente:



Copacabana

— Meus senhores...

Quando elle começa, porém, a dizer: — Nós, os lamistas... Miguel Austregesilo interrompe-o.

— Pare, Tigre, pare. Pois você não vê que nós não temos publico? Onde viu, você, inauguração de estatua sem povo?

Desce, tranquillamente, a escadinha do palanque e vai até ao Lamas, concitando os que atravessam a praça, convidando-os a assistir á grande inauguração. Enfim, sempre acaba arranjando umas dez ou doze pessoas que, unidas a outras que chegam, naturalmente curiosas, para saber a explicação de tanto berro, formam uma multidão talvez um pouco maior que a "Commissão Official", mettida no palanque.

Quando Bastos Tigre vai recommençar a sua oração é que se lembra como ignora, e por completo, a vida do grande duque de Caxias, a historia da guerra do Paraguay, bem como a de seus heróes, para realizar cousa condigna. Coça a cabeça. Lembra-se, porém, que sobre as guerras hollandezas de Pernambuco tem conhecimentos aproveitaveis.

Vai passando, nesse momento, pela praça, o professor Ortiz Monteiro, lente da Escola Polytechnica, que, reconhecendo, entre os bohemios, dois de seus alumnos, Tigre e Miguel Austregesilo, pára para ver de que se trata. E' quando Tigre lhe despeixa, a queima roupa, a oratoria *official*, que começa assim:

— Povo da minha terra, dr. Ortiz Monteiro, meu professor na Escola Polytechnica, esse poleiro de aguias plumbeas e implumeas. (Pigarro). Mauricio de Nassau, o grande heroe báltavo a quem o Brazil deve o relampago de uma civilisação que, durante o seculo XVII, illuminou a America...

Está o homem no seu elemento. Tigre disserta com eloquencia e serenidade, apenas mostrando o

bigode em demasia arrepiado e um olho exageradamente triste, de carneiro morto:

— E que foi, afinal, meus senhores, esse grande Calabar? Um traidor para Portugal, um heróe, portanto, para o Brasil, que elle desejava ver liberto da tyrannia lusa...

Passam-se, porém, 40 minutos e Tigre não sae de Pernambuco, a fallar, a fallar...

Não larga a redingota de Nassau, a acção patriótica de Calabar, citando os Guararapes e o Monte das Tabocas...

Cada vez que o orador tenta olhar, do fundo do seculo XVII, onde se encontra, a figura luminosa do heróe de Itororó, quasi na fronteira da centuria XX — sente um vacuo. E estremece. Mas, continúa:

— Mauricio de Nassau, meus senhores...

E' nessa altura que, arrancando de seu cinturão de gravata, o espadão de junco, Pelagio, representante official da Guarda Nocturna da Freguezia da Gloria, grita, tentando estancar a verbosidade do Tigre:

— Basta, agora, de discurso! Inaugura! Inaugura! inaugura logo, essa estatua!

Ora, o povo, que já está cansado de tanta guerra hollandeza, saciado de Mauricio de Nassau, começa, por sua vez, a gritar:

— Inaugura! Inaugura!

Vox Populi, vox Dei...

De repente, a commissão, povo, orador, todos avançam para o monumento e, desatado o laço da

armação de panno, á luz franca do sol que já envolve a praça, a figura do grande heróe brasileiro surge para a eternidade da gloria.

— Viva o duque de Caxias! grita logo um, e todos respondem, em côro formidando!

— Vivóóóóóóóó!

Não ha musica, mas o côro dos lamistas supprime a ausencia das charangas. E de cabeças descobertas, em torno á estatua do grande general, os lamistas fazem evoluções patrioticas, cantando com alegria e fervor:

Ha de se chamar Gonçalo,

Olé!

Ha de se chamar Gonçalo,

Rana

Cataplana,

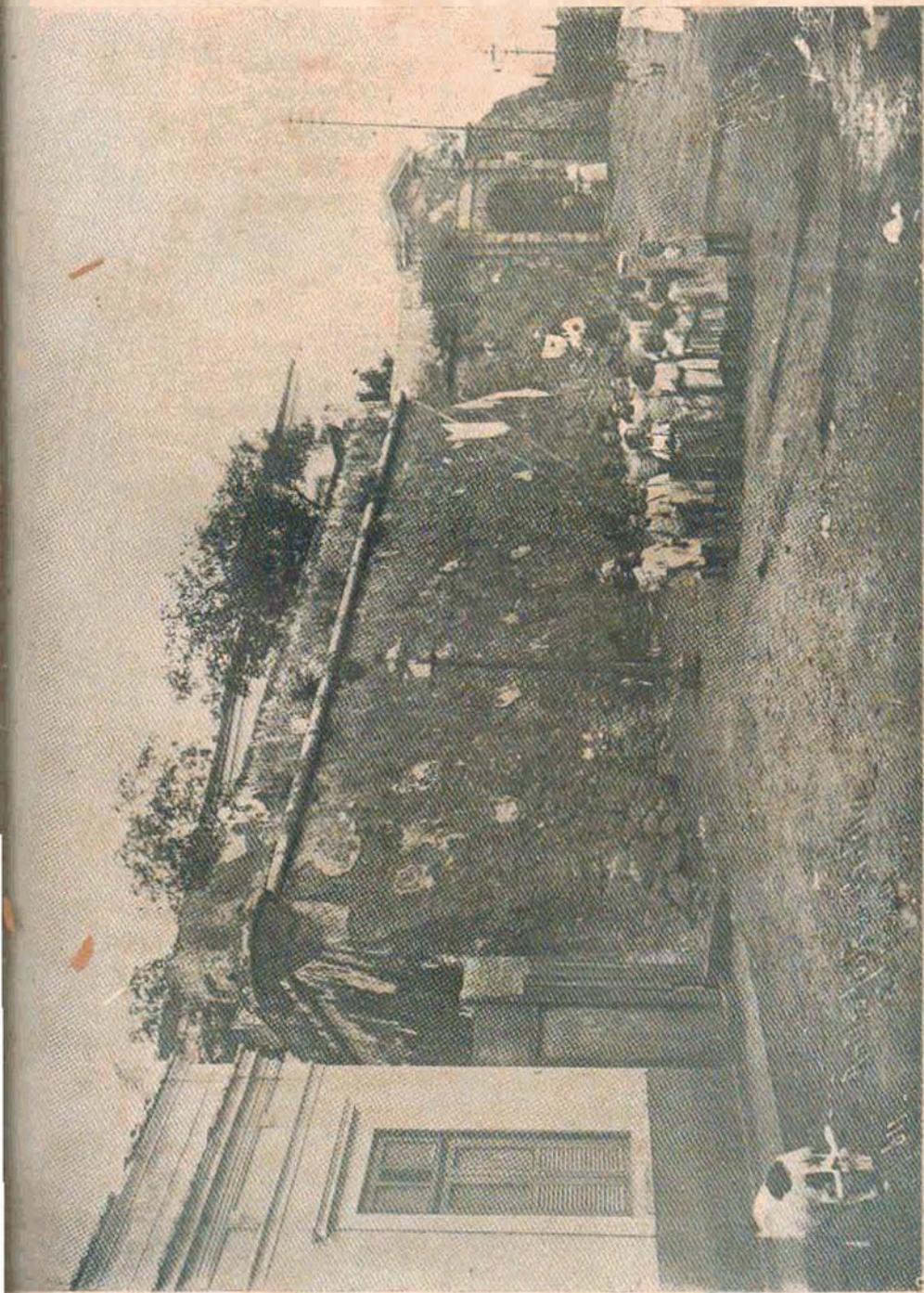
Mata

aquella

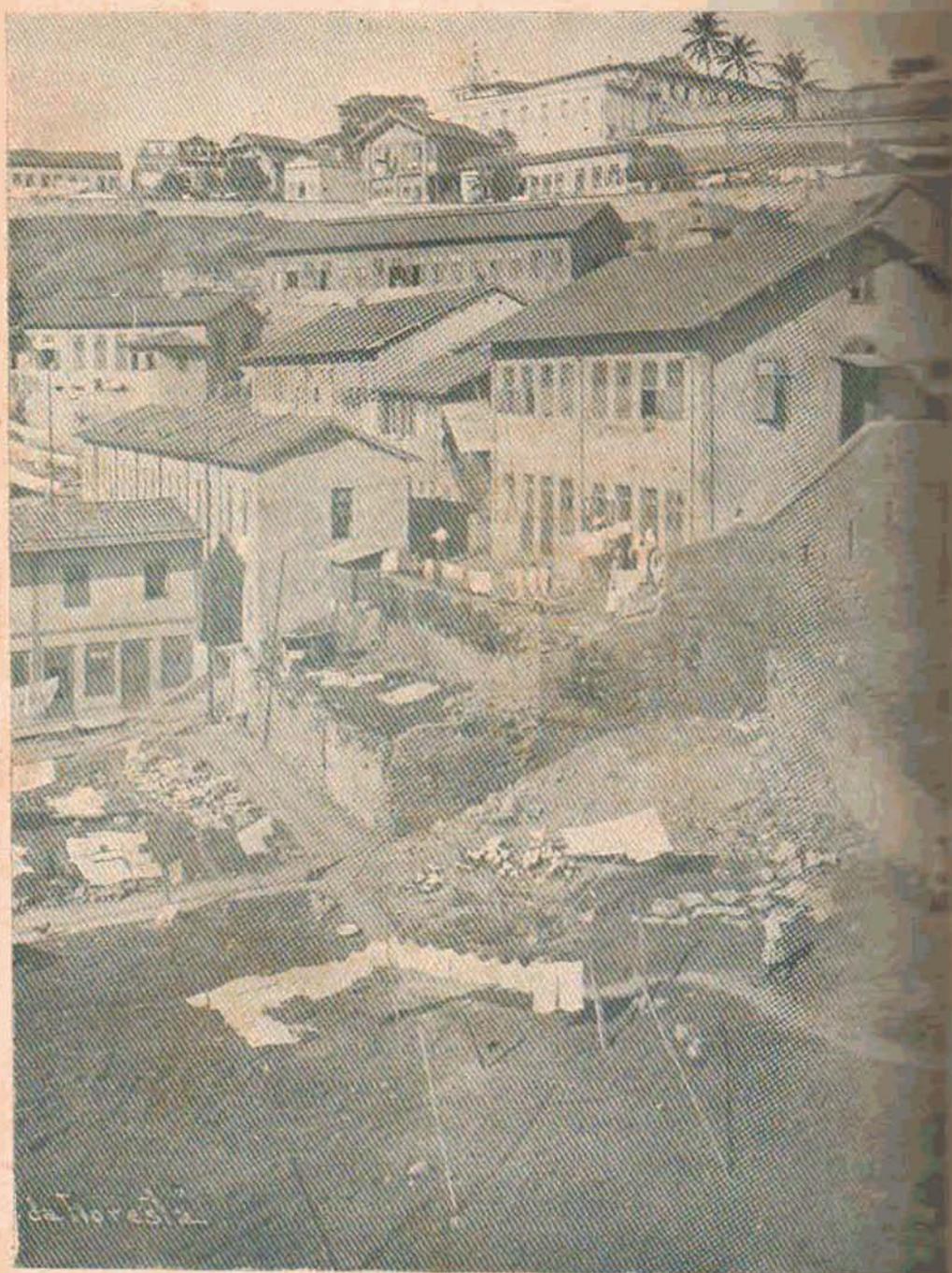
ratazana...

O mais interessante é que um jornal, no dia seguinte, ao descrever a 2ª cerimonia de inauguração, a que foi assistida por Campos Salles e Roca, uma vez recomposto o panno das bandeiras, descido pelos bohemios, confundindo alhos com bugalhos, noticiou que o povo havia, no momento de se mostrar a estatua, *dansado e cantado canções patrioticas...*

O hymno de Miguel Austregesilo, hymno lamista, entrava, singularmente, na historia...



Muralha do velho forte do Castelo



Morro do Castello

Na parte do Largo que demarca a linha da rua das Laranjeiras está o *Parque Fluminense* que, durante os primeiros annos do século, é o *rendez-vous* obrigatorio da melhor sociedade do Rio de Janeiro, vasto parque de diversões no genero *Luna Park* de Paris, esplendidamente illuminado, com rink de patinação, e um optimo theatro onde se exhibem companhias de theatro ligeiro, sobretudo italianas, muito apreciadas pelo nosso mundo elegante, das melhores que visitam a America do Sul.

Os citados frequentadores do Lamas são, quasi todos, *habitués* do aristocratico *Parque*.

Quando Santos Dumont aqui chega, de França, após haver descoberto a direcção dos balões, provoca, como é de esperar, um delirio de festas na cidade. Os allemães que dirigem o *Parque Fluminense* organizam, logo, um espectáculo, que é dos mais attrahentes e mais *chics* entre tantos outros organizados para saudar o grande brasileiro.

Na noite desse memoravel espectáculo, certo Luiz Costa, que algumas vezes surge em companhia de Santos Maia, dos irmãos Aguiar-Gustavo e Thomaz, no Lamas, typo mettido a literato, muito alto, muito magro, feio e empregado na alfandega, leva em sua companhia, para apresentar aos companheiros da roda, a novidade que encontrara á porta de certa chape-laria do centro da cidade, um homem que nada mais é que o socios mais perfeito que Dumont poderia encontrar em dias de sua vida. Esse poeta aduaneiro, que

tambem usa cabelleira e *pince-nez* de cordão, dá-se, por vezes, o luxo de se revelar *blagueur*. E nessa noite, quando se apresenta no Lamas, leva na cabeça o plano de penetrar no Parque Fluminense, onde nunca vae por falta de dinheiro, sem pagar, valendo-se, para isso, da companhia do outro, que se presta, ingenuamente, a passar pela figura do valoroso aeronauta.

O novo Santos Dumont é, como replica *physica*, coisa tão perfeita e acabada que ha, até, quem pense que a *blague* do aduaneiro consista em apresentar o *authentico* por um falso. O homem, na verdade, em materia de semelhança, é, positivamente, de assombrar.

Trabalha, o socios do grande aeronauta, que se chama João Brasil, numa chapelaria da rua Sete.

Apalpado, cuidadosamente, esse extranho e pasmoso chapeleiro, constatado que a aeronautica, nelle, é apenas contrabando, logo uma avalanche de bohemios surge disputando as honras da sua companhia e a *hypothese* amavel de entrar no Parque sem pagar.

Seis ou oito rapazes, com o joven Dumont de chapelaria, á frente, partem do Café, não sem soltar, na occasião em que elle vae cruzando a praça, gritos que chamam, logo, a attenção de toda a gente:

— Viva Santos Dumont!

— Viva o maior dos brasileiros!

Quando o falso homenageado chega á porta do estabelecimento de diversões está cercado por mais de duzentas pessoas. Diga-se, de passagem — são oito

e meia da noite e os jornaes que tratam do espectáculo do Parque dizem, claramente, que o grande inventor fará sua entrada solenne de 9 meia ás 10.

Nem é necessario dizer aos porteiros: — Este é o dr. Santos Dumont. Todos, logo, o reconhecem, com o seu bigodinho curto, em escova de dentes, o seu cabello partido ao meio e uma gravatinha marcando o centro de um muito alto collarinho e de ida e volta.

Os allemães do Parque, que formam a commissão de recepção, estão casacalmente vestidos, grandes parasitas á lapella dos casacos, loiros e sorridentes. Parecem bonecos articulados, saudando ás cabeçadas, nos seus cumprimentos affectados, largos e cerimoniaes.

Brasil, o vendedor de chapéus, representa bem o seu papel. Mostra dignidade, *aplomb* e, até, um certo *ar scientifico*, que não escapa a muitos mettidos na *blague*, ainda duvidando se o homem é ou não é, afinal, o authentic.

A bilheteria começa a fazer, ahi, o seu grande negocio. O Parque a encher-se de povo. Luiz Costa, improvisado em agente de ligação entre o *homenageado* e os incumbidos de recebel-o e conduzil-o até á porta onde funciona o theatro, ao lhe falarem em ir para o camarote de honra, protesta logo:

— S. Ex. o dr. Santos Dumont, diz elle, jantou muito cedo. E jantou mal. Além disso, é homem do maior appetite. E o que ha a fazer, antes de ingressarmos o camarote de honra, será offerecer-lhe uns

solidos e um champagnesinho, gelado, si possível. Desforra-se o poeta, em suas mais vivas predilecções, affagando a miseria em que vive, gozando o que, de outra fôrma, não poderia gozar.

Os allemães dão, immediatamente, ordens no sentido de satisfazer o desejo do *genio aeronautico*, e de tal sorte, que, antes de terminar, pelo Parque, a primeira volta, a pé, a gloria da chapelaria nacional e o seu numeroso sequito, são cercados por multiplos *garçons* conduzindo patenas cheias de *sandwiches*, pães doces, croquettes de camarão e de gallinha, frios de toda sorte, tanto em carne, como em pastellaria, e champagne, authentico *Veuve Cliquot*, grande marca da época e altissimas tulipas de cerveja loira. Tudo para sua ex. e os amigos de s. ex. o *rei do ar*...

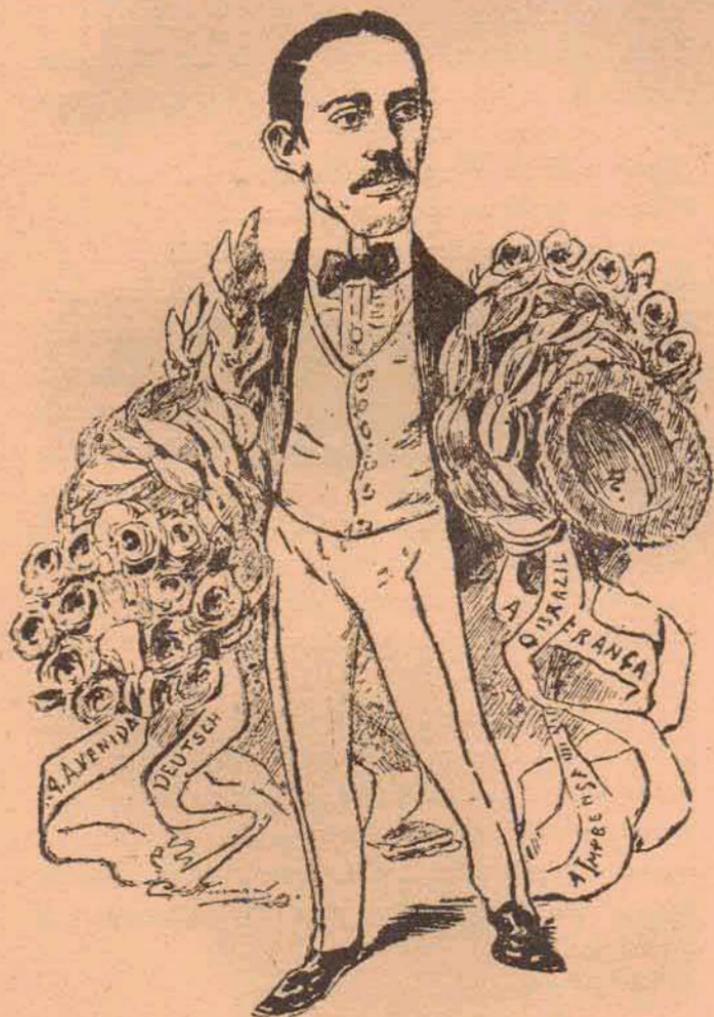
O Costa, um sandwich em cada mão, mantendo o homem das taças de champagne, perto, acorrentado ao seu olhar magnetizador, farta-se. O que comem e o que bebem esses bohemios!

Nesse momento um dos allemães, erguendo a taça de champagne, saúda Santos Dumont, num brinde um tanto timido, mas que faz rir, gostosamente, a todos, porque termina assim:

— Ao grandes prazilerras, saude e muites lembrances e muites *recommendatzons*, Dzenhor doktor...

O diabo é que o chapeleiro não tem o dom da palavra para responder á gentileza do allemão. O Costa, porém, interrompendo a mastigação, com a sua meia literatura, faz um agradecimento rapido, mesmo porque

o homem dos *sandwiches* já está em attitude de se ir embora.



Santos Dummont (Caricatura do "Malho")

Em meio a muita alegria, dá-se, nesse momento, um caso profundamente lamentável. Certo official do Exercito, alferes conhecido, em companhia da senhora e dos filhos, ignorando a *blague* ali tramada pelos rapazes, não só saúda num discurso violento e em palavras repassadas de patriotismo e entusiasmo o grande heróe presente, como manda, ainda, que os filhos beijem as mãos ao chapeleiro. . .

A coisa complica-se. E' quando o Costa lembra que poderão dar uma volta no *carroussel*, um *carroussel* enorme que existe no coração do parque, carregando com aquelle Santos Dumont a *pivot*, que se vê empurrado para uma das famosas gondolas que formam o mecanico brinquedo, especie de montanha russa giratoria, e que roda bulhentemente, aos vivos applausos do povo, gozando a simplicidade do seu grande patricio. Do *carroucel* passa-se para o *theatro*. Novo discurso do poeta aduaneiro, citando o inspector da alfandega, saudando o grande vencedor da machina de voar. . .

Estão as coisas nesse pé, o orador completamente esquecido da hora que corre e avança, sentindo em ondas o vapor do champagne, em caricia, no cerebro, quando o Santos Maia, que chega de surpresa, arranca-o, pelo braço, da função demosthenica, atira-o fóra do camarote, não sem berrar para o chapeleiro:

— Fuja você, porque o homem chegou mais cedo e já está lá fora a discutir com os allemães. . .

Era, com effeito, o verdadeiro Santos Dumont a discutir a sua identidade.

Difficil, nesse momento, recordar detalhes. E' um salvê-se quem puder. O povo, sciente da occurrencia, fica logo dividido: — uma parte achando graça e desculpando a farça, outra tendo á frente o alferes ludibriado, furioso, a reclamar, para os farcistas, um castigo exemplar.

No *Lamas*, depois, encontra-se o bando dos *penetras* e *blagueurs*: o Costa, sem *pince-nez*, o signal de



Bastos Tigre

um murro no olho esquerdo, preço da sua perigosa e condemnavel *blague*, o chapeleiro, sem chapéu, a calça rasgada de cima abaixo, furia de um prego na occasião em que o pobre, para salvar a pelle, das iras do alferes e de outros, saltou o muro do jardim do theatro, caindo em uma chacara dando para a rua do Cattete...

Essa pilheria é, depois, por ocasião da partida de Santos Dumont para São Paulo, repetida pelos estudantes, que transformaram um dos colegas em *rei do ar*, o qual vai recebendo, pelas estações da Central, por onde passa, as homenagens da multidão maravilhada.

Quando se tem vinte anos...



Thomaz Lopes

X

O palacete, residencia do abastado e sua descripção. — Creadagem. — Grandes salões do tempo. — Como se divertem os elegantes da cidade. — Modas. — O premio de Belleza de 1901. — Espectaculos do Lyrico. — Cultura artistica da epoca. — Romance de um Christo de marfim.

O palacete, a grande residencia do começo do seculo, é, quasi sempre, um casarão amplo, sombrio, erguido em meio a um enorme jardim, com ruelas de cascalho ou areia, entre canteiros tumidos, com menos flores que folhagens e por onde espiam Venus em ceramica do Porto, núas e brancas, plasticas e lustrosas, Minervas de capacete, trefegos Cupidinhos de aza, carcaz e flexa, Jupiters tonantes, Ceres, Bacchos, Appolos e outros deuses notaveis do Olympo. Um repuxo sonoro, por sua vez, canta em bacia de marmore ou granito onde peixinhos vermelhos nadam á sombra azul de amarantháceas alegres, que viçam, coloridas, ao sol.

Marca o limite do jardim uma grade esguia e prateada, que dois portões interrompem: um, largo, por onde as carruagens passam, outro, mais estreito,

que serve ao movimento da casa e ao ingresso das visitas.

Junto a este ultimo, geralmente, um cão de fila, em louça, em attitude cerberica, não raro, de olho duro e revel, orelha attenta, tendo aos pés, a legenda fatal — *Fidelidade*...

Por vezes veem os ladrões e roubam o cão de fila. Não esquecer o clássico caramanchão de trepadeiras onde se conversa ou se namora como dentro de um bosque, perto.

Atrás da casa enorme, o parque immenso, onde mangueiras e ameixieiras frondosas e amigas ramalham; a chacara, com sua horta verde; a cavalariça e a morada do cocheiro, que é, quasi sempre, um pardavasco pachola, usando uma sobrecasaca cor de café com leite, cartola, botas de cano com rebordo amarello, grande tocador de violão e maior apaixonador de creadas.

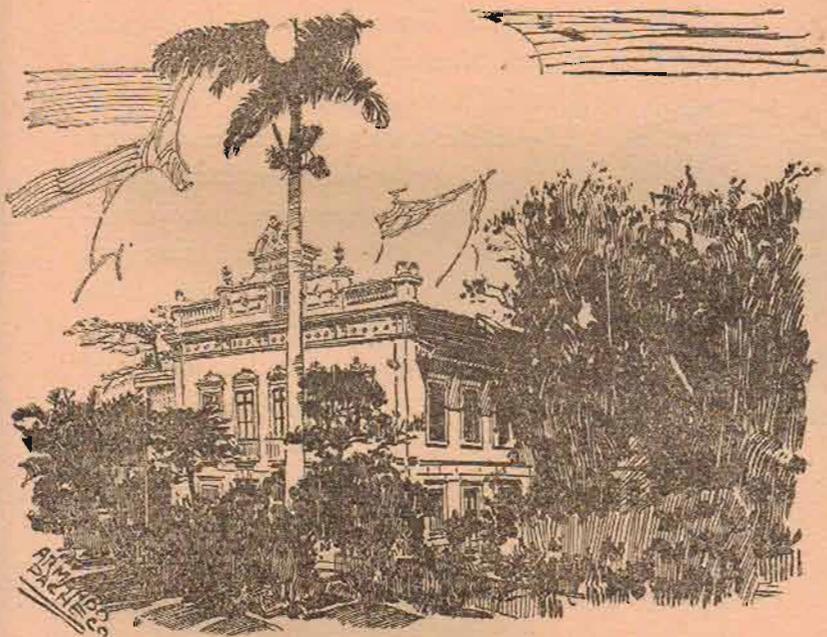
Está quasi sempre fechado, o palacete. Como mostras de vida exterior, apenas, pelas ruelas do jardim, de quando em quando, jardineiros em mangas de camisa, sob vastos chapelões de carnaúba, regando, cavando, cantando, ou a figura escanifrada de um moleque, literalmente forrado de aventaes brancos, que corre para attender aos que chegam e faz mover o largo portão de ferro de onde se dependura um campainha neurasthenisadora, que não cança de pular e de bater.

Em 1901 os mais bellos palacetes ainda são os vindos dos tempos da monarchia. Ha o "Nova Fri-



Alvaro Telfé

burgo", no Cattete, por exemplo, adquirido pelo Governo da Republica e cujo interior maravilhoso é de um acabamento capaz de rivalizar com o dos mais ricos palacios do mundo; o do "Itamaraty", onde se installa o Ministerio das Relações Exteriores, com um



Palacete Carlos Rodrigues

lindo e vistoso parque interior; o de "S. Cornelio", proximo a Santo Amaro; o que pertenceu á Marqueza de Santos, em S. Christovam; o "Fialho", á Gloria; o "Itamby", em Botafogo; o "Diogo Velho", em Senador Vergueiro; o "Mesquita", em Conde de Bom-

fim; o "Carapebús" e o "Tocantins", á Praia de Botafogo; o do Marquez de Abrantes, no mesmo sitio; o "Loreto" e o "Paranaguá", á Lapa; "Pinto Lima", no Cattete; "San Mamede", á rua das Laranjeiras, "Assis Martins", no Largo do Machado, "Barão do Flamengo" e "Gabizzo", á Gloria, "Mayrinck", "Figueiredo", "Cockrane", "Barão de S. Francisco"... A lista completa alcançaria uns tresentos, espalhados por toda a *urbs*.



Bebé Lima Castro

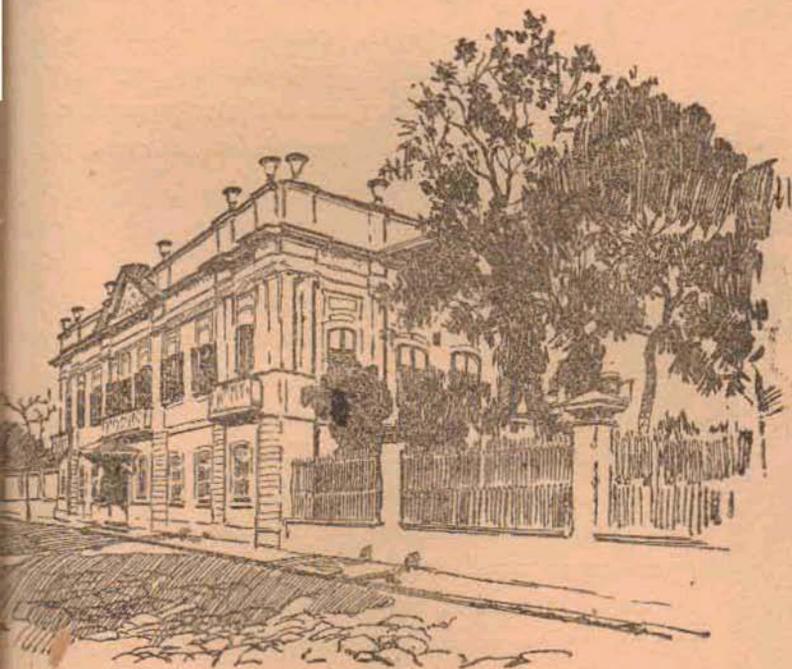
Em S. Clemente, em Voluntarios da Patria, Cattete, Marquez de Abrantes, Senador Vergueiro, Laranjeiras e Aguas Ferreas, os palacetes se arremantam, destacados e solennes, num contraste violento, em meio á reles e esboroante architectura da cidade.

Essas residencias, por vezes, espantam pelo luxo interior: tectos de estuque, tratados por grandes nomes da pintura do paiz, e de onde se projectam candelabros riquissimos, em prata, em bronze ou

em crystal, esquadrias esculpturadas, lambrins altos, custosas salas de banho, todas em marmore...

O mobiliario, quasi todo, é importado. Vem muito da Inglaterra, da Italia, e, sobretudo, da França. E' o Luiz XV, em geral, que domina os salões, em regra, forrados a vermelho, com raros e custosos tapetes e cortinas, amplas *bergères* com pannos de seda adamascada, cadeirinhas doiradas e flebeis, mostrando

fundos e costas de tapeçaria, mesas com incrustações de bronze novo, vitrines e outras peças de mobiliário carregadas de adornos no genero, num abuso, talvez, do tom de ouro. Sobre as paredes, telas com molduras largas e douradas. As salas de jantar são discretas, austeras, com mesas elasticas enormes, que se forram



Palacete que pertenceu a Marquiza de Santos

com pannos de belbute caindo em franjas e sobre as quaes se collocam vasos com pés de avenca ou samambaias viçosas.

Como característico, bem nosso, nesses salões de comer, uma cadeira de balanço, na qual se dependuram algumas almofadas ou, então, um panno de *crochet*; maringues de barro, pelos vãos de janelas abertas, um relógio cuco e mais uma eterna oleographia representando a ceia do Senhor, copia da pintura de Da Vinci, ricamente emoldurada, muito da devoção nacional, especie de requerimento ao Divino para que elle não falte nunca de dar, á casa, o pão de cada dia. É a manteiga. . .



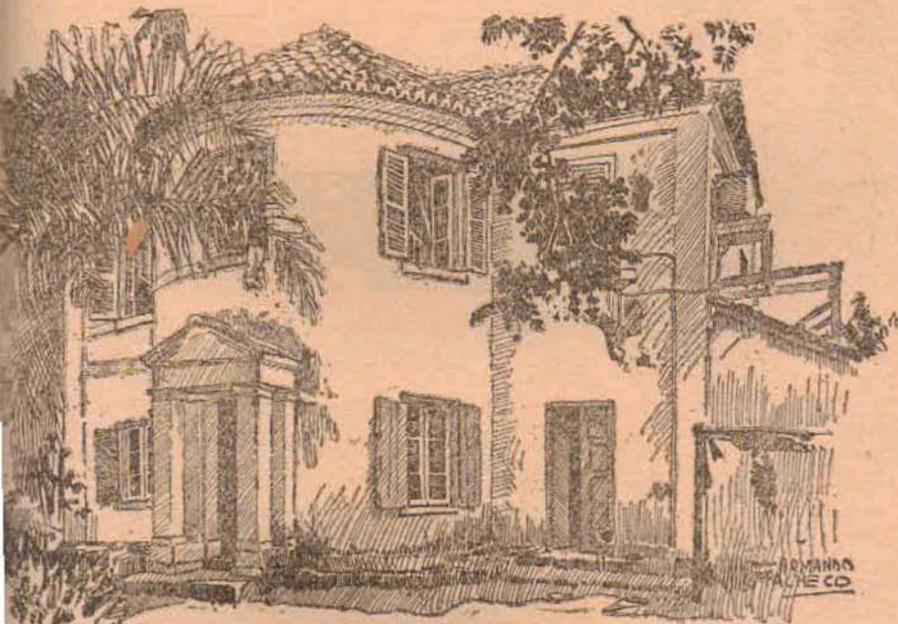
Viava Bezaniá

Os quartos de dormir, amplos, teem sempre um indefectivel cortinado de filó, por causa do mosquito, um par de chinellas de tapete sob o leito e um oratorio de pão, não raro, com um Santo Antonio que, se está de costas, está arranjando casamento, e, um Santo Onofre, que é o que se occupa do dote, santo magro, feio, que usa uma especie de fraque feito com a propria barba. Ainda se conserva, um pouco, a multidão de creados dos tempos da escravidão. Pelas cozinhas, pelos tanques de lavar, pelas taboas de engommar, na arrumação da casa, negros e negras, moleques para copeiragem, para a limpeza dos assoalhos e dos vidros, para o serviço de recados, jardineiros, homens da horta, das cavallariças, cocheiros. . .

Ruy Barbosa, que mora em S. Clemente, possui, por exemplo, vinte e dois creados. Ha, porém, quem

possua mais, como no tempo do ouro, em Minas, como na época do assucar, em Pernambuco.

As famílias tomam governantas inglezas e allemães para seus filhos. E não mandam, em geral, as filha, a internatos. Educam-nas em casa, para isso contrahando os mais afamados professores. A mulher já tem



Palacete Montigny

outra instrução, que as viagens constantes melhoram e refinam; fala varios idiomas e nas reuniões de familia já não é, apenas, o bello sexo que se expõe e agrada pelo palminho de cara ou pela graça da *toilette*, mas companheira intelligente, com a qual um

homem já póde conversar e discutir. Ainda não sáe sozinha á rua, lá isso é verdade, mas já sae bastante, seja ao lado da mamãe, do irmão ou de um parente mais velho. Casa cêdo. E, em geral, arranja o casa-



Zilda Chiaboto

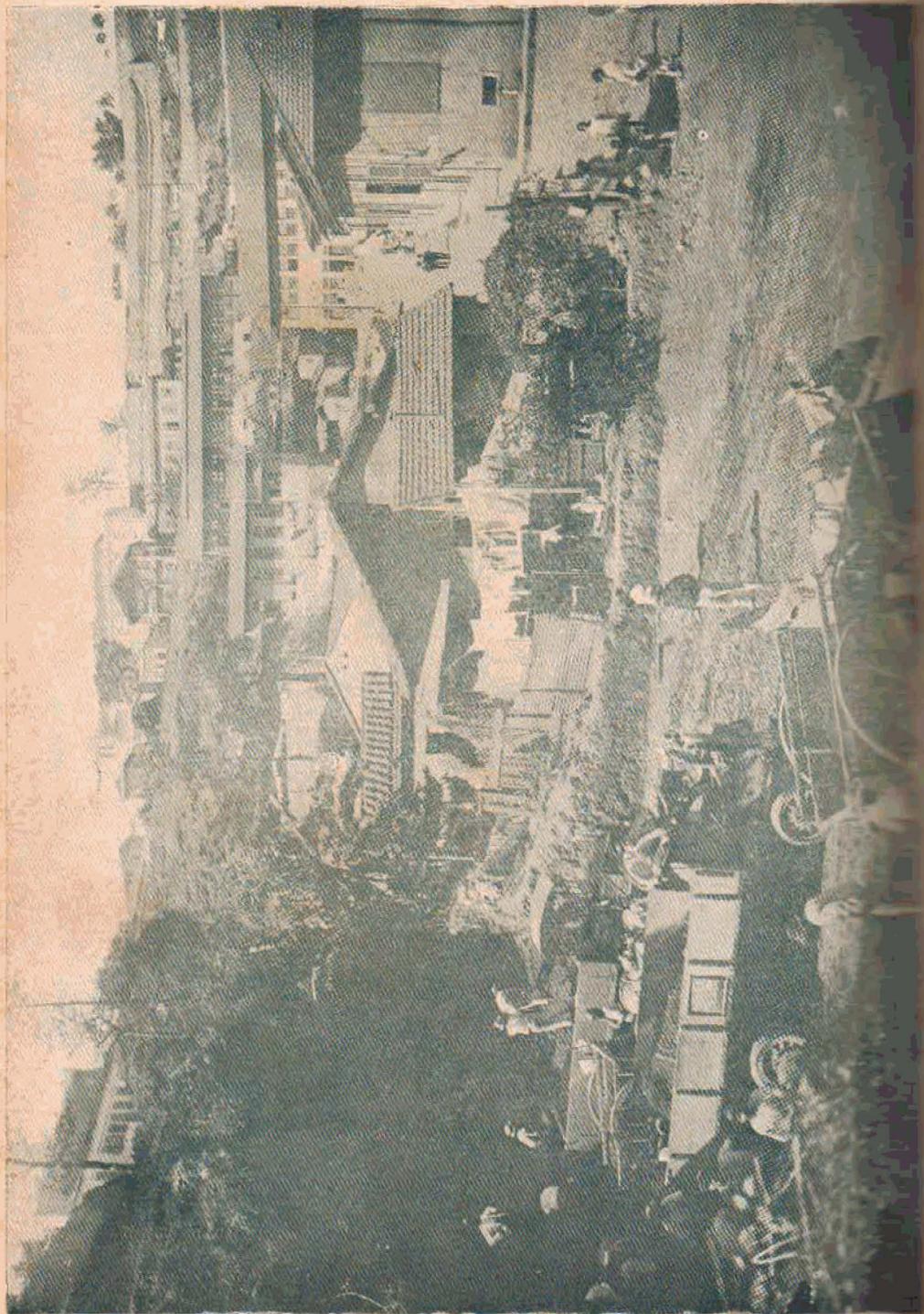
mento em Petropolis, onde passa, elegantemente, o verão. E' assignante do Lyrico, habituêe do Cassino Fluminense, do Colomby Club, do Parque Fluminense. ... Não perde espectaculos de companhias francesas, hespanholas, italianas, inglezas ou allemães. Não frequenta, porém, theatros brasileiros ou portuguezes. Abs-tenção systematica, que se explica pela ausencia, nas mesmas casas de diversões, de ambientes capazes de interessar a uma elite; theatros de plebe, platéas formadas, geralmente, por um publico de nivel intellectual pouco exigente e que funcionam em verdadeiras pocilgas, como o Apollo, o Lucinda, o Recreio Dramatico e o Sant' Anna, infames casas de diversões, atiradas por umas ruelas que cheiram a urina de cavallo e fígado frito.



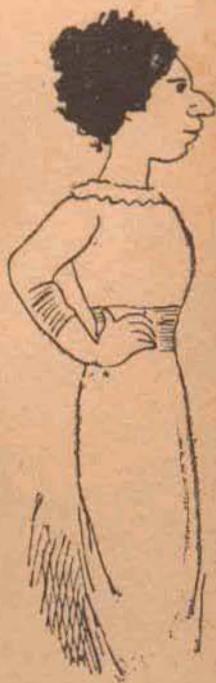
Em 1901 Pereira Passos ainda não traçou, sobre a lama e as pedras velhas da feia cidade de Mem de Sá, o plano das reformas que haviam, mais tarde, de



L.3. Castello (na parte superior do morro)



transformal-a em *urbs* maravilhosa. Comtudo, uma sociedade elegante sempre existe, embora trocando-a muito por Petropolis, onde o quadro bucolico retempera, e, ainda mais, por Paris, onde, as vezes, se retem annos e annos. Os transatlanticos saem pejados de passageiros. Ha occasiões em que se torna necessario tomar passagens com muitos mezes de antecedencia. Viaja-se. Espairece-se. O diabo é a volta. Com que tristeza aqui se desembarca, no Pharoux, depois de uma amavel villegiatura por logares como Londres, Paris, Roma, Madrid ou Berlim! Como fere a vista e offende os brios do patriota o scenario desagradavel da cidade abandonada e triste, manchando com o seu casario esboroante e a massa de um poviléo esfarrapado e sujo, o mais lindo recanto creado por Deus sobre a face da terra!



Astréa Palma

Entre os grandes salões do Rio, estão os de: Paulo Leuzinger, em S. Clemente; Heitor Cordeiro, em Laranjeiras; Adelaide Muniz de Souza, á praia de Botafogo; Francisco Pereira Passos, nas Laranjeiras; Oscar Varady, em Santa Thereza; Reginaldo Cunha, em S. Clemente; Vieira Souto, praia de Botafogo; Conde de Figueiredo, rua da Constituição; Barão de Quartim, na rua do Riachuelo; Augusto Weguelin, Visconde de Schmidt, em Botafogo; Visconde Ferreira de Almeida e João do Rego Barros, em Voluntarios da da Patria; Rocha Faria, Senador Vergueiro; Mauricio Haritof; Germana Barbosa, em Marquez de

S. Vicente; Guillobel, Humaytá; João Lopes Ruy Barbosa, em São Clemente. Não esquecer o da residência de Dionísio Cerqueira, "dignificador dos suburbios", que mora em Todos os Santos, numa vivenda



Rachel Palhares

admiravel e onde, por vezes, costuma prender seus convidados semanas inteiras, com festas estupendas, almoços e jantares ao ar livre no quadro maravilhoso de uma natureza sem igual.

São estes os salões que podem ser citados como os de maior projecção no tempo, muito embora outros, muitos outros, muitos, ainda existam.

Quando reunidos em sociedade, dizem versos e, cantam: Bêbê de Lima e Castro, Vera Roxo, a Nair Tefé, Mary Sayão, Italina Bezzi, Astréa Palm, Eli-

zabeth Wrieth, Candida Kendall, Leonor Joppert Bastos Cordeiro, Mimi Machado, Elvira Goudin, Dinorah e Sarah Rasteiro...

Entre os homens, cantam e recitam: Gustavo Van Erven, Domingos Braga, Fernando Duval, Henrique Marques de Hollanda, o "Emmanuel dos Salões", *diseur* admiravel, só recitando em italiano, e do mais puro, sabendo declamar, como poucos. Mattos Fonseca, *gentleman* perfeito, pianista, cantor, *cau-seur* magnifico, é figura central e viva, nesses esplendidos salões.

Em algumas residencias elegantes organizam-se espectaculos theatraes. Pereira Passos, por exemplo, constróe, na sua casa, nas Laranjeiras, um theatro de amadores, onde representam, entre outros: Arrojado Lisboa, Juvenal Pacheco, Roberto Gomes e Raul Regis de Oliveira. O conde Diniz Cordeiro possui, igualmente, um palco nesse genero.

São leões da moda, pela época, Ataulpho de Paiva, cuja elegancia já vem dos tempos da velha monarchia; Humberto Gottuzo, siamez do Ataulpho; Adalberto Guerra Duval, membrudo e forte, levando o sentimento da moda ao excesso; Fernando, seu irmão, Augusto de Carvalho, o bello Augusto, apollineo, alegre, communicativo; Kropf, fulvo e alto, Felix



Heloisa Figueiredo

Cavalcanti, quebrando monoculos de crystal, como o duque d'Aumale; Léo da Affonseca, cincoentão mas ainda muitissimo elegante; Gustavo Van Erven, louro como uma libra esterlina, Burle, Simoens da Silva, Raul Veiga, que depois é presidente do Estado do Rio; Henrique de Hollanda, Tobias Moscoso e Meira Penna, estes dois ultimos sempre muito amigos, muito unidos; Pinto Lima, Luiz Guimarães Filho, Angelo Netto, Heredia, os Guinle, Paulo e Chico Passos, Adolpho de Azevedo...

Claro que ainda se esquece muita gente, muita e boa, mas, o grande bloco, ahí está.

Usa-se, ainda, a sobrecasaca, a cartola, o fraque fitado, colletes de seda de varias côres, collarinhos muito altos, gravata de *plastron*. E' por esse tempo que surgem os "pingas", umas famosas meias cartolas, feitas em castor, algumas afuniladas, como as usadas durante a revolução franceza e, depois, resurgidas em 1830. A moda, porém, dura pouco. No verão o homem ainda usa roupas pesadissimas. O collete de sarja ou de seda é que se substitue, ás vezes, por um collete de fustão branco. Os mais ousados usam uma faixa de seda em lugar de collete...

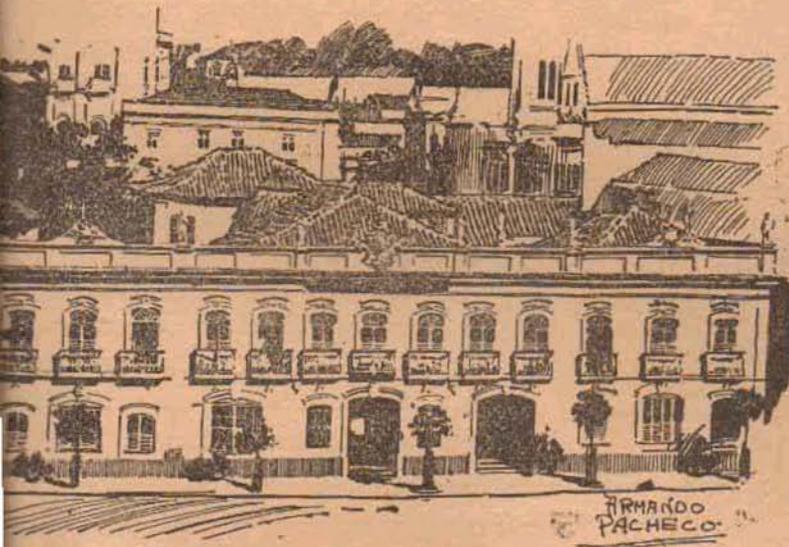


Eleonora Parkison

O Raunier e o Lacurte são os grandes alfaiates de fama, não obstante, Almeida Rabello e Valle veem já

se impondo. O "Incroyable" é, por assim dizer, o sapateiro official dessa roda. Chapéus, os da Chapelaria Watson.

A elegancia da mulher é notavel. Elegancia e formosura. Stella Wilson impressiona pela sua belleza, como pela sua alta distincção; bellas são as irmãs



Palacete Bahia

Carneiro da Rocha, Lola, Josephina e Germana, Alice Monteiro. Ha ainda a citar: Italina Bezzi, Bêbê Fontes, Maria Antonia Carapebús, Zaira Muniz, a Cosme Britto, Christina Moller, as Pitangas, todas, formosuras fulgurantes. Muito bonita é tambem Bêbê de Lima Castro, musa inspiradora de um grande poeta, Orlando Teixeira, autor da famosa poesia "Sapo e a Estrella",

onde o escriptor figura como batrachio e, como *astros*, Bêbê. Rachel Palhares, que é conhecida pela bella Rachel, casa-se, depois, na familia Bello, de S. Paulo, de



Brasilia Parkison

tal sorte acabando Rachel Bello. Outra de grande formosura é a filha de Capistrano de Abreu, depois superiora do Convento de Santa Theresza. Quando ella se faz monja, o pae, que não a contrariou nos seus desejos de ser esposa de Jesus, dá apenas aos seus amigos, e, com muito espirito:

— Quando pensei, eu, ter o Christo na familia! E logo como genro!

Antonietta Paz, que se apaixonou por um dos Guinles, tambem se faz freira. E' typo, outro'sim, de rara formosura. Bellas são as irmãs Parkison, Eleonora e Brasilia.

Essas, as senhoritas que, até 1905 e 6, lentamente vão-se casando, e aos poucos se transformando em austeras mães de familia, quando não vão levar ao sepulchro dos claustros um pouco de graça, de mocidade e de vida.

Devemos citar, entre as já senhoras: Luiza Sodré, Heloisa Figueiredo, Heitor Cordeiro, Viscondessa de Schmidt (Tatá), Pinto Lima (Piuca), Oscar Godoy, Salvador Santos, Guillobel, Nicola Tefé, Varady... Madame Varady não é, positivamente, bella, porém, possui uma grande distincção pessoal. E é elegan-

tíssima. Outras senhoras devem ainda ser lembradas pelos seus grandes dotes pessoais: a baroneza de Santa Margarida, Madames: Pereira Passos, Passos de Castro, Antonietta Godinho, Cavalcanti (mãe de Felix Cavalcanti), Antonietta Saldanha da Gama, Ruy Barbosa, Antonio Azeredo e Guillobel.

A "Rua do Ouvidor", jornal que então se publica na cidade, abre, em 1901, um famoso concurso de beleza, para saber qual a mais bella das cariocas.

O 1º premio é attribuido a Marina Braga, que, depois, se casa com Alfredo Ruy Barbosa. Em segundo lugar colloca-se Diva Augusta de Carvalho, em terceiro Odette de Carvalho, em quarto Alzira Guimarães, em quinto Maria Garcia. Outras bellezas classificadas: Maria Emilia Ayer, Amelberga Rocha, Armanda de Oliveira, Evangelina Ramos, Maria Pia Carqueja Fuentes (a linda Maria Pia !) Antonietta Gomes Paes, Lilia Pullen, Alice Maia, Vera Van Erven, Violeta Costa Couto, Lili Sabroza, Lelé Araujo, Dinorah Rasteiro e Hercilia Carvalho.

Não ha preferencias sociaes no concurso, que é feito apenas com intuito de saber qual a carioca mais bonita no primeiro anno do seculo.

Está em moda o espartilho, o pavoroso instrumento de supplicio feito de lona, aço e barbatana de baleia, que, durante cerca de oitenta annos, viveu cingindo o busto da mulher, comprimindo-o, deformando-o, compromettendo, com



Marianna Braga
(Premio de belleza em 1901)

isso, visceras importantes, enfermado-as, e, até, provocando a morte; o espartilho que faz a cinturinha de vespa e que sorri da voz avisada dos medicos, do conselho dos sensatos e até das zombarias, dos mo-tejos e da satyra de uma literatura que nunca o defendeu.

— *Ai! Maria, vem depressa,
Desaperta este collete,
Vem correndo, ai! que temo
Estourar como um foguete.*

— *Nhãnhásinha está tão bella!
Mas, emfim, dá tantos ais...
— Oh, espera! Estou bonita?
Pois então aperte mais!*



Maria Carapobus

Estouram, muitas vezes, mas como rojões de lagrimas, que fazem o encanto da vista dos outros. Tempos das saias de baixo: tres, quatro, cinco, seis saias, todas muito compridas, es-condendo, quando soltas, os pés, mas, que se arrepanham com mão direita. Tempo das *laizes*, dos *suraths*, dos *failles*, das nobrezas, dos adamascados, das cassas, dos *pongés*, dos *molmols*, dos *nanzuks*. Começo da reação á bo-tina, á bota de atacar, ao borzeguim de botão, com o apparecimento do abo-tinado e até do sapato para passeio.

tempo das meias rendadas no peito do pé, dos leques, indispensaveis como complemento de uma toilette, das *mittaines*, dos chapéus enormes, cheios de plumas, fitas, flores, frutos e fivellas, que se equilibram sobre cabellos em *coque* e que se prendem por compridos estiletos de metal. Perfumistas do tempo: Gallet, Houbigant e Delletrez.

As boas costureiras chamam-se, aqui, Estoueight, Dumorthout, Dreyfus, Madame Guimarães. Chapeleiras de fama: Douvizy e Barandier. Sapateiros: Ross, Incroyable, Cadette. Cabelleireiros: Schmidt, Chesnau e Doré; Luveiros: Cavanellas e Formosinho.

E' no Casino Fluminense, á rua do Passeio, que a nossa sociedade se reúne, intimamente, quando fóra dos seus salões. Vem dos tempos da familia imperial essa instituição famosa e por ella muito frequentada. Foi no Casino que, um dia, o Conde d'Eu, tendo observado que o grande Rebouças, mestiço de talento, "não encontrava" com quem dansar, porque todas as senhoras por elle tiradas para qualquer contradansa "já tinham par", a elle se dirigiu, dizendo:

— A Princeza Isabel terá um grande prazer em tel-o como par, na primeira valsa, dr. Rebouças!

Teria dito ?



Madame Gustavo da Silveira

Em 1901 os bailes da velha sociedade, que tinham desmerecido, um tanto, durante o primeiro decennio da Republica, retomam o fulgor e o luxo de outrora.

As noites do Casino são feericas. As *toilettes* deslumbram em meio ás luzes e os adornos de um salão que ainda é dos maiores da cidade. Dança-se a valsa, a polka, a quadrilha, a mazurka, o schottisch. Um *carnet* regula os compromissos das dansas. A's vezes, porém, desrespeita-se o *carnet*.

— V. ex. dá-me o prazer desta valsa ?

— Com todo o gosto...

Palavras sacramentaes com que se iniciam os rodopios da velha *Danubio Azul*, da *Patinadores* ou da *Sobre as Ondas*.

O cavalheiro, ao tirar a dama, oferece-lhe o braço. Dança. Quando a musica cessa, passeio obrigatorio dos pares, de braço dado, tesos, solennes, a dois de fundo. E banalidades oportunas:

— Gostou da Berlendi ?

— Prefiro a Palermini. Tem melhor technica de cantar...

— Quando subirá para Petropolis este anno ?

— Em fins de dezembro...

Os cavalheiros dizem essas cousas batendo com o lenço de linho num rosto porejante de suor, o cabello completamente derrubado sobre a testa, o collarinho, já sem brilho, molhadissimo, dobrando no cachaço,



Madame Ottoni

ouvindo as damas que fazem mover, nervosamente, os leques, bufando de calor, esperando o convite da pragmática:



Família Teifé

— V. ex. aceita um calice de licor ? para responderem, logo, aproveitando a vasa:

— Não, prefiro um sorvete de abacaxi...

Não possuímos passeios agradáveis onde se possa espairar umas horas, parques ou jardins propícios á

elite, não existem. A's corridas vae-se, mas não muito. Os caminhos são pessimos, a poeirada é enorme. A Tijuca e o Silvestre são lindos passeios, mas, de



Nicia Silra

difficil accesso para as carruagens que ainda são á tracção animal. Ha trechos á beiramar, como a Praia de Botafogo, que podem ser, talvez, percorridos com delicia, mas. como fazer se as rodas dos *coupés* ou dos *landeaux* dansam na anfractuosidade dos pedregulhos desalinlhados e o *Zephiro putrido*, como dizia a Baroneza de Canindé, vindo da enseiada, ainda *contunde a pituitaria do transeunte* ?

* * *

Nós vamos encontrar o theatre Lyrico, por essa época, já devolvido ao seu antigo esplendor, a *elite* dos tempos de S. Magestade o sr. D. Pedro II deluida ou conjugada á elite republicana do sr. dr. Campos Salles. O theatro, apenas, está mais velho, mais feio, com sua ridicula entrada forrada de espelhos, com uma escada de honra mostrando marcas authenticas de cupim, mal lustrada e requerendo aposentadoria. Pelos corredores mal illuminados a bicos de gaz, que conduzem a *platée*, lembrando tortas e estreitas viellas mouriscas, cruzam, no entanto, espectadores elegantissimos, os *homens*

de casaca, senhoras em grande *decolleté*, cobertas de joias e escandalosamente perfumadas.

No salão do espectáculo o mesmo luxo de *toilettes*, a mesma grandiosidade de aspecto e a pompa de outros tempos. Apenas, nota-se que o mesmo já começa a ser pequeno para a população de uma cidade que continua a dobrar, regularmente, de vinte em vinte annos. Não ha uma frisa, um camarote, uma varanda, uma cadeira ou ponta de galeria, sem o seu espectador, sempre muito elegantemente posto. A sala é feia e velha, mas além de uma acustica magnifica, agrada pela commodidade, verdadeiramente britannica. Assentos amplos, a platéa com cadeiras de braço confortabilissimas, vastos camarotes, com logares até para dez pessoas, ausencia absoluta do que se chama "logares cegos". Até as galerias, onde se installa a estudantada, são amplas e agradaveis. Apenas, ainda são muito irriquietas e gritonas, essas mesmas galerias, conservando a tradição da assuada, do trote, da graçola, da chufa, que vem de tempos que lá vão...

— Oh, gordo, tira a mão da caréca! Cabello não cresce puxando!...

— Senta, Praia Grande!

— Vae-se rifar o magricella da fila C, que não acaba de limpar o monoculo. Quanto dão pelo homem e pelo vidro?



Hortencia Rio Branco

— Olhem só a casaca do barbadão que está passando o lenço no nariz! O defunto era mais gordo!

Certo commendador Guimarães, mettido a elegante, é, particularmente, victima das ensarilhadas galerias, durante uma temporada.



Henrique de Hollanda Cavalcanti

— Commendador das cebolas! gritam os rapazes das galerias, quando descobrem o homem, que acaba, afinal, por só entrar para a platéa depois de começado o espectáculo e saindo mal o panno desce.

Um dia, percebendo os rapazes o manejo do commendador, num intervallo, organizam uma farça interessante. Um delles grita:

— O commendador das cebolas, hoje, ficou! Lá está elle! Lá está!

Mentira! Não está. O commendador não teria tido, jamais, a coragem de ficar. E, outro estudante, dando ao publico a illusão de que se diverte como homem:

— Lá está elle e tonto porque o descobrimos! O' Cebolas! Foge, por que lá vae vaia!

E mais outro:

— Está querendo furtar-se á nossa vista, encolhendo-se todo... Vae se mettendo por debaixo da

cadeira! Lá vaee elle! Ora essa é muito boa! Cebolas, não faça isso!

E, todos:

— Cebolas, não faça isso!

Gargalhadas, gritos, assobios! E os da platéa, em peso, a procurarem, debaixo das cadeiras, o homem que se esconde. . . Cebolas acaba por não apparecer mais no theatro. Nem assim, porém, a rapaziada esquece Cebolas. Nos intervallos o homem, de qualquer fórma, é "reconhecido" e apupado pelas irriquietas bulhentas galerias. Um dia "vêem-no" se esconder, fugindo ás vaías, dentro de um sacco de violoncello, na orchestra; outro dia, Cebolas é um sujeito de *cavaignac* na linha dos camarotes de 2ª classe, que puzera o disfarce capillar só "para fugir ao apupo"!

— E' o Cebolas! Lá está elle, o de *cavaignac*!

Em 1901 o grande empresario é o Sansone, que nos traz a Stinco Palermini, a Livia Berlende, a Lina Cassandro, Innocente, Demitresco, Ardito, Frederici e Didur. Na regencia da orchestra, Anselmi.

Nesse anno levam á scena tres operas brasileiras, duas em reprise « Guarany » e « Schiavo », de Carlos Gomes e uma em *première* — « Saldunes » de Leopoldo Miguez.

Nos annuncios do dia 26 de setembro são estes os preços das localidades, no Lyrico: Frizas e camarotes de 1ª classe, 60\$; de segunda, 40\$; *fauteil* de orchestra e de varanda 12\$; cadeiras de segunda classe 5\$; galerias, 3\$000! Convém observar que os empresarios,

por essa época, pagam o aluguel do theatro (que não é do governo) numa media de conto de réis por espectáculo. E ganham, assim mesmo, rios de dinheiro!

Em 1902, entre outras celebridades, temos a Darcé, que canta a « Bohemia », de Puccini, e Zanatello; em 1903, Caruso, que aqui estréa com *Rigolletto* e canta, depois, com a Carelli, a *Tosca*. Tral-os o empresario Milone. As grandes vozes do mundo, emfim, veem sempre ao Rio de Janeiro, fazerem-se applaudir.

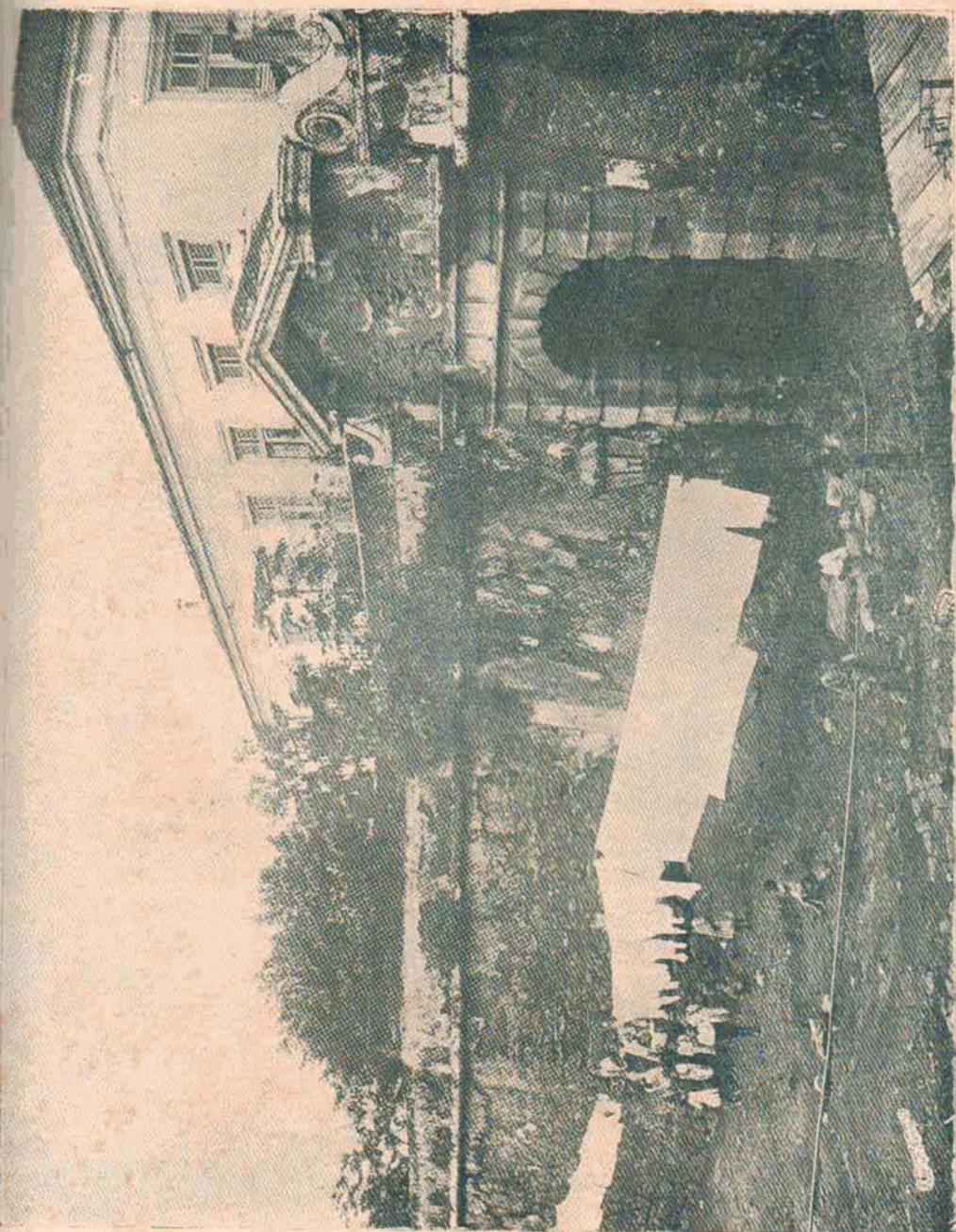
Embora um tanto isolada da vida prosaica e reles da cidade commercial, todo esse mundo elegante vive uma vida elevada e digna, tanto de seu espirito como de sua cultura.

Os salões não são, apenas, cenaculos de polidez e de bom tom, onde se pratica o torneio da phrase entre ademanes e sorrisos, entre casacas, sobrecasacas de bom corte e amaveis, finas e estudadas cortezias, mas, ambientes superiores pelo espirito, artisticamente adornados, onde avultam, ao lado de télas de mestre, de bronzes de nome, o movel de estylo, a porcellana de preço, o *bibelot* raro e antigo, bem como outros objectos de arte e de valor.

A exposição realizada, em 1898, pelo Centro Artístico, assim como os catalogos de leilões que possuímos, todos dessa época, fornecem as melhores



Sanches Pimentel



Castello (entrada do velho forte)



Igreja de Santo Ignacio (Castello)

provas do amor e do acatamento que, pela Arte, por aqui, havia nesse tempo. A existencia do Centro Artístico, que se propunha, pelos meios que a oportunidade aconselhasse, favorecer e dignificar o gosto pelo Bello, no Brasil — e que não teve a vida das rosas de Mallerbe, como talvez se pense, — por si só basta como indice dessa mesma cultura que se creou á revelia das influencias subalternas de uma cidade de mercadores incultos, e de um governo perfeitamente desnacionalizado e displicente.

E já que falamos no Centro Artístico, convém lembrar que á frente d'elle se achavam nomes como os de Olavo Bilac, Coelho Netto, Luiz de Castro, João Lopes Chaves, que eram escriptores e jornalistas; Rodolpho Amoedo Teixeira da Rocha, Morales de los Rios, Bernardelli e Girardet, entre os artistas de artes plasticas; Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno, Alfredo Bevilaqua e Arthur Napoleão, entre os musicos; Henrique Marques de Hollanda,

Chapot Prevost, Eugenio Gudine, Augusto Veguelin, em meio a cavalheiros de poderosa projecção social.

Em grandes salões transbordam as télas de mestres antigos, marmores da melhor procedencia, obras de arte, umas transferidas, depois, para as galerias da nossa E. B. A., outras, para sempre desapa-



Alexandre Gusparini

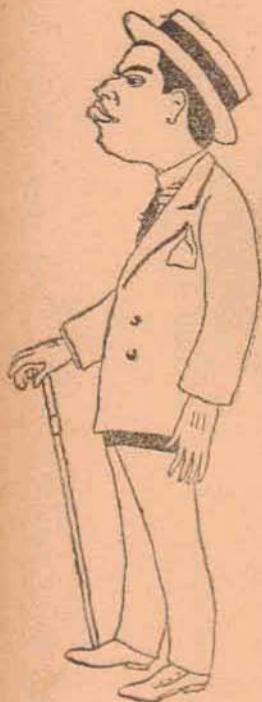
parecidas, como o famoso Rembrandt, obra prima do salão do architecto Bezzi, nas Laranjeiras.

Os pintores da moderna escola, sobretudo os francezes, os italianos e os hespanhóes, são, porém, a *coqueluche* dos amadores desse começo de seculo.

A galeria do barão do Quartim passa por ser uma das melhores da cidade, com os seus Fellipo Carcano, Dal Oca Bianco, Pradilla, Renolló, Morales e Marcini; Honorio Ribeiro possui um Martyrio do Bispo de Verona, attribuido a Domenechino, que é uma maravilha; João do Rego Barros possui grande quantidade de quadros, sobretudo francezes; o retrato de d. Pedro I, por Debret, está na galeria de João Alves Mendes da Silva; o retrato de Bobadella, da autoria de Rina, em casa de Felix Durtain; Fabio Ramos possui quadros de Vinet, Ziem, Willic, Veyrassat; Ubaldino do Amaral possui optimas télas; o barão do Cattete uma bella galeria. Excelente pinacotheca é a de Luiz de Rezende (offertada, depois, á Escola de Bellas Artes). Outras ? Eil-as: a do visconde de Schmidt, a de Fabio Ramos, com os seus magnificos Henner, os seus Vinet, os seus Ziem; a de João Evangelista Vianna; a de José Carlos Rodrigues, com um Greuse admiravel, *La jeune fille a l'agneau*, comprado no leilão Portalis; a de Julio Delage; a de Augusto Weguelin; a de João Duarte; a do conde de Figueiredo; a de Insley Pacheco; a de Luiz Raphael Vieira Souto; a de José Carlos Figueiredo; a do barão de Sampaio Vianna; a de d. Jeronyma de Aguiar; a de Henrique

Bahiana; a de José Avelino Gurgel do Amaral, com Sorolla, Cabanel, Millet, Mignar; a de Francisco Ramos Paes; a de Felinto de Almeida; a de Adalberto Faria a de Calmon Vianna; a do barão Homem de Mello; a de Antonio Azeredo; a de Francisco Pereira Passos; a de André de Oliveira; a de Arthur Napoleão; a de Mauricio Haritoff; a do visconde Taunay; a de Ignacio Porto Alegre. . . Arthur Azevedo, além de uma bella collecção de quadros, possui, ainda, uma notavel collecção de gravuras e aguas fortes, talvez a melhor do Brasil. São ainda colleccionadores do genero: João Alves Mendes da Silva Ramos, Leon Morand e Felinto de Almeida.

Numerosos os colleccionadores de moveis antigos e objectos raros. Carlos Rodrigues possui, ao lado de peças admiraveis, doze paineis esculpidos em estylo Luiz XIII, arrancados á velha Sé de Coimbra (1535, pouco mais ou menos) e restaurados por Verissimo do Porto, que são doze maravilhas! Outro notavel colleccionador é Antonio de Figueiredo, possuidor de varios moveis que pertenceram ao palacio de São Christovão, entre elles, um famoso piano de armario com marchetaria de bronze e as armas de S. M. o imperador d. Pedro I. São ainda colleccionadores de moveis: João Vianna, Augusto Weguelin, Sampaio Vianna, Julio Delage, Honorio Ribeiro, Cunha Vasco, João Alves Mendes da Silva, Francisco Pereira Passos, Luiz da Cunha Feijó, Calmon Vianna, Antonio Aze-



Muniz de Aragão

redo, Visconde Ferreira de Almeida e Viscondessa de Tocantins.

Entre os mais importantes colleccionadores de ceramica estão:

Barão do Cattete, Augusto Weguelin, José Carlos Rodrigues, Aurelio Figueiredo, João Vianna, Visconde Ferreira de Almeida, condessa de Tocantins, Julio Delage, João Rego Barros, Fabio Ramos, Vieira Souto, Honorio Ribeiro, Cunha Vasco, José Carlos de Carvalho, Francisco Pereira Passos, Alves de Britto, Leopoldo Miguez e Avelino Gurgel do Amaral.

A mais bella e a mais rara collecção de porcellanas é a de Othon Leonardos.

Colleccionadores de bronzes e de metal, em geral: João Vianna, Aurelio Figueiredo, condessa de Tocantins, Julio Delage, barão de Sampaio Vianna, Fabio Ramos, João do Rego Barros, Cunha Feijó, Ferreira Araujo, barão do Cattete, Vieira Souto e Francisco Pereira Passos.

Colleccionadores de vidros e crystaes: barão do Cattete, Leopoldo Miguez, Honorio Ribeiro, Calmon Vianna, Aurelio Figueiredo, Francisco Pereira Passos e João Vianna.

Jóias e leques e bibelots colleccionam: a condessa de Tocantins, Francisco Pereira Passos, Barão de Sampaio Vianna, Aurelio de Figueiredo, João Vianna, Leopoldo Miguez, Insley Pacheco, barão do Cattete, José Carlos de Carvalho, Vieira Souto e Julio Delage.

Collecionadores de tecidos e bordados e rendas: condessa de Tocantins, barão do Cattete, Francisco Pereira Passos, Cunha Vasco, José Carlos Rodrigues, João Vianna, João Alves Mendes da Silva.



Gaby Coelho Netto

Collecionadores de outras curiosidades artisticas são, ainda, o barão Sampaio Vianna, barão S. Joaquim: barão Mendes Totta, Custodio Velloso, Lage, Nuno de Andrade Prestes, Sebastião de Pinho, Madame Labat, Visconde Ferreira de Almeida e Salvador Sereno.

Na Exposição Retrospectiva do Centro Artístico, a collecção de J. A. Mendes da Silva, em nove lindas vitrines, já havia, no anno de 1898, deslumbrado o visitante, com as suas porcellanas e suas joias, aos quaes



A valsa

se misturavam estatuetas, camafêos, medalhas, bibelots, miniaturas e mil outros objectos de arte, todos de inestimavel valor.

E os romances dessa sociedade? Ora, romances, afinal, sempre existiram neste mundo, e ainda existem.

Registral-os em serie completa e justa, seria, porém, um tanto fastidioso, porque muitos foram elles. Tantos!

Um deputado moço e bello, grande talento tribunicio, recebe, em sua residencia, o casal L.N. Madame é linda. E de sua voz, quando canta, diz-se que tem o dulçor penetrante de seus olhos profundos, uns grandes olhos escuros e meigos, cheios de intelligencia e de virtude. A *soirée* vae em meio.

A um canto do salão, engalanado e em festa, soluça um piano Pleyel, e, logo, cantando, a voz de Madame, que se ergue, blandiciosamente, como que modulada em seda, a acariciar as almas.

Nessa noite a romanza de Tosti que, ella, em sociedade, repete com frequencia, tem uma plangencia singular...

O politico, extatico, enebria-se e quando terminado o melisono chilro, beija-lhe os dedos, tremulo, num transporte que a todos impressiona... Sente Madame a braza daquelle labio na sua mão avelludada e fria e quasi desfallece de emoção. E' o *coup de foudre*... A flexa certa de Cupido...

Ao fundo da sala enorme, depois disso, elle e ella conversam. Elle enlevado, terno e prasenteiro, ella atonita, tremula e assustada. Junto ao logar em que se acham, pendente da parede, de olhos acarneirados, langues, está um Christo pequeno, de marfim.

Nelle Madame pouza o olhar piedoso, buscando salvação. Madame é piedosissima. Não ha quem mais lôas cante a Nossa Senhora no côro das egrejas, quem mais se confesse, commungue, observando rigorosamente, o preceito christão da Roma papalina.

E' quando Mephisto, o orador da Camara, torna da figurinha eburnea que, junto a ambos se colloca, e põe-se a discorrer sobre a arte do marfim... Vem dos thronos de Salomão e de Penelope, da escola de Dipoene e de Scillis, dos marfinistas de Sicyone. Fala-lhe da cryselephantina e de Bízancio, das 365 portas egreja de Santa Sophia, em Constantinopla. Discute Jesus de marfim, os attribuidos a Benevenuto Cellini, a Durer, a João de Bolonha... Numa rajada eloquente e brilhante vem até aos artistas da materia nos seculos XVII e XVIII. Acaba offertando-lhe a eburnea imagem do Salvador. Que ella o guarde como lembrança daquella romanza que cantou, daquelle minuto prodigioso que elle não esquecerá jamais, daquelle primeiro encontro em seu salão.

— Ora, essa! uma prenda tão rara e tão custosa, Snr. doutor!

Acaba, porém, guardando a prenda, tonta, enlevada, feliz!

O marido, que assiste a tudo, tem confiança na alma christianissima da mulher. E no Christo, que é pae. E protector das almas puras. Christo não abandonará a quem, como ella, por elle vive e se devota e sacrifica, raciocina. E pensa bem. E até ella, Madame, ao deixar a casa do deputado, carrega dentro do coração esta esperança risonha: Christo estará commigo, saberá defender-me, Não me abandonará, nunca! Elle que é pae, é bom e é forte... Não me abandonará, Sei bem!

Christo, porém, abandona-a...

São todos, assim, os Christos de marfim. Não sabem fazer milagres.

Passam dois dias e pelos quatro cantos da cidade v \hat{o} a esta historia, que \acute{e} contada de ouvido a ouvido:

— X. e N. acabam de desaparecer mysteriosamente. Elle, depois de se haver despojado de todos os bens que possuia: objectos, papeis, dinheiro, em favor da esposa abandonada; ella — deixando sobre a secretaria do esposo, que ficou, at \acute{e} as mais insignificantes joias que possuia... Diz-se ainda que tomaram rumo da Europa... Que os levou um navio da Messageries Maritimes...

— E o Christo? perguntam todos.

— O Christo de marfim n \tilde{a} o appareceu na secretaria do marido, entre as joias que ella deixou. Acredita-se que v \hat{a} , tambem, como unico objecto de valor na *corbeille* da raptada...

O Christo, na verdade, tambem seguia, tambem embarcava. E por signal que continuando a n \tilde{a} o fazer milagres...



Alfredo Varella

XI

O cortiço. — Seus exploradores. —
O vendeiro a sua loja e a sua vida.
— Historia de um, historia de todos.
— De caixeiro a socio e de socio a
patrão. — Como se transforma uma
pomba em abutre. — Moradores do
cortiço. Typos curiosos. — O italiano
de realejo e o seu macaco.

Na rua que os poderes publicos desprezam e a repartição de hygiene olvida e desampara, logradouro onde o capim e a tiririca viçam escandalosamente, depois de um muro acalçado, velho, a descascar pelos rebôcos e sobre o qual o garoto vadio traça, ao lado de phrases ignobeis, desenhos de anatomias impudicas, está o portão do cortiço, rude e desmantelado pelo tempo, com a sua lanterna de ferro e vidro, suspensa ao alto, e a sua taboleta torta onde, em caracteres apagados, ainda pôde se ler, numa intenção de annuncio: *Villa Nossa Senhora do Bom Jesus de Braga*. E abaixo desse dizeres, como num arabescado de hieroglyphos, mais este informe: *Tratar com o sr. Antonio Guimarães, á benda da esquina*.

Antonio Guimarães — successor de Ferreira, Guimarães & Cia. — Armazem *Tres Hemispherios*. "Tres"... "Dois" é o da outra esquina. Bizarra interpretação das

porções de uma esphera justificando velha rivalidade commercial.

O Guimarães é o que acolá está, ao fundo do balcão, em mangas de camisa e de tamancas, como num pedestal, dissorando autoridade e importancia, a barba por fazer, a cara por lavar, debaixo de uma sobrançelha que é um caramanchão, attento, policiando a caixeirada activa, uns tres sympathicos e ageis rapazolas de 12 a 16 annos e que elle explora como tres veios de ouro.

Está podre de rico. Cabedaes grossos. Rico de experiencia, tambem. Não sabe ler nem escrever, mas tem scentelha, e, o que é melhor — consciencia de uma mentalidade sem par. Por isso é impermeavel a suggestões e a conselhos. Homem de idéas proprias. E seguras, porque são, todas ellas, aparafusadas no cerebro, para sempre. O que elle acha que é, é o que é mesmo. O resto são historias.

Os seus caixeiros. . . Vejamos o Manoel da Pavôa, o primeiro, o que serve uma genebra ao freguez, o lapis atraz da orelha, leve buço e ar melifluo. . . E' bem um typo de marçano da epoca, com o seu cabello rente, quasi á escovinha, negro, a descer em bico sobre a testa, a sua bochecha corada e as suas tamancas de couro crú. Merece sympathia o meninote e inspira compaixão,

A sua historia é igual á de quasi todo aquelle que, ainda creança, aqui chega, vindo de Portugal. Historia triste.

Porque soffra, na terra mirrada e pobre onde nasceu, frio, descrença e fome, e o pae lhe diga, um dia, que

neste recanto da America o sol é mais intenso, a vida mais farta e o futuro melhor, trepa para um navio, sacco ás costas, e, confiante e tranquillo, deixa que elle o conduza e o encaminhe até nós.

O sacco é pobre, pequeno e vazio. O coração, porém, é cheio de alegrias e doçuras.

O soffrimento fel-o humilde. Bom já era, como o pae, canonizado em vida, na gleba ingrata, pela resignação e pela dôr.

Pobre pae! É pobre creança!

Havia na terra delles um poeta que cantava assim:

*"Ai o lusiada, coitado!
Que vem de tão longe,
Coberto de pó"*

Na hora de embarcar ouviu isto:

— Para com teu patrão, meu rico filho, muita submissão e respeito, que outro não será o que ha de te dar, na falta de teu pae, a mesa, o ensino e o futuro...

Ha uma idade em que no coração os conceitos caem e ficam, como as pedras que se atiram a um poço.

O pequeno arregala os olhinhos meigos, bons, lavados de lagrimas e murmura:

— O pae que o diz é porque o sabe.

Chega á prôa de um vapor, consignado a uma firma commercial qualquer, como um barril de sebo,

um engradado com um porco, uma tina de bacalháo. E, como elle, chegam milhares,

De uma lista de bordo: Antonio Manoel da Silva, Manoel Antonio da Silva, Antonio da Silva Manoel — uma chave, e, adeante, Manoel Antonio Ferreira & Cia. rua do Mercado 204.

Só falta a rubrica commercial — Cif. Rio.

Quando o pobre imigrante ingresa na sordida vendoca onde ha de perder, cedo ou tarde, com as côres do rosto, a innocencia e o character, manchando para sempre aquelle meigo e terno coração que jamais sonhou com a maldade dos homens, o prato que elle encontra, se não é optimo, é, pelo menos, cheio e farto, obra da Rita Ignacia, uma negra de beiçola gorda e mamma vasta, com um lenço de caramujos amarrado, á guisa de trunfa, na cabeça. Na casa em que vae morar o pobre escravo branco já mora, ha muito, a negra escrava, moça, de anca de egua, roliça e cheirando a bodum. Faz o serviço da casa inteira, a desgraçada, mesmo o de ser mãe de todos os filhos do sr. Antonio, uns mulatinhos immundos, farrapentos, que vivem como ophidios sobre o chão, de envolta com a fauna domestica que anda solta pelo quintal e pela moradia: cães, gatos, gallinhas, capados e perús.

Dorme o escravo branco, recém-chegado á terra, sobre uma taboa núa, pousada sobre dois caixotes. Sem travesseiros, sem cobertor. Não tem escova de dentes, nem sabe o que é um naco de sabão, uma toalha ou

um pente. Não lhe ensinam hábitos de asseio. Mostra crostas de sujeira no peito, nos braços, no pescoço.

Quando vai levar as compras no caixotinho, transformado em cabaz, á casa do "sr. doutor", que fica em frente, dizem-lhe sempre:

— Cheiras mal, ó garoto. Quantos banhos tomas por semana?

E elle, coitado, sorri, mostrando os dentes amarellos, carregados de limo, e que lhe mancham a bocca fresca, moça e gentil. . .

Cresce, engorda, assim mesmo. O pé já não entra na tamanca. Com a idade vai aprendendo a conhecer o mundo pela philosophia do patrão. Aprende a roubar, com elle, que, quando trapassa no peso, o dedo na balança e um olho no freguez, diz, repetindo sempre, e de cenho carregado, o que não lhe sáe nunca da bocca:

— Eu cá sou plu direito!

Com esse patrão instrue-se, aprende a burlar e a mentir. Vende o podre por bom. Carne secca ardida por fresca. Café com mistura de milho. Duzentos grammas de vinho em oitocentos de agua dão, sempre, um litro do melhor Alto Douro. Engana-se no troco do freguez, por malicia. Erra nas sommas, calculadamente, sempre e a favor da "casa". No caderno das compras põe 4 em vez de 2, mais tarde, ainda, estica a perna desse 4 e faz



Caixeiro de venda

7, na addição final, não raro dando-lhe valor de 9. A pobre alminha vae-se corrompendo e achando, isso tudo, muito natural.

— O' Sôr Antonio — berra, por vezes, o patrão — nós é que não podemos perder essa banha que rançou. São 20\$! Veja-me ahi uns trinta cadernos de freguezes "mansos", e metta mil reis de banha na conta de cada um.

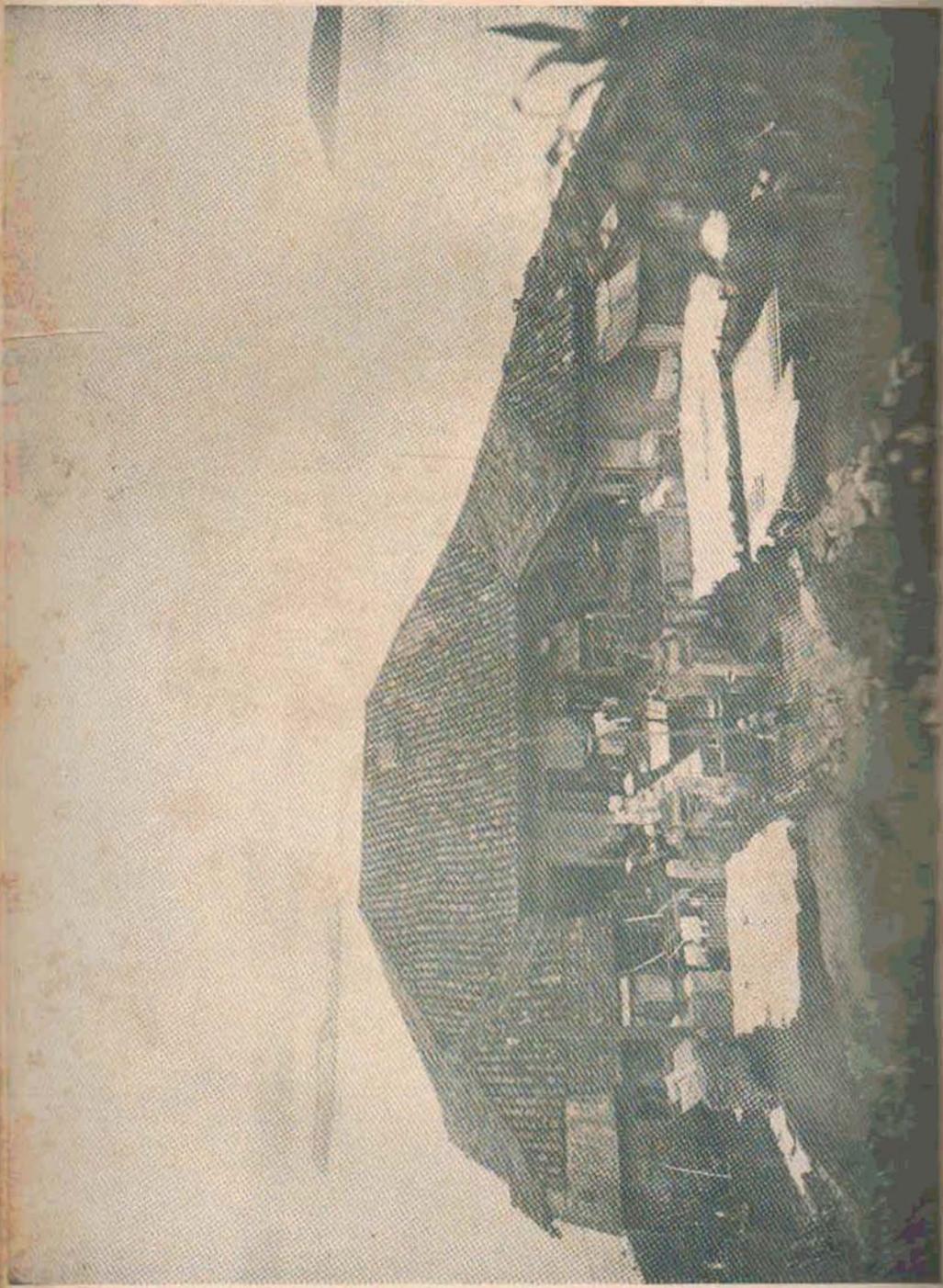
Dos trinta, lesados, oito apenas reclamam contra a malandrice do vendeiro. Da venda dizem que foi engano... Mas sobram, assim mesmo, dois mil réis. Desapparece o prejuizo dos vinte. Se o numero dos protestos augmenta, não dando, o ardil, a somma desejada, nova operação, até cobrir-se, de todo, o prejuizo do taberneiro.

A isso sempre se chamou *diluir*. (E ainda se chama...) "Manso" é o freguez que não protesta. sendo que "brabo" é o gritão, impontual ou caloteiro, freguez de alta consideração, quasi sempre um doutor que anda de tilbury ou caleche e tem assignatura no Theatro Lyrico...

Se o caixeiro pilha, por acaso, o patrão roubando ao socio (quando este existe na casa) e ouve o homem pilhado, dissorando impafia, que está dizendo, mais uma vez: — Eu cá sou plu direito, — instrue-se, tambem, nesse particular, e fica sabendo que é um são principio de honradez lesar-se o socio. E, de tal sorte, que quando chega a interessado, a primeira coisa que faz é lesar o seu velho patrão.



Praca do Castello



THE GREAT ARCHWAY, BANGOR, IRELAND

Aprende a subornar o fiscal da Prefeitura, que lhe applica a multa, aprende a sonegar o imposto. Eximio em todas as burlas, revela, sempre, pericia, desde a maneira de aproveitar uma estampilha, das já servidas, ao modo de fazer uma declaração que seja falsa, das que elle entrega sempre ao homem do fisco, dizendo como o patrão:

— Eu cá sou "plu" direito!

Interessado aos 30 annos, aos 35 ja fazendo parte da firma, dorme ainda numa taboa nua, porém, possui vasta cadeia de relógio, em ouro do Porto, com medalha cravejada de brilhantes. Começa, ahi, a ter barriga, a destrocá o B pelo V, abasileirando a fala, num vocabulario de gíria, pondo de lado o bacalhão e fazendo concessões á farinha de mandioca... Possui um espelhinho de meio palmo, onde mira o bigode lustroso á banha, que enrosca e é um anzolzinho catita, onde se veem dependurar todas as negras e mestiças da vizinhança. De quando em quando vae á delegacia, intimado. Porque ha mães que, apesar de pretas, ainda têm preconceitos de honra e confiança na Policia. Antes, passa pelo bahú, toma de umas librazitas... Tudo ensinado pelo patrão. Na Policia as cousas arranjam-se, depois disso, muito bem.

Apenas, meio rico, mas cheio ainda de ambição e de coragem, propõe ao socio uma separação de sociedade. Recebe uns dinheiros e sãe. Juntando o que recebe ás libras do bahú, monta outra venda, só d'elle. Estabelece-se.



O taberneiro (Caricatura do Raul)

E como aprendeu com o outro a viver e a ser "plu direito", por sua vez, pensando no que foi, manda buscar á terra novos escravos brancos, alminhas puras como a delle foi, para explorar e corromper. E pensa no cortiço.

Porque cortiço e venda andam, geralmente, conjugados. O homem que mora, come. Nada mais natural, portanto, que ver ao pé do leito de dormir, o prato de comer.

E é assim que um dia surge a "Villa Nossa Senhora da Lapa dos Navegantes", que é a estalagem, ao lado do armazem de seccos e molhados de sua propriedade — "O leão da furna". O leão é elle mesmo, leão do commercio, leão de unhas afiadas, muito embora sem juba, monopólio da leôa, a negra, que está ao fundo da venda, a que lhe ferve as "coives" e que lhe paga em filhos côr de castanha o que elle lhe dá em loucuras de amor.



Penetremos o cortiço que se esparrama deante de nós, sujo, feio e miseravel, com a sua tosca linha de casinholos sem luz, sem ar, sem conforto, lembrando minusculos oratorios, com o seu aggressivo cheiro de sabão e a sua morrinha estonteante de suor. Ahi, centenas de infelizes apodrecem ás pilhas, aos montões, numa promiscuidade criminosa.

Não prestar atenção aos brados da garotada irreverente e bulhã, que já nos viu e, assanhada, se reúne em grupo espesso, para nos confundir e nos troçar.

— O' Cartola! (cartola é todo sujeito que usa collarinho ou gravata).



Preta lavadeira

— O' bigode de arame! (allusão aos que, para mantel-o erecto, usam uma famosa pomada que se chama "Hongroise").

— Dá um tostão pra gente!

Que ninguém, sobretudo, cáia na asneira de por a mão no bolso, em gesto de satisfazer tal desejo. Perigo de morte. Pode ficar em cacos.

Além das creanças ha os cães, que reconhecem, logo, os estranhos ao logar, principalmente os de certa categoria, cães que rosnam severos, de soslaio, levantando as orelhas, pondo o rabo entre as pernas e que nos vêm cheirar as calças, muito desconfiados, com ares de quem identifica, com arrogancia e presumpção.

— Isca! péga! Morde elle, Bocca-Negra!

Não ter medo. Cachorro de cortiço é como cachorro de louça em jardim de casa rica — não morde.

Além de innumerous cães, a praga numerosa dos gatos, que ficam pelos beirões do pardieiro, pelo peitoril das janellas das casas, a salvo da guryxada que os maltrata, indolentemente a dormir ou a lamber as patas, descuidados.

Para contruir a pocilga infecta, o ladino empreiteiro lançou mão de material cansado ou antigo: caibros velhos, decrepitos portões, portas em desaprumo, gradis tortos, telhas ennegrecidas pela humidade e pelo tempo. Um montão de remendos. A construção é nova e já cáe aos pedaços. Dá-se, porém, por cima disso tudo, uma valente brochadella de tinta, uma gorgeta ao homem da Prefeitura, e, prompto, ahí está elle, o cortiço, novinho em folha, foco pestilencial, supimpa, onde as epidemias podem dar "rendez-vous" e a Morte, macabramente, dansar o seu grande "sabbat".

Em geral o cortiço é de um unico pavimento: uma portinha e uma janella, uma portinha, uma janella... Ha-os, porém, de dois e mais andares, com uma galeria avarandada, servindo a cada um dos pisos, e uma infallivel grade de madeira pintada de amarello. Este onde penetramos acaçapado e enorme é todo em edificações de um só andar.

Avancemos, porém, mais para o ámago do monstro.

O arruamento é em forma de betesga: casinhas tanto á direita como á esquerda e, ao fundo, fechando-o, uma linha baixa de tabiques onde se installam as immundissimas retretas, sempre repletas e disputa-dissimas. Esse arruamento, todo elle, como largura póde ter, no maximo, obra de nove metros: tres destinados ao transito dos moradores, ao centro, mas transformado sempre em coradouro de roupa e mais tres de cada lado, attribuidos ás residencias e onde se aglomeram, num cháos terrivel: pranchas, cavalletes de madeira, tinas cheias dagua, bacias de enxugar, alguidares para o preparo do anil, táboas, mesas, bancos, cadeiras, todo um mundo de cacarecos, em meio a vasos com tinhorões, tinas com samambaias, gaiolas com passarinhos...

E' ahi, nesse logar exiguo e movimentado, que as lavadeiras batem a roupa e cantam, servindo-se da agua trazida á cabeça e que se vae buscar ao fundo da estalagem, dentro de grandes e sovadas latas, das de kerozene. "Roupa batida, roupa cantada" porque é destino das lavadeiras lavar cantando. A roupa

branqueja em pilhas e trouxas, sobre as pranchas pousadas em cavalletes ou espalhadas pelo chão. Lavada, e, depois, torcida, é posta em cordas ou em esticados arames, que vão de casa a casa, cada um com a marca do seu proprietario e que bambús altissimos, levantam.

Se é feia, a betesga, e immunda, na sua confusão de sordidos objectos, não deixa deser pittoresca quando as roupas pelas cordas, suspensas á viração, ficam borboleteando no ar. Lembra uma galera enorme, armáda em grande gala, impando ao vento e a sacudir no espaço, intercadentemente, galhardetes e flammulas. Nem a cordoalha falta, completando a alviçareira não. Cada bambú é um mastaréo. . .

Sob o tremular dos pannos que gottejam de cima, o movimento de vae-vem dos moradores, em baixo, numa agitação continua e rumorosa. Gente de varias raças e de todas as côres: pretas creoulas de saias rodadas e cachimbos de barro, pendendo de enormes bocas, portuguezas sobrancehudas e vermelhas, de braços grossos e peitarra forte, mulatinhas flébeis, de ar androgyno e ademanes sentimentaes, italianos, hespanhóes, allemães, syrios, chins. . .

Para os moradores, os portuguezes são os "abacaxis" ou os "gallegos"; chama-se "carcamanos" ou "malacachetas" aos italianos. Os allemães são "choucrutas", os syrios "turcos", os francezes, quando os ha — rarissimos —, são "franciús", e as mulheres, em

geral, desde que não sejam brasileiras ou portuguesas são sempre "madamas".



Lavadeira

E' uma Babel enorme!

E essa gente toda a fallar, a sorrir, a se mexer. Aqui berra um, alli discute outro, um terceiro, adeante, assobia. Mais longe um outro resinga, berra, discute e briga.

Creanças soltas, como demonios, passam correndo, desabridamente, por entre bambús e tinas, não raro sobre a propria roupa posta, no chão, ao sol, a corar.

— Menino desgraçado! Deixa-te estar, que eu vou contar a tua mãe. . . ! Pisando o meu trabalho! Moleque sem vergonha!

Assim falla uma pobre lavadeira, obrigada a pôr, de novo, nagua, uma peça de roupa que o pé immundo do garoto sujou.

A' bulha das creanças, junta-se o ruido dos pregões. Lá vem a preta que vende o amendoim torrado.

— O'...lha ú...amendoim... torrardim... torrardim!..

Depois é o mascate batendo a sua vara. Passam o vendedor de mocotó, o doceiro de caixa, em geral e tocando uma especie de pifano, quando não bate uma especie de matraca; o vendedor de angú, o "turco" que vende cigarros, charutos, phosphoros e miudezas, o homem da cangiquinha quente, o da puxapuxa e das cocadas, o amolador de facas, de thesouras e de canivetes. Os garotos, alegres, ante a chegada desses ultimos, exultam, assanhados, como as moscas que sentem o assucar, formando enxames em torno.

Até o vendedor do "gasparinho da sorte" busca a freguezia do cortiço.

— Anda amanhã a roda! E' o 3545! O ultimo!

Mentira. Traz uns 15 ou 20 bilhetes eguaes, no bolso. Vende a "sorte grande" e vende o "bicho"; vende "grupos", "unidades", "dezenas" e "centenas", que vae "descarregar" á venda do Antonio que, por

sua vez descarrega, depois, na casa Labanca ou na Casa do Seabra, á rua do Ouvidor.

Esse homem, por vezes, traz no bolso uns bilhetes de rifa, ACÇÃO ENTRE AMIGOS, correndo pelo final do numero relativo ao primeiro premio da loteria e que são vendidos a 100 e 200 réis, tombola de pequeninas utilidades, geralmente em segunda mão.

ACÇÃO ENTRE AMIGOS	
Rs. 200	N. 551
Annexa á loteria da Capital Federal a correr no dia 30 de maio de 1903	
INTRAN SFERIVEL	
PREMIO	
Um relógio de nickel REMONTOIR com um pequeno defeito.	

— Póde se saber qual é o pequeno defeito do relógio, moço?

— Pequenissimo. A gente dá, nelle, corda e elle não anda...

Dessas figuras que entram no cortiço, nenhuma, porém, é tão querida e desejada como a do tocador de realejo. O tocador com o seu macaco... O instrumentista é sempre italiano, da Calabria. Usa uma roupa de velludo e, sobre a cabeça, um chapéo de castôr sujo, velho e em fórma de funil. O instrumento está dependurado sobre o ventre, preso a uma correia

enorme, que lhe morre nas costas. E o simio fulvo, de cauda em S, magro, irrequieto, nervoso, ora sobre o seu hombro, aos saltos, ora por sobre a caixa do instrumento, guinchando, piscando os olhos e fazendo caretas.

Já as creanças que deixaram os doceiros estão em torno ao animal, atormentando-o com esgares, com assobios, com berros, com objectos minusculos que lhe atiram, traquinas, e fogosas, apenas domadas pelo olho do italiano, severo e attento, que está movendo a manivella de metal.

Como repertorio traz, apenas, tres peças o instrumento tristissimo: a "Lucia de Lammermoor", "Mamma mia", canção napolitana, e, para arrancar as entranhas á mulatinha sentimental que acha o italiano "o homem mais lindo do mundo", a serenata de Schubert, que elle toca em andamento de marcha funebre, o olho preto, debruado de olheiras, posto no pires da gorgeta, que o macaquinho vive apresentando a todos, e que, depois, se enche, fartamente, de nickeis ou vintens.

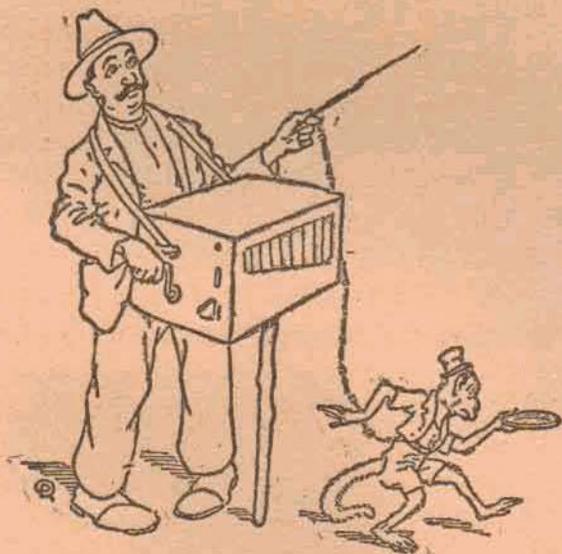
O mulherio que trabalha na roupa, batendo-a, esfregando-a, a fallar, a sorrir e a cantar, enlevado, então, concentra-se para ouvir a toada lyrica e dolente, que soluça, e passa de leve, abemolada e choramingas, avivando tristezas, acariciando saudades.

Cerram-se labios de emoção, transidos. As arterias latejam de vagar. Não raro, as cafusas romanticas deixam cair da palpebra trememente uma lagrima fria,

olhos postos no céu, mas sem vê-lo, porque o que ellas vêem, afastadas do mundo, muito longe, distantes, é sempre o quadro de uma lembrança carinhosa, que a alma lhes enche de saudade, recordação que ao mesmo tempo é soffredora e amavel, como aquelle

"doce pungir de acerbo espinho"

de que falla o Garrett.



O homem do realejo e o seu macaco

XII

Vida do cortiço.—O typo do malandro.—Giria caricca.—Cantadores de violão, em familia.—Quarto a defunto.—Casamento de pobre.—Anniversarios natalicios.—Bailaricos de estalagem.—Foguetes e balões.—Má lingua.—Brigas.—A hora do guarda nocturno...

Após o jacto lyrico do homem do realejo que abandona o cortiço, as cantigas, de novo, que resurgem da alma afflicta, cheias de melancholia e de saudade.

São portuguezas expectorando fados:

*O' minha mãe, minha mãe.
Quesada cum mô páe...*

São mestiças estropiando melodias em voga:

*A sombria
De enorme e frondosia
Manguêra,
Na bêra da estrada
Da tarde ao cahí...*

Não duram, emtanto, muito, as toadas lugubres que o realejo açulara, que, no pobre, a alegria congenita reage.

Por isso, as canções vão se alegrando, aos poucos. — Cascallham risos. Gargalhadas aqui e ali repontam, francas e escandalosas. Referve a bulha das crianças, das roupas batidas pelas taboas. Assobios. Falas. Gritos: — D. Maria! — Cá vou eu. . . Berros: — Bastião! — Não sou surdo, já ouvi! E o formigueiro humano que se apinha, de novo, movimentado e activo, agitado e feliz, em barafunda plena de vida e de estridor.

Ninguém ouve, no fundo das baiucas, em que jazem, os pobres tuberculosos cheios de tosses e de presentimentos, brancos, magros, tristíssimos, mirando as unhas rôxas ou de olhos postos sobre a roupa nas cordas altaneiras, como acenos fatidicos do mundo, em adeuses febris, desenrolada no ar. Lá estão elles por sobre os leitos simples, sacudindo os thorax franzinos, cheios de tosse e medo, receando a morte.

— Pedróca, dê um pulo, depressa, na pharmacia de seu Quincas, e peça a elle para mandar um tostão de agua de flôr, para tosse. Vá correndo!

Agua de flôr para tosse!

Por causa de miserias como esta é que Manduca da Praia repinica o violão e canta com chiste a solfa gaiata do

*Ai ladrãozinho
Esse teu labio de coral
(Tem dó)
Dá-me um beijinho
Não te pôde fazer mal
(Um só)!*

Manduca da Praia *trepa na goiabeira*, o que vale dizer que é um tanto *cabra*. Mostra a cabelleira encaracolada, cahida sobre a testa marron, paletot de um só botão, fechando em baixo, calças de linho, brancas, duras á força de gomma e de trincaal, faixa e o luxo de umas botinas inteiriças, das de elastico, das chamadas "reunas" de "sarto arto" e sempre furiosamente engraxadas. No pescoço, lenço de *faille* azul. . . Relogio com *chatelaine* de cabelo no bolso da calça e um chapéozinho "tres pancadas", batido em toldo de barraca, sobre a linha dos olhos.

Manduca da Praia anda como um marreco, rebolando o trazeiro, agitando o abombachado das calças, o violão sempre na unha. Tresanda a Agua Florida e a Chlorilopse do Japão, e, se por acaso ri, mostra uma bôcca larga, feia, cheia de dentes podres e onde se espeta um palito novo ao lado do cigarro, sempre apagado e mole de saliva. . . Vive á custa da pobre mãe, que lava e engomma para fóra, que lhe dá casa e comida, só não lhe pagando o vicio do fumo, da bebidinha e da boa fatiota que elle vae buscar na rua S. Jorge, á casa de rotula de uma franceza velha e gorda, que cheira a alfazema e que, por causa d'elle, já se quiz suicidar tres vezes, ingerindo acido phenico. Os jornaes deram. . .

Na estalagem ha tambem quem por elle seja capaz de tanto, a Candoca, por exemplo, uma solteirona, que tem um nariz enorme, nariz de pelicano, já com o seu pé na casa dos quarenta e que não sáe

do antro da Laura, a feiticeira hespanhola, que põe cartas e que, como ninguém, sabe accender paixões em peitos frios, "amarrar namorados" e pôr homens em bom caminho".



Cantor de modinhas (des. de J. Carlos)

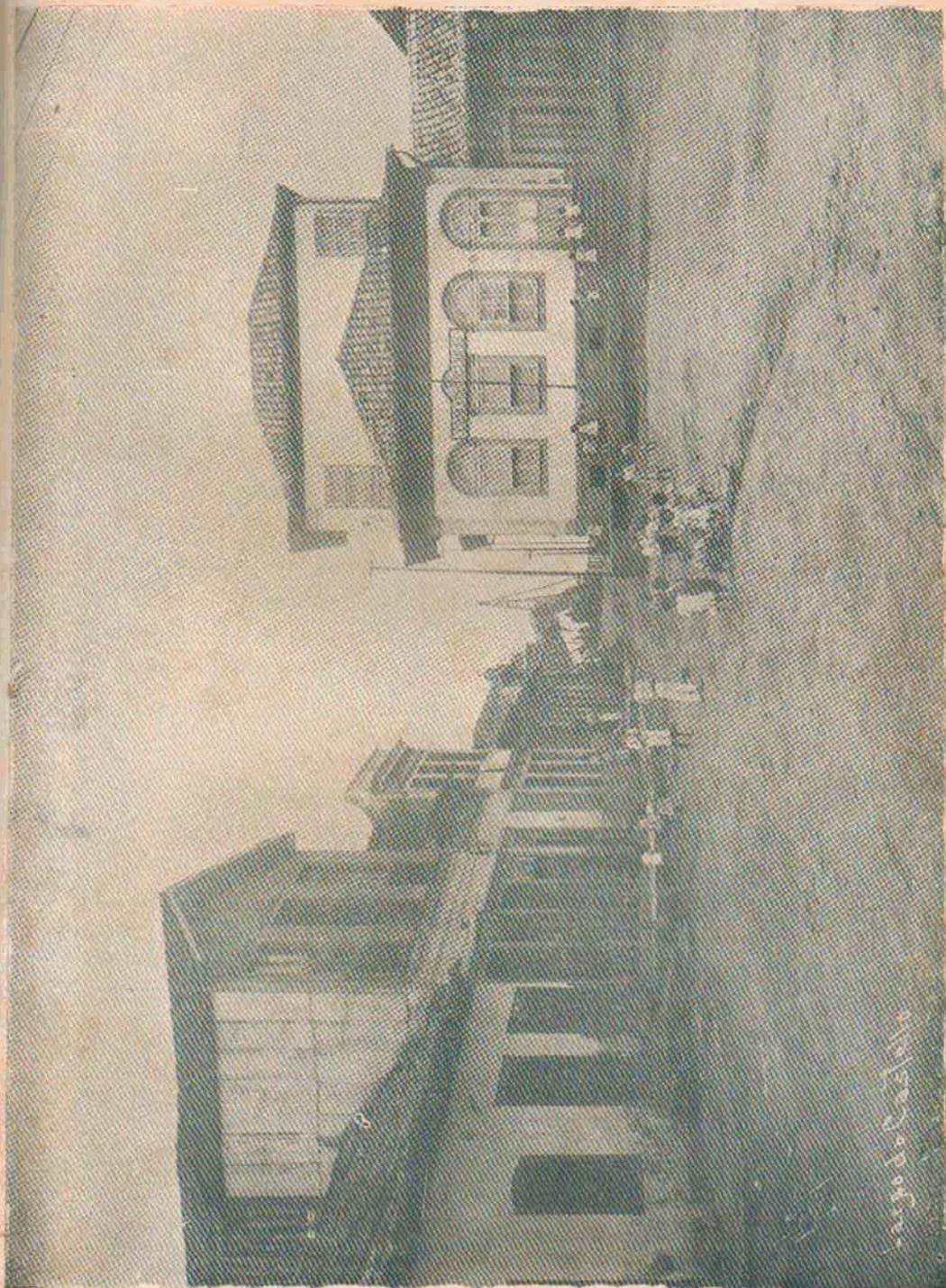
Não arranja nada. Pudera!

A italiana do 22 é que diz bem, desculpando a feiticeira e o seu feitiço:

— *“Con quel naso de carnavaie non se può far niente. . .*

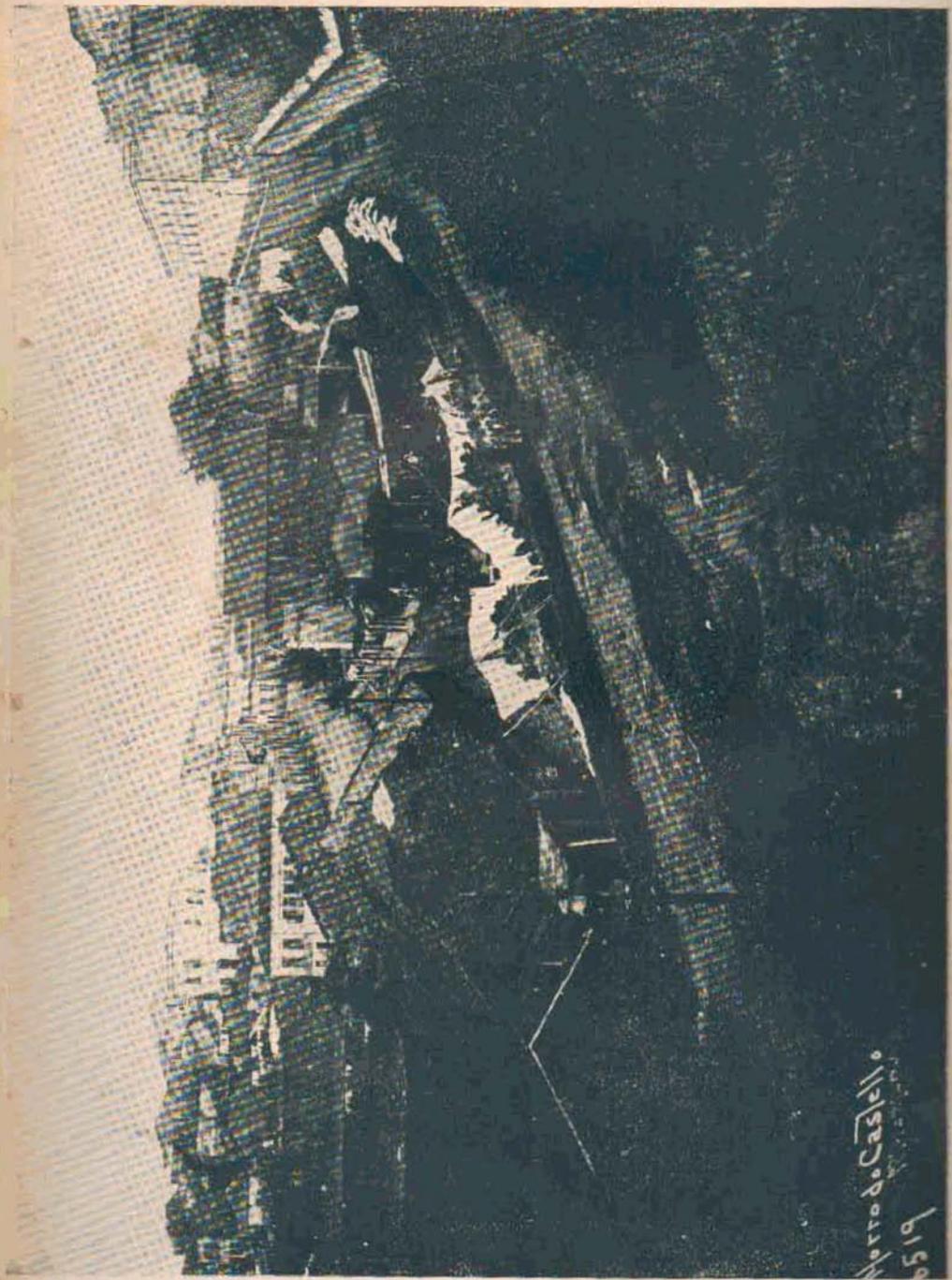
Não se póde, na verdade.

Chega às sete da manhã no cortiço, Manduca da Praia, vindo da “teorga”, para dormir. Ronca até



Largo do Castelo

Castelo Branco



Castello di Caselle
1919

muito depois do meio dia. Come, veste-se e vae embora. Quando elle parte, maneiroso e gentil, cantarolando, alegre, o "pinho" entre os dedos, saudando os conhecidos do cortiço — *Bá tarde!* . . . muito orgulhoso das suas calças brancas, da sua bipartida gaforinha, ha um movimento de admiração que o envolve e acaricia. Gabam-lhe a voz, o violão, o bom côrte do terno feito na *Thesoura de Prata* á rua da Saude. . . — Que elegancia! diz-se.

Na verdade, só o prestigio daquellas botinas bruidas e fulgurantes como dois sóes. . .

Por vezes, dando-se á importancia, pára conversando no pateo da estalagem, ora com um, ora com outro. Fala em gyria carioca, num estylo vivaz, cheio sempre de imagens imprevistas:

— *Sahia eu, honte, de tardinha, do chatô para ir ao choro do Madruga, no Agrião, quando risca na minha frente um cujo, meio çarará e que eu me recordei de haver estragado n'um dia de festa no arraial da Penha por motivo de Ermelinda que então vevia commigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer sua defferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os argumentos. Sacudi longe o pinho, e, sem tomar aragem, dansei de velho e fui, logo, cascando o quengo na caixa do catarro do bruto, que elle teve que sair barra a fóra, vestido de fato inteiro, indo accommodar os ossos na limpeza da calçada. Virou cobra, e cresceu para mim, de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando lhe senti, nos dedos, o brilho da sardinha. Elle*

que queria era me cortá! Enguli barriga. Cocei-me achando logo a ferramenta, levantei o rabo do córte e puz-me de guarda á espera do avanço. . . Veiu de caveira. Marrombei, calcei o bicho. Não caiu. Ahí, sem abusar do ferro, mandei-lhe um bahiano, só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quasi matei o home?! Caiu de borco. E quando eu lhe perguntei: — então? seu Jagodes, você sconfiou? encolheu de caramujo e sortou a cusparada. Olvidei a offensa e disse para elle: — Não dou em home deitado. Se você não aguenta o tranco diga, que eu vou me embora. Cuspiu de novo. Vi sangue. Vôte! E' quando pega de ajuntar gente. E uns geitos de "não pôde". Depois meganha. Fui saindo de barriga, e, quando o grillo estrilou, abri o arco e cahi no mundo. Na minha meia hora vou longe, que eu sou do povo da lyra e tenho o corpo fechado.

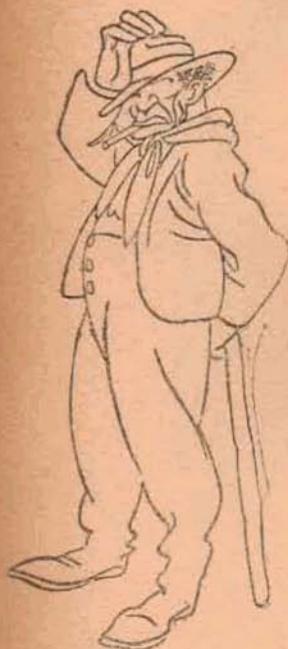
Manduca é o typo perfeito e acabado do capadocio de alcouce, rufião seresteiro, com nome, fama e gloria nos conflictos da zona do femeaço, entre fuzileiros navaes e guardas da policia. Sampaio Ferraz deportou capoeiras, mas não extinguiu a capoeiragem. Em 1901, no Largo do Moura, como em certos capinzaes de Catumby, do Rio Comprido e São Christovão, o *sport* condemnado ainda se pratica e floresce. Os seresteiros que frequentam os lupanares de S. Jorge, Regente e Nuncio, ali dão *rendez-vous*, aprendendo, em cursos ao ar livre, a maneira de applicar um bom "rabo de arraia", passar uma "rasteira," uma "trave" ou outras figuras classicas do jogo de agi-

lidade nacional. Sempre a sciencia desse *sport*, deu, aos homens, valor dobrado. Por isso vive Manduca abusando do jogo e creando casos com a Policia. Felizmente a Politica salva-o.

Manduca da Praia, por calculo, é cabo eleitoral do partido do governo e sua escora nos collegios eleitoraes, onde comparece sempre eriçado de facas, de navalhas e de cédulas, um quebra-queixo a fumegar na bôca, na mão vasto cajado de Petropolis, nodoso e forte, marreta do officio, que, ás vezes, *varre até onde acaba a casa*, garantindo com a vontade do partido o que elle chama a *soberania nacioná*. Cada eleição rende-lhe algum dinheiro, *uns póses*, como elle diz. Na semana em que ha voto, a franceza do Manduca passa a ser caixa do partido. A *Thesoura de Prata* recebe, logo, *encommenda* de mais um terno. . .

Manduca da Praia, ao deixar o cortiço, deixa, sempre, a pobre mãe, que se encharca na agua da tina, toda babada de satisfação e de vaidade. Por vezes, sorrindo vaidosamente, conta ella:

— O pae (Deus que lhe fale n'alma) já era, como elle, assim. Quem sáe aos seus "não diz asneira". Que o fallecido podia andar sem um tostão no bolso, mas, relaxar a sua camisa de peito duro, a sua calça de listrão, e o seu pé de verniz? . . . Pois sim! Eu que o diga, D. Emilia, eu que arrancava ao fundo da tina o dinheiro para aquillo tudo. Com o *suó* de meu rosto! Mas, que *qué*? Afinal *di conta* elles são moços, querem *se adiverti*. . .



Morador de cortiço
(des. de J. Carlos)

A capadoçagem do cortiço, porém, apresenta outros typos interessantes. Na casa III, por exemplo, mora Virgolino, o "Cospe-longe", campeão do cuspo á distancia, amigo do Eduardo das Neves, negro palhaço, gloria da modinha brasileira, autor da famosa ode a Santos Dumont.

"A Europa curvou-se ante o Brasil".

"Cospe-longe" é "familia". Não usa francezas. Não conhece fumaças de lutador. E' tranquillo, tem até callos. Não sabe dar um *rabo de arraia* e, como arma, conhece, apenas, um canivettino de madreperola, que guarda no bolso da calça e que lhe serve para cortar e afiar uma enormissima unha, fazendo *pendant* com um signal de cabelo que elle traz ao lado esquerdo do rosto. E' loquaz. Loquacissimo. Fala em voz alta, cataduposamente, berrando, exhibindo-se, mas, quando as coisas tocam ás raias da violencia, recúa, contemporisa, mettendo-se, sem demora, no caminho da paz. . .

Contínuo do Thesouro, realiza um grande ideal na vida — aliás o de todo bom brasileiro — tal o de ser empregado publico e não ir á repartição.

Sua extrema palrice guindou-o ao propecto cargo de orador official do Gremio recreativo dramatico, carnavalesco, beneficente e familiar *Terror das criolas do Morro do Pinto*. "Cospe-lonje", certa vez, saudando alguns reporters que foram visitar a alegre

agregiação, em um dia de carnaval, dizem que, desta maneira terminou um dos seus bestialógicos:

— ... assim, na colidade de oradô officiá desta sociedade congenerere, eu também ergo a minha derbil taça pra sodá os arrerepresentante da imprensa (mostra na mão, ahi, um canecão de folha, pleno de cachaça) desejando que a caulda (quer dizer cauda) do Deus Momo (pensar que o gremio também é carnavalesco) se aderrame sobre vossas cabeças como. . . um. . . chuweiro. . . de. . . petalas. . . de. . . rosas!

No genero desse maravilhoso discurso só o que um companheiro nosso, posteriormente, ouviu de um pobre pae, homem da privança e da intimidade desses nucleos recreativos, no dia do casamento da filha, pela hora da sobremesa do banquete nupcial, a taça levantada para a innocente moça, quasi desaparecida sob a vastidão de um véo branco, todo recamado de flôres de laranjeiras:

— E, agora, filha das minhas entranhas, suspiro candido de minha alma, que nunca sejas tu, jamais, em tempo algum, obrigada a arrastar esse véo puro, branco e immaculado de donzella na. . . lama. . . putrida. . . da. . . prostituição!

E já que se recordam alguns surtos de pittoresco dessa sociedade modesta e amavel, quasi sempre com raiz no cortiço, que se relate, ainda, o que se passou num gremio da rua do Cattete, associação identica,

no genero, á do club morropintense, do qual é orador official Virgolino, o "Cospe-longe".

Os socios tinham organizado um *pic-nic* na bahia de Guanabara e achavam-se reunidos para dar as ultimas providencias sobre a folgança em projecto. Num dado momento, quando se vae dissolver a reunião, um associado que se levanta e indaga:

— *Já que estomo cumbinado que o "pic-nic" será na Iha do Fundão, e que o pessoá terá que embarcá todo, no Pharoux, nas lanchas Orga e Mariquinha, percisa de sabê, sr. presidente, quar é o itinerario. . .*

O presidente levantou logo a sessão, informando solennemente ao associado:

— *O itinerario já foi discutido na asseblêa passada. O itinerario é: — carça branca, dôrma branco e chapéo de paia com fita azur. . .*

Volvamos, porém, á figura *sympathica* do Virgolino, pardavasco cincoentão e falador, na intimidade do cortiço, por um daquelles dias de sueto e violão, sentado á porta do cubiculo onde se ensardinha, na hora de dormir, em companhia da mulher, da velha mãe, ambas lavadeiras, e nove filhos, dos quaes o mais velho é um gury de nove annos.

Está em mangas de camisa, despenteado, apenas com a sua unha de palmoe meio, muito bem tratada, e o seu signal de cabello, bem marcado, rebrilhando num vasto banho de vaselina. Tráz calças de algodãozinho que lembram um mappa geographico, tal

o numero exaggerado de remendos que reúne. Nos pés, chinellos *cara de gato*. Fuma, cospe e toca violão.

Bom será, porém, ouvi-lo cantar, porque o homem é originalissimo quando canta, ao mesmo tempo conversando, discutindo e brigando com a familia.

Junto ao banco em que elle está sentado vê-se uma mesa, e, sobre ella, uma garrafa de paraty, mas desacompanhada de calice ou de copo.

"Cospe-longe" ataca a modinha de sua predilecção:

Helena, ingrata,
morena fria...

Olha, de repente, a garrafa do alcool, solitaria e convidativa, e solta um berro interrompendo a toada lyrica:

— *Muié, pois você bôta paraty e não bôta canêco?*
Cadê elle?

A mulher que lava, distante, não ouve a reclamação do marido, que retoma, insensivelmente, o fio do seu cantar:

Teu riso mata,
Teu labio acaricia...

De novo se interrompe. Agora é para falar com o filho, pequeno de 7 annos:

— *O' Antonico desgraçado! Desce dessa tina, diabo,*
Tu que virá de catrambias pra ficá logo lejado de uma

perna? Menino ruindade! Já te assentando-te aqui! ao lado de teu pae, senão tu leva uns tabefes pela cara, que te espinafra todo! Raça de cachorro!

... Meu peito ardia
De fogo e de paixão...

Mas, exaltando-se, suspende ainda o pensamento melodico que entôa, olhando as orelhas e o pescoço do filho, muito espantado:

— Antonico, sem vergonha! O' creança mais desgraçada! Oie só! Pois não é que esse menino lava a cara mas não lava a oreia! Onde se viu isso? Vá já se lavá direito na tina, seu purcaria, enquanto não lhe assento com o violão pelas fussas!

E, continuando, a cantar:

A lua de prata
No céu se accendia!

Pára. Cóspe. E como não veja o caneco do paraty que reclamou, esbraveja, de novo, agora com a mulher:

— Floripes, burra de muié, onde está esse caneco que ainda aqui não chegou? Tu não ouve?

O caneco chega, afinal, entre os resmungos da mulher, que vem do tanque. E' quando elle retoma, justamente, o primeiro verso da modinha, recomeçando-a:

"Helena ingrata
Morena fria.



Doceiro de caixa

Essa curiosa scena continúa, o homem tocando, cantando, a brigar ao mesmo tempo com os filhos, a reclamar coisas da mulher, dizendo amabilidades, aos que passam, encommendando ao padeiro que chega:

— *Olhe, seu Bernardino, logo de noite, me traga tres de biscoito quebrado, um tostão de rosca e um meio napoleão de Petropis...*

Sem esquecer a toada, sem modificar a sequencia natural do verso, lá vae elle, com tremulos na voz, berrando o canto amargurado, só parando, de vez, quando o garoto, seu filho, que insiste em trepar pela tina, resvala caindo com a cara dentro do alguidar do anil.

Ahi, numa attitude de desespero, atirando o violão para um canto, a garrafa do paraty para outro, é que berra, como remate áquella audição familiar:

— *Raio de vida! Um home nem pôde ficá um dia em casa pra móde tocá seu violão, descançado!*

A colera que revela, porém, desfaz-se subito, olhando a cara do gury, toda azul e sentindo, em torno, a alegria da garotada, que se agita e bate palmas, divertida com o espectáculo. Deante das gargalhadas que espoucam, vêm as lavadeiras saber do que se trata. E riem todos, gostosamente, saboreando o caso...

E' nesse momento que a Adelaide, portugueza, vem informar, cheia de emoção e de pasmo, que o Chico, da casa IX, que estava nas ultimas, já está de olho vidrado e com a vela na mão...



Lavadeira de cortiço
des. de Resul

A sinistra noticia corre de bôca em bôca. As lavadeiras não cantam mais. Cessa a roupa de bater. Emmudecem as creanças. Os proprios cães, impressionados com aquella vaga de silencio, põem as orelhas em pé. Faz-se uma romaria á casa do moribundo. E todos querem ver o Chico, que estrebucha, despedindo-se da vida, o olho vago num Christo de madeira, a sua vela de cêra na mão. Porta e janella da casinhola triste onde elle morre estão abertas de par a par. A massa dos moradores do cortiço aproveita e invade-a. Enche-a literalmente. Ha gente cercando o leito, trepada em bancos, em cadeiras, até pelos parapeitos das janellas. E o Chico vae, não vae, o olho fosco, a bôca aberta e o pernil já de todo esticado. . .

E cada vez mais gente para cheirar a scena, para assistir ao espectáculo: dez, vinte, oitenta pessoas! E' o cortiço inteiro! Empurrão daqui, empurrão dacolá. De repente, uma voz esganiçada de mulher que berra, como a pugnar por um direito:

— Que diabo! Não empurre! Que eu tambem quero ver!

Essa gente morre, é verdade; porém se diverte. Diverte-se até fazendo quarto ao defunto.

Para velar um morto que está na sua alcova, de mãos postas sobre o peito, um lenço a lhe amarrar

os queixos, vae ella, em sucia, para o terreiro da estalagem, palrar, beber, discutir. . .

— Vezes, deante da barulheira que provocam os risos e até as escandalosas gargalhadas, um parente do que morreu vem á porta do cubiculo saber de que se trata.

— Nada, é *uma* que o Bento acaba de contar, mas das boas. A historia do rei que ganhou um cesto de abacaxis. . .

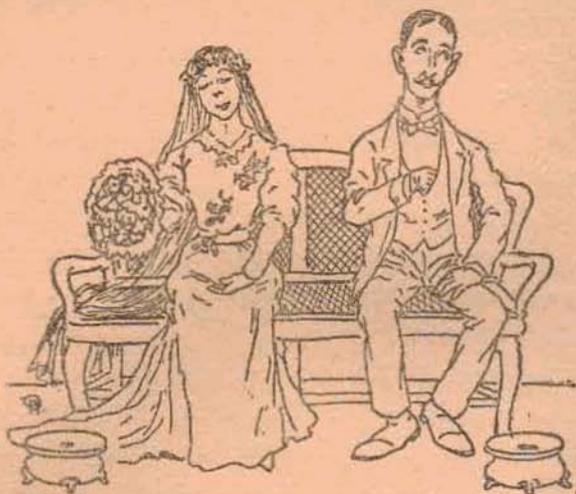
E todos, recordando os detalhes picarescos da anecdotia:

— Qua! qua! qua! qua! qua! qua! qua!
Muito boa!

Talvez haja menos bulha, menos alegria pelas festas em que os habitantes do cortiço commemoram datas de anniversario natalicio, baptisados e casamentos. Talvez.

Na porta do XI, D. Euphrasia cása a Miloca com certo Luiz, vulgo "Lua cheia" empregado da companhia do Gaz. Engalanou-se, por isso, a minuscula morada da noiva. Lá estão os noivos no aposento principal, sentados num sofá de palhinha, á espera dos cumprimentos, das felicitações e dos convidados. Desde que chegaram da pretoria e da igreja que se conservam na attitude espectral em que se acham: elle, de preto, gravata branca e umas luvas brancas, sujas, velhas, evidentemente emprestadas, na mão esquerda, que repousa sobre a coxa, pondo a

direita, napoleonicamente, enfiada na abertura do collete; ella, com uma corôa de flôres de laranjeira, no seu vestido de cassa branca, coberta por uma especie de cortinado de filó branco, caído, e que se fecha até os pés, deixando passar, apenas, em riste, um braço duro, mostrando a mão que aperta, firme, um *bouquet*, tambem de flôres de laranjeira, na attitude em que



Noivos á espera de cumprimentos

o rei de copas segura o sceptro. . . Immoveis, hirtos e solennes, esses vultos silenciosos e tranquillos assim ficam a noite inteira. São dois noivos de páo. Ou de pedra. Não falam. Não sorriem. E' o protocollo. . .

Só quando chega um convidado para saudal-os é que essas estatuas vivas movem-se um pouco. A noiva, ahi, avança a mão que lhe sobra no serviço de segurar o *bouquet*, o noivo, os dedos que lhe restam no trabalho de segurar as luvas. Não se levantam, porém. Ainda é o protocollo.

— Meus parabens! diz o convidado.

E os dois juntos, certinhos, numa identica inflexão de voz que parece sair do proprio sofá em que se sentam:

— Muito . . . agradecido . . .

Quando as creanças se baptisam ha sempre jantares obrigados a canja de gallinha e porco com farofia. Arma-se no terreiro a mesa das refeições. Come-se sem paletot, num só prato, todas as iguarias, até a sobremesa, o infallivel doce de côco. . . E' nesse momento que a dona da casa abre uma garrafa de vinho fino, do Porto, que é o champagne dos pobres, não sem chamar a attenção de todos para a mesma:

— Olhem esta! Adriano Ramos Pinto, do legitimo! . . . mil e oitocentos a garrafa! E é por sermos, nós, freguezes do sr. Antonio; que, por ahi, pedem mil e novecentos e até dois mil réis!

Essas festas acabam sempre em bebedeira, a bebedeira em rôlo, e o rôlo em Policia.

As commemorações de anniversario valem, outro sim, por festas interessantes.

Dona Finoca faz annos? Já o *Jornal do Brasil*, pela manhã, na secção a pedidos, annunciou, como se usa na época:

5. V. 1901

"Os passarinhos alegres ao romper da aurora do dia de hoje cantarão no poleiro da Amizade, saudando d. Felismina da Conceição (Finoca) que hoje colhe mais uma cheirosa flor no jardim de sua preciosa existencia.

Salve 5 de maio de 1901!!!

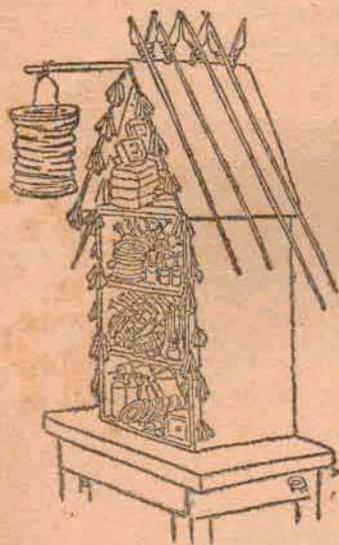
D. Finoca, que tem recortado o pedacinho do jornal para botar num quadro e que já disse, entre sorridente e babosa, um:—"Vejam só! essa gente não tem mais o que fazer. . ." é a creatura mais feliz do mundo. Ganha presentes. Dão-lhe uma traveseira de setineta côr de abobora com uma fronha de *crochet*, tendo estes dizeres bordados a retroz preto — *Durma bem*. Não dorme, porque o *crochet* espeta. Recebe uma chicara de beira dourada com a palavra *Amizade* e que custou 800 réis — sem a caixa — no Bazar de *seu* Florencio. A chicara que ella recebe é de uma senhora que, ao lhe dar um grande abraço, murmura-lhe ao ouvido: — Não repare na insignificancia do presente. . . E' lembrança de pobre. . .

Todas essas dadivas ella as põe em cima da cama, que se mostra forrada com uma colcha de filó, cheia de babados postos em *tuyauté*.

Quando por essas festas ha dansas, as dansas fazem-se no terreiro. E o que se dança? Uma polka pulada, que se chama militar, *chostes* (schottisch), valsa, mazurka, e, por vezes, a quadrilha, marcada em francez (!) com marcações assim: *Anna vae tu*, (en avant tous) *Promenades pradireita* (promenade à droite) *Ché de dames* (chaine des dames) *Faz que vae mas não vae não*, *Caminho da roça*, *Vorta que lá vem a sogra*, etc.

O marcador da quadrilha é sempre um sujeitinho pernostico, de quem se diz que é *muito preparado* ou *bem falante*, ar pachola, calça bombacha, gaforinha ao vento e botinas rangideiras. Em geral usa fraque, um fraque de aba curva e tesa como a de um rabo de gallo. Poeta, recita, depois da quadrilha, versos de Casimiro de Abreu, de Luiz Guimarães ou Luiz Pistarini.

Grandes festas do cortiço são ainda as dos dias de carnaval, as da semana santa e as da quinzena que vae de Santo Antonio a S. Pedro, estas ultimas interessando particularmente ás creanças, que armam as famosas barraquinhas para a venda de fogos artificiaes. Constituem, ellas, as barraquinhas, pela época, um divertimento infantil dos mais caracteristicos e espalhados por toda esta cidade. Lembra, na sua minuscula apparencia, uns oratoriozinhos de madeira, em bico de *chalet*, transbordantes do que então se fabrica como fogos de recreio: bichas, pistolas, busca-pés, estrellinhas, rodinhas, bombas, traques, fo-



Barraquinha de fogos

guetes, chuveiros, salta-moleques, cobrinhas, balões, etc...

A barraca que possui uma lanterna japonesa illuminada á vela de espermacete, é pousada sobre um caixote. O dono do commercio é um pequenote radiante da sua improvisada e importante função. . .

Grande alegria para os moradores do cortiço ainda é a subida dos balões, que se faz no terreiro, em meio á bulha delirante dos gurys.

— Subiu! Vivôôôô! Viva Santo Antonio! Viva S. João!

E depois:

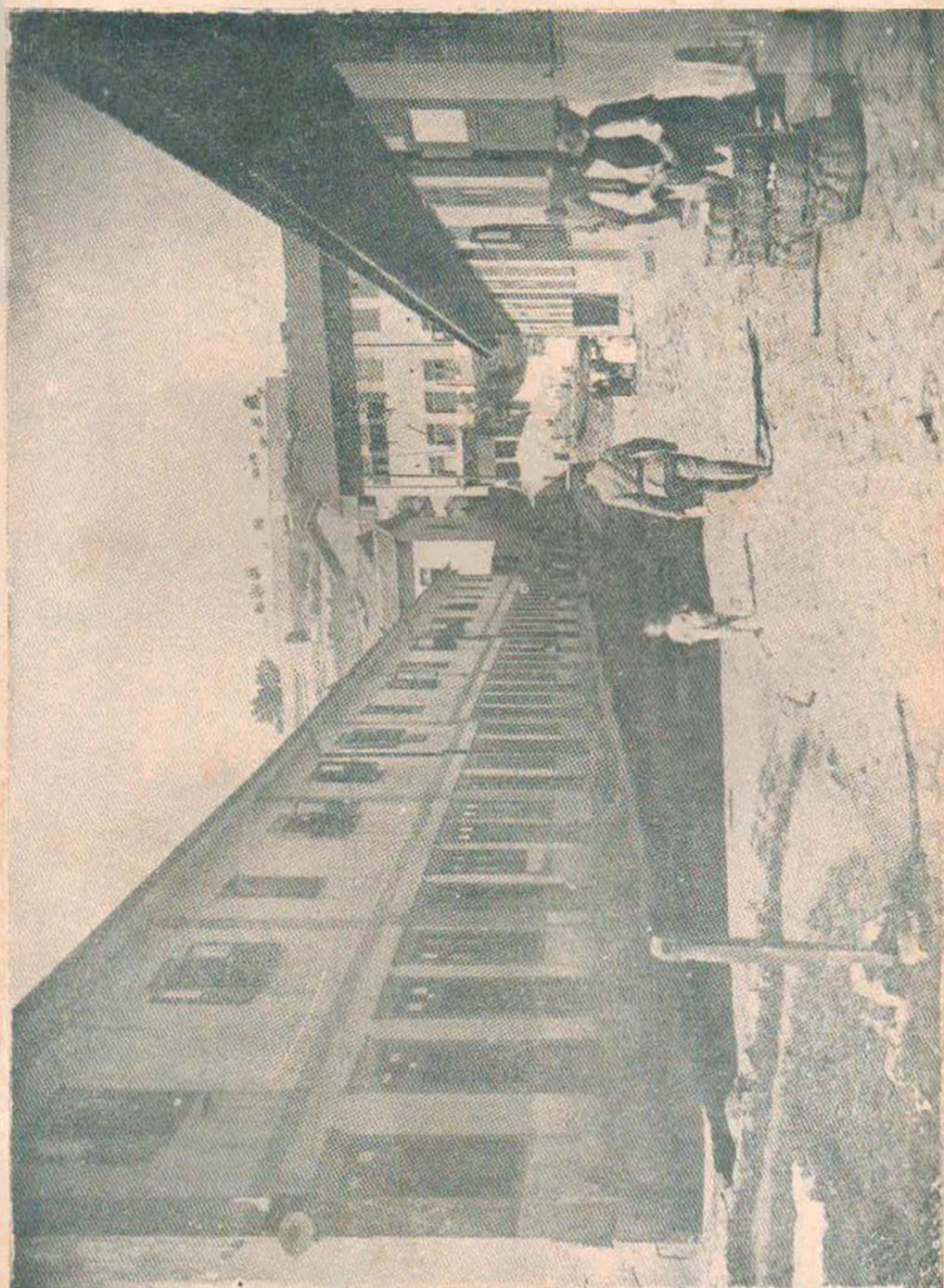
— *Cáe cáe balão,
Cáe cáe balão,
Aqui na minha mão!*

E quando elle tomba para ser despedaçado pelas mãos de muitos:

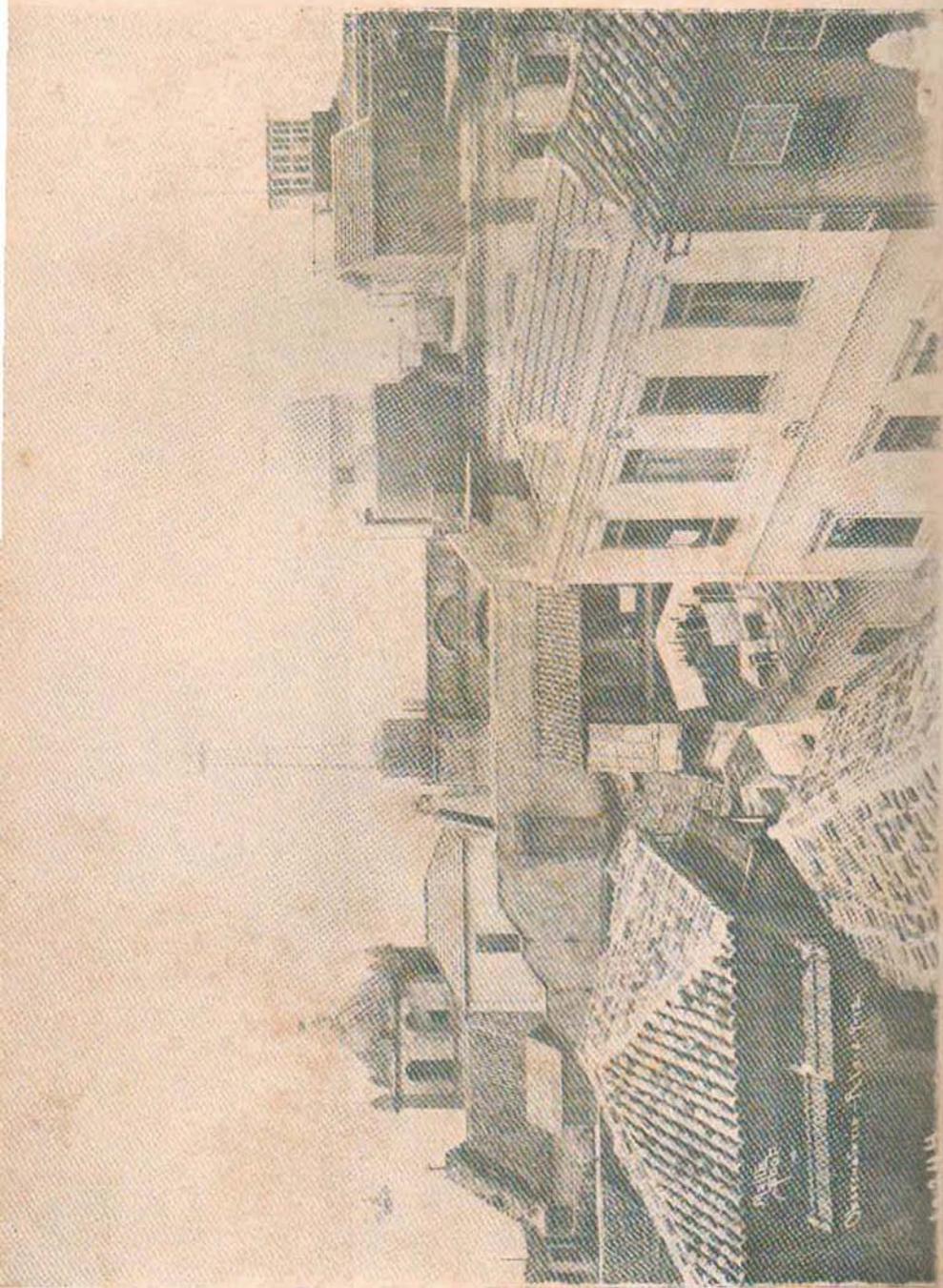
— *Tasca!*

Se ha foguetes para soltar, na hora da subida dos mesmos, vão as creanças todas, a correr, buscando as flechas como trophéos!

A época é, por isso, de incendios e de outros desastres. Perdem-se braços, pernas, cegam-se pessoas. Ardem immoveis. São os balões. São os foguetes.



Morro do Castelo



Observatório do Castello

E' o delirio da festa barbara, tradição colonial, que se comprehende no campo, mas que não se póde admittir nos grandes centros populosos.

Nós devemos ao prefeito Pereira Passos uma das primeiras posturas municipaes prohibindo a insensatez desses fogos na cidade, estabelecendo, até, para os infractores, pesadas multas.

Certa vez, quando se inaugura um tunnel para Copacabana, fazem-lhe uma grande manifestação.



Balões

Apezar de ser homem pouco affeito a bajulações, lá vae elle. Ouve, pacientemente, discursos, recebe abraços, cumprimentos de toda sorte. Em dado momento, uma girandola de foguetes. . .

—Onde estão soltando esses foguetes? indaga o grande prefeito, curioso.

— Somos nós que os soltamos, falla um dos dirigentes da manifestação de apreço, muito risonho, nós, excellencia, nós da commissão dos festejos...

— Pois estão os senhores multados, diz-lhes Passos, fechando-lhes a cara; e de outra feita, fiquem sabendo, quando quizerem me provar sympathia, tratem, antes, de acatar as leis que faço, porque são feitas para o bem do povo.



Brincando de roda

Mesmo sem as festas da tradição, o cortiço pobre, o cortiço immundo, o cortiço, fóco de molestias, é sempre um ajuntamento de gente feliz e alegre. Nas noites de estio, então, quando o casinhôlo abafa, veem todos fugindo á fôrnalha para o lado de fóra, para o terreiro aberto ao céu rutilante de estrellas, alto e amigo.

Dentro do casario só ficam os doentes, os velhos e um ou outro que, sob a luz mortiça de lampeões de kerozene ou de velas de sebo, põem eternas 'paciências' de baralho, rabiscam cartas, ou vêem um livro de estampas. . . Pouca gente, de resto. A maioria esparrama-se fóra, pela terra fresca do terreno comum, á vontade, uns deitados, outros de cocoras ou sentados, em grupos, até ao largo portão de entrada.

As creanças brincam de roda:

*Carneirinho, carneirão
neirão, neirão,
Olhae pro céu, olhae pro chão
pro chão, pro chão...*

E' por essa hora de descanso e de socego, enquanto a pequenada divertida canta, que a gazeta do cortiço, trabalhada pela lingua impenitente das mulheres, circula com as novidades de cada um, os *disse-me-disse* do dia e da vespera. E' o mexerico que referve.

— E depois disso, d. Emilia, tenha paciencia, não é por falar mal, mas aquelle filho que ella traz no bucho não é do marido, é do Anastacio.

— Ora! A quem o conta!

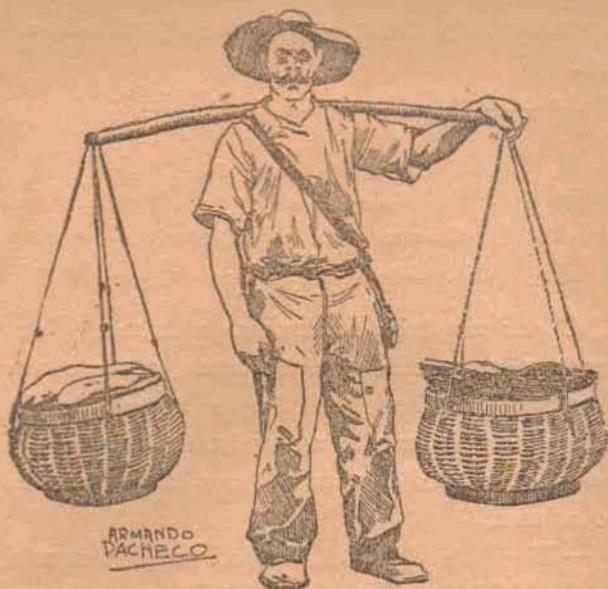
Trabalha, agora, a lingua viperina da Maria das Dôres, da casa XVIII, numa pergunta insidiosa,

— E o que me diz a senhora do velho Menezes, aquelle velho gosmento, de cabeça toda branca,

halito de rato morto, que pediu em casamento a Chinoca, uma menina de 15 annos?

— Digo que o que elle precisa é de uma boa carga de páo no lombo, para deixar de ser assanhado.

E tome cusparada para direita, em signal de desprezo pelo velho, ou de nojo pelo máo cheiro de rato morto. . .



Peixeiro

A Hermengarda, uma pequena de oito annos, indaga, ahi, curiosa:

— Mamãe, porque motivo d. Eudoxia diz que a Chinoca, casando, não pôde mais levar flôres de laranjeira? Por que?

A portugueza do homem que vende gallinhas e que dorme de bôca aberta, dobrada em L sobre uma tina de lavar, roncando como um porco, envenena os amores de sua vizinha, certa Bembem, que tirou premio de polka no *Gremio das Madresilvas*:

— *Uma desabirgonhada que stá a se m'iter pla cara do intaliano do paixe. Já a sinhora me biu esta?*

Mette o bedelho na conversa, nessa altura, a preta Marfisa, que está de cocoras, pitando, e que tira, logo, o cachimbo da bôca:

— *Uê! pur isso é que elle entra lá sempre pela minhã levando, na mão, um bagre deste tamanho... Oh peixeiro sem vergonho!*

Eis, porém, que chega da rua, nervosa, afobada, a menina Francisca, 16 annos, pasta sobre o olho, trança caída nas costas, furiosissima com o desavergonhado do Mauricio e os seus *deboches*, afirmando que lhe ha de mandar quebrar a cara pelo irmão. Olá se ha de!...

— Por quê, menina?

— Eu estava conversando, agora mesmo, com o Octavio, na esquina, quando aquelle escaramellado de uma figa sae-se-me com esta: — *Octavio, deixa a graúna, vamos ao circo que isso por ahí não tem mais futuro, e tu póde é acabá na pretoria...*

E, rebentando em soluços:

— Deixa-te está, cachorro, que se Paulinho não te quebrar a cara quem a quebra sou eu!

A preta velha, ahi, tira o cachimbo da bôca e solta uma gostosissima gargalhada. Depois cospe. Depois rosna:

— Hum... hum...

Ageita o chale sobre os hombros, encosta a cabeça no muro e dorme.

* * *

Descrever o *cortiço* e não falar nos disturbios que estão sempre a agital-o, é silenciar sobre a parte mais importante de sua vida. Não se pôde, na verdade, comprehender um *cortiço* sem rôlo. Rôlo e complicações naturaes com a Policia.

São factores principaes de desordens nessa Babel grotesca: o character rixento do filho da terra e a sua susceptibilidade impressionante; o alcool, que então se absorve immoderadamente; os attrictos fataes que a convivencia das creanças e mulheres provoca; a doçura da acção policial e, finalmente, a frouxidão da Justiça na applicação natural das leis.

O portuguez, o hespanhol, o italiano e o chinez são moradores, em geral, pacificos, gente de ordem e de trabalho, pouco affeita, portanto, aos desconcertos e ás bravatas quixotescas da corja indigena.

Ora, toda essa gente humilde e calma evita sempre, o mais que pôde, o destempero, o impeto da excitação nacional. Não é, porém, de cêra. Nem de gelo. Em dado momento os provocados, humanamente, reagem.

E' quando se arma o rôlo, não raro degenerado em consequencias lamentaveis. Um verdadeiro inferno.

Estão a portugueza e a mestiça a lavar em suas tinas, muito amigas, uma diante da outra. Subito, o marido da primeira, que chega á porta do casinholo e chama-a: — O' Maria!

Lá vae ella ver o que seu homem deseja. Voltando, dá por falta do sabão que, ao sair, mal collocara sobre a taboa de lavar e que, por isso mesmo, escorregou, desaparecendo, caido entre o chaos das coisas que ali se barafundam e enredam. Como não seja mulher de guardar o que sente, rude, sem intenção, porém, de especializar aggressões, berra logo, furiosa, cheia do mais vivo máo humor:

— *Não pôde uma pissoa deixaire o raio do savão ao canto de sua tina que logo o não abafem! Cambada de ladras!*

E, brutalmente, pegando na peça de roupa que ficou por torcer, com ella bate na taboa de esfregar, como se batesse na cara da surripiadora do sabão.

Já a mulata em frente fuzilou um olho violento, poz as mãos nas cadeiras e retrucou:

— *Se isso de ladra é commigo, vôte (dá uma cusparada), que eu não ia roubá a miseria de um sabão. . . Você, porém, não se faça muito de besta commigo, porque assento-lhe já esta taboa de roupa pelas fussas.*

— *E quem é você pra me amiaçaire assim, dessa manaira, sua grande negra ? retruca a outra, offendida.*

— *Negra, sim, mas não da sua cozinha, cotrúca do diabo!*

E zás, despede a taboa, que, violentamente, vae bater na cabeça da outra. Está armada a encrenca.



Amolador

Dahi a engalfinharem-se é um momento. Berram pelo marido:

— O' sr. Manoel!

Lá vem elle, a correr, para separar as mulheres que se atacam e lutam desesperadamente.

Na maneira com que elle tenta separal-as é, talvez, um tanto brutal, mas não pôde ser de outra fôrma. E está o homem a fazer o que deve quando surge deante d'elle o marido da mestiça, affectando calma, mas denunciando violentissimos propositos.

— *Então vosmecê tem a corage de pô os mocotó na minha Chica, seu gallego? Vamo vê isso. Arresponda dereito porque de carquê fôrma eu tenho mesmo de lhe quebrá a sem vergonha da cara.*

— *Lá de insultare naon, retruca o outro, que cando me puz aqui tanto me puz plu baim duma cumo d'outra. Essa é que é a burdade! Mas cá indiscunsiderações não nas admitto, fique o cabra sabendo, isso, naim que benha de mó pae!*

E, antes de receber o que já espera, desfere, logo, o murro.

A luta trava-se, então, entre o prestigio do musculo e a intelligencia do gesto. Banzé. Do grosso. Do que tem que acabar na policia, quando não acaba numa poça de sangue.

Briga-se, porém, ás vezes, por motivos ainda mais futeis.

Após o escandalo da desordem, o commentario que surge e que geralmente acaba por crear novas situações:

— *Você toma o partido da Maria porque é tão boa como ella! Grande bruxa.*

— *Metta-se com a sua vida, ouviu, sua burra!*

— *Burra é você, sua tyra.*

Passada uma meia hora, porém, já de outra coisa se fala na estalagem. E a vida, naturalmente, continúa.

* * *

Dorme cedo o cortiço. A's 10 horas da noite tudo repousa e dorme. Até os tocadores de violão não



*O turco vendedor de miudezas e phosphoros
(Caricatura da epoca)*

ousam ahi fazer as suas lyricas serestas, indo fazelas fóra.

Sobre os muros, em corcóvas de amor, andam os gatos, namorados da lua, esperando-a, a miar, ou em tombos pela anfractuosidade dos telhados, estalando cumieiras, arrebetando calhas, pondo em sobresalto os cães que dormem sob os beirões partidos do casario tranquillo e melancolico.

Como signaes de vida humana, uma ou outra vidraça que se illumina por uma luz que vem de dentro e onde sombras afflictas, de quando em quando, se desenham mysteriosamente. . . Sombras. . . Ruidos. . . Ruidos cavernosos, que acabam fazendo a ronda da estalagem e que lembram, ora, um rouquenho e triste marulhar de vaga, ora, um sinistro coaxar de rãs.

São os tuberculosos que tosem, despedindo-se da vida, de olhos cercados por olheiras roxas, as faces encovadas, sobre esteiras podres ou sobre catres de palha peçados de molambos. São os pobres que esperam a morte, o *rabecão* da Santa Casa, de bôca fria, tremula, toda manchada de catarrho e sangue. . .

Não raro, uma dessas janellas abre-se de repente, para que uma voz entrecortada de soluços atire um brado angustioso, mas que se perde pela noite escura:

— Morreu! Deus meu! Como eu sou desgraçada!

— Mais um! Commenta em placido sussurro, philosophicamente, na rua solitaria que cruza em frente, o guarda nocturno de ronda, olhando, da estalagem,

a lanterna solitaria que balouça e bruxoleia illuminando com a sua luz mortíça, amarellada e baça, a taboleta sinistra, que annuncia: *Villa de Nossa Senhora do Bom Jesus de Braga. Tratar com o sr. Guimarães, á benda da esquina...*



Largo da Lapa

(FIM DO PRIMEIRO VOLUME)

BIBLIOTECA DA
UNIVERSIDADE DO BRASIL



